

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 2 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2016

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 02 – Número 02 – Dezembro / 2016

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 02, n. 02, dez. 2016. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2016. -
174 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Revisão

Luciano Gonçalves Soares

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoração Eletrônica

Ms. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	----

ARTIGOS

O Evangelho na Macedônia: a influência do mundo helenístico para a preparação da plenitude do tempo através da profecia de Daniel (cap. 8-11) The Gospel in Macedonia: the influence of the helenistic world for the preparation of the fullness of time through Daniel's prophecy (chapter 8-11) <i>Efstathios Tsotsos</i>	11
Uns aos Outros: o uso do termo “allélon” e sua relação com o viver em comunidade One another: the use of “allélon” term and its relationship to live in community <i>Merlise dos Santos</i>	23
A disciplina Militar como escusa de consciência The military discipline as exclusion of consciousness <i>Edmar dos Santos Pedrosa</i>	40
Paulo, um homem em Cristo Paul, a man in Christ <i>Fábio Vaz dos Santos</i>	56
Implicações do texto do Evangelho Segundo São Marcos 8.34 para a igreja hoje Implications of Gospel by Saint Mark 8.34 for the church today <i>Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão</i>	72
Os desafios da educação cristã na escola bíblica dominical do século 21 The challenges of Christian Education in the 21st century Biblical School <i>Rogério Lacerda Marchiore</i>	90
A ética do púlpito: uma reflexão sobre o significado do púlpito para a igreja evangélica na atualidade The ethics of the pulpit: a reflection about the pulpit meaning for evangelical church in actuality <i>William Tenório Quintela</i>	101
Crítica textual do Novo Testamento: alterações no texto do Novo Testamento nos escritos de Bart Ehrman: corrupção nos dados ou na leitura dos mesmos? Textual Critic of the New Testament: changes in the text of the New Testament in the Bart Ehrman writings: data corruption or reading of them? <i>Carlos Alberto Prazeres</i>	112

Enfrentamento do câncer: apoio a pacientes em tratamento

Cancer Coping: support for patients in treatment

Clarissa Peres Sanchez 126

Ética cristã no exercício da docência

Christian Ethics in exercise of teaching

Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti 146

RESENHAS

Mais que uma nova tradução de Anselmo

Willibaldo Ruppenthal Neto 164

Sombras de uma alma em agonia

Camila Ferreira Assumpção 168

Lições de sabedoria

Vanessa de Oliveira Rodrigues 171

Normas para publicação 173

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que a equipe da revista Ensaios Teológicos apresenta mais um volume de dez artigos para a sua leitura.

A Revista inicia com o primeiro artigo, escrito por *Efstathios Tsotsos*, “**O evangelho na Macedônia: A influência do mundo helenístico para a preparação da plenitude do tempo através da profecia de Daniel (cap. 8-11)**”, no qual há uma análise dos fatos históricos que aconteceram nos períodos entre o Antigo e o Novo Testamento, profetizados, na maior parte, no livro de Daniel. O autor mostra de forma breve o surgimento do império greco-macedônio e destaca o personagem Alexandre, o Grande, bem como a cultura grega que contribuiu para a expansão do cristianismo.

O segundo artigo tem por título: “**Uns aos outros: o uso do termo allélon e sua relação com o viver em comunidade**”. Este artigo foi escrito por *Merlise dos Santos* e mostra que a sociedade brasileira apresenta vários problemas, especialmente nos relacionamentos interpessoais, inclusive nas igrejas. Neste sentido, a autora destaca a relação entre os cristãos, devido esse assunto ter sido apresentado pelo próprio Senhor Jesus. Há um destaque para a palavra no grego que expressa comunhão, a saber, *allélon*. Ainda há um resgate do uso deste termo no seu contexto histórico, bem como em seu sentido original. Finalmente, a autora mostra que o viver em comunidade só terá sentido se o termo *allélon*, que pode ser traduzido por “Uns aos outros”, for aplicado em sua essência na igreja atual.

“**A disciplina militar como escusa de consciência**” é o assunto trabalhado por *Edmar dos Santos Pedrosa*, no terceiro artigo. Neste artigo, o autor mostra questões ligadas com crueldade e os sentimentos que emergem de tais ações. Por isso, há ênfase no exército romano e suas sanções aos condenados, bem como a sua rígida disciplina militar que os obrigava a adotarem padrões elevados de conduta e a agirem com crueldade. Evidencia-se que o próprio Cristo sofreu nas mãos deles, entretanto, perdoou-os. O autor mostra que os romanos formaram um dos maiores exércitos da Antiguidade e que tinham estrita disciplina em suas tropas. Assim, neste artigo, evidencia-se a disciplina militar que há por trás destas questões especificamente dos romanos, sendo que isso lhes serviu de escusa de consciência em momentos de extrema importância da história.

Fábio Vaz dos Santos desenvolve o tema “**Paulo, um homem em Cristo**”. O enfoque está na expressão “em Cristo”, a qual é muito utilizada pelo apóstolo Paulo em suas cartas e em outros contextos. O autor mostra a expressão similar “em Adão”, a qual Paulo utiliza para comparar e contrastar não somente as obras de Cristo e Adão, mas também as consequências de suas obras na raça humana. Esse trabalho é uma série de três artigos, na qual é evidenciado como Paulo, em suas cartas, emprega a expressão “em Cristo”, em diversos contextos e situações. O texto estabelece parâmetros pelos quais se pode obter uma maior compreensão do que significa ser humano em Cristo, segundo Paulo.

Na sequência, *Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão* desenvolve o tema “**Implicações do texto de Marcos 8.34 para a igreja hoje**”. A autora teve por objetivo ratificar a consistência das exigências do Cristo descritas no Evangelho de Marcos 8.34 para os Seus seguidores. Neste

trabalho, ela mostra a importância da correta compreensão deste texto para que seja possível uma ampla e saudável aplicação daquilo que é exigido, ou seja, negar o eu, tomar a cruz e seguir o Mestre.

O sexto artigo foi escrito sob o tema **“Os desafios da educação cristã na escola bíblica dominical do século 21”**, por *Rogério Lacerda Marchiore*. O autor enfatiza os grandes desafios em sala de aula no século 21 e o preparo dos educadores cristãos. Em sua escrita, o autor visa ajudar a responder algumas perguntas importantes sobre o tema e expor ideias que ajudem os educadores cristãos a identificar qual método podem trazer melhores resultados e um ensino com qualidade. Além disso, ele também incentiva o uso de meios tecnológicos para tornar a aula mais atraente, lembrando que é possível resgatar a qualidade de ensino nas salas de aula dentro dos ambientes eclesialístico, entretanto é fundamental que o professor se disponha e busque o preparo necessário.

“A ética do púlpito: uma reflexão sobre o significado do púlpito para igreja evangélica na atualidade” é o assunto desenvolvido no sétimo artigo por *William Tenório Quintela*. O autor parte da compreensão do papel histórico do púlpito para a igreja cristã, e busca responder se ‘o púlpito é o que ele representa e se tem sido valorizado pelas igrejas evangélicas na atualidade’. Evidencia-se que o púlpito é desvalorizado e, por isso, há a necessidade do resgate da *ética do púlpito*.

Carlos Alberto Prazeres escreve o oitavo artigo com o título **“Crítica textual do Novo Testamento: alterações no texto do Novo Testamento nos escritos de Bart Ehrman. Corrupção nos dados ou na leitura dos mesmos?”** O autor mostra que o trabalho de Bart D. Ehrman, um renomado estudioso do Novo Testamento, sobre as alterações ocorridas no texto do Novo Testamento ao longo dos séculos, faz afirmações a partir de uma das escolhas de leituras possíveis e de dados à disposição. Assim, neste artigo, o autor evidencia questões ligadas com o número de variantes textuais, presentes nos manuscritos disponíveis, e a natureza destas variantes. Ele também analisa tais variantes a partir da ótica dos seguintes autores que trabalham no campo da crítica textual: Wallace, Metzger, Paroschi e Aland. A escrita deste artigo mostra que há, por parte do referido estudioso, uma leitura parcial de dados disponíveis sobre as alterações textuais do Novo Testamento.

O nono artigo desenvolve o tema **“Enfrentamento do câncer: apoio a pacientes em tratamento”** e é escrito por *Clarissa Peres Sanchez*. A autora desenvolve o tema devido ao alto índice da doença no Brasil e da desestruturação que esse diagnóstico e tratamento acarretam na vida dos pacientes. Ela mostra que é fundamental a atuação de um ministério de apoio para os pacientes, bem como aos seus familiares, pois estudos comprovam que pacientes que participam de grupo de apoio possuem alguns benefícios tais como: um melhor ajustamento à doença, redução dos distúrbios emocionais, diminuição dos sintomas associados e outros. A autora também traz reflexões bíblicas que direcionam a abordagem a partir do estudo de pessoas no Antigo Testamento com doenças similares, tais como: lepra, cegueira, surdez, paralisia e esterilidade. Ela também mostra como, no Novo Testamento, os doentes eram tratados e as questões de fé e oração que envolvia a cura. Para finalizar, ela apresenta um parecer histórico da presença da Igreja no mundo da saúde.

O último artigo da revista tem por título “**Ética cristã no exercício da docência**”. O texto foi escrito por *Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti*. Este artigo desenvolve a importância da ética cristã no exercício da docência, pois, conforme a autora, há em determinadas práticas de docência falhas e ausência de princípios éticos, o que resulta em problemas sociais. A ética desenvolvida nesta pesquisa tem o foco e fundamentação nos ensinamentos de Jesus Cristo; por isso, as obras utilizadas na pesquisa são obras ligadas com a vida cristã e princípios éticos cristãos, tais como: honestidade, responsabilidade e amor ao próximo. A autora teve por objetivo mostrar a importância da aplicabilidade de tais valores éticos na área de ensino e na vida do docente, para que se alcance equilíbrio e vida mais justa.

Além dos artigos, a revista apresenta também três resenhas. A primeira foi escrita por *Willibaldo Ruppenthal Neto*, sobre o livro “Proslógio” de Anselmo de Cantuária. A segunda foi escrita por *Camila Ferreira Asumpção* sobre o livro “Se sou cristão, porque estou deprimido? A jornada de um cristão pelo vale da sombra da morte”, de Robert B. Somerville. A terceira resenha foi escrita por *Vanessa de Oliveira Rodrigues*, sobre o livro de Willian Douglas e Davi Lago “Formigas: lições da sociedade mais bem-sucedida da terra”.

Nosso desejo é que esses artigos sejam incentivo para seu crescimento e aprofundamento em questões bíblicas e acadêmicas. Que esse conteúdo seja desafiador e ajude no seu crescimento.

Uma abençoada leitura!!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O EVANGELHO NA MACEDÔNICA: A INFLUÊNCIA DO MUNDO HELENÍSTICO PARA A PREPARAÇÃO DA PLENITUDE DO TEMPO ATRAVÉS DA PROFECIA DE DANIEL (CAP. 8-11)

The Gospel in Macedonia: the influence of the helenistic world for the preparation of the fullness of time through Daniel's prophecy (chapter 8-11)

Efstathios Tsotsos¹

RESUMO

Esse estudo analisa os fatos históricos que aconteceram nos períodos, entre o Antigo e o Novo Testamento, que são profetizados, em maior parte, no livro de Daniel. Apesar desse livro das Escrituras ser considerado literatura apocalíptica, mostra o plano divino de Deus, segundo o qual os vários poderes e as autoridades humanas cumprem o seu propósito. O trabalho faz um breve estudo de surgimento do império greco-macedônio, profetizado no livro de Daniel, através do personagem mais destacado da época, Alexandre o grande, e a explosão da cultura grega no Oriente, de onde, com ordem divina, contribuiu para o preparo do cristianismo.

Palavras chaves: Macedônia. Alexandre, o Grande. Apóstolo Paulo. Evangelho.

ABSTRACT

This study analyzes the historical facts that occurred in the period between the Old and New Testaments that are prophesied in the book of Daniel. Although this book of Scripture is considered to be apocalyptic literature, it shows God's plan according to which the various powers and human authorities fulfill His purpose. The paper makes a brief study of the emergence of the Greek-Macedonian empire, prophesied in the book of Daniel, through the most outstanding personage of that time, Alexander the Great. It also

¹ O autor é natural de Tessalônica / Grécia. É Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS) e pós-graduando em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela FABAPAR. E-mail: [stathis tsotsos evastathis_gr@hotmail.com](mailto:stathis_tsotsos@evastathis_gr@hotmail.com)

shows the explosion of Greek culture in the East that contributed to the preparation of Christianity.

Key words: Macedonia. Alexander, the Great. Apostle Paul. Gospel.

INTRODUÇÃO

Com o término da voz profética no Antigo Testamento, cerca de 400 anos, depois do regresso dos judeus da Babilônia e a reconstrução do templo em Jerusalém, começa um longo período de quatro séculos, em que a Bíblia fica em silêncio. A Palestina e todo mundo conhecido, no período dos últimos profetas do Antigo Testamento, estava sob o domínio persa. Mas, na época de nascimento de Jesus, o poder e o domínio universal tinham passado aos romanos, que governavam o mundo com a sua divulgada paz, a chamada *Pax Romana*. Nesse período, chamado “intertestamentário”, foram cumpridos fatos históricos, preditos no livro de Daniel. Deus mostrou ao profeta “um rápido esboço da história da humanidade. Cada nação, a partir do áureo império babilônico, foi um instrumento de coação às demais nações, para que, em determinado tempo, os planos divinos fossem cumpridos”.² A maior parte do período Intertestamentário ocupa-se do império grego, ou a expansão da civilização helenística, que predomina entre os povos e onde floresce o estudo da filosofia, das artes, da ciência, da literatura, tendo como veículo a língua grega. A história aprovou esses atos mencionados no livro de Daniel,³ chamado esse período do domínio greco-macedônio período *Helenístico*.⁴

1. O AMBIENTE CULTURAL HELENÍSTICO

Na sua última entrada em Jerusalém, e pouco antes da sua crucificação, Jesus tinha uma visita de um grupo de gregos ou *helenos*, como eram chamados. Eles subiam a Jerusalém para que adorassem a Deus (Jo 12.20-21). Em Atos, Lucas descreve uma controvérsia entre os discípulos. De um lado, os chamados *helenistas*,⁵ e de outro lado os hebreus, discutiram a respeito das viúvas dos helenistas, as quais ficavam negligenciadas no serviço diário nas mesas

² CLAUDIONOR, 1986, p. 147-148.

³ Alguns teólogos e estudiosos colocam o livro de Daniel, que foi escrito posteriormente, no período que aconteceram os atos mencionados no livro, isto é na revolta dos Macabeus por volta de 167 a.C. Assim rejeitam a mensagem profética do livro e a sua autoria de Daniel. Com isso, duas hipóteses podem ser aceitas; ou o autor escreveu uma mitografia para fortalecer e reforçar os seus leitores da perseguição que foi feita do período de Antíoco Epifânio, ou na verdade as profecias extraordinárias do livro foram ditas de Daniel, no exílio dos judeus na Babilônia, que na realidade era profeta, como o próprio Senhor Jesus disse em Marcos 13.14.

⁴ O primeiro que veio a ser o descobridor do período da expansão mundial grega, é o grande historiador alemão, Johan Gustav Droysen (1808-1884). Ele percebeu o valor e a importância do período helenístico a sua obra histórica (*Geschichte des Hellenismus 1836-1845*). Ele escreve que, sem esta evolução pós-classica da cultura grega, a ascensão de uma religião mundial cristã teria sido impossível (JAEGER, s.d., p. 16).

⁵ O termo “Helenistas” ocorre aqui por oposição a “Hebreus”, mas não significa “Gregos” (termo que é utilizado para os “gentios” no Novo Testamento). Também não se refere aos judeus nascidos ou educados em Jerusalém, que tinham adotado a cultura grega, mas a pessoas que já não falavam o seu aramaico original na sua terra, ainda que o entendessem, mas grego, por eles ou as suas famílias terem vivido no estrangeiro em cidades helenizadas durante muito tempo, tendo regressado depois à sua pátria (JAEGER, s.d., p. 18).

(At 6.1). Tal como o próprio Estêvão, e os outros seis mencionados *diáconos*, todos eles tinham bons nomes gregos, e provinham na sua maior parte de famílias judias que estavam helenizadas, pelo menos há uma geração ou mais.⁶ O primeiro grupo (que queria ver Jesus), era grego de origem, simpatizante ou convertido ao judaísmo, e o segundo grupo, judeus que não falavam o seu aramaico original, mas a língua grega. O comum entre os dois grupos era a fala grega. Mas, além disso, não era só o idioma grego que ligava essas pessoas. O helenismo foi uma forma de vida característica, corporificada numa instituição básica, a cidade-estado, e quem se aclimatasse à vida tal como vivida numa cidade – estado helênica, seria aceito como heleno, não importado qual a sua origem e formação.⁷

Os historiadores chamam o período entre a morte de Alexandre o Grande na Babilônia, e o ano em que os romanos conquistaram o Egito, como o último reino do império grego, *era helenística* (323 a.c – 31 a.C). Esse período caracterizar-se-á essencialmente pelo esforço da adaptação do gênio grego, pelas variações do ideal grego, transplantado nas regiões do Oriente, pelos êxitos e insucessos do elemento grego no contato com civilizações heterogêneas.⁸ “A Grécia Helenística não considerou a morte de Alexandre o “fim de uma era”; considerou-a o início dos tempos “modernos”, e como símbolo de vigorosa juventude mais do que fator de decadência”.⁹ Com esse passo gigante, Alexandre o grande uniu o Ocidente com o Oriente, chegou até a Índia, quase até o sopé do maciço do Himalaia, criando o primeiro sistema administrativo ecumênico, deixando ao seu estado os governantes que ele submeteu.¹⁰ Aconteceu assim uma “junção” da *cultura helenística*, com uma mistura de culturas dos povos da Antiguidade Oriental.¹¹ Nesse caso, sem dúvida, a própria cultura grega não apenas influenciou os povos do Oriente, mas foi também influenciada, principalmente através das novas crenças do Oriente.

Pela primeira vez, pessoas pensadoras, que procuravam a sabedoria, os chamados filósofos pré-socráticos, vivendo em torno do mar Egeu, na Grécia continental e nas cidades litorâneas da Ásia Menor, desenvolveram a ideia de um só Deus. Negaram o politeísmo e a idolatria, e tentaram configurar uma ideia suprema sobre Deus e purificar o conceito divino de todos aqueles elementos que tinham acumulado a mitologia, a superstição e o pensamento primitivo e místico das massas.¹² Com a providência divina, Deus preparou, semeando a Sua Palavra em pessoas que procuravam, buscavam a sabedoria divina, como Paulo disse no

⁶ JAEGER, s.d., p. 18-19.

⁷ TOYNBEE, s.d., p. 19.

⁸ TARAJÓS, s.d., p. 82.

⁹ DURANT, 1946, p. 267.

¹⁰ HAMMOND, 2015, p. 194.

¹¹ VILELA SANTOS, 1982, p. 67.

¹² *Xenófanes-Ξενοφανης ο Κολοφωνιος (570-480 a.C)*, foi o primeiro filósofo que negou a prevalecida religião politeísta da sua época, pois declarou que, “Um Deus entre os deuses e dos homens, supremo, nem semelhante de corpo como os mortais, e nenhuma razão racional que pode percebê-lo. APOSTOLIKH, 2003, p. 16.

Areópago: “Para buscarem a Deus se, porventura tateando¹³ o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós” (At 17.27).

Especialmente nos círculos culturais nas grandes cidades e nas escolas, a filosofia de Platão e Aristóteles chega ao máximo. Depois desses expoentes da filosofia grega, surgem Epicuro e Zeno; o primeiro pregando os prazeres da carne e o segundo advogando o estoicismo, cujo princípio fundamental era exagerar a virtude.¹⁴ Em Alexandria, a filosofia cresceu tanto, que atraiu muitos judeus que moravam na cidade. Um desses, Filo, criado em atmosfera sacerdotal, profundamente dedicado ao seu povo, apesar de fascinado pela filosofia grega, tomou como alvo supremo a tarefa de reconciliar as Escrituras e os costumes dos judeus com as ideias gregas, e acima de tudo com a filosofia do “sacratíssimo” Platão. Filo escrevia tanto em hebraico como em grego. Mas escrevia tão bem em grego que seus admiradores diziam: “Platão escreve como Filo”.¹⁵

2. ALEXANDRE O GRANDE E OS SEUS SUCESSORES

No livro de Daniel o profeta viu “um bode indo do ocidente, que tinha um chifre notável entre os seus olhos” (Dn 8.5). Essa personagem notável que a história designou grande, era Alexandre III de Felipe da Macedônia¹⁶, rei da Grécia. “Alexandre, o Grande foi um fenômeno meteórico tão notável na história que não podemos deixar de perguntar-nos qual seria impacto total no mundo se ele não tivesse morrido repentinamente aos 32 anos de idade”.¹⁷ A respeito de Alexandre, “o bode furioso” (Dn 8.7), e o “rei da Grécia e o chifre grande” (Dn 8.21), foi escrita tanta literatura, que se pode perguntar o que é história e que é lenda, pois sua personagem, não só aos gregos, mas para muitos povos, do Oriente principalmente, foi se tornando mito.

Alexandre nasceu em Pella, sede do reino da Macedônia, em 356 a.C. Os seus pais, Felipe e Olímpíada, queriam fornecê-lo instrução da mais adequada e superior para um príncipe. Alexandre foi disciplinado até seus 14 anos, e cresceu com a melhor educação da sua época. Felipe desejava ardentemente que Alexandre estudasse filosofia, “para que”, dizia ele ao filho, “não pratiques uma porção de coisas de que hoje me arrependo”.¹⁸ E por isso convidou Aristóteles para assumir a responsabilidade de educar o seu filho. O grande filósofo ensinou a Alexandre cosmologia, geografia, botânica, zoologia, poesia e medicina, e por isso na sua

¹³ O termo correspondente em grego é, Ψηλαφησειαν < Ψηλαφαω, sintético do adjetivo Υ-ψηλός=alto, e da palavra Αφή=tacto. Expressão de uma busca de alguém que procura superficialmente. Uma ampliação metafórica do significado ψηλαφαω=apalpar, sentir, tocar. Fazer um esforço para vir a conhecer algo, apesar das dificuldades, sabendo que as chances de sucesso não são muito grandes. LOUW; NIDA, 2013, p. 256, 297.

¹⁴ TOGNINI, 1968, p. 92.

¹⁵ DURANT, 1946, p. 165-166.

¹⁶ A Macedônia histórica e bíblica é a mesma região atual, que pertence à Grécia, e não deve ser confundida com o Estado formado depois da divisão da Iugoslávia, em 1992. Esse Estado é reconhecido na organização de ONU como nome provisório F.Y.R.O.M. O historiador da Antiguidade Heródoto relata que os macedônios eram ligados ao tronco *helênico* pelo ramo dórico, e falavam a mesma língua com eles, tinham os mesmos costumes e adoravam os mesmos deuses. Disponível em: <http://makedonia.e-e.gr>, Dogas, Δογας, Μ. *Θησαυρος Μακεδωνων*. π. 69

¹⁷ BAXTER, 1985, p. 14.

¹⁸ DURANT, 1946, p. 240.

expedição na Ásia, levou junto vários cientistas.¹⁹ Característico do relacionamento e da contribuição de Aristóteles para a formação do pequeno príncipe era a frase que dizia o Alexandre sobre o filósofo, que “no meu pai sou devido o meu viver, mas no meu professor sou devido o bom viver”.²⁰ Como homem de ação, lamentava-se de não ser também um pensador. Plutarco afirma que “amante de toda sorte de leituras e conhecimentos, e seu maior prazer era, depois de um dia de marcha ou combate, passar metade da noite palestrando com sábios e cientistas”.²¹

Depois da morte de Filipe,²² os Macedônios levaram o seu filho e sucessor ao trono, Alexandre, para continuar os seus planos. Alexandre subiu no poder, jovem ainda, com 20 anos de idade, atravessou Helesponto em 334 a.C, o estreito canal que divide a Europa com a Ásia, e desembarcou em Troia, onde celebrou sacrifícios em honra de *Aquiles*, cujos feitos sonhava igualar. Alexandre, como o leopardo de quatro asas (Dn 7.6), “voou” com tanta rapidez de toda a *oikoumene*, que quer dizer o mundo, e entrou em Babilônia e Susã, sem batalha, em 330 a.C, depois de quatro anos da sua saída da Grécia. Chegou até o “coração” do império persa em Persépolis, onde encontrou um imenso tesouro, que tinham acumulado os reis persas.²³ Dario, o último rei persa, pouco antes da última sua batalha com Alexandre, levantou as suas mãos ao céu e orou aos deuses, pedindo para vencer os seus inimigos. Se isso não fosse feito, e o império persa chegasse ao seu fim, não permitissem os deuses, que outro senão Alexandre se sentasse no trono de Ciro.²⁴ Alexandre morreu na Babilônia aos 33 anos, vítima de uma febre tropical. Ário, interpretando a vida de Alexandre, afirmou: “Alexandre era diferente de todos os homens, foi dado ao mundo, por especial desígnio da Providência”.²⁵ No seu breve reinado, Alexandre lançou as bases de uma nova civilização, que durou muitos séculos depois da sua morte. Contribuiu grandemente para o bem da humanidade, e de um modo especial para o advento de Jesus.²⁶

A morte repentina de Alexandre trouxe grande confusão entre os seus oficiais, por isso se resolveu a divisão de seu império no meio dos seus quatro generais: Ptolomeu, Lisímaco, Cassandro e Seleuco. Esses são os “quatro chifres notáveis”, que substituem o “grande chifre”, como profetizado em Daniel 8:21-22.²⁷ A ambição dos generais de Alexandre, e dos seus sátrapas que governavam vários territórios do império, trouxe as “guerras civis” entre eles. Dessa disputa para a sucessão participou também a própria mãe de Alexandre, Olímpíada. Mas Cassandro, em 316 a.C, a matou, e depois de cinco anos exterminou também o pequeno filho de Alexandre, sucessor ao trono de seis anos de idade e a sua mãe Roxana, porque não queria ser simplesmente um general, que deveria entregar o seu poder a uma criança. Assim,

¹⁹ HAMMOND, 2015, p. 20.

²⁰ PLUTARCO, 2004, p. 26.

²¹ DURANT, 1946, p. 242.

²² Felipe foi assassinado em 336 a.C., por um de seus guardas no dia do casamento da sua filha no palácio em *Aiges* (HAMMOND, 2015, p. 53).

²³ ZOUROS, 2004, p. 148.

²⁴ PLUTARCO, 2004, p. 79.

²⁵ TOGNINI, 1968, p. 91.

²⁶ TOGNINI, 1968, p. 91-92.

²⁷ BAXTER, 1985, p. 15-16.

foi apagada a possibilidade de um descendente da linhagem real de Alexandre o Grande reivindicar o trono macedônio.²⁸ Com tudo isso, foi cumprida a explicação de anjo em Daniel: “Mas, no auge, o seu reino será quebrado, e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tão pouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes (Dn 11.4) ”.

Em meio a muitos anos de guerras e batalhas entre os *diadochos* (sucessores) de Alexandre, surgiram dois que foram mais poderosos que outros, cujos reinos duraram até a assunção do poder dos romanos; no Egito, Ptolomeu, o chamado *Soter*, e na Síria Seleuco, o chamado *Nicator*. A nova capital dos Ptolomeus, Alexandria, fundada por Alexandre o Grande a 331 a.C, cresceu rapidamente e atraiu muitos judeus que migraram ao novo centro cultural. Nesse envolvimento dos judeus com os macedônios no Egito, e a liberdade de direitos políticos e econômicos, que desde Alexandre foram considerados iguais aos dos gregos, os hebreus estabeleceram as suas residências e negócios em Alexandria.²⁹

Em Alexandria, pela primeira vez, a tradução da Lei de Moisés para uma versão grega foi necessariamente feita. As comunidades judaicas haviam se entregado a essa nova cultura com entusiasmo.³⁰ Como na época do Exílio Babilônio, quando o hebraico antigo dos livros sagrados foi traduzido para o aramaico do Império Persa, agora os textos sagrados foram traduzidos para o *Koiné* grego. A tradução foi feita de judeus para os judeus, para uma língua como a grega, flexível e rica de palavras, significados e expressões. Assim, o que era dito no passado no santuário, apenas numa língua antiga, e para um único povo, tornou-se de repente acessível e compreensível para pessoas de outras línguas e raças.³¹ Então, era a tradução da LXX – “a setenta ou Septuaginta”, que exerceu influência especial no Cristianismo primitivo e no Novo Testamento, pois até o século IV d. C era a única versão do Antigo Testamento utilizada pela Igreja cristã.³²

A dependência de Judá do império dos Ptolomeus durou mais de cem anos. Após uma batalha vitoriosa sobre Ptolomeu V, nas nascentes do Jordão, em 195 a. C, Antíoco III, cognominado o Grande, tomou posse da Palestina, e Judá mudou de dono mais uma vez.³³ Quando ele morreu, subiu no trono o seu filho Antíoco IV, o chamado *Theos Epifanes* – Deus Manifestado. O seu reinado durou onze anos, de 175 – 164 a.C., e na sua figura foi cumprida a profecia de Daniel (Dn 8.9-12), e reconhecido também como “homem vil” (Dn 11.21,36). Saqueou e profanou o templo de Jerusalém em 168 a.C, proibiu as cerimônias do culto judaico, e as Escrituras Sagradas foram destruídas. Foi esta a primeira grande perseguição religiosa na história!³⁴ O livro de Daniel encontrou eco em todo o terror da época. Por volta de 167 a.C, um dos chasidins³⁵ (provavelmente) decidiu reacender a coragem do povo, com a descrição

²⁸ ZOUROS, 2004, p. 164, 170.

²⁹ DURANT, 1946, p. 313.

³⁰ KELLER, 1974, p. 275.

³¹ KELLER, 1974, p. 277.

³² ROMER, 1991, p. 101-102.

³³ KELLER, 1974, p. 277.

³⁴ KELLER, 1974, p. 279.

³⁵ Os chasidins eram homens notáveis, quando para a sua fé profunda e praticante, tanto para o seu zelo de que sacrificasse a própria sua vida para Deus. Embora que os seus rastros se perdem na história, o seu papel na

dos sofrimentos e profecias de Daniel no reinado de Nabucodonosor.³⁶ Cópias do livro circulavam secretamente entre dos judeus; foi considerado como obra de um profeta que viveu 370 anos antes, e suportou torturas maiores que as infligidas por Antíoco.³⁷ Talvez essas ações escritas no livro de Daniel inspiraram o movimento macabeano, que começou com a revolta do sacerdote Matatias com os seus cinco filhos.

Das consequências de muitos anos de guerras civis, combates e conflitos internos entre os sucessores de Alexandre, no oeste e na península da Itália apareceu um novo poder, Roma. Este se aproveitou dos combates dos macedônios entre si, das revoluções das cidades gregas, e usando os pedidos das várias ligas das confederações para intervir aos conflitos internos, dominou por logo tempo sobre todos os reinos que procederam da divisão do império de Alexandre. Roma ligou-se a outras cidades-estado por alianças políticas e militares que lhe davam a liderança e fundou as chamadas “colônias latinas” – autônomas, mas não soberanas.³⁸ Apenas uma pequena parte dos territórios anexados a Roma era habitada por colonizadores romanos. A tendência geral na comunidade romana, do século IV a.C ao século III d.C, era a de conceder cidadania romana a um número cada vez maior de aliados e vassalos de Roma, e a transferir os cidadãos da categoria inferior para a superior.³⁹ Os romanos, nos anos de Augusto, dividiram a província de Macedônia em quatro distritos administrativos. No primeiro distrito, a capital era Anfípolis; no segundo, a Tessalônica; no terceiro, Pela; e no quarto, a Pelagônia.

3. APÓSTOLO PAULO NA MACEDÔNIA

Deus não escolheu qualquer tempo, por acaso, para “entrar” na história humana, mas, “Quando vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei...” (Gl 4.4). “Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11). Essa intervenção de Deus na história humana é uma revelação, e, como escreve Cothenet, é um apocalipse que “situa-nos na corrente dos apocalípticos que, a partir do livro de Daniel, esforçam-se para decifrar o futuro por meio de visões; mas aqui o apocalipse não se abre ao futuro, mas à própria pessoa do Filho”.⁴⁰

O evangelho das Boas Novas precisava estar anunciado em toda da terra. O mundo, na nova era cristã, estava preparado para ouvir a mensagem redentora de Jesus. Enquanto que os profetas proclamam o regresso dos deportados judeus e dos gentios em Jerusalém, localizando o Templo onde “nasce” a luz (Is 60.1), e o Evangelho de Lucas destaca a caminhada e subida de Jesus para a cidade de Davi (Lc 9.52, 19.27), os Atos descrevem uma movimentação inversa, centrífuga, de Jerusalém para as nações.⁴¹ Não espera a “mãe” Igreja

revolução dos Macabeus era muito relevante. Disponível em: http://ecclesia.gr/greek/HolySynod/committees/liturgical/Zaras_tafika_ethima.pdf p.3

³⁶ DURANT, 1946, p. 327.

³⁷ DURANT, 1946, p. 327.

³⁸ TOYNBEE, s.d., p. 148.

³⁹ TOYNBEE, s.d., p. 151.

⁴⁰ COTHENET, 2001, p. 40.

⁴¹ DESPOTIS, 2011, p. 15.

da Sião dos outros virem e “caírem nos seus pés”, mas é aquela que se estende pela primeira vez na história, para um mundo universal (na monarquia de Augusto).⁴² O evangelho era destinado a todos os povos. O mundo era maior que a Palestina. Toda a Grécia e toda a Roma, que dominava o mundo antigo, estavam nos planos de Deus, mundo de cultura e de poder, de orgias e de intenso viver, de variada e complexa população.⁴³

Para essa obra de anúncio da Sabedoria Divina, entre os “sábios” cósmicos, Deus não escolheu um dos doze discípulos para anunciar “as boas novas” do Reino de Deus. Todos os discípulos de Jesus viviam nas pequenas zonas rurais da Galileia, longe das cidades cosmopolitas com as trocas de ideias filosóficas, e dos portos com o grande movimento comercial. Jesus Cristo escolheu Paulo, “da linhagem de Israel, de tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus, circuncidado no oitavo dia, quanto à Lei fariseu” (Fp 3.5). Natural de Tarso,⁴⁴ cidade não insignificante da Cilícia (At 21.39), e cidadão romano de nascimento (At 22.28).

Como centro missionário, da grande cidade *Cosmopolita da Síria*, Antioquia, Paulo e os seus colaboradores saíram. O ponto inicial foi o solo da Judeia, para cumprir a promessa de Jesus. Na primeira viagem missionária à ilha de Chipre, terra natal de Barnabé, e às cidades próximas da Pisídia e da Licaônia, Paulo estava na “sombra” de Barnabé. Paulo era o mensageiro da palavra, mas Barnabé era o líder, o respeitável, como os moradores em Listra os consideraram e os chamavam. Barnabé, como *Júpiter* (Zeus, em grego), o líder dos deuses pagãos, e Paulo, como *Mercúrio* (Hermes), porque ele interpretava e fazia a hermenêutica da palavra (At 14.12).

A segunda viagem missionária de Paulo começa com a desavença e a separação do seu irmão Barnabé, o discípulo que, mais que os outros discípulos, o apoiou e o consolou nos seus primeiros passos na comunidade cristã. Todavia, essa excitação entre os dois, não só desorganizou a obra do testemunho da Palavra, mas também foi feito para o bem, pois provocou a emancipação de Paulo e contribuiu para a evangelização do ocidente.⁴⁵ Tanto o sentimento da excitação, mesmo com motivo mínimo, quanto o sentimento do medo que ele vai sentir mais adiante em Corinto (1Co 2.3), demonstram o lado humano de Paulo. Desta forma, Lucas apresenta que o “herói” exclusivo da segunda parte de Atos, Paulo, não é nem “super-homem divino”, nem é identificado com aquele sábio apático, impassível dos filósofos estoicos, mas é absolutamente “ser humano”.⁴⁶

A culminância da segunda viagem de Paulo, sem dúvida, é a chegada às margens do mar Egeu, no Mediterrâneo. Depois de longa peregrinação no interior da Ásia Menor, atravessando as planícies aluvianas da Galácia central, rodeadas por cadeias de montanhas

⁴² DESPOTIS, 2011, p. 15.

⁴³ BARBOSA, 2006, p. 26.

⁴⁴ Tarso, segundo *Estrabão, o geógrafo*, que a visitou, no primeiro século tinha um crescimento imenso para a filosofia, e para a educação e os estudos clássicos, que os moradores da cidade ultrapassaram sobre isso, as cidades notáveis, Atenas e Alexandria e escolas filosóficas em outras cidades (PAPARIGOPOULOS, 2003, p. 40-41).

⁴⁵ DESPOTIS, 2011, p. 17.

⁴⁶ DESPOTIS, 2011, p. 17-18.

que atingem dois mil metros, e atravessado a Frígia, chegou ao litoral, à cidade portuária Trôade. “E tendo contornado Mísia, desceram a Trôade (At 16.8)”. Para esta cidade portuária, com posição geoestratégica muito importante, os dirigiu o Espírito Santo. Nesse local chegara um dia, em 334 a.C., um jovem de 22 anos, cheio de sonhos e glória – Alexandre o Grande. Chegado nessa costa lendária, Alexandre, com a sua armadura completa, era o primeiro dos macedônios que cravou a sua lança na terra, e desembarcou com a declaração: “Aceito de deuses a Ásia que ninguém a conquistou”. Ofereceu sacrifícios aos deuses, com a súplica de que os povos da Ásia o aceitem voluntariamente como seu rei.⁴⁷ Levava ao Oriente os tesouros do Ocidente; a língua da Grécia, as artes a ciência e a filosofia de Atenas. Agora, iria o Oriente levar ao Ocidente a maior das joias: o Evangelho da verdade e da vida.⁴⁸ Paulo, quase 380 anos depois, no mesmo lugar estava disposto a “invadir” a Macedônia, apenas cingido com a “Armadura” de Deus; lançar e cravar a “Espada” do Espírito aos corações dos macedônios, para que aceitassem Jesus Cristo como Rei dos reis.⁴⁹

Deus, nesse trajeto “silencioso”, a respeito das atividades de Paulo e dos seus colaboradores, em que por duas vezes foram impedidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra no interior da Ásia Menor, falou em Paulo através de uma visão: “Um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos” (At 16.9). Ronhen explica essa frase, com o “angustioso brado de socorro que o intelectualismo europeu dirige ao misticismo asiático; a ciência estende as mãos à fé, para que a aurora do Evangelho ilumine os caliginosos abismos da filosofia”.⁵⁰ Barbosa, citando o pensamento de John Gill, escreve que, essa “ajuda”, que roga o Macedônio, significa “mediante a oração e a pregação da Palavra, para derrubar o reino de Satanás, destruir a superstição e a idolatria, iluminando os olhos dos homens fazendo-os voltar das trevas para a luz, e salvando-os da completa ruína e destruição”.⁵¹

O nobre macedônio⁵² estava em pé, *παρακαλων* – *solicitado*⁵³ aos servos de Deus para que passassem para a Macedônia a fim de “ajudá-los”.⁵⁴ O macedônio não explica sua solicitação sobre que tipo de ajuda é pedida. Mas, pela primeira vez no livro de Atos, uma visão ou sonho segue a sua interpretação, e a reação todo do grupo de Paulo foi imediata.⁵⁵ Todos perceberam que deveria passar para a Macedônia “... concluindo que Deus nos havia

⁴⁷ HAMMOND, 2015, p. 116.

⁴⁸ ROHDEN, s.d., p. 100.

⁴⁹ ROHDEN, s.d., p. 101.

⁵⁰ ROHDEN, s.d., p. 100.

⁵¹ BARBOSA, 2006, p. 197.

⁵² Despotis identifica o Macedônio na visão de Paulo, como o anjo de definido povo (Dt 32 8, segundo a LXX, Dn 10.21, 12.1). DESPOTIS, 2011, p. 43.

⁵³ Enquanto que o particípio *παρακαλειν* em Atos tem o sentido da consolação através de evangelismo (At 15. 31-32; Barnabé = filho de exortação At. 4.36), em dois apenas casos significa o caloroso convite/solicitação, por causa do motivo urgentíssimo. Um desses casos é o convite do Macedônio, e o outro no caso da morte de Tabita de Jope, onde dois homens *Παρακαλουντες* – *solicitam com súplica calorosa*, Pedro seguir eles na casa de Tabita (DESPOTIS, 2011, p. 44-45).

⁵⁴ O termo *βοηθησον ημιν* – ajuda-nos, vem do verbo *βοηθώ* (βοή - clamor+θωος < θεω=τρέχω – correr, sintético da frase, corre ou apressa no meu clamor para me ajudar (DESPOTIS, 2011, p. 45).

⁵⁵ DESPOTIS, 2011, p. 47

chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 10.10). Paulo e os seus companheiros desembarcaram-se na província da Macedônia no porto de Neápolis, mais ou menos no início do outono de 49 d.C.⁵⁶ De Neápolis seguia a famosa estrada *Via Egnácia*,⁵⁷ a qual atravessava toda a Macedônia, passando nas principais cidades da província: Filipos (colônia romana e uma *miniatura* da Roma), Anfípolis (capital do primeiro distrito da Macedônia), Tessalônica (cidade portuária, metrópole e sede do procônsul romano da província), e Bereia (centro intelectual, artístico e sede do *Koinon dos Macedônios*).⁵⁸ A Tsalampouni demonstrou, através de descobertas arqueológicas na região da Macedônia, que os macedônios na época da visita de Paulo no seu solo, são reconhecidos pela sua grande fé e intensidade de busca religiosa, a qual é expressa através de quantidade de formas de adoração, nas cidades macedônicas.⁵⁹

A passagem de Paulo na Macedônia foi curta, por causa das perseguições dos judeus, e assim partiu para o sul da Grécia, na província de Acaia. Dos poucos meses, cerca de dois ou três em que esteve lá, Paulo deixou a sua marca, e o evangelho de salvação cresceu tanto que o próprio Paulo escreveu para aos Tessalonicenses: “Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor, não só na Macedônia e Acaia, mas por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma” (1Ts 1.8). A posição geográfica da Macedônia, no cruzamento de Ocidente para o Oriente e do sul para o norte, deu a oportunidade às pequenas comunidades, nascidas no berço do Cristianismo, de desenvolver e levar o evangelho de Jesus em cada parte do Império Romano, e chegar até os confins da terra.⁶⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período intertestamentário está ligado aos dois testamentos, sendo o “elo” que vincula o tempo profético, o tempo da preparação, para a chegada do Messias e o cumprimento das profecias. Grande parte desse longo período de 400 anos compreende a

⁵⁶ Paulo chegou à Macedônia outono de 49 d.C. A sua ação evangelística em Filipos e Tessalônica durou cerca de dois meses, passou poucos dias em Bereia, em seguinte permaneceu poucos dias em Atenas e chegou à cidade de Corinto no início de 50 d.C. A datação é dada segundo a expulsão dos judeus de Roma, no nono ano do imperial de Cláudio (DESPOTIS, 2011, p. 14).

⁵⁷ A “Via Egnacia”, *Egnatia Hodós*, foi construída entre os anos 146 a.C até 118 a.C, inicialmente, para as necessidades militares dos romanos. Mas em paralelo foi usada para o tráfico comercial e das passagens dos viajantes, do Ocidente para o Oriente, quando ajudou a penetração pacífica de ideias e convicções. A Via Egnacia era a estrada contínua da “Via Appia”, que começava em Roma e chegava até pouco fora de “Bizâncio”, mais tarde a nova capital do Império Romano, Constantinopla. O seu comprimento era cerca de 800 quilômetros. A tradução é do autor. Disponível em: [http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια Οδός](http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια%20Οδός),

⁵⁸ Os anos dos imperadores romanos, a Bereia tornou-se a sede do chamado *Κοινόν των Μακεδόνων* (comum ou conjunto dos Macedônios), qual era competente para a adoração do imperador, executado jogos desportivos e musicais. Cada ano estavam reunidos na cidade, representantes das outras cidades da Macedônia para participar nesse evento que estabeleceu o imperador. A tradução é do autor. (TSALABOUNI, 2002, p. 44-45).

⁵⁹ TSALABOUNI, 2002, p. 260.

⁶⁰ Em relação dos confins da terra, não são identificados com a Roma, mas com a Espanha, e mesmo com a Gadeira, no oeste do ponto estreito de Gibraltar, segundo o geógrafo Estrabão (3 1.8). (DESPOTIS, 2011, p. 16).

chamada “Era Helenística”, quando muitos seus acontecimentos foram preditos de profeta Daniel. A expansão dessa cultura contribuiu de maneira fundamental para que a mensagem do Evangelho fosse pregada no fim do primeiro século, das fronteiras da Índia, no leste, até a Espanha, no oeste. Neste primeiro passo do berço do cristianismo, o número dos convertidos à nova fé é desconhecido. O que é um fato é que, no início do século 4º d.C., o imperador romano Constantino tomou a decisão de proteger os cristãos. Até ali, o crescimento deles, ao menos no Oriente, era muito grande em contraste com seus adversários. A Palavra de Deus foi anunciada através dos apóstolos em primeiro lugar na Palestina, e, através dos helenistas judeus, na Síria. Paulo encantou o mundo helênico, não com as armas intelectuais e a arte da fala, mas falando do poder da cruz de Jesus Cristo, o “Cristo crucificado”; “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação” (1Co 1.21). O Evangelho chegou à Macedônia e à Grécia continental, com as mesmas ferramentas e no mesmo caminho com que a civilização helenística foi expandida no Oriente, através de Alexandre o Grande, o qual levou a língua e a cultura que sustentou na expansão da Palavra de Deus.

REFERÊNCIAS

- APOSTOLIKH, ΑΠΟΣΤΟΛΙΚΗ ΔΙΑΚΟΝΙΑ. **Νεοπαγανισμός**: Η Απειλή απο το Παρελθον. Αθηνα: Αποστολική Διακονία, 2003. 46 p.
- BARBOSA, Celso Aloísio Santos. **Paulo**: o homem de Tarso. Rio de Janeiro: JUERP, 2006. 303 p.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Período Interbíblico e os Evangelhos. Tradução de Neyd. Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985. 336 p.
- BÍBLIA VIDA NOVA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 1976. 367 p.
- CLAUDIONOR, Corrêa de Andrade. **Paulo em Atenas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. 159 p.
- COTHENET, Edouard. **Paulo**: apóstolo e escritor. Tradução de Mariana N. Ribeiro Echalar. São Paulo: Paulinas, 2001. 182 p.
- DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. **Σωτηριος**: Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παυλου στον Ελλαδικό Χωρο. Αθηνα: Ουρανός, 2011. 367 p.
- DURANT, Will. **História da Civilização**: nova herança clássica – a vida na Grécia. Tomo 2. Tradução de Gulnara de Moraes Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 436 p.
- DURANT, Will. **História da Civilização**: Cesar e Cristo. Tomo 2º. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. 387 p.
- HAMMOND, N. Gerard. **Μεγας Αλεξανδρος. Ενας Ιδιοφυης**. The Genius of Alexander Great. Μεταφραση. Πανος Θεοδωριδης. Θεσσαλονικη: Μαλλιαρης Παιδεια, 2015. 383 p.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paidéia Grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70. 127 p.

KELLER, Werner. **E a Bíblia tinha razão**. Tradução de João Távora. São Paulo: Melhoramentos, 1974. 383 p.

LOUW, P. Johanes; NIDA, A. Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento**. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

PAPARIGOPOYLOS, Konstantinos. **Τα Διδακτικώτερα Πορίσματα της Ιστορίας του Ελληνικού Έθνους**. Τομ. Α. Αθίνα: Ερμείας, 2003. 363 p.

PLUTARCO. **Alexandre o Grande**. Tradução de Hélio Veiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 164 p.

ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho**. São Paulo: Unlao Cultural. 270 p.

ROMER, John. **Testamento: os textos sagrados através da história**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Melhoramentos, 1991. 295 p.

TARAJÓS, Vicente. **História Geral**. São Paulo: LISA, s.d. 306 p.

TOGNINI, Enéas. **O período interbíblico**. São Paulo: Palavra da Cruz. 1968.

TOYNBEE, J. Arnold. **Helenismo: história de uma civilização**. Tradução de Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: s.d.

TSALABOUNI, Aikaterini. **Η Μακεδονία την Εποχή της Καινης Διαθήκης**. Θεσσαλονίκη: Πουρναρά, 2002. 303 p.

VILELA SANTOS, Januária Maria. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Ática, 1982. 176 p.

ZOYPOΣ, Παναγιωτης. Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία. Θεσσαλονίκη: Ζουρος, 2004. 296 π.

Disponível em: <http://www.makedonia.e-e-e.gr/assets/thisavros_makedonon.pdf>, Dogas, Δογας Μήνας. Acesso em 15 de Abril de 2015.

Disponível em: <<http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατία%20οδος>>. Acesso em 29 de Julho de 2015.

Disponível em: <http://www.ecclesia.gr/greek/HolySynod/committees/liturgical/Zaras_tafika_ethima.pdf>. Acesso em 17 de Maio de 2016.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

UNS AOS OUTROS: O USO DO TERMO “ALLÉLON” E SUA RELAÇÃO COM O VIVER EM COMUNIDADE

One another: the use of “allélon” term and its relationship to live in community

Merlise dos Santos¹

RESUMO

A sociedade brasileira apresenta vários problemas no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais: intrigas, inveja, amarguras, disputas por posições de destaque, mentiras, entre outros. O cenário nas igrejas não é tão diferente! Há uma crise nos relacionamentos. Por isso, a relação entre os cristãos é um dos temas que merece destaque e atenção. A preocupação com esse assunto foi apresentada pelo próprio Senhor Jesus o qual via como necessária a unidade da igreja e orou para que “todos fossem um” em João 17.21. A principal palavra no grego que expressa comunhão é *Allélon*, que, em português, tem o significado de “Uns aos outros”. Faz-se necessário compreender o que essa palavra tem a dizer sobre a relação de harmonia existente no relacionamento entre cristãos. Para isso, é importante fazer um resgate do uso do termo no seu contexto histórico, bem como em seu sentido original. O viver em comunidade só terá sentido se o termo “Uns aos outros” for aplicado em sua essência na igreja atual.

Palavras-chaves: Relacionamentos. Unidade. Igreja.

ABSTRACT

Brazilian society presents several problems with regard to interpersonal relationships: intrigue, envy, bitterness, disputes for prominent positions, lies, among others. The scenario in the churches is not so different! There is a crisis in relationships. Therefore, the relationship between Christians is a theme that deserves attention. The concern with this subject was presented by the Lord Jesus which saw the unity of the church as

¹ A autora é Licenciada em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo e formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: merlisee@gmail.com

necessary and prayed that "they were all one" in John 17.21. The key word in the Greek expressing communion is *allélon*, which, in Portuguese, has the meaning of "to each other." It is necessary to understand what that word has to say about the relationship of harmony in relationships among Christians. Therefore, it is important to make a recovery of the use of the term in its historical context, as well as in its original sense. The live in the community makes sense only if the term "each other" is applied to its essence in the present church.

Keywords: Relationships. Unit. Church.

INTRODUÇÃO

Viver o termo “Uns aos outros” em um ambiente social onde imperam o egoísmo e o individualismo, caracteriza-se como um dos grandes desafios a serem enfrentados. Em meio a tanta diversidade, é inevitável que os problemas surjam e, associada a ela, a dificuldade de aceitação. Mas, ao se tratar da igreja de Cristo, esses mesmos problemas são presentes? Ou ainda, como a igreja poderia superar as dificuldades de convivência nos relacionamentos e se tornar relevante para a sociedade e para cada um?

Perguntas como essas já intrigavam os grandes líderes do Novo Testamento, como o apóstolo Paulo e o próprio Senhor Jesus, e já eram motivo de discussão na igreja primitiva. Em seu contexto, encontravam-se lado a lado pessoas das mais diversas camadas sociais, com opiniões diferentes, temperamentos contrários, hábitos divergentes e maturidade de fé em variados níveis. Diante desse quadro, é muito fácil surgirem os conflitos, os problemas de relacionamentos, e até mesmo uma “crise na comunhão”, exigindo uma preocupação especial de cada integrante dessa comunidade, pois a heterogeneidade, à primeira vista, pode pôr fim à comunhão.

Passados milhares de anos, vê-se a igreja atual passando pelas mesmas dificuldades enfrentadas pela igreja de Roma. As características levantadas por essa comunidade são as mesmas expressas nos dias atuais. Em tempos de preocupação com o fator “crescimento da igreja”, o espírito de comunhão e um ambiente que propõe o amor fraternal entre os irmãos deve ser vivido e almejado com todas as forças, de tal forma que o “Uns aos outros”, seja o diferencial da igreja atual.

1. UNS AOS OUTROS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A igreja de Roma teve início muito antes de qualquer contato de Paulo com ela, mas, independente de como tenha sido esse início e dos vários grupos que agora existem em Roma, segue a carta de Paulo aos romanos, que visa mostrar a importância do relacionamento mútuo para o avanço do Evangelho.

1.1 A Carta de Paulo aos romanos

Essa carta não é apenas um documento destinado a uma igreja com problemas. Seu conteúdo é indiscutível, sua autoria inquestionável, com destinatários e propósitos bem definidos, que fazem dela o maior compêndio teológico.

1.1.1 Conteúdo

Com um conteúdo impressionante, a carta de Paulo aos romanos é um documento imprescindível para a história da igreja. A carta recebeu ao longo da história várias características e carrega a reputação de uma epístola de difícil compreensão. Mas, a partir dela, pode-se conferir a conversão de Agostinho, a defesa da fé por Lutero e um novo modelo de interpretação proposto por Barth, além de uma revolução na teologia.²

O conteúdo de Romanos é considerado o maior tratado teológico da história do Novo Testamento, e estudar essa carta é aprofundar-se na essência do cristianismo, além de ser o trampolim da revolução desencadeada com a reforma proposta pelos pais da igreja.³ Paulo, o apóstolo dos gentios, direcionou o seu olhar para um novo desafio com o livro de Romanos: o de alcançar o Ocidente. Mas, para que suas intenções se tornassem operacionais, ele precisou ir além de apenas chamar a atenção para si. Ele precisou partir de um ponto inicial, ou seja, de uma igreja que abraçasse a sua causa. O plano de Paulo foi audacioso, pois almejava alcançar o apoio da igreja em Roma, e ainda, tornar seus projetos missionários uma realidade.⁴ Para isso era indispensável que a igreja conhecesse o conteúdo da sua pregação, ou seja, tanto cristãos-judeus, como cristãos-gentios, deveriam ser capazes de compreender a dimensão do Evangelho de Cristo.

1.1.2 O autor

Não há questionamentos quanto à autoria de Romanos, dado o número de evidências que o próprio apóstolo Paulo aponta. Ele se apresenta como o remetente da carta, e assegura isso com autoridade e submissão, ao se denominar como servo de Cristo.⁵ Bruce afirma que Paulo procura deixar claros seus propósitos de autor, ao mostrar transparência e honestidade em seus escritos, além de uma espontaneidade ao escrever ou ditar os mesmos.⁶ Shedd afirma que Romanos é o escrito mais longo, sistemático e com conteúdo mais profundo de todos os escritos de Paulo, considerado o mais relevante e categórico livro da Bíblia.⁷

1.1.3 Destinatários

Por volta do ano 750 a. C. era fundada, às margens do rio Tibre, a cidade de Roma. A cidade possuía aproximadamente um milhão de habitantes, dentre eles quarenta mil eram judeus. Acolhia pessoas de todas as partes do mundo e tinha uma função estratégica na expansão do Evangelho. Considerada o cerne do Ocidente, famosa e cosmopolita, onde todos os caminhos levavam a ela, por esse motivo Paulo queria conquistá-la para Cristo. Mas, ao mesmo tempo em que o “glamour” de Roma ecoava pelos quatro ventos do Ocidente, o outro

² HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroger. Curitiba: Esperança, 1996, p. 86.

³ ELWELL, Walter A.; YARBROUGH, Robert W. **Descobrendo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica**. Tradução de Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 275.

⁴ HÖRSTER, 1996, p. 86.

⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 17.

⁶ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 12.

⁷ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997, p. 1582.

lado da moeda era de escuridão e tristeza. Lopes destaca a realidade de Roma como “a cloaca do mundo, o esgoto pútrido em que as pessoas chafurdavam nas práticas mais avilantes”.⁸

1.1.4 Propósito

O apóstolo Paulo escreve a carta aos Romanos com vários propósitos. Dentre eles estão: pedir que a igreja interceda em seu favor, pois a viagem que pretendia realizar até Jerusalém era perigosa, ele tinha medo de ser morto pelos judeus no caminho e tinha receio de que os “santos” de Jerusalém não estivessem dispostos a receber as ofertas levantadas pelos gentios.⁹

Em segundo lugar, o propósito de Paulo é tornar conhecido o seu desejo de visitar a igreja. Ele desejou visitá-los em outras oportunidades, mas foi impedido e por essa razão nasce o maior tratado teológico do Novo Testamento, com o objetivo de abençoar a todos, ao longo dos séculos.¹⁰ Wilson destaca que:

Ao invés de simplesmente edificar os crentes em Roma pelo ensino oral, uma honra bem maior foi reservada por Deus ao seu servo; pois todo cristão que deseja se tornar firmemente fundamentado na fé deve ainda colocar-se aos pés de Paulo de Tarso para receber, com toda humildade, aquele ‘evangelho de Deus’ que foi primeiro confiado a ele ‘mediante a revelação de Jesus Cristo’.¹¹

Em terceiro lugar, Paulo tinha o desejo de compartilhar as boas novas do Evangelho com os irmãos de Roma, a fim de que fosse por eles enviado à Espanha. Havia necessidade de uma base missionária que servisse de suporte para seus novos projetos e também apoio financeiro e espiritual.¹² Paulo era um estrategista e tinha interesse de repartir o evangelho com a igreja mais importante do império, que fazia distinção entre gentios e judeus.

1.2 A importância do relacionamento mútuo para o progresso do Evangelho em Roma

O apóstolo Paulo tinha grande interesse em visitar Roma, para alertar a igreja por causa das divisões que eram conhecidas e recorrentes. Em virtude disso, a última parte de sua carta mostra a importância do amor nos relacionamentos e como ele interfere de maneira abrangente em diversas áreas da vida dos cristãos. Murray ressalta que:

Paulo aborda os deveres concretos e práticos que se impõem aos crentes. Tais deveres dizem respeito, particularmente, às relações mútuas, na comunidade e no companheirismo dos santos. Visto que os crentes mantêm certas relações para com os outros homens e instituições, Paulo fala sobre a conduta que convém aos santos no exercício de suas responsabilidades sociais e políticas.¹³

⁸ LOPES, 2010, p. 24.

⁹ LOPES, 2010, p. 26.

¹⁰ LOPES, 2010, p. 26.

¹¹ WILSON, Geoffrey. **Romanos**: um resumo do pensamento reformado. São Paulo: PES, 1981, introdução.

¹² LOPES, 2010, p. 27.

¹³ MURRAY, John. **Romanos**: Comentário Bíblico Fiel. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 24.

O assunto abordado por Paulo é profundo e preciso, pois penetra no âmago do ser humano e suas experiências individuais e espalha-se para todos os segmentos de sua vida cotidiana. Ele trata do amor que os irmãos devem demonstrar uns para com os outros, um amor abrangente e envolvente. Em Romanos 12.9-10, Paulo faz referência a esse amor e usa a expressão “uns aos outros”¹⁴, para atestar que:

ao enunciar a primazia do amor e ao escrever à igreja, conforme Paulo agora estava fazendo, não seria possível imaginarmos um amor de nível inferior àquele que se revela em seu grau mais elevado, isto é, o amor na comunidade dos santos. Por isso, o apóstolo disse: “Uns aos outros” focalizando aquele círculo de pessoas ao qual esta carta foi endereçada.¹⁵

O relacionamento com os irmãos está intimamente ligado ao fato de pertencerem uns aos outros, como uma grande família que intercede, que ora e que vive em comunidade. O corpo de Cristo vive em unidade, procede de uma só família, com o mesmo senso de responsabilidade para com o próximo, embora com vários membros, mas conectados em um ponto comum. Murray destaca que:

Os crentes não somente são membros de um único corpo; também são membros uns dos outros [...]. Eles têm propriedades uns sobre os outros e, portanto, sobre os dons e as graças uns dos outros. Não se trata do comunismo que destrói a propriedade pessoal, e sim de uma comunidade que reconhece os dons distinguidores que Deus distribui; deste modo, a individualidade é zelosamente conservada. Mas a diversidade enriquece cada membro, porquanto gozam de comunhão em todos os dons do Espírito Santo, aos quais Deus outorgou de conformidade com sua própria vontade.¹⁶

Paulo quer mostrar que as diferenças existentes na igreja de Roma poderiam ser sanadas pelo simples fato de que cada um seria responsável de exercer o amor uns pelos outros.

2. UNS AOS OUTROS EM SEU SENTIDO ORIGINAL

A língua portuguesa permite a análise de expressões sem que haja a obrigatoriedade de separá-las, porém na língua grega isso não é possível. Para que haja uma melhor compreensão da complexidade da expressão, faz-se necessário estudá-las de maneira isolada.

2.1 Uns aos outros separadamente – da expressão em português

Faz-se necessário ressaltar que, no original, grego, a expressão “Uns aos Outros”, não é entendida, como na língua portuguesa, como um termo só, sendo necessária uma análise das palavras em separado.

¹⁴ MURRAY, 2003, p. 521.

¹⁵ MURRAY, 2003, p. 522.

¹⁶ MURRAY, 2003, p. 483.

2.1.1 Um

Para apresentar o conceito de uma pessoa ou de uma coisa, o Novo Testamento faz uma separação em três grupos diferentes: *monos*, *heis*, *hápax* e *ephapax*. Por isso, somente o termo εἷς (*heis*) será aprofundado nesse estudo. εἷς (*heis*), é o primeiro numeral cardinal, ou seja, aquele que expressa uma quantidade absoluta e está no masculino. No feminino e neutro as formas são: *mia* e *hen*.¹⁷ Vine, Unger e White Jr. propõem vários significados, dentre eles estão:

o significado de: “um” em contraste com muitos (Mt 25.15); em Rm 5.18 “(por) uma (só ofensa)”, ou seja, a transgressão de Adão em contraste com “uma só ato de justiça”, ou seja, a morte de Jesus; Também significa “união” e “acordo” (Jo 10.30; 11.52; 17.11, 21,22; Rm 12.4,5; Fp 1.27); Simbolicamente, um único (um), para a exclusão dos outros (Mt 21.24; Rm 3.10; 1 Co 9.24; 1 Tm 2.5, duas vezes); “um só” (Mc 2.7 “senão”; Mc 10.18; Lc 18.19) e ainda, “um e o mesmo” (1 Co 3.8; 11.5; 12.11). Em Romanos 3.30, “Deus é um só”, ou seja, não há “um” Deus para os judeus e um para os gentios. Em Gálatas 3.20 significa que, numa promessa não há outra parte; Em 1 Jo 5.8, literalmente, “e os três são em “um”, ou seja, unidos em “um” e o mesmo testemunho.¹⁸

O Vocabulário Bíblico traz as seguintes informações para o uso desse numeral: “um” no sentido de único, unicidade: Deus é único e demonstra isso em toda a Escritura. Deus é “um” na história da salvação, onde o “um” representa papel principal.¹⁹ O Vocabulário associa também a unidade de todos os crentes com a unicidade de Deus. Pela obra do Espírito Santo, todos os homens são “um” em Cristo, mas se tornam “um” com Cristo (1 Co 5.17), “um” entre eles (Rm 12.5).²⁰ Ele ressalta que

a unidade dos crentes entre si, a comunhão fraternal, longe de transformá-los em indivíduos idênticos, cópias de um tipo uniforme, efetua-se precisamente por meio de sua diversidade. Além disso, sua comunhão alcança pleno sentido no fato de serem diferentes. O corpo de Cristo é constituído de membros diferentes, e esta diferença não só não compromete a unidade como também a condiciona.²¹

Dessa forma, a unidade e a comunhão dos crentes se dão justamente pelo fato de serem diferentes, “um”, por meio da diversidade, pois assim são santificados e diferenciados na comunhão. Coenen e Brown atestam o pensamento de Paulo sobre a unidade da igreja: Paulo

¹⁷ VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1042.

¹⁸ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 1042.

¹⁹ ALLMEN, J. J. Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 586.

²⁰ ALLMEN, 2001, p. 588.

²¹ ALLMEN, 2001, p. 588.

expressa este fato através da sua figura de um só corpo, no qual os membros se vinculam e dependem uns dos outros, figura esta que os estoicos²² também pregavam.²³

2.1.2 Outro

O léxico do Novo Testamento Grego/Português traz o seguinte significado para a palavra *allos*:

ἄλλός, ἡ, o *outro*, *diferente* Mt 13.5, 24; 1Co 9.27; 15.41; *mais*, *adicional* Mt 4.21; 25.20. οἱ ἄλλοι o *resto* 1 Co 14.29 (*os outros*). Ligado às palavras de seus próprios casos, como na formulação ἄλλοι ἄλλο λέγουσιν *alguns dizem uma coisa, outros dizem outra* At 19.32; 21.34. Contrário ao melhor uso clássico, d. invade o domínio de ἕτερος (q.v.) e significa *outro* de dois Mt 5.39; 12.13; é usado intercambiavelmente com ἕτερος 2 Co 11.4; e provavelmente também Gl 1.7, para o qual v. ἕτερος. [Latim *alius*; *alias*].²⁴

No original grego, o termo *allos* apresenta uma diferença numérica e significa “outro do mesmo tipo”. Jesus promete enviar “outro Consolador”, ou seja, outro *allos*, outro como/igual a Ele. O termo é facilmente confundido em diversas passagens com *heteros*, e esse é o motivo de tão cuidadosa observação. O termo *allos* significa “outro do mesmo tipo”, enquanto que *heteros* significa “outro de tipo diferente” e apresenta uma diferença qualitativa. O apóstolo Paulo faz uso de *heteros* em Rm 7.23, onde diz: ‘Vejo nos meus membros outra [heteros] lei’, uma lei diferente da lei do espírito de vida – não *allos*, uma lei do mesmo tipo.²⁵ Já em João 14.16, Jesus promete o Espírito Santo, ao afirmar que o Pai enviaria “outro” [*allos*], da mesma espécie e não [*heteros*]. As duas palavras parecem promover uma interação entre si, como por exemplo em 1 Co 1.16; 6.1; 12.8-10; 14.17,19, mas elas não são intercambiáveis, pois a diferença existe, embora pareça obscurecida. Vine, Unger e White Jr, mostram que:

em 1 Co 15.39-41 os termos não são intercambiáveis. Aqui *heteros* é usado para distinguir a glória divina da terrestre, pois estas diferem em gênero, e *allos* para diferenciar a carne dos homens, pássaros e peixes, que em cada caso é carne que não difere em gênero, mas espécie. O termo *allos* é usado novamente para distinguir entre as glórias dos corpos celestes, pois estes também não diferem em tipo, mas só em grau.²⁶

Coenen e Brown mostram importantes diferenças entre *allos* e *heteros*, apesar de apresentarem o mesmo significado, “outro”. *Heteros* era um pronome dual, e indica pares de indivíduos ou grupos, por isso *hoi heteroi* pode possuir o significado de “o outro grupo”. O

²² **ESTÓICO** é um seguidor do filósofo grego Zenon, que morreu em 265 a. C. Zenon ensinava que o mais alto objetivo do ser humano é viver de acordo com a sua razão e praticar a virtude. Esta consiste em dominar as paixões, em não se sentir atraído pelo prazer e em não se deixar vencer pelo sofrimento. In.: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999, p. 69.

²³ COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2564.

²⁴ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 17.

²⁵ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 1042.

²⁶ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 839.

termo *allos* é empregado cerca de cem vezes e *heteros* cerca de cento e cinquenta vezes na Septuaginta.²⁷ O Novo Testamento apresenta as seguintes distinções:

- as duas palavras se empregam para denotar ‘outra’ pessoa, coisa ou grupo; *allos* (Mt 5.39; 12.13; Jo 5.32); *heteros* (Lc 5.7; 23.40). Assim *te hetera* pode significar ‘no dia seguinte’ (At 20.15; 27.3); - o mesmo uso se acha no plural (Mt 20.3,6; Lc 10.2; Jo 7.12; 9.16; At 2.13); - nas numerações (Mt 13.5, 7-8; Lc 8.6 e segs) e nos contrastes (Hb 11.35-36) *heteros* e *allos* frequentemente se empregam como alternativas. Nas enumerações, *heteros* pode ficar sendo um número definido, e. g. em Lc 19.16, 18, 20, tem o efeito de ‘o terceiro’ (ARA ‘outro’); - empregado como substantivo, *ho heteros* tem o significado de meu ‘próximo’ que Deus colocou no meu caminho (1 Co 10.24; Rm 2.1; 13.8; Gl 6.4).²⁸

Sendo assim, percebe-se que, no grego original, a palavra “outro” tem dois significados diferentes: *allos* (outro do mesmo tipo) e *heteros* (outro de tipo diferente). No estudo do termo “uns aos outros”, no livro de Romanos, observa-se que é empregado o termo *allos* para descrever o relacionamento entre os cristãos.

2.2 Uns aos outros- a partir do original grego ἀλλήλων

O termo ἀλλήλων (*allelon*) é uma referência recíproca e indica uma relação de mutualidade. É encontrado apenas na forma plural, tem por significado “uns aos outros”, mutuamente, reciprocamente.²⁹ De acordo com Rega e Bergmann, o termo *allelon* aparece aproximadamente cem vezes no Novo Testamento. A função desse pronome recíproco é indicar uma relação de harmonia, sintonia entre os sujeitos de uma oração.³⁰

2.3 Uns aos outros e seus usos comuns

2.3.1 Amar Uns aos Outros (Rm 12.10)

O amor é um conceito expresso de várias formas e de diversas maneiras. Vários autores, filósofos e personalidades ao longo da história tentaram definir esse conceito. Erickson ressalta que o amor é um dos atributos de Deus, pois engloba a preocupação e a ação na busca da realização de outra pessoa.³¹ No NT tem-se a revelação da palavra amor, na encarnação e sacrifício de Jesus. A partir desse sacrifício, as compreensões das diversas formas de amor se tornam completas em sentido e propósito. No NT não há uso negativo do substantivo *ágape*, pois ele é usado sempre no sentido de

He ágape tou theou, ‘o amor de Deus’, ou no gen. subjetivo (i. é, o amor de Deus para com os homens) ou no gen. objetivo (i. é, o amor dos homens por

²⁷ COENEN; BROWN, 2000, p. 1476.

²⁸ COENEN; BROWN, 2000, p. 1476.

²⁹ REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 387.

³⁰ REGA; BERGMANN, 2014, p. 240.

³¹ ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Tradução de Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 12.

Deus), ou com referência ao amor divino por outras pessoas, que a presença de Deus evoca.³²

Erickson define o amor como uma “forma sublime que procura o bem-estar dos outros (agape)”.³³ O Dicionário Internacional de Teologia traz as seguintes descrições para a palavra “amor” a partir do original grego:

ἀγαπάω (*agapaō*), “amar”; ἀγάπη (*ágape*), “amor”; ἀγαπητός (*agapetos*), “amado”, “querido”; ἐράω (*eraō*), “amor com paixão”, “desejar”, “ansiar por”; ἔρωσ (*erōs*), “amor apaixonado”; φιλόστοργος (*philostorgos*), “ternamente amoroso”, “afetuoso”; ἀστοργος (*astorgos*), “sem afeição natural”.³⁴

A palavra “amor” possui diversos significados, porém deve-se entendê-la como uma palavra cuja raiz nasce a partir da vida em comunidade. Tanto o AT como o NT empregam essa palavra e dentre suas diversas definições está a aceitação do irmão pelo amor, com o objetivo de levá-lo a experimentar a perfeição da existência, como exemplificado em Levítico 19.18.³⁵ O amor é tão importante para Paulo que não existe nenhuma de suas cartas, em que essa palavra não esteja destacada como parte essencial no desenvolvimento da vida e no modo de viver cristão. O amor ao próximo está diretamente relacionado com o amor a Deus. Bauer ressalta que:

o próximo no NT não é meramente o homem da mesma tribo e do mesmo povo, mas também o estranho e até mesmo o pecador (2 Co 2.8), bem como o inimigo pessoal ou nacional, em outras palavras: todo aquele que a Providência de Deus colocou ‘próximo’ a mim, para que eu sirva, ou ele me sirva, em amor, como Jesus explicou.³⁶

O apóstolo Paulo deixa claro que o amor ao próximo, mesmo se tratando dos inimigos, é para ele a essência do amor de Deus. Essa ligação de amor com o próximo, mesmo em situações adversas, deve ser demonstrada através de atitudes como paciência e perdão. O viver em comunidade só faz sentido se o amor *ágape* for colocado em prática em forma de serviço e sacrifício, buscando os interesses dos outros, em primeiro lugar.

2.3.2 Pertencer Uns aos Outros (Rm 12.5)

Essa unidade, proposta pelo apóstolo Paulo em Romanos, tem o objetivo de alcançar os cristãos, na medida em que são capazes de entender que são o corpo de Cristo, que fazem parte dele, pois são os membros, com funções pré-estabelecidas. Embora se diferenciem entre si e possuam funções variadas, cada membro se faz necessário, porque juntos formam

³² COENEN; BROWN, 2000, p. 117.

³³ ERICKSON, 1991, p. 12.

³⁴ COENEN; BROWN, 2000, p. 113.

³⁵ COENEN, BROWN, 2000, p. 114.

³⁶ BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979. Vol. I, p. 50.

o corpo, e essa união tem um único propósito: dar graças a Deus por tudo que Deus havia feito.³⁷ Getz declara que

assim como na composição dos seres humanos “há muitos membros num só corpo”, o que capacita cada um a atuar como unidade física, também o Corpo de Cristo, a Igreja, é feito de muitos membros individuais. E cada membro é importante. Nenhum membro do Corpo de Cristo pode dizer: ‘não preciso de você’.³⁸

Dessa forma, a providência de Deus uniu o corpo para que ele pudesse servir uns aos outros e edificar a igreja. Além dos membros pertencerem ao mesmo corpo, havia necessidade de um profundo entendimento de que faziam parte uns dos outros, em um tipo de comunidade que compartilha dos mesmos dons, que compartilha a unidade na diversidade.³⁹ Paulo enfatiza com veemência a unidade do corpo de maneira proposital, pois acredita que a diversidade dos membros e suas diferentes funções constituem a essência do corpo de Cristo, ou seja, os membros pertencem um ao outro, de maneira que se completam.

2.3.3 Aceitar Uns aos Outros (Rm 12.16)

O apóstolo Paulo usa várias vezes essa expressão ao longo de suas diferentes cartas (Rm 15.5; 2 Co 13.11; Fl 2.2; 4.2; 3.16). É necessário que os crentes de Roma também recebam essa exortação, pois Paulo queria que houvesse um despertar nas relações com aqueles que não pertenciam à comunidade. Sua orientação é com relação à harmonia das ideias, mas, para isso, eles precisavam abrir mão de suas próprias opiniões e sacrificar suas razões.⁴⁰ Paulo quer mostrar que a virtude do corpo se acha nas relações com aqueles que não fazem parte de maneira natural, e nessa categoria encontram-se os inimigos. Os crentes deviam mostrar uma inclinação para com aqueles que eram contrários às suas ideias e procurar a paz com os seus perseguidores, fazendo uso da bondade e humildade.⁴¹ Conforme Murray,

Paulo falava sobre a harmonia que terá referência mais ampla do que a mera simpatia contemplada no versículo anterior. Há certa diferença entre possuir o ‘mesmo sentir de uns para com os outros’ (Rm 15.5) e o ter ‘o mesmo sentimento uns para com os outros’. Esta última cláusula indica a ideia que cada indivíduo deve entreter no tocante aos outros, exigindo que haja concórdia neste intercâmbio mútuo de pensamentos [...]. Que nenhum sentimento discordante seja mantido nestas relações recíprocas.⁴²

O convite de Paulo era para um convívio em harmonia, pois tinha conhecimento das diferenças de opiniões. Todavia, essa harmonia só seria possível se a essência do cristão

³⁷ CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos**: versículo por versículo. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 274.

³⁸ GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Tradução de Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006, p. 17.

³⁹ MURRAY, 2003, p. 483.

⁴⁰ LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**: comentário exegético. Tradução de Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969, p. 320.

⁴¹ HENDRIKSEN, William. **Romanos**: comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 562.

⁴² MURRAY, 2003, p. 499.

estivesse consolidada no amor *ágape*, demonstrado de maneira prática através dos relacionamentos.

2.3.4 Julgar Uns aos Outros (Rm 14.13)

A palavra julgar é um verbo, deriva do original grego κρίνω e tem o significado de “separar, selecionar, escolher”; por conseguinte, “determinar”, e assim, “julgar, pronunciar julgamento”.⁴³ Para Almeida, julgar é: “decidir como juiz, dando sentença de condenação ou de absolvição (Êx 18.13; Dt 1.16); castigar (Sl 110.6); censurar; condenar (Mt 7.1; Jo 12.47; Rm 14.3); salvar; defender (Sl 35.24); supor; imaginar; pensar (Lc 7.43; At 8.20, RA)”.⁴⁴ O Dicionário Internacional de Teologia apresenta κρίνω como

termo técnico jurídico, significa “julgar”, “levar a juízo” ou “condenar”. O julgamento, *krima*, pode ser divino ou humano, e os juízes, *ketai*, detentores de cargos oficiais ou pessoas não autorizadas. A autoridade divina judicial é tal que, de modo geral, o julgamento e o seu efeito são considerados um só, de tal modo de *krima* significa não somente “julgamento” como também “condenação”, “reprovação” e “castigo”.⁴⁵

O apóstolo Paulo traz à tona um problema de difícil solução nesse contexto: o relacionamento entre os irmãos na fé. Eles estavam em desacordo na forma de pensar em algumas questões espirituais, e Paulo os classifica como os fortes e os fracos na fé.⁴⁶ Aqueles considerados por Paulo como os crentes fracos estavam em pecado, pois estavam julgando. O problema dos crentes fortes era o desprezo. Nenhuma das categorias estava de acordo com o viver em comunidade. Os crentes de Roma estavam exercendo julgamento e condenação de uns para com os outros, quando a proposta de Paulo era de viver de forma amigável no ambiente cristão.⁴⁷ Esse exercício deliberado de julgar uns aos outros não andava em consonância com o amor, pois nem fortes nem fracos se encontram em tais condições. O apelo de Paulo é destacado neste caso, como o que não pode existir no âmbito do uns aos outros.

2.3.5 Edificar Uns aos Outros (Rm 14.19)

O termo é derivado do hebraico *bânâh*, e do grego οἰκοδομεῖν.⁴⁸ Na forma de substantivo οἰκοδομή significa:

“o ato de construir” (formado de *oikos*, “casa”, e “*demo*, “construir”). É usado só figurativamente no Novo Testamento, no sentido de edificação, a promoção de crescimento espiritual – literalmente, “as coisas da edificação” (por exemplo, Rm 14.19; 15.2; 1 Co 14.3,5,12,26); “edifício, construção”, quer material (por exemplo, Mt 24.1), quer figurativo, acerca do futuro corpo

⁴³ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 730.

⁴⁴ KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 99.

⁴⁵ COENEN; BROWN, 2000, p. 1101.

⁴⁶ LOPES, 2010, p. 443.

⁴⁷ LOPES, 2010, p. 445.

⁴⁸ BAUER, 1979, p. 316.

dos crentes (2 Co 5.1), ou de uma igreja local (1 Co 3.9), ou da Igreja inteira, “o Corpo de Cristo” (Ef 2.21).⁴⁹

A edificação mútua é o resultado da exortação de Paulo, pois apresenta a igreja como um edifício, bem fundamentado, unido e em constante construção, que tem como base o amor e o serviço.⁵⁰ O apelo de Paulo é para que os irmãos sejam promotores da verdadeira paz, fundamentada e estabelecida por Deus, por intermédio de Jesus Cristo. No pensamento de Paulo, a edificação é uma via de mão dupla, pois:

o próprio Deus, os seus apóstolos e outros ministros, como também todos os membros da igreja, estão empenhados na edificação não só da igreja como tal, mas também na edificação, na fé e na obediência de cada membro distinto. É verdade que tanto a edificação da igreja como a edificação dos membros individuais são dois aspectos do mesmo processo; o processo, no entanto, dificilmente será entendido na sua verdadeira totalidade, se um ou outro aspecto tiver a atenção concentrada sobre ele de forma tal que o outro fique esquecido. Que enquanto edificar é atividade humana, não se pretende apenas que o seja numa só direção.⁵¹

A partir desse pensamento, a igreja seria capaz de promover o crescimento e o amadurecimento na fé, onde os mais fracos aprenderiam com os mais fortes, e os mais fortes deveriam amar os mais fracos. O resultado é o partilhar de maturidade, desenvolvimento constante e paz.⁵² Ao incitar a edificação de uns aos outros, Paulo abre o leque para novas possibilidades, onde todos são responsáveis pelo crescimento e edificação do corpo, com a finalidade de chegar à unidade da fé. Aqui todos são valorizados, pois na medida em que operam em conjunto, desenvolvem-se em direção à mutualidade.

2.3.6 Acolher Uns aos Outros (Rm 15.7)

Para que a unidade da fé seja atingida, é necessário que tanto judeus quanto gentios estejam com o mesmo pensamento, pois a unidade da igreja é essencial para que Deus seja glorificado. Pohl observa que:

esse trecho retoma mais uma vez a exortação que estava sendo tratada desde Rm 14.1, elevando-a, porém, a um nível diferente. Não se pensa mais em termos individuais como até aqui (o irmão, suas opiniões, sua aceitação, seu vínculo pessoal com o Senhor, sua consciência, seu tropeço etc.), mas em termos de grupo.⁵³

O apóstolo Paulo dá prosseguimento ao seu discurso de Romanos 14, porém com uma ênfase ainda maior: ele quer lembrá-los de que o objetivo é a glorificação de Deus. Ao glorificar a Deus, eles estariam glorificando a igreja e os irmãos. Segundo o Dicionário de Paulo,

⁴⁹ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 582.

⁵⁰ HENDRIKSEN, 2001, p. 613- 614.

⁵¹ CRANFIELD, 2005, p. 313.

⁵² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Volume I.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 733.

⁵³ POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: comentário esperança.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999, p. 235.

a glorificação da igreja acontece especificamente quando os fiéis são “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29), [...] Participar da “comunhão com seus sofrimentos” é a maneira como os fiéis experimentam “o poder de sua ressurreição” (Fl 3.10; cf. 2 Co 1.5); para os que aspiram a ser glorificados com Cristo, a condição é, por enquanto, participar “dos seus sofrimentos” (Rm 8.17).⁵⁴

O presente versículo é, para Paulo, o de maior importância, pois ele retrata qual a conclusão a que o apóstolo queria chegar, desde Rm 14. 1 até Rm 15.6. O apelo do apóstolo é resumido, nesse versículo, com palavras no modo imperativo. O verbo acolhei,

é o imperativo fundamental desta passagem. É a igreja como um todo interpelada (é usada a segunda pessoa do plural e não se insere nenhum vocativo particularizador), e a implicação é que a comunidade cristã em Roma, em conjunto, é forte e que os fracos são minoria - muito provavelmente minoria razoavelmente pequena. Eles devem aceitar os fracos na fé, acolhê-los na sua amizade, reconhecendo-os francamente e sem reservas como irmãos em Cristo.⁵⁵

Para Paulo, da mesma forma como Cristo os havia aceitado, cada um deveria ter a mesma atitude. Judeus e gentios deveriam aprenderem a viver o *uns aos outros* no seu cotidiano, de maneira que seriam capazes de se aceitarem mutuamente e dessa forma passariam a glorificar a Deus.

2.3.7 Aconselhar Uns aos Outros (Rm 15.14)

Aconselhar é um verbo que tem origem no hebraico - *yã'ase* significa: ‘avisar, consultar, dar bom conselho’, que ocorre cerca de 80 vezes em todo o AT.⁵⁶ O apóstolo Paulo, ao admitir que os cristãos de Roma formam um grupo capaz de agir e viver em comunhão, deixa claro seu apreço, cordialidade, justamente porque sabia das “correntes judaizantes que existiam dentro, mas também fora, da igreja de Roma”.⁵⁷ Por isso, esclarece que eles seriam capazes de prestar auxílio sem suas orientações ou de qualquer outra pessoa, pois eram dotados de bondade e conhecimento. A união dessas duas forças faz do cristão alguém apto a aconselhar e admoestar alguém. Lopes enriquece o termo, indo até o original grego, onde “a palavra grega *nouthesia*, “admoestação”, é um apelo à mente na qual está presente uma oposição. A pessoa é tirada de um falso caminho mediante admoestação, ensino, lembrança e encorajamento; e sua conduta é então corrigida”.⁵⁸ O autor cita Calvino ao destacar que

aqueles que admoestam devem possuir duas graças especiais: humildade e prudência. Os que se sentem chamados a exortar e ao mesmo tempo desejam ajudar os irmãos com seu conselho devem manifestá-lo tanto pela

⁵⁴ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 601.

⁵⁵ CRANFIELD, 2005, p. 306.

⁵⁶ VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 29-30.

⁵⁷ POHL, 1999, p. 240.

⁵⁸ LOPES, 2010, p. 469.

doçura no rosto como no modo gentil de falar, pois não há coisa pior para a exortação fraternal que a malevolência e a soberba.⁵⁹

Essa exortação final exprime, com todo o cuidado possível, aquilo que o apóstolo acredita que seria possível: abrir mão do passado e avançar na fé, pois para ele a “comunidade não está gravemente ameaçada [...]”.⁶⁰

2.3.8 Saudar Uns aos Outros (Rm 16.16)

As diversas igrejas já mencionadas em outras cartas de Paulo comprovam que elas já haviam difundido o costume de saudar uns aos outros com o “ósculo santo”. Conforme Leenhardt, “supõe-se que a epístola era lida no curso da celebração da Eucaristia, sendo o ósculo santo dado ao final da leitura. Este ato litúrgico expressava a fraternidade que une todos os crentes em Cristo”.⁶¹ Os autores Vine, Unger e White, definem saudar a partir do grego:

Aspazomai (ἀσπάζομαι) significa “cumprimentar, dar as boas-vindas”, ou “saudar”. Em At 25.13, o significado é virtualmente “fazer uma visita de cortesia”. Em At 20.1, é traduzido por “abraçando-os”, ou, como Ramsay traduz: “despedindo-se deles”; em Hb 11.13, acerca de dar as boas-vindas às promessas: “abraçando-as”. O verbo é usado como termo técnico para dar “saudações” no encerramento de uma carta, frequentemente por um amanuense.⁶²

Pohl destaca que Paulo “desafia os fiéis de procedência diversa para um sinal de comunhão intencional: **Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo**, ou seja, com o beijo praticado no culto a Deus”.⁶³ Stott afirma que, após as saudações individuais dadas por Paulo, o apóstolo deixa uma recomendação que todos deviam praticar. Salienta que “embora apenas alguns deles tenham sido saudados pelo nome, *todos eles* devem *saudar uns aos outros com beijo santo*”.⁶⁴

O autor complementa dizendo que esta recomendação era defendida com insistência tanto por Paulo como por Pedro, e que os Pais da Igreja continuaram com esta tradição, sendo que Tertuliano chamou o ósculo santo de “o beijo da paz”.⁶⁵ A saudação com o ósculo santo não era uma imposição do apóstolo, mas uma exortação, para que houvesse uma diferenciação entre as amizades profanas. E esse gesto, sem dúvida, era um sinal do amor de Deus.

⁵⁹ CALVINO, João. **Romanos**: comentários bíblicos João Calvino. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 373.

⁶⁰ LEENHARDT, 1969, p. 374.

⁶¹ LEENHARDT, 1969, p. 392.

⁶² VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 974.

⁶³ POHL, 1999, p. 251.

⁶⁴ STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000, p. 479.

⁶⁵ STOTT, 2000, p. 479.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, vê-se um mundo descontrolado, há desarmonia e guerra entre os povos, pois o padrão de comportamento humano é a desunião, porém o padrão de comportamento do cristão deve ser a mutualidade. O apelo do apóstolo Paulo estava baseado na comunhão e na unidade. A unidade revela a essência de Deus, e é função da igreja a propagação dessa verdade tendo como alicerce o amor. Jesus fez do amor o maior dos mandamentos e um desafio para a Sua igreja, com o propósito de manifestar publicamente as diversas facetas do “uns aos outros”. O amor de “uns pelos outros” estimula o viver em favor dos outros e identifica os membros da comunidade, na medida em que são comparados a um elo, ligados a uma corrente. A função do elo é ligar, unir e há poder na união, sendo este um fator importante, não apenas para compor o corpo de Cristo, mas também para compreender as verdades espirituais de Deus. Paulo estava estimulando os cristãos a fazer todo o possível para que o amor fosse experimentado de maneira prática. Esse é o propósito ao exortar a igreja a buscar esse ideal. Os usos comuns do “uns aos outros” são tão importantes para ele, que não faz menção apenas em Romanos, mas em todas as suas cartas, como sendo de vital importância do viver cristão. A prática do amor, é apontado por Paulo como sendo o elo de ligação entre os irmãos, da mesma forma que os membros são interdependentes do corpo, formando uma unidade física. Todos estão interligados e formam a totalidade do ser humano. Embora haja a diversidade no corpo, ele é uma unidade. Ninguém consegue viver sozinho por muito tempo. O corpo precisa dos membros e cada membro precisa de todos os outros membros. Cada qual é indispensável para que o corpo funcione de maneira saudável, vivenciando o termo uns aos outros.

REFERÊNCIAS

ALLMEN, J. J. Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. 621 p.

BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979. Vol. I, 584 p.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003. 483 p. ‘

CALVINO, João. **Romanos: comentários bíblicos João Calvino**. São José dos Campos: Fiel, 2003. 598 p.

COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos: versículo por versículo**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005. 347 p.

ELWELL, Walter A.; YARBROUGH, Robert W. **Descobrimo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica**. Tradução de Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 448 p.

ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Tradução de Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. 179 p.

GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Tradução de Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006. 160 p.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. 1285 p.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**: comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 704 p.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996. 197 p.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999. 191p.

LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**: comentário exegético. Tradução de Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969. 399 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010. 509 p.

MURRAY, John. **Romanos**: Comentário Bíblico Fiel. São José dos Campos: Fiel, 2003. 684 p.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999. 256 p.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014. 425 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997. 1914 p.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000. 528 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Volume I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.

WILSON, Geoffrey. **Romanos**: um resumo do pensamento reformado. São Paulo: PES, 1981. 227 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A DISCIPLINA MILITAR COMO ESCUSA DE CONSCIÊNCIA The military discipline as exclusion of consciousness

Edmar dos Santos Pedrosa¹

RESUMO

Independente da cultura local, crueldade sempre provocará sentimentos controversos. Não é novidade que alguns seres humanos são mórbidos quando se trata do sofrimento alheio, especialmente quando eles são os causadores. O exército romano era muito eficiente naquilo que fazia, especialmente na aplicação de sanções aos condenados. A rígida disciplina militar os obrigava a adotarem padrões cada vez mais elevados de conduta, inclusive agirem com extrema crueldade em suas ações. Faziam isso em nome de seus comandantes, em nome de sua legião e, acima de tudo, em nome de Roma. Jesus sofreu nas mãos deles e, mesmo tendo motivos de sobra para odiar, perdoou a seus algozes e clamou pelo perdão do Pai, sob a justificativa de que eles não sabiam o que faziam. Não sabiam a gravidade pecaminosa de suas ações, pois as cumpriam *ipsis literis*. Não é por acaso que os romanos formaram um dos maiores, senão o maior exército da Antiguidade. Tudo isso se deve à estrita disciplina de suas tropas. No drástico evento da crucificação de Jesus, contrariando as expectativas humanas, Ele lhes perdoa ao invés de os condenar, os ama ao invés de odiar. Ele era Deus, mas também era homem. O motivo que o levou a agir assim é alvo deste trabalho, bem como descobrir as razões que levaram homens a agirem com tamanha crueldade. A disciplina militar está por trás destas questões e, pelo menos no caso dos legionários romanos, serviu-lhes de escusa² de

¹ Doutorando em Tocoginecologia pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná), Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas. E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

² Es.cu.sa *sf* (*der* regressiva de *escusar*) **1** Ato de escusar, ou dispensar. **2** Desculpa. **3** Pretexto. **4** *Dir* Dispensa de um encargo, que a lei concede por motivo justo. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=escusa>. Acesso em 06 abr. 2016.

consciência, chamando a atenção do servo sofredor, entregue em suas mãos para ser morto.

Palavras-Chave: Crucificação. Exército Romano. Disciplina Militar. Escusa de Consciência.

ABSTRACT

Regardless of local culture, cruelty will always be something that causes mixed feelings in people. Unsurprisingly some humans are morbidly when it comes to other people's suffering, especially when they are the cause. The Roman army was very efficient in its duty, especially in the application of sanctions to the convicted. The rigid military discipline requires us to adopt higher standards of conduct, including, act with extreme cruelty in their actions. They did this on behalf of their commanders, on behalf of his legion and above all in name of Rome. Jesus suffered in their hands, and, even though plenty of reasons to hate, He forgave his executioners and called for forgiveness of the Father, on the grounds that they did not know what they were doing. They did not know the sinful gravity of their actions. It is not for nothing that the Romans formed one of the largest, if not the greatest army of antiquity. All this is due to the strict discipline of his troops. In the dramatic event of Jesus' crucifixion, contrary to human expectations, He forgives instead of condemning, loves instead of hating. He was God, but he was also a man. The reason that led Him to do so is the subject of this paper, and also find out the reasons that lead men to act with such cruelty. Military discipline is behind these questions, and, at least in the case of Roman legionaries, served them as a excuse for the consciousness, calling the attention of the suffering servant, delivered into his hands to be killed.

Keywords: Crucifixion. Roman Army. Military Discipline. Excuse of Consciousness.

INTRODUÇÃO

Uma questão que enaltece o amor de Jesus pela humanidade e ao mesmo tempo aquece, senão o ódio, pelo menos o desconforto das pessoas, é o relato bíblico do perdão concedido por Ele aos seus executores nos momentos finais de seu martírio. *“E, quando chegaram ao lugar chamado a caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”* (Lucas 23.33-34).

Beira a redundância dizer que Jesus proferiu aquelas palavras por amor aos homens, incluindo seus opositores e inimigos. Todavia, refletir sobre os motivos que levaram aqueles militares romanos a aplicarem tamanho castigo ao Messias deve ser motivo de acurada pesquisa, uma vez que, ou eram homens absolutamente cruéis, que agiram movidos pela morbidez e sadismo, ou eram profissionais exemplares, cumprindo com afinco e dedicação sua função legalmente instituída.

O presente trabalho pretende lançar luz sobre esta aparente contradição e tentar apontar o que motivou aqueles homens a infligirem tamanho sofrimento em Jesus que, humanamente, estava indefeso e não tinha qualquer condição de reação. O mestre permitiu-se passar pelo que passou e sofrer o que sofreu para remissão dos pecados da humanidade que nele cria ou viesse a crer. No entanto, a forma pela qual sofreu e morreu, merece uma

atenção especial, pois Ele encerrou seu suplício clamando perdão pelos seus carrascos, os quais eram muitos.

A disciplina militar, valor inegociável no seio das tropas constituídas desde aquele período histórico, pode ter sido uma boa razão para tudo o que aconteceu. Homens motivados naquilo que fazem são extremamente eficientes quanto aos resultados obtidos. Torturar e matar Jesus não foi uma missão das mais difíceis a ser executada pelos legionários, uma vez que tinham experiência de sobra nesta área, vez que as execuções por cruz foram constantes no Império Romano.

Mas será que não tinham consciência do erro e crueldade daqueles atos que praticavam? Em caso de resposta positiva ou negativa, o cumprimento do dever, possivelmente lhes tenha cegado o entendimento, enquanto que a disciplina cerrou-lhes a possibilidade de agirem de maneira contrária às ordens recebidas; talvez por isso, Jesus os tenha perdoado, pois, de uma forma ou de outra, eles não sabiam o que estavam fazendo.

Importante tentar compreender porque Jesus, depois de sofrer tanto nas mãos daqueles homens, olha para eles ternamente e perdoa-lhes o pecado ao não ver “maldade” ou hipocrisia em seus atos, mas uma lealdade cega a Roma. A disciplina alcança este poder nas pessoas, fazendo-as cumprir ordens das mais variadas naturezas, sem ao menos questionar sua legitimidade ou necessidade, uma vez que a legalidade era notória. Para um militar disciplinado é simples assim!

1. DISCIPLINA MILITAR

A Hierarquia e a Disciplina são as bases de qualquer instituição militarizada, o que não é exceção nas forças militares brasileiras, conforme definido no Estatuto dos Militares.³ Isso, provavelmente, se deve à origem do Direito Militar, bem como à estruturação das Forças Armadas nacionais, que remontam ao Império Romano, o qual consagrou-se historicamente pela coragem disciplinada. O Direito português, que no Brasil “aportou”, tem matrizes romanas, conforme assevera Univaldo Corrêa.⁴ *Vegitius*, historiador militar antigo, ao perceber a deterioração do exército romano quanto à disciplina, escreveu:

Esses exércitos foram grandes porque eram altamente disciplinados [...] a vitória na guerra não depende só de número ou de coragem, apenas destreza e disciplina assegurarão a vitória. Sabemos que os romanos devem a conquista do mundo ao seu contínuo treino militar, à observância meticulosa da disciplina nos acampamentos e ao cultivo incansável das outras artes de guerra.⁵

³ Lei Federal nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980.

⁴ CORRÊA, Univaldo. A evolução da Justiça Militar no Brasil – alguns dados históricos. In: **Direito Militar**: história e doutrina – artigos inéditos. Florianópolis: AMAJME, 2002, p. 15.

⁵ MCDOWELL, Josh. **As evidências da ressurreição de Cristo**: os fatos históricos comprovam a ressurreição de Cristo. São Paulo: Candeia, 1999, p. 80.

Na Palestina da época de Jesus, os romanos exerceram um domínio total sobre as estruturas sociais, impondo a justiça *castrense*⁶ à população civil e militar, sendo esta exercida pelos cônsules, com poderes de *imperium majus* e, logo abaixo deles, era executada pelos tribunos, que possuíam a atribuição chamada de *imperium militae*, a qual unia justiça e comando em torno de si.⁷

A manutenção da disciplina entre militares é deveras fundamental, funcionando como importante instrumento de controle das tropas, tanto que se dizia na Antiguidade: “a disciplina é a primeira qualidade do soldado, o valor é apenas a segunda.”⁸ Dessarte, importante se faz conceituar o que vem a ser disciplina:

É a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo.⁹ É a constatação de valores regentes da carreira militar, valores estes, elevados a princípios basilares das Forças Armadas.¹⁰

Para um militar romano, disciplina era questão severa. O escritor Tucker narrou que, quando um soldado se juntava a sua unidade, fazia um juramento solene de que obedeceria lealmente ao seu comandante-chefe, o Imperador, representado por seus subordinados, seus oficiais imediatos. Além disso, esse juramento era repetido a cada 1º de janeiro e na data comemorativa da ascensão do Imperador.¹¹

1.1 Datum Perficiemus Munus¹²

O homem que não entende a natureza do problema com que se defronta está condenado ao fracasso.¹³ O abismo cultural e temporal transcorrido entre os fatos envolvendo a tortura e morte de Cristo e os dias atuais, remetem os leitores, pelo menos os mais desavisados, a imaginarem que os legionários agiram por pura maldade e sadismo, quando, na verdade, cumpriram integralmente seu dever legal imposto. A religião cristã parece ter confrontado algo sagrado demais para os romanos, sua devoção a César.¹⁴

Visto que a religião cristã, em rápido crescimento, exigia exclusiva lealdade moral e espiritual daqueles que aceitavam a Cristo, quando era preciso

⁶ A palavra “castrense” origina-se do vocábulo “castra”, *castrorum* do latim, que significa acampamentos militares (NEVES, Cícero Robson Coimbra. **Manual de direito penal militar**. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 36).

⁷ NEVES, 2012, p. 37.

⁸ CHAVES Jr, Edgard de Brito, apud ROTH, Ronaldo João. *Justiça Militar*, cit., p. 7.

⁹ ROCHA, Abelardo Júlio; et. al. **Regulamento disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo**. São Paulo: Suprema Cultura, 2007, p. 28.

¹⁰ NUCCI, Guilherme de Souza. **Código penal militar comentado**. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 3.

¹¹ Tucker, T. G. *Life in the Roman World of Nero and St. Paul*, p. 342.

¹² **Legio XVI Flavia Firma** (ou décima sexta legião) foi uma legião romana criada em 70 d.C. por Vespasiano. O lema da Legio XVI era “*Datum perficiemus munus*” (Missão dada, missão cumprida).

¹³ LLOYD-JONES, D. M. **O soldado cristão**. São Paulo: PES, 1996, p. 12.

¹⁴ César. Nome de uma dinastia de líderes romanos, que se iniciou com a família juliana. O César mais famoso foi Caio Júlio César (102-44 a.C.). (GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 111-112).

escolher entre a lealdade a Cristo e lealdade a César, este era colocado em segundo plano. Os líderes romanos, empenhados em preservar a cultura clássica dentro da estrutura do império estatal, consideravam isso uma deslealdade para com o Estado, e achavam que os cristãos estavam tentando fundar um estado dentro do Estado. Ou o Estado universal ou a Igreja Universal, o corpo de Cristo, teria de ceder. A soberania exclusiva de Cristo confrontou-se com as reivindicações de César à soberania exclusiva.¹⁵

Para alguns, disciplina é um valor enaltecido à categoria de virtude pessoal. Neste ponto, os romanos possuíam muitas virtudes, pois tudo que faziam, praticavam com extrema disciplina. Para Lloyd Jones, o significado de disciplina é “vigor” ou “energia moral”, sendo uma palavra que descreve “a força da alma”.¹⁶ Definição bem apropriada para os padrões do exército romano.

A título de exemplo, disciplina faz parte da vida de qualquer atleta profissional, e não só deles, mas de qualquer homem, afinal de contas, quando um homem não consegue dominar-se, certamente não conseguirá lidar com um inimigo, de maneira que a disciplina é absolutamente essencial num exército, é uma das qualidades mais importantes. Um exército sem disciplina já está derrotado, torna-se uma multidão desordenada.¹⁷

De alguém disciplinado, a única coisa que se pode esperar é que cumpra de forma exata e fiel sua obrigação imposta. Se a obrigação for prevenir algum mal, espera-se que nada de errado aconteça no setor onde aquela pessoa é responsável. De alguém que realiza uma cirurgia, espera-se que o doente encontre cura completa para sua enfermidade, depois de passar pelas mãos daquele profissional. E de alguém que, legalmente, tem o dever de torturar e matar um criminoso condenado, o que se espera que faça?

Swindoll provoca seus leitores a pensar naquelas pessoas “invisíveis” da história humana, naquelas que poucos ou ninguém se lembra – e são muitas.

O que dizer do mecânico que faz a manutenção do avião que você pegará para um voo de duas horas? Ou da pessoa encarregada de acompanhar o percurso de sua bagagem nos aeroportos internacionais por onde você for a negócios? Você espera que sejam pessoas competentes e que consigam localizar suas malas facilmente. E quanto ao soldado que está de sentinela no turno da meia noite às três da manhã, garantindo o sono tranquilo de seus colegas, em zona de perigo? Você espera que ele se mantenha acordado e alerta.¹⁸

Tudo isso representa a mais pura essência da disciplina – cumprir rigorosamente bem a missão que lhe foi incumbida. Era o que se esperava dos soldados romanos responsáveis pela execução de Jesus. O Messias sabia disso, tanto que, diante dos sofrimentos infligidos preferiu a famosa e impactante afirmação: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Aqueles homens estavam motivados a fazer o que deviam, seja pelo medo das sanções, caso

¹⁵ CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 75.

¹⁶ LLOYD-JONES, 1996, p. 89.

¹⁷ LLOYD-JONES, 1996, p. 91.

¹⁸ SWINDOLL, Charles R. **Vidas incríveis**: histórias fascinantes sobre vidas esquecidas – redescobrimo figuras importantes do Antigo Testamento. Barueri: Ágape, 2013, p. 18.

falhassem, ou mesmo pela rígida disciplina que seguiam, mas, certamente, tinham uma boa motivação para agir daquela maneira, pois motivação é o conjunto de fatores que impulsionam o comportamento do ser humano para a realização de um objetivo.¹⁹

1.2 Estrito cumprimento do dever militar

Como aqueles legionários eram militares romanos, agiram em conformidade com as ordens vigentes para suas funções, ou seja, foram disciplinados em suas ações ao observarem rigorosamente as normas vigentes de forma integral, cumprindo perfeitamente o dever a eles imposto. Eram soldados disciplinados que viviam sob um regime férreo e com sanções graves de aplicação imediata.²⁰ De um homem assim, espera-se que cumpra bem a ordem recebida sem questioná-la – parece ter sido exatamente o que aconteceu.

Tanto é verdade que, desde a época do Império Romano até os dias atuais, o lema conhecido e adotado por qualquer militar em atividade é “Missão dada é missão cumprida” até porque “Ordem não se discute, se cumpre!”.

Assim sendo, os legionários componentes do destacamento em serviço no pretório²¹, aproximadamente 600 homens, receberam ordens para maltratar Jesus, aplicando-lhe toda forma de tortura e maus tratos, que foram desde escárnios com cusparadas em seu rosto, socos, pontapés, ofensas morais até uma longa sessão de açoites (Mt 27). Todos estes atos eram, no costume da época, normais e até exigidos dos executores, que concluíam suas ações com escarnecimentos, como de fato ocorreu com Jesus.²²

Não há, portanto, o que se falar em culpabilidade por parte daqueles legionários romanos na ação perpetrada contra Jesus. Era exatamente aquela conduta esperada de cada um que participou da tortura e morte do Messias. A isso se chama de princípio da culpabilidade, o qual impõe observar se perante o agente havia exigibilidade de conduta diversa da que adotou ou se ao mesmo era inexigível conduzir-se da forma como o fez.²³ Fato que não se aplicou à ação daqueles militares.

Para que houvesse a culpabilidade dos algozes executores de Jesus, seria necessário, sob as lentes do direito militar romano, que eles tivessem adotado uma conduta reprovável, censurável, criminosa e somente se eles pudessem agir de acordo com o direito e não o tivessem feito.²⁴ Eles só poderiam ser punidos se sua conduta fosse culpável, uma vez que esta é uma condição obrigatória para aplicação de uma sanção.

É necessário lembrar ainda que, para terem adotado uma conduta culpável e, conseqüentemente punível, eles precisariam ter potencial consciência da ilicitude daquele ato

¹⁹ DUARTE, Noélio. **O incrível poder da motivação**: as fábulas como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e profissional. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 31.

²⁰ CORRÊA, 2002, p. 9.

²¹ Residência oficial do governador em Jerusalém, provavelmente localizada na fortaleza Antônia. A Coorte romana era formada por 600 homens (MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 1310).

²² MCDOWELL, 1999, p. 65.

²³ VANDER, Ferreira de Andrade. **Direito penal**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004, p. 20.

²⁴ VANDER, 2004, p. 150.

praticado. No entanto, não tinham esta consciência, pois o ato era legal e obrigatório sob as ordens de autoridade constituída.

O que parece ter acontecido foi que aqueles pretorianos não tiveram uma falsa percepção da realidade, causa esta de exclusão da culpa, mas agiram no estrito cumprimento do dever legal a eles imposto, não só cumprindo sua obrigação, como fazendo-a com extrema maestria, basta notar o curto período em que Jesus suportou os sofrimentos a ele infligidos antes de entregar o espírito – apenas seis horas (Mc 15). Alguns teorizam os motivos:

A documentação histórica romana estabelece que desde a prisão até a morte de Jesus na cruz transcorreram 24 horas, e que, uma vez crucificado, sobreviveu [...] horas, quando alguns crucificados duravam inclusive vários dias, sinal [...] da intensidade das torturas prévias às que foi sujeito.

As punções em todo o couro cabeludo assinalam que não foi uma coroa, mas uma espécie de capacete denso de espinhos que Jesus levou na cabeça [...] Provavelmente teve o nariz fraturado por um golpe e o ombro direito esfolado pelo peso do *patibulum*, a parte horizontal da cruz, cujo peso era entre 40 e 50 quilogramas [...] Segundo os estudos, a flagelação foi realizada ao estilo romano, com um *flagelum*, um látigo que partia de um pedaço de madeira e cujas caudas terminavam em bolas de chumbo.

Ambos os joelhos foram esfolados até a rótula pelo efeito das quedas e o peso do lenho da cruz. Os pregos atravessaram os pulsos de Cristo passando entre os ossos, enquanto que para os pés, postos um sobre o outro, usou-se um único prego que entrou pelas impigens, local onde o pé é mais largo.²⁵

Na história recente da humanidade, fato semelhante pôde ser constatado no julgamento de um importante líder nazista, *Adolf Eichmann*, que foi considerado um dos principais organizadores do holocausto. Ao ser julgado e condenado por seus atos, ele pede clemência tentando não ser morto, sob alegação de ter agido disciplinadamente, ou seja, cumpriu o dever que lhe era imposto: "Deve-se estabelecer uma divisão entre os líderes responsáveis e pessoas como eu, forçadas a servir como meros instrumentos nas mãos dos líderes", afirma *Eichmann* no documento. "Eu não tinha a responsabilidade de um líder e, de tal forma, não me sinto culpado."²⁶

O condenado, firmando seu entendimento, completou: "Não sou capaz de reconhecer a decisão da corte como justa e peço à vossa excelência que exercite seu direito de conceder o perdão e ordene que a minha sentença de morte não seja levada adiante", afinal de contas, na visão dele, seus atos não foram maus, já que estavam acobertados pelas leis de seu país. Para ele, a disciplina serviu de escusa de consciência pessoal, mas não para seus julgadores, pois *Adolf Eichmann* acabou sendo enforcado em torno da meia-noite do dia 31 de maio de 1962.

²⁵ Disponível em <http://cleofas.com.br/csi-jesus-de-nazare-a-crucificacao-vista-por-um-legista/> Acesso em 24 mar. 2016.

²⁶ Disponível em <http://www.dw.com/pt/israel-divulga-pedido-de-clem%C3%Aancia-de-criminoso-nazista/a-19008029>. Acesso em 06 abr. 2016.

2. A MAIS IGNÓBIL DAS MORTES

Por mais cruel que possa parecer aos olhos da cultura ocidental deste século, os legionários daquela época apenas cumpriram cabalmente com seu dever. Para eles, Jesus não passava de um criminoso condenado à morte e lhes entregue para sofrer o suplício final. A função militar deles criava um vínculo estreito com a pátria e o sentimento de sua preservação e defesa.²⁷ Jesus foi acusado de tentar usurpar o lugar pertencente a César, um crime de “lesa-pátria”²⁸ e, por ser assim, era visto como algo inadmissível àqueles militares.

Pilatou tomou a decisão de condenar Jesus, justamente por temer que aquela acusação pudesse, de alguma forma, ser verdadeira e, neste caso, ele teria que enfrentar a fúria do tempestuoso Tibério, seu superior imediato, em razão da sua iminente prevaricação, fato que o fazia temer da cabeça aos pés.²⁹ Desta forma, tanto ele quanto os militares exerceram sua função pública, visando à realização dos fins do Estado romano, satisfazendo um interesse da coletividade, que clamava “Seja crucificado!” (Mt 27).

Função pública existe quando alguém está **investido no dever** de satisfazer dadas finalidades em prol do **interesse de outrem**, necessitando, para tanto, manejar os poderes requeridos para supri-las, e que consiste no dever de o Estado, ou quem aja em seu nome, **dar cumprimento fiel**, no caso concreto, aos comandos normativos, de maneira geral ou individual, sob regime prevalente de direito público, por meio de atos e comportamentos controláveis internamente, bem como externamente.³⁰

Todo militar deve ser cômico de seus deveres, dentre eles o da dedicação e fidelidade à pátria, a lealdade em todas as ocasiões, a disciplina e o respeito à hierarquia, o cumprimento das obrigações e ordens. Aliado a isso tudo, deve o militar observar o patriotismo e apego à instituição em que serve, sendo irrepreensível quanto ao sentimento de dever.³¹ A religião e a adoração religiosa, de acordo com a fórmula estabelecida pelo Estado, eram dever cívico, de maneira que, para um romano, César controlava Deus.³²

A morte por crucificação tornou-se um dos mais infames e cruéis métodos de tortura da época antiga. Foi praticado pelos persas em larga escala, pelo exército helênico de Alexandre, o Grande, no Egito e em Cartago, sendo que, destes últimos, os romanos aprenderam o costume, transformando-o na mais cruel e horrenda das torturas a ponto de até os romanos se compadecerem de suas vítimas.³³

Durante a república de Roma, alguns generais ameaçaram o poder do Senado, dentre eles, Sila, que se autoproclamou ditador no ano 81 a. C. Para complicar ainda mais a situação, em 73 a.C., cerca de 40 mil escravos,

²⁷ ASSIS, Jorge Cesar. **Curso de direito disciplinar militar**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 59.

²⁸ Crime contra o poder soberano de um Estado. *lesa-pátria* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lesa-pátria>. Acesso em 30 mar. 2016.

²⁹ MCDOWELL, 1999, p. 60.

³⁰ ARAUJO, 2012, p. 282.

³¹ ASSIS, 2013, p. 59.

³² DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 41.

³³ MCDOWELL, 1999, p. 62-63.

liderados pelo gladiador Spartacus, iniciaram a Terceira Guerra Servil, cuja horda de escravos, contava, inicialmente, com 70 gladiadores foragidos, e acabou crescendo, no final reunindo 200 mil escravos rebeldes, que saqueavam as cidades romanas encontradas no caminho e combatiam o exército romano.

Quando eles toparam com o General Marco Licínio Crasso, em 71 a.C., perto do Rio Sele em Lucania, a batalha aconteceu, e 60 mil escravos, incluindo Spartacus foram impiedosamente aniquilados (o corpo de Spartacus nunca foi encontrado). Os romanos perderam mil homens nessa batalha, porém **6 mil escravos foram capturados e crucificados em um só dia**, ao longo da Via Apia (que leva Roma a Cápuia). O fato entrou para a história, como a maior crucificação já realizada na História da humanidade.³⁴

Esta certamente era uma morte digna a ser aplicada a um usurpador do trono de César, embora Jesus nunca tivesse clamado para si este status, mas foi indevidamente acusado pelos líderes judaicos (Lc 23), pois estes sabiam que há pelo menos dez anos, o furioso Tibério declarou que um juiz poderia executar qualquer pessoa que se rebelasse contra Roma.³⁵ Isso justifica o sentimento acovardado e receoso de Pilatos, antes de proferir a sentença final contra Jesus.

2.1 Jesus sabia que seria assim

Jesus, sendo Deus, certamente sabia de tudo que lhe aconteceria e de como as coisas se desenrolariam a partir de sua derradeira entrada em Jerusalém. Não lhe era novidade a forma brutal e disciplinada com a qual os soldados romanos agiam. Sua iminente execução angustiou-lhe profundamente a alma, pois tinha perfeita noção do que lhe aconteceria a partir do momento de sua prisão, afinal, além de ser Deus, Jesus como homem cresceu em meio à presença e ao poderio romano, sabendo detalhadamente como eles agiam.

No Getsêmani, Jesus exteriorizou de forma clara e dramática este sentimento de temor. Ao chamar seus discípulos para com ele orar, abriu o coração ao dizer que sua alma estava tão triste ao ponto de morrer e em seguida ergueu a voz ao céu pedindo para que o Pai afastasse Dele aquele cálice (Mt 26; Mc 14; Lc 22). Sabia que não seria uma execução discreta, agradável e tranquila – e de jeito nenhum o foi.

Por outro lado, todos aqueles eventos envolvendo a sofrida morte de Jesus, foram profetizados séculos antes, notadamente, de forma mais marcante, nos escritos do profeta Isaías, que retratou o Messias como sendo o servo sofredor.

Ele faz uma obra para o benefício de Israel e das nações [...] Os judeus nos tempos do Novo Testamento aplicaram estas passagens ao Messias, embora evitassem atribuir os sofrimentos a Ele. Isto levou o próprio Jesus a identificar o Messias como o servo sofredor que derramaria o seu próprio sangue e morreria como um resgate pelos pecadores e se levantaria de entre os mortos novamente.³⁶

³⁴ Disponível em <http://www.gazetadebeirute.com/2013/06/a-maior-crucificacao-da-historia-da.html> . Acesso em 08 abr. 2016.

³⁵ MCDOWELL, 1999, p. 63.

³⁶ HORTON, Stanley, M. **Isaías o profeta messiânico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 554.

Conforme narrado por aquele profeta, o Servo do Senhor sofreria (52.13), fazendo ali uma previsão dos sofrimentos que adviriam a Cristo, todos ligados a sua crucificação e tendo como resultado que as bênçãos da redenção concedidas a partir dali, estender-se-iam a todas as nações (Romanos 15.21).³⁷

Como Jesus tinha prévio e amplo conhecimento do que lhe aconteceria, bem como dos motivos que levariam, não seus acusadores mentirosos (Fariseus), muito menos seus julgadores acovardados (Romanos), mas seus executores disciplinados (Militares), a executarem-no, Ele não só lhes perdoou como também clamou ao Pai pelo perdão a eles. Fez isso, simplesmente porque eles não sabiam o que estavam fazendo, apenas cumpriam rigorosamente ordens recebidas de seus superiores hierárquicos. A disciplina deles serviu como escusa de consciência por aquele ato cruelmente praticado.

2.2 Estêvão, o discurso do “protomártir”

Citação semelhante àquela de Jesus no momento de sua tortura e preparação para crucificação, ocorreu com Estêvão. Segundo o relato bíblico, ele foi escolhido pelos membros da igreja por ser homem de boa reputação, cheio do Espírito Santo e de sabedoria, para desempenhar o importante ofício da *διακονία*³⁸ (diaconia).

(Gr. “riqueza” ou “coroa”). É um dos personagens mais proeminentes do Novo Testamento. O seu discurso é o mais longo do livro de Atos (At 7.2-53) [...] Sua mensagem era acompanhada de maravilhosas demonstrações do poder de Deus, que lhe davam condições de operar “prodígios e grandes sinais entre o povo” (At 6.8) [...] O discurso de Estêvão diante do Sinédrio é uma memorável recapitulação da história judaica e uma defesa ousada da fé cristã diante de seus acusadores.³⁹

Este homem, diácono da igreja primitiva e cristão exemplar, tem uma história de suplício muito próxima à de Cristo. Ele falou a verdade diante de seus acusadores, teve as vestes arrancadas de si, clamou em alta voz, entregou seu espírito citando o Salmo 31 e, acima de tudo, em meio ao injusto julgamento e a crueldade de seus executores, simplesmente perdoou-lhes quando, de joelhos, clamou ao Pai para que não lhes imputasse aquele pecado (At 7).

O testemunho de Jesus, ao ser torturado e obrigado a andar rumo à cruz, trouxe salvação ao Centurião. Da mesma forma, o martírio⁴⁰ de Estêvão, que foi atacado, arrastado

³⁷ WALVOORD, John F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2000, p. 102-103.

³⁸ A palavra grega assim transliterada *diákonos* (muitas vezes traduzida por ministro ou servo) ocorre cerca de trinta vezes no Novo Testamento e suas derivações aparecem setenta vezes mais. Basicamente, *diákonos* é um servo, e frequentemente um servente de mesas, ou garçom, podendo ser aplicado também a um assistente na obra evangelística. No Novo Testamento, entretanto, o termo nunca perdeu inteiramente sua conexão com o suprimento de necessidades e de serviços materiais (DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 418).

³⁹ GARDNER, 2005, p. 197.

⁴⁰ Cf. Atos 22.20, “mártir” significa testemunha.

para fora da cidade e apedrejado até a morte, provavelmente foi um dos “agulhões” que levaram Saulo de Tarso a Cristo.⁴¹

Enquanto o jovem Saulo, em pé, olhava o que estava acontecendo, com todas aquelas vestes empilhadas a seus pés (7.58), ouviu as palavras de Estevão e o viu morrer. Uma impressão tão profunda isso causou nele que nunca mais se apagou de sua mente. Anos mais tarde, o próprio Saulo estava sendo julgado perante o mesmo Sinédrio e pela mesma razão pela qual Estevão havia morrido, ele também fez grandes discursos, seguindo muito de perto o mesmo plano daquele discurso que Estevão havia feito e do qual nunca havia conseguido esquecer.⁴²

Aquele grande líder farisaico presenciou muitas prisões, torturas e mortes, mas não igual àquela. Possivelmente, o que trouxe salvação a Saulo foi ter comandado a todo aquele injusto julgamento e execução e ouvir dos lábios do condenado – Pai, perdoa-lhes. É provável que Saulo, bem como os demais membros do Sinédrio⁴³, não sabiam o que faziam. Apenas cumpriram, disciplinadamente, sua obrigação e aquilo que acreditavam ser o mais correto a fazer, tanto que Paulo testemunhou, posteriormente, dizendo que Deus não levou em conta os pecados cometidos no tempo da ignorância (At 17).

Saulo, posteriormente chamado de Paulo, sabia bem o que dizia, pois, como membro daquele alto tribunal, adotava práticas extremamente legalistas. Ele mesmo conta ao rei Agripa: “Durante muito tempo eu os castiguei em todas as sinagogas e os forcei a negar a sua fé. Tinha tanto ódio deles, que até fui a outras cidades para persegui-los” (At 26.11). O testemunho de conversão de Paulo ganha muito mais realce na Nova Tradução na Linguagem de Hoje: “Eu “era” fariseu... Eu “era” tão fanático, que persegui a Igreja” (Fp 3.5-6).⁴⁴

A disciplina serviu de escusa de consciência a Saulo de Tarso e, por isso, Deus não levou em conta os atos por ele praticados naquele fatídico evento. Dessarte, escusa de consciência não significa inocência ou absolvição de pecados.

Diante do sofrimento, Estevão orou pedindo perdão por seus algozes e disciplinados executores, ecoando, mais uma vez, as palavras de Jesus que contrastaram de modo marcante, com a sua atitude de denúncia no discurso outrora realizado, e ilustram como o cristão, embora denuncie o pecado e a desobediência de outrem a Deus, a fim de levá-los ao arrependimento, deve ter por eles preocupação pastoral, orando para que eles sejam perdoados.⁴⁵ O motivo é claro e evidente – eles não sabiam o que faziam.

3. UMA TEOLOGIA DA DISCIPLINA

Fazer o que é errado, segundo os padrões morais e legais de uma nação, é condenável. No entanto, quando alguém pratica um ato em respeito à disciplina e fiel cumprimento das

⁴¹ GARDNER, 2005, p. 198-199.

⁴² JENSEN, Irving L. *Atos*: Estudo Bíblico. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 43.

⁴³ Era o mais alto tribunal dos judeus e se reunia em Jerusalém. Parece que o Sumo Sacerdote presidia sobre este corpo. Os gregos deram autoridade aos judeus quanto à questões locais e sob os romanos, esse grupo teve grandes poderes (DOUGLAS, 1991, p. 1534-1535).

⁴⁴ Disponível em <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/324/eu-era-fariseu>. Acesso em 04 abr. 2016.

⁴⁵ MARSHALL, I. Howard. *Atos*: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1988, p. 146.

normas, não há o que se falar em cometimento de infração. Porém, estar acobertado por regras, leis e valores humanos, não significa que tal conduta não seja pecaminosa e, conseqüentemente, condenada por Deus.

3.1 João Batista interpretou o que vem a ser disciplina

Para o ascético João Batista, disciplina só alcança o patamar de valor espiritual se estiver amparada por valores bíblicos. Em um de seus discursos a respeito do batismo, ele é procurado por alguns soldados romanos que o questionam sobre como deveriam pautar suas condutas para serem aprovados por Deus. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal, nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo (Lc 3). A resposta joanina foi tão simples quanto clara: sejam espiritualmente disciplinados, já que militarmente o eram.

João os ensinou a deixarem de fazer aquilo que, era legal, normal e aceito sob as leis romanas, mas era pecado sob a lei divina. Constrangeu-os a viver na contramão daquilo que faziam, uma vez que fazer o que faziam, garantia-lhes a escusa de consciência, mas certamente não a justificação espiritual perante Deus.

3.2 Escusa não significa absolvição

Jesus pede ao Pai perdão àqueles militares pelo ato cruel que praticavam, pois eles não sabiam exatamente o que faziam. Achavam que aquela era sua obrigação, seu ofício profissional, e de fato era verdade. Mas ser perdoado de praticar um ato por desconhecimento, não significa ser remido daquele ato ou de suas conseqüências eternas.

A ignorância de pessoas que praticam atos condenáveis não é levada em conta por Deus. Todavia, Ele não trata as pessoas como inocentes por não saberem aquilo que estão fazendo. Os pecados praticados no tempo da ignorância não são levados em conta somente quando passam pelo processo de arrependimento (At 17). Seja um judeu religioso ou um militar romano, todos necessitariam passar por este processo para receber a redenção.

Isaías 59.1-21. Essa descrição detalhada dos pecados de Israel exigiria confissão e restauração. Deus disse que **os pecados de seu povo o separaram dele** (vv. 1-4). Os atos de violência (v.6) e injustiça (vv. 8-14) exigiam uma resposta divina à nação **judaica** e aos **seus inimigos** (v.18). O Redentor viria de Sião, para **os que se arrependessem de seus pecados** (v.20). O Senhor prometeu que seu Espírito falaria por meio deles para sempre (v.21).⁴⁶ GN

Não levar em conta significa deixar impune pecados cometidos na época da ignorância.⁴⁷ Essa é a essência da mensagem do evangelho de Jesus – o arrependimento de agora apaga os erros de outrora, no entanto reconhecer os pecados, pedir perdão e abandoná-los é *conditio sine qua nom* para alcançar o perdão. A ignorância e o cumprimento disciplinado de obrigações legais não tem o condão de justificar alguém ou torná-lo impune.

⁴⁶ WALVOORD, 2000, p. 102-103.

⁴⁷ DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1954, p. 1132.

Isso parece ter acontecido com o Centurião.⁴⁸ Aquele homem que comandou, autorizou e supervisionou pessoalmente as torturas infligidas a Jesus foi confrontado com suas crenças. Desde o pretório, onde começaram os sofrimentos de Jesus, passando pela caminhada até o Gólgota, para ser finalmente martirizado, ele a tudo presenciou. Por fim, quando Jesus foi pregado na cruz, alguns eventos cataclísmicos e a postura sóbria do condenado devem ter mexido profundamente com sua consciência.

Ele estava acostumado a comandar e liderar execuções de condenados, mas nunca uma como aquela. O condenado Jesus sofreu mais do que o normal, teve tortura, coroa de espinhos e açoites em demasia. Depois de sua crucificação, os céus escureceram, ocorreram tremores, pessoas saíram dos túmulos depois de ressuscitar e entraram na cidade de Jerusalém e, depois de tudo aquilo, aquele crucificado conversou com um dos criminosos ao seu lado e perdoou-o de seus erros. Aconselhou sua mãe, Maria, e seu discípulo amado, João, sobre o cuidado mútuo de um pelo outro a partir dali e, ademais, o espetacular estava por vir.

Antes de entregar o espírito, arrancou um último fôlego de vida e, levantando a cabeça pronunciou em alto e bom som o Salmo 22 (Mt 27). Para muitos, ele foi abandonado na cruz, por ter que carregar o pecado da humanidade. Todavia, o “alto brado” de Jesus foi de exultação, não um grito desesperado de agonia final e, pela primeira vez no evangelho, na boca de um gentio, de maneira espontânea, seu reconhecimento indicou o início do ajuntamento das nações.⁴⁹

Aquilo certamente nunca aconteceu a um condenado, afinal de contas, só aquele era Deus e homem ao mesmo tempo. O centurião não resistiu e confessou: “*este homem era verdadeiramente o filho de Deus*” (Mc 15). Para um pagão, o título “Filho de Deus” naturalmente referia-se a um homem justo, deificado depois da morte.⁵⁰

O centurião, a tradição lhe dá o nome de Longino. Ele se encontrou logo em frente à cruz, de onde ele observou tudo, e ficou impressionado justamente pelos detalhes extraordinários da morte de Cristo. Ainda suas palavras notáveis não tivessem para ele o significado que nós lhes atribuiríamos, o romano se distingue, no remate da narrativa evangélica, como o primeiro pagão a ser atraído à fé em Cristo, pelo poder da sua morte.⁵¹

Para ele, os atos praticados no tempo da ignorância, atos estes repletos de disciplina militar romana e rigor legal, funcionaram como escusa de consciência, produzindo o perdão clamado por Jesus ao Pai, tudo isso porque a morte de Cristo lhe trouxe salvação por meio do

⁴⁸ O oficial do exército que supervisionou a execução de Jesus tinha esse posto, assim como Cornélio, o primeiro gentio convertido ao cristianismo. O oficial que deveria supervisionar o açoitamento do apóstolo Paulo era um centurião, assim como Júlio, o oficial que escoltou até Roma. O centurião geralmente comandava uma centúria, formada por 50 a 100 soldados de infantaria. O posto de centurião era a maior posição que um soldado comum podia alcançar. Os que ocupavam essa posição eram soldados de carreira que tinham de ser bons líderes. A disciplina e a eficiência do poderoso exército romano dependiam deles. Disponível em <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/wp20150401/voce-sabia/>. Acesso em 01 abr. 2016.

⁴⁹ BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 296.

⁵⁰ GARDNER, 2005, p. 111.

⁵¹ DAVIDSON, 1954, p. 1024.

arrependimento de seus erros. Por causa disso, de seus pecados, conforme prometido nas Escrituras Sagradas, certamente Deus não se lembrou mais (Hb 8).

3.3 Jesus condenou a hipocrisia

Em todos os discursos de Jesus, especialmente em suas parábolas ou mesmo no Sermão do Monte, a condenação sempre foi voltada à hipocrisia dos judeus que falavam uma coisa e praticavam outra completamente diferente.

Jesus nunca condenou a sinceridade e a ignorância das pessoas quanto a sua divindade, antes, porém, agiu com amor às pessoas, procurando trazê-las à verdade por Ele contada. Por outro lado, sempre se posicionou contra a hipocrisia, principalmente aquela praticada livremente pelos fariseus. Falar uma coisa e fazer outra completamente diferente não serve como escusa de consciência a ninguém. Pessoas como aqueles fariseus, alegam que não são legalistas ou fundamentalistas, mas ortodoxos, todavia nem sempre é assim.

A palavra ortodoxia se refere ao pensamento correto sobre Deus. Diz respeito à crença e ao ensino baseados nas verdades da fé, verdades consolidadas, comprovadas e tidas em alta conta. São aquelas verdades que não mudam. Elas são o prumo que nos mostra como pensar com retidão em um mundo tortuoso. São ensinadas claramente na Escritura e afirmadas nos credos históricos da fé cristã.⁵²

Em um longo discurso, eivado de confrontações, Jesus condenou veementemente a hipocrisia daqueles religiosos, dizendo que, o que eles falavam tinha valor, mas suas práticas caminhavam em sentido contrário às suas palavras (Mt 23). Aconselhou as pessoas a fugirem de gente daquela estirpe, mostrando o valor imenso que eles davam à aparência exterior, a proeminência e precedência quando estavam em lugares públicos, contrastando com o coração orgulhoso, ao ponto de colocar pesos sobre os ombros das pessoas que elas não podiam carregar.

A exigência de perfeição (5.48) introduz advertências correspondentes contra a hipocrisia na avaliação da importância das pessoas (6.1-18), com especial atenção para a maneira correta de exercitar as três manifestações tradicionais da religiosidade judaica: esmolas (6.2-4), oração (6.5-15) e jejum (6.16-18). Para manter tal postura, é necessário buscar as perspectivas do reino (6.19-34), o que inclui a lealdade absoluta aos valores do reino (6.19-24) e uma confiança inabalável em Deus (6.25-34).⁵³

O mestre, depois de apontar os erros daquelas pessoas, mostra o castigo certo por seus atos, proferindo uma longa série de “Ais”. A verdade não muda, pois é fundamental, porém deve vir acompanhada de atitude humilde.⁵⁴ Isso faltava aos religiosos dos tempos de Jesus, tanto que foram condenados explicitamente. O Sermão do monte (Mt 5 - 7) é um exemplo do

⁵² HARRIS, Joshua; STANFORD, Eric. **Ortodoxia humilde**: defendendo as verdades bíblicas sem ferir as pessoas. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 18.

⁵³ CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 70.

⁵⁴ HARRIS, 2013, p. 21.

que Jesus esperava de seus seguidores, ou seja, que andassem na contramão do mundo, praticando valores espirituais e não vivendo hipocritamente como aqueles religiosos judeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma vez pôde-se notar que, no decorrer da história, homens e mulheres praticaram atos condenáveis aos olhares comuns. Todavia, legalmente cobertos pelas normas vigentes. O mote da luta entre o legal e o justo, o espiritual ou legal, parece ser sempre atual. A humanidade é confrontada, em todo momento, a decidir entre seguir as leis e regras vigentes em sua nação ou viver segundo os padrões espirituais contidos na Bíblia.

Não se discute que os atos praticados pelos soldados romanos contra Jesus foram demasiadamente cruéis. É indiscutível que eles feriram direitos humanos básicos e fundamentais, sendo dignos de reprovação e consternação até os dias de hoje, especialmente nos períodos pascais, quando tais fatos são recordados e, quanto a isso, não cabe aventar qualquer escusa para aqueles militares.

No entanto, fez-se necessária uma análise contextual histórica para entender o que levou os envolvidos no julgamento, tortura e morte de Jesus, a agirem da forma que fizeram. A disciplina militar se apresentou como boa fundamentação para aqueles atos drásticos. Para eles era normal, aceito e até exigido que agissem com dureza e requintes de crueldade para com um condenado, especialmente se o crime fosse sedição ou traição a César por tentar tomar seu lugar de imperador divino. Jesus foi, falsamente, acusado de ter agido assim.

Para os militares, que não processaram nem julgaram Jesus, mas apenas executaram-no, estes cumpriram com maestria sua missão. Não sabiam das falcatruas envolvendo o julgamento do Messias, apenas receberam em suas mãos um condenado sob as leis Romanas, por ter tentado usurpar o lugar exclusivo de César. A pena capital deveria ser cumprida de forma exemplar, e foi.

Por agirem assim, inconscientes do erro e disciplinados em suas ações, foram perdoados pelo próprio executado – Jesus. A disciplina serviu de escusa de consciência, no entanto, sem o arrependimento e perdão dos erros passados e presentes, a escusa não teve o condão de alcançar seu principal objetivo que foi a remissão dos pecados deles.

Por fim, a disciplina só alcança status de valor espiritual, se for respaldada por condutas humanas amparadas nas sagradas escrituras, pois nesse caso, a escusa não será de consciência, mas de perdição eterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Jorge Cesar. **Curso de direito disciplinar militar**. Curitiba: Juruá, 2013.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Bíblia Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CORRÊA, Univaldo. A evolução da Justiça Militar no Brasil – alguns dados históricos. In: **Direito Militar**: história e doutrina – artigos inéditos. Florianópolis: AMAJME, 2002.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1954.

DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

DUARTE, Noélio. **O incrível poder da motivação**: as fábulas como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e profissional. São Paulo: Hagnos, 2007.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

HARRIS, Joshua; STANFORD, Eric. **Ortodoxia humilde**: defendendo as verdades bíblicas sem ferir as pessoas. São Paulo: Vida Nova, 2013.

HORTON, Stanley, M. **Isaías o profeta messiânico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

JENSEN, Irving L. **Atos**: Estudo Bíblico. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

LLOYD-JONES, D. M. **O soldado cristão**. São Paulo: PES, 1996.

MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1988.

MCDOWELL, Josh. **As evidências da ressurreição de Cristo**: os fatos históricos comprovam a ressurreição de Cristo. São Paulo: Candeia, 1999.

NEVES, Cícero Robson Coimbra. **Manual de direito penal militar**. São Paulo: Saraiva, 2012.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Código penal militar comentado**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

ROCHA, Abelardo Júlio; et. al. **Regulamento disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo**. São Paulo: Suprema Cultura, 2007.

SWINDOLL, Charles R. **Vidas incríveis**: histórias fascinantes sobre vidas esquecidas – redescobrimo figuras importantes do Antigo Testamento. Barueri: Ágape, 2013.

VANDER, Ferreira de Andrade. **Direito penal**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004.

WALVOORD, John F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2000.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAULO, UM HOMEM EM CRISTO

Paul, a man in Christ

Fábio Vaz dos Santos¹

RESUMO

A expressão “em Cristo” é muito utilizada pelo apóstolo Paulo em suas cartas e surge numa variedade de contextos. Uma expressão similar é “em Adão”, a qual Paulo utiliza para comparar e contrastar não somente as obras de Cristo e Adão, mas também as consequências de suas obras na raça humana. Paulo foi um grande pensador e é considerado por muitos eruditos como o maior teólogo do Cristianismo. A tradição cristã atribui a ele a autoria de treze cartas do Novo Testamento: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom. Muitos pesquisadores, no entanto, levantam dúvidas quanto a autoria paulina de algumas dessas cartas. Nesta série de três artigos, as treze cartas acima listadas são consideradas de autoria do apóstolo. Paulo, em suas cartas, emprega a expressão “em Cristo” em diversos contextos e situações. Ela abrange mais de um significado, dependendo de cada contexto, porém cada significado pode ser conectado com os demais, formando um conjunto de ideias acerca da identidade do indivíduo em Cristo. O conceito paulino sobre a pessoa de Jesus Cristo e sua obra de salvação, incluindo justificação e santificação, repercute em seu entendimento sobre o ser humano e a sua nova identidade em Cristo. Ele estabelece parâmetros pelos quais se pode obter uma maior compreensão do que significa ser humano em Cristo segundo Paulo.

Palavras-chave: Em Cristo. Em Adão. Paulo. Jesus Cristo. Identidade.

ABSTRACT

The expression "in Christ" is much used by the apostle Paul in his letters and arises in a variety of contexts. A similar expression is "in Adam," which Paul uses to compare and

¹ O autor é Graduado em Teologia e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e pastor da Igreja Batista da Paz. E-mail: fvs1973@gmail.com

contrast not only the works of Christ and Adam, but also the consequences of his works in the human race. Paul was a great thinker and is considered by many scholars as the greatest theologian of Christianity. The Christian tradition attributes to him the authorship of thirteen New Testament letters: Romans, 1 Corinthians, Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, 1 and 2 Thessalonians, 1 and 2 Timothy, Titus and Philemon. Many researchers, however, raise doubts about the Pauline authorship of some of these letters. In this series of three articles, the thirteen letters listed above are considered by the apostle. Paul, in his letters, uses the expression "in Christ" in various contexts and situations. It encompasses more than one meaning, depending on each context, but each meaning can be connected with the others, forming a set of ideas about the identity of the individual in Christ. The Pauline concept of the person of Jesus Christ and his work of salvation, including justification and sanctification, resonates in his understanding of the human being and his new identity in Christ. It sets out parameter by which to gain a greater understanding of what it means to be human in Christ according to Paul.

Keywords: In Christ. In Adam. Paulo. Jesus Christ. Identity.

INTRODUÇÃO

A expressão “em Cristo” aparece nada menos do que 86 vezes nas cartas paulinas, sem contar expressões análogas que empregam um pronome (“nele”, “no qual”) e que em seus contextos referem-se a Cristo. Geralmente ocorre na forma “em Cristo” ou “em Cristo Jesus”, ou ainda “no Senhor” (referindo-se a Cristo) e “no Senhor Jesus Cristo”.² Certamente era uma expressão querida para Paulo e de grande importância para ele. Compreender seu significado em sua totalidade, apesar dos vários e diversos contextos em que ela se encontra, é uma tarefa monumental.

Outra expressão utilizada por Paulo é “em Adão”, cujo significado é contrastado com o da expressão “em Cristo”, resultando numa compreensão mais ampla do ocorrido aos que pertencem a Cristo.³ Devido a isso, a expressão “em Adão” é analisada, neste trabalho, de acordo com o contraste que Paulo faz da mesma com a expressão “em Cristo”.

A pergunta principal cuja resposta esta série de três artigos visa encontrar é a seguinte: O que significa a expressão “em Cristo” nos escritos paulinos? Trabalha-se com a hipótese principal de que estar “em Cristo”, segundo o apóstolo Paulo, remodela a vida humana em todas as suas esferas e aspectos, à imagem do próprio Cristo. Tem-se, então, como resultado de estar “em Cristo”, homens e mulheres que vivem de acordo com os parâmetros do caráter do próprio Cristo, tal como manifesto em o Novo Testamento. Da pergunta principal derivam-se outros questionamentos, quais sejam: Como a trajetória do próprio apóstolo Paulo influenciou o seu pensamento a respeito de viver em Cristo? Como o entendimento paulino da expressão “em Cristo” pode contribuir para a construção de uma identidade cristã?

Paulo, em seus escritos, fornece inúmeros elementos que auxiliam na busca pelas respostas. O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo investigar a expressão “em

² DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 454.

³ RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 59-65.

Cristo” no tocante ao seu potencial na construção de uma identidade cristã que esteja de acordo com o pensamento de Paulo. Para tanto, visa compreender o modo como o apóstolo fez uso da expressão “em Cristo” em suas cartas.

Para os fins a que se propõe este trabalho, são consideradas como de autoria do apóstolo Paulo as treze cartas tradicionalmente atribuídas a ele e que fazem parte do Novo Testamento: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom. Não obstante, obras de autores de diversas vertentes teológicas foram consultadas e utilizadas, sendo que muitas delas não reconhecem como genuínas algumas dessas cartas. A pesquisa limita-se às treze cartas paulinas acima alistadas e a diversas obras teológicas relevantes ao tema, tais como comentários bíblicos, teologias do Novo Testamento, biografias do apóstolo Paulo, entre outros. A pesquisa, portanto, é basicamente de cunho teórico, embora trabalhe também com aspectos práticos dos ensinamentos paulinos, lidando, igualmente, com assuntos relacionados ao tema da identidade do ser humano em Cristo de acordo com o pensamento do apóstolo.

Este primeiro artigo analisa a relevância da expressão “em Cristo” na vida do próprio Paulo. Para tanto, discute brevemente a vida do apóstolo até o seu encontro com Cristo na estrada de Damasco, e o impacto que este causou em seu pensamento, conduta e teologia.

Espera-se contribuir com o entendimento teológico do conceito paulino de identidade cristã na proposta, inclusive, de incentivar novas pesquisas sobre o tema, que é vasto e profundo. O modo paulino de apresentar os conceitos teológicos – sempre objetivando a posterior prática dos mesmos – é levado em conta no presente trabalho, apesar de sua ênfase teológica.

O apóstolo Paulo deixou uma marca indelével na história do Cristianismo – e do mundo também. Judeu e cidadão romano, de formação elevada, sentia-se à vontade nos mais diversos ambientes. Em Jerusalém citou as Escrituras hebraicas para seus compatriotas, em Atenas citou filósofos gregos para a sua plateia. Foi o autor que mais contribuiu para a formação do Novo Testamento, e suas cartas exerceram (e continuam exercendo) enorme influência nas mais diversas nações, culturas e épocas, figurando entre os escritos mais lidos e estudados da literatura universal. Considerava-se apóstolo por ordem direta de Jesus Cristo, embora não tivesse participado da comunidade cristã primitiva – na verdade, ele a tinha perseguido. Tinha a convicção de ter sido escolhido por Cristo para levar o evangelho a todos, especialmente aos gentios (os que não são judeus).⁴ Este capítulo não se propõe a apresentar uma biografia completa de Paulo, mas uma breve análise de como o encontro com Cristo mudou para sempre a sua vida, moldando o seu pensamento de tal forma que ele entendeu que a verdadeira vida está “em Cristo”. Dessa forma serão estabelecidas as bases para a presente pesquisa.

⁴ HEYER, C. J. den. **Paulo**: um homem de dois mundos. São Paulo: Paulus, 2009, p. 5-7.

1. SAULO DE TARSO

Tarso era a capital da província romana da Cilícia e uma das maiores cidades do Império. Cidade cosmopolita, possuía escolas famosas onde se ensinava retórica, matemática, ética, gramática e música. Tinha um grande teatro ao ar livre e muitos prédios públicos. O famoso general Marco Antônio tivera residência em Tarso durante algum tempo e permitiu que a cidade tivesse suas próprias leis. O imperador Augusto, por sua parte, permitiu à cidade que nomeasse seus próprios tribunais e magistrados. Entreposto comercial, possuía um porto movimentado, aproveitando o rio Cnido que, ali, desembocava no Mediterrâneo. Gregos, romanos, judeus, africanos, cretenses, cipriotas e uma infinidade de outras culturas e etnias conviviam em Tarso. Foi nessa cidade que nasceu Saulo, aquele que mais tarde viria a ser conhecido como o apóstolo Paulo.⁵ Nascido numa família judaica, de pai fariseu (At 23.7), ele era “circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu” (Fp 3.5),⁶ mas também cidadão romano, e por direito de nascimento (At 22.22-29).⁷ Ao longo de sua história, a província da Cilícia havia caído diversas vezes nas mãos de generais romanos, como Pompeu e Marco Antônio. A concessão de cidadania romana para indivíduos ou famílias que prestavam algum serviço especial para Roma era um costume antigo. Talvez esse tenha sido o caso do pai ou do avô de Saulo. De qualquer modo, sua família fazia parte de uma elite social.⁸ É com o nome romano que ele se identifica em suas cartas, e provavelmente a noção popular de que ele assumiu esse nome após a sua conversão ao Cristianismo está equivocada. Naquela cultura, era comum as pessoas terem mais de um nome. Seu nome judeu, Saulo, provavelmente era uma homenagem ao mais famoso membro da tribo de Benjamim, o primeiro rei de Israel, Saul. Além do nome judaico, ele tinha também um nome romano, Paulo.⁹

Em algum momento de sua infância ou adolescência, Saulo foi enviado a Jerusalém, a fim de estudar com Gamaliel, um dos mais conceituados rabinos da Judeia (At 22.3). Lá ele aprendeu a debater no estilo de perguntas e respostas chamado de “diatribe”,¹⁰ bem como aprofundou seus estudos das Escrituras hebraicas, preparando-se para ser um futuro rabino ou, quem sabe, membro do Sinédrio, o tribunal religioso supremo dos judeus. Ele se tornou um fariseu¹¹ zeloso e “irrepreensível” (Fp 3.6).¹² Tempos depois ele aparece no contexto do

⁵ BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 7-11.

⁶ **Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000. Todas as citações bíblicas deste trabalho serão feitas a partir dessa versão, salvo indicação em contrário.

⁷ BORNKAMM, Günther. **Paulo: vida e obra**. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 44-46.

⁸ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003, p. 33-34.

⁹ BORNKAMM, 2009, p. 46-47.

¹⁰ “Diatribe” significa “passatempo”, “entretenimento”. É um estilo de discussão que evita reflexões filosóficas, morais ou religiosas e linguagem técnica elevada, preferindo uma forma vivaz de diálogo, com sentenças curtas e objeções de um adversário fictício (BORNKAMM, 2009, p. 52).

¹¹ O farisaísmo foi um movimento surgido a partir da revolta dos macabeus contra os governantes helenistas da Palestina, em 167-164 a.C. Eles entendiam que eram chamados para se opor à helenização dos costumes judaicos, e lutavam pelo que consideravam uma religião e uma nação purificadas. Viviam de forma austera, observando rigorosamente a lei mosaica e os preceitos dos rabinos. Nunca foram muito numerosos, mas sempre foram muito influentes (HEYER, 2009, p. 23-26).

¹² SWINDOLL, Charles R. **Paulo: um homem de coragem e graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 20-21.

martírio de Estêvão, cuidando das roupas daqueles que apedrejavam o seguidor de Cristo (At 7.58; 8.1). Sua participação indicava o nível de seu comprometimento com o judaísmo.¹³

2. PERSEGUIDOR DA IGREJA

Em seu zelo, Saulo “devastava” a igreja. A partir da morte de Estêvão, desencadeou-se uma perseguição aos cristãos em Jerusalém, da qual o jovem fariseu participou ativamente (At 8.3).¹⁴ Anos depois, escrevendo à igreja de Corinto, Paulo disse considerar-se o menor dos apóstolos, e nem sequer digno de ser considerado apóstolo, pois “persegui a igreja de Deus” (1 Co 15.9). Na carta aos Gálatas, escreveu: “Vocês ouviram qual foi o meu procedimento no judaísmo, como perseguia com violência a igreja de Deus, procurando destruí-la” (Gl 1.13). Diante de uma multidão em Jerusalém, declarou: “Persegui os seguidores deste Caminho até a morte, prendendo tanto homens como mulheres e lançando-os na prisão” (At 22.4). Quando ele mesmo ficou preso em Cesareia, confessou ao rei Agripa:

Eu também estava convencido de que deveria fazer todo o possível para me opor ao nome de Jesus, o Nazareno. E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos sacerdotes lancei muitos santos na prisão, e quando eles eram condenados à morte eu dava o meu voto contra eles. Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los, e tentava forçá-los a blasfemar. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los (At 26.9-11).¹⁵

Foi nesse zelo perseguidor que ele decidiu perseguir os cristãos na cidade de Damasco, e para lá partiu, munido de autorização do sumo sacerdote (At 9.1,2). Damasco era uma cidade importante, com uma grande população de judeus. Fazia parte da província romana da Síria e de Decápolis, uma liga de cidades-estado. Saulo queria impedir que o “Caminho”, como o Cristianismo era conhecido então, se alastrasse naquela metrópole.¹⁶

3. O ENCONTRO COM CRISTO

Na estrada, a caminho de Damasco, Paulo teve um encontro que mudou para sempre a sua vida. A experiência do Jesus ressuscitado o levou a uma nova interpretação de Deus, do mundo e da existência, uma interpretação que mudou radicalmente, e para sempre, a sua vida.¹⁷ O aparecimento de Jesus para Paulo, na estrada de Damasco, é mencionado três vezes no livro de Atos dos Apóstolos (9.3-9; 22.1-21; 26.1-18). A ênfase é clara. Ninguém a não ser o próprio Cristo poderia ter impedido aquele fariseu de prosseguir em seu propósito de destruir a igreja. Derrubado por uma luz mais brilhante do que a luz solar, Paulo indaga a identidade do ser que surge diante dele. A resposta “Eu sou Jesus, a quem você persegue” (At 9.5) fez com que Paulo compreendesse que as afirmações dos cristãos eram verdadeiras, e

¹³ LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 21.

¹⁴ BRUCE, 2003, p. 65-67.

¹⁵ LOPES, 2009, p. 18.

¹⁶ MARSHALL, I. Howard. **Atos dos apóstolos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 162-163.

¹⁷ SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010, p. 31.

que ele estivera lutando contra Deus.¹⁸ Assim obedeceu prontamente à ordem de levantar-se e ir para Damasco, e esperar futuras instruções. Dali em diante Paulo obedeceria para sempre ao Cristo que lhe aparecera – mais do que isso, dedicaria toda a sua vida para Cristo, viveria em Cristo.¹⁹

O encontro com o Cristo ressurreto é mencionado, direta ou indiretamente, por Paulo em algumas de suas cartas. Na primeira carta aos Coríntios, defendendo seu apostolado, ele indaga: “Não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?” (1 Co 9.1), e se coloca como último na lista de testemunhas que viram o Cristo ressuscitado (1 Co 15.8). Ou seja, ele deriva seu apostolado desse evento crucial em sua vida. Em Gálatas 1.11-17, mais uma vez defendendo suas qualificações apostólicas, ele afirma que recebeu o evangelho do próprio Jesus Cristo em pessoa, “por revelação”, à moda dos profetas do Antigo Testamento. Em 2 Coríntios 4.6 e Filipenses 3.7,8, Paulo parece fazer alusão ao acontecido na estrada de Damasco, do qual ele deriva seu direito de pertencer ao círculo definido dos apóstolos de Cristo. Em todas essas citações, ele estava respondendo a questionamentos acerca de seu apostolado.²⁰

4. PAULO, UM SERVO DE CRISTO

Paulo agora pertencia a Cristo. Segundo Gálatas 1.17, ele rumou para a “Arábia” logo após recuperar a visão por meio de Ananias (At 9.10-19), “por isso talvez sua pregação nas sinagogas de Damasco deva ser colocada depois que ele retornou da sua viagem à Arábia (sobre a qual Lucas não tem nada a dizer)”²¹, conforme Atos dos Apóstolos 9.19-30. Seja como for, Paulo morrera para a velha vida sob a lei e sob o farisaísmo, e agora desejava consagrar-se a uma vida de serviço a Cristo. Ao cair diante da sua glória, tornara-se servo de Cristo para todo o sempre.²² Jesus Cristo se tornou o centro de sua vida, e Paulo deixou isso bem claro em seus escritos, anos depois.

Paulo compreendeu que a lei mosaica era um recurso temporário até a vinda de Cristo (Gl 3.24). Cristo é a única semente de Abraão, e a entrada na família de Abraão se dá por meio de Cristo, unicamente (Gl 3.16). Agora todos, judeus e gentios, podem fazer parte da família de Abraão em Cristo Jesus, pela fé (Gl 3.26-29).²³ Por isso ele diz, em outra carta, que os gentios, que antes estavam afastados do povo de Deus, foram aproximados mediante o sangue de Cristo. Judeus e gentios constituem, em Cristo, uma só família (Ef 2.11-22), pois “Jesus conseguiu criar, de fato, uma nova sociedade, uma nova humanidade, em que a alienação cedeu lugar à reconciliação, e a hostilidade à paz. E esta nova união humana em Cristo é o penhor e a antevisão daquela união final sob a soberania de Cristo”,²⁴ que Paulo

¹⁸ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. São Paulo: ABU, 1994, p. 189-194.

¹⁹ SWINDOLL, 2003, p. 42-43.

²⁰ SCHNELLE, 2010, p. 100-107.

²¹ BRUCE, 2003, p. 76.

²² BALL, 1998, p. 67-68.

²³ SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 20.

²⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2007, p. 61.

alude em Efésios 1.10, “de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos”. “Jesus Cristo é o cumprimento da história da salvação, pois, para todas as promessas de Deus, nele está o sim” (2 Co 1.20).²⁵

Na carta aos Filipenses, Paulo, preso, sem saber se vai viver ou morrer, afirma que deseja engrandecer a Cristo, de um jeito ou de outro, fazendo a célebre declaração: “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.21). Se morrer, ele estará com Cristo; se viver, ele estará em Cristo, pregando o evangelho.²⁶

Em Efésios 1.3-14 são relatadas as bênçãos espirituais que pertencem aos crentes em Cristo. Eles são escolhidos antes da fundação do mundo para serem santos e adotados como filhos por meio de Jesus Cristo (Ef 1.4,5), tudo isso para o louvor da sua gloriosa graça (Ef 1.6). “Nele”, isto é, em Cristo, os crentes têm a redenção, o perdão dos pecados (Ef 1.7) e conhecem o mistério da vontade de Deus, cujo centro é Cristo (Ef 1.9,10). Recebem a herança que lhes foi predestinada para que suas vidas glorifiquem a Deus em Cristo (Ef 1.11,12). Quando creram, foram selados em Cristo com o Espírito Santo, para o louvor da glória de Deus (Ef 1.13,14). Tudo o que os crentes recebem de Deus, eles recebem “em Cristo”.²⁷ Paulo não concebe mais a existência fora de Cristo. Ele se gloria em Deus e glorifica a Deus somente por meio de Cristo (Rm 5.1,2,11).²⁸

Viver em Cristo inclui o sofrimento, o sofrer por Cristo, e Paulo sabia disso muito bem. Na carta aos Filipenses escreveu: “Pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele” (Fp 1.29), aludindo que ele, Paulo, também estava sofrendo por Cristo (Fp 1.30). Em Cristo, até o sofrimento é uma honraria, no serviço a ele. Em sua carta mais autobiográfica, Paulo defende seu apostolado apresentando o sofrimento como uma das principais credenciais (2 Co 6.3-10),²⁹ algo que os falsos apóstolos desconhecem. Mais adiante (2 Co 11.16-33), ele fornece mais um catálogo de sofrimentos pelos quais passou em seu labor apostólico. Começa de modo geral, citando encarceramentos, açoites, perigo de morte (2 Co 11.23), mas logo torna-se mais específico: foi açoitado cinco vezes pelos judeus, três vezes fustigado com varas,³⁰ uma vez apedrejado, três vezes sofreu naufrágio, passou uma noite e um dia à deriva no mar (2 Co 11.24, 25).³¹ Além disso, enfrentou diversos outros perigos em suas viagens, nos rios, nos desertos, no mar, na cidade, ameaçado ora por assaltantes, ora por gentios, ora por seus próprios compatriotas judeus, e, o mais

²⁵ SCHREINER, 2015, p. 23.

²⁶ HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006, p. 195.

²⁷ SCHREINER, 2015, p. 29.

²⁸ PIPER, John. **Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã**. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2008, p. 55-57.

²⁹ KRUSE, Colin G. **II Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 143-144.

³⁰ Os judeus castigavam com açoitamento de acordo com o mandato de Deuteronômio 25.1-5, que estipulava um número máximo de 40 açoites. Para não correr o risco de cometer um erro e passar desse número, os judeus aplicavam “menos um”, isto é, 39 açoites. Os romanos não conheciam tais limitações, seja com açoites, seja com varas (LOPES, 2009, p. 97-98).

³¹ Mesmo naqueles tempos, nem toda viagem marítima acabava em catástrofe. Paulo deve ter viajado muito para ter sofrido “três naufrágios” até a época da redação de 2 Coríntios. Tempos depois, ainda sofreria um quarto naufrágio, descrito em Atos dos Apóstolos 27.27-44, por ocasião de sua viagem a Roma (BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**. Curitiba: Esperança, 2004, p. 461).

terrível, por falsos irmãos (2 Co 11.26). Apesar disso, sempre trabalhou arduamente, passou noites sem dormir, muitas vezes ficou sem ter o que comer ou beber, passou frio e privação até de vestuário. Mas o que lhe preocupava mesmo era a situação das igrejas (2 Co 11.27-29). Ele não omite nem mesmo a humilhação que passou, ao ser descido da muralha de Damasco, por alguns irmãos, num cesto, a fim de escapar das autoridades locais (2 Co 11.30-33). Por tudo isso, Paulo podia dizer: “Sem mais, que ninguém me perturbe, pois trago em meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6.17). Isso não era misticismo, mas de fato Paulo carregava em seu corpo inúmeras cicatrizes adquiridas em seu serviço a Cristo, que ele chamava de “marcas de Jesus”. Até mesmo suas cicatrizes pertenciam a Cristo. Mais do que isso, eram marcas de sua pertença a Cristo, como as marcas de um escravo.³²

Paulo tinha consciência de que era um “homem em Cristo” e que Jesus tinha sofrido na terra para libertar seu povo do cativeiro do pecado e da morte espiritual. O Cristo exaltado estava, agora, imune a esses sofrimentos, porém ainda contava como seus os sofrimentos de seu povo – como Paulo descobriu na estrada de Damasco, ao ouvir a pergunta do Cristo ressurreto: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (At 9.4). Portanto, Paulo assumiu o sofrimento como parte integrante, ainda que dolorosa, de sua vida em Cristo. Assim, ele podia se gloriar nas tribulações (Rm 5.3), a fim de participar dos sofrimentos de Cristo (Fp 3.10,11), não para a salvação de alguém (isso somente Cristo poderia fazer, e ele já tinha feito), mas para levar a palavra da salvação àqueles que ainda não a haviam recebido (2 Co 1.6). Ele também sabia que, quanto mais desses sofrimentos recebesse pessoalmente, menos deles restariam para seus companheiros cristãos.³³ “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês”, ele escreveu aos colossenses, “e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). Paulo não sofreu pelos pecados dos outros como Cristo sofreu, contudo os sofrimentos do apóstolo foram o meio pelo qual o evangelho foi levado aos gentios e, nesse sentido, foram uma consequência dos sofrimentos de Cristo.³⁴ A proclamação apostólica da salvação acarretava sua dose de sofrimento para os proclamadores, assim como a salvação em si causou sofrimento no Salvador. Paulo via no sofrimento mais um elo de sua ligação com Cristo.³⁵

Mas a alegria também faz parte da vida em Cristo, e mesmo em meio a tribulações, quem está em Cristo ainda pode viver com alegria. Paulo testifica disso especialmente em sua carta aos Filipenses, a qual escreveu numa prisão, a fim de convencer seus leitores a se alegrarem naquilo que realmente importa, a saber, Jesus Cristo e o progresso do evangelho.³⁶ Ao conclamar os filipenses para que se alegrem (por exemplo, Fp 3.1; 4.4), Paulo não fundamenta essa alegria num otimismo cego e alienado, mas a fundamenta “no Senhor”. É em Cristo que Paulo e todo aquele que está em Cristo podem e devem se alegrar, pois “perto

³² STOTT, John R. W. **A mensagem de Gálatas**: somente um caminho. São Paulo: ABU, 2007, p. 164-165.

³³ BRUCE, 2003, p. 133.

³⁴ SCHREINER, 2015, p. 449.

³⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. **A supremacia e a suficiência de Cristo**: a mensagem de Colossenses. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 48-50.

³⁶ THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p. 382-383.

está o Senhor” (Fp 4.5) e a confiança que o crente tem em Cristo faz com que ele se alegre em Cristo, apesar das circunstâncias adversas pelas quais possa estar passando.³⁷ A prisão e até mesmo a possibilidade de martírio não impedem Paulo de se alegrar no Senhor e de convocar os filipenses a se alegrarem, igualmente, em Cristo.³⁸

Portanto, em Cristo, Paulo se libertou do peso da obediência à lei mosaica como condição para a salvação, bem como das regras e costumes do farisaísmo. Entendeu que todas as bênçãos espirituais eram suas em Cristo. Isso revolucionou o seu modo de pensar e de agir. Perdeu a confiança em seus próprios méritos baseados na observância da lei de Moisés. Paulo compreendeu, igualmente, que o sofrimento no presente fazia parte dessa nova vida, mas que, em Cristo, ele poderia se alegrar mesmo em meio a aflições.

5. O ENTENDIMENTO PAULINO DA RECONCILIAÇÃO DE DEUS COM A HUMANIDADE EM CRISTO

Um dos temas norteadores do pensamento de Paulo é o da reconciliação.³⁹ O ser humano, alienado de Deus, precisa ser reconciliado com ele pela morte de Cristo. É somente em Cristo que pode haver a reconciliação.⁴⁰ O ser humano em Cristo, portanto, é o ser humano reconciliado com Deus. Para Paulo, foi Deus que, em Cristo, tomou a iniciativa e realizou a reconciliação. Foi ele quem reconciliou os homens consigo mesmo, e não o contrário.⁴¹

Depois que Cristo morreu vicariamente na cruz, a sentença condenatória de Deus não atinge mais os crentes em Cristo. Isto vale porque Deus se voltou de uma vez por todas aos homens ao reconciliar o mundo consigo mesmo (2Co 5.18-20). A doutrina das sinagogas judaicas ensinava que Deus precisaria ser reconciliado – por exemplo, por meio de um sacrifício a ser oferecido pelo homem. Aqui não é assim! Deus mesmo se reconcilia com o homem. A remoção da sentença condenatória é um ato de Deus. A sentença foi executada em Cristo.⁴²

Em Romanos 5.10, Paulo comenta: “Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida!” No versículo seguinte, ele repete que foi por meio de Cristo que os crentes receberam a reconciliação. A reconciliação com Deus é vista por Paulo como uma dádiva do próprio Deus, sendo que a base para isso encontra-se em Cristo, em sua morte.⁴³

Em 2 Coríntios 5.11-21 encontra-se outro texto paulino importante sobre a reconciliação. Após proclamar que aquele que está em Cristo é nova criação (2 Co 5.17), Paulo prossegue dizendo que Deus “nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o

³⁷ MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 168-169.

³⁸ SCHNELLE, 2010, p. 479.

³⁹ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 615.

⁴⁰ STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 439.

⁴¹ LADD, 2003, p. 616.

⁴² HÖRSTER, Gerhard. **Teologia do Novo Testamento**. Curitiba: Esperança, 2009, p. 180.

⁴³ RIDDERBOS, 2013, p. 210.

mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação” (2 Co 5.18,19). O pecado separava as pessoas de Deus, mas em Cristo a barreira foi quebrada e houve paz. A partir daí, aqueles que foram reconciliados com Deus por meio de Cristo tornam-se “embaixadores” de Cristo ao mundo, proclamando a mensagem da reconciliação. Foi isso o que Paulo fez durante todo o seu ministério.

Outro texto paulino onde a reconciliação aparece em destaque é Efésios 2.11-22. Ali Paulo explica que Deus, mediante o sangue (isto é, a morte) de Cristo, reconciliou judeus e gentios num mesmo corpo, numa nova humanidade.⁴⁴ Mas ele foi além, reconciliando ambos consigo mesmo “em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade” (Ef 2.16).

Em Colossenses 1.15-20, Paulo conclui sua elaborada composição sobre a supremacia de Cristo declarando que “todas as coisas” são reconciliadas (Cl 1.20). Nesse texto, a reconciliação inclui todo o universo, porém Paulo não se refere à salvação universal, pois no parágrafo seguinte, em Colossenses 1.21-23, ele faz da fé a condição para receber a reconciliação. O que ele tem em mente aqui é a restauração do universo à harmonia, a “pacificação” de todas as coisas, que será de grande alegria para alguns, enquanto outros, derrotados, serão forçados a reconhecer a preeminência de Cristo e a glória de Deus.⁴⁵

Paulo sabia que tinha sido inimigo de Deus, e sabia que não poderia ter feito nada para mudar isso. Sabia que o próprio Deus, pela morte de seu Filho na cruz, providenciou a reconciliação. Sabia que a paz com Deus, pela fé, era uma dádiva em Cristo.⁴⁶ Ele entendeu que a inimizade entre Deus e a humanidade foi desfeita pela morte reconciliatória de Cristo, e essa reconciliação com Deus também requer a reconciliação com outros seres humanos que também eram inimigos de Deus.⁴⁷ Não por acaso ele ficou conhecido como o apóstolo dos gentios.

6. A EXPERIÊNCIA DE PAULO DE PERDER E GANHAR EM CRISTO

Em Filipenses 3, Paulo resume o significado do que para ele era estar em Cristo. Ele começa com uma advertência aos seus leitores acerca dos falsos mestres, especialmente os judaizantes, que com seu falso ensino e legalismo ameaçavam substituir a salvação pela graça de Deus em Cristo, mediante a fé, por uma salvação meritória, por meio das obras da lei. A seguir, ele declara que o verdadeiro povo de Deus é formado por aqueles que adoram pelo Espírito de Deus, se gloriam em Cristo Jesus e não têm confiança alguma na carne, isto é, em si próprios, em sua pretensa justiça diante de Deus (Fp 3.1-3).⁴⁸

A partir daí Paulo começa a falar um pouco sobre a sua própria vida, num tom biográfico. Ele começa dizendo que, se alguém poderia ter razões para confiar em si mesmo, esse seria ele mesmo, Paulo (Fp 3.4). Afinal, ele havia sido “circuncidado no oitavo dia de vida” e fazia parte do povo de Israel e da tribo de Benjamim, sendo “hebreu de hebreus”, e, além disso,

⁴⁴ LADD, 2003, p. 621.

⁴⁵ SCHREINER, 2015, p. 207-208.

⁴⁶ RIDDERBOS, 2013, p. 208.

⁴⁷ SCHREINER, 2015, p. 177.

⁴⁸ HENDRIKSEN, William. **Filipenses**. São Paulo: CEP, 1992, p. 193-199.

fariseu (Fp 3.5). Havia perseguido a igreja em seu zelo, sendo irrepreensível no tocante à lei (Fp 3.6). Isso deixaria qualquer judeu orgulhoso. De fato, seria considerado como lucro. Ser circuncidado, israelita da tribo de Benjamim e filho de pais hebreus eram grandes vantagens, mas ele não as tinha escolhido. Simplesmente tinha nascido assim. Mas ter escolhido ser fariseu, e fariseu zeloso, observador das minúcias da lei, era resultado de seu esforço pessoal.⁴⁹ Porém, para Paulo, tudo isso agora era perda, “por causa de Cristo” (Fp 3.7).

Ele passou a considerar “tudo” como perda, em comparação com a “suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus”, o seu Senhor. Chegou a considerar tudo aquilo do qual outrora se orgulhara como refugio, como “esterco” (Fp 3.8).

Refugio (gr. *skybala*) é um termo vulgar, que significa excrementos humanos, ou restos de alimento destinados à lata de lixo. A palavra “estrume” (ARC, *esterco*) transmite o significado, a um leitor moderno, embora nem mesmo tal termo expresse repugnância, de maneira enfática. Assim, todos os privilégios cerimoniais, religiosos, do passado, são desdenhosamente jogados de lado, como lixo.⁵⁰

A linguagem chocante de Paulo é proposital, a fim de magnificar a supremacia de Cristo. O que Paulo mais queria era “ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé” (Fp 3.9). Paulo queria ser achado em Cristo, pois o amor por Cristo havia substituído o amor por si mesmo. Queria conhecer a Cristo cada vez mais, inclusive o poder da sua ressurreição e a participação em seu sofrimento, para, de alguma forma (martírio, morte natural ou transformação na volta de Cristo) “alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.10,11).⁵¹

Paulo reconheceu que ainda não havia alcançado tudo isso, mas prosseguia rumo ao alvo, a fim de ganhar o prêmio do seu chamado em Cristo, e ele fazia isso esquecendo o que ficava para trás e avançando, resolutamente, para adiante (Fp 3.12-14). Esse prêmio não era algo etéreo e inatingível, mas tratava-se da ressurreição para fora dos mortos, da vida indestrutível que ele receberia um dia, em Cristo (Fp 3.20,21).⁵²

Portanto, Deus chama para a salvação “em Cristo” (Fp 3.14), e concede a justiça aos crentes mediante a fé “em Cristo” (Fp 3.9). Por tudo isso, Paulo exorta seus leitores para que se gloriem somente em Cristo (Fp 3.3).⁵³ Para ele, Cristo eclipsa tudo o mais. Estar em Cristo é deixar para trás a velha vida sem Deus e avançar, com entusiasmo e dedicação, para o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo. A vida cristã começa em Cristo e avança para Cristo.

⁴⁹ SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão**: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 167.

⁵⁰ MARTIN, 1985, p. 145.

⁵¹ SHEDD; MULHOLLAND, 2005, p. 173-176.

⁵² HAHN; BOOR, 2006, p. 243-247.

⁵³ MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**: diversos testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 305.

7. O VIVER E O MORRER EM CRISTO SEGUNDO PAULO

As tradições mais antigas sobre a morte de Paulo mencionam o seu martírio em Roma.⁵⁴ Um desses testemunhos antigos é a primeira carta de Clemente de Roma, escrita por volta do ano 96 d.C.,⁵⁵ na qual ele menciona a morte de Paulo seguida pelas mortes de “uma grande multidão de eleitos”, o que poderia indicar o martírio sob Nero, pouco antes ou mesmo durante a perseguição aos cristãos.⁵⁶ Roma sofreu um grande incêndio, e as suspeitas de todos recaíram sobre Nero, que jamais escondera o seu desejo de “reconstruir” a cidade. O imperador, no entanto, culpou os cristãos, a fim de desviar as atenções de sobre a sua pessoa, desencadeando uma feroz perseguição.⁵⁷

O fato é que Paulo foi preso em Roma, por volta de 65 d.C.,⁵⁸ depois de ter sido libertado do primeiro encarceramento naquela cidade, descrito no final do livro de Atos dos Apóstolos.⁵⁹ Na primeira vez em que foi preso em Roma, pôde ficar numa casa alugada (At 28.16,30), mas desta feita foi jogado numa masmorra, talvez na infame prisão Mamertina, adjacente ao foro romano, onde havia calabouços de pedra no subterrâneo.⁶⁰ Por ocasião da sua primeira apresentação diante dos magistrados, nenhum cristão de Roma apareceu para apoiá-lo, talvez devido à perseguição, talvez porque a igreja romana não tivesse interesse no velho apóstolo (“todos me abandonaram”, é a queixa de 2 Tm 4.16. Todos menos Lucas, conforme 2 Tm 4.11). O objetivo desse interrogatório inicial era determinar a identidade do acusado e a validade ou não das acusações contra ele. Era feito em público e os cidadãos podiam se manifestar durante a audiência. Quando mais audiências tornavam-se necessárias, o réu era mantido preso até a sua situação ficar esclarecida. Portanto, Paulo foi mantido em “cadeias” como um “criminoso” (2 Tm 2.9).⁶¹

As prisões romanas eram frias, escuras e insalubres. O inverno se aproximava, e Paulo precisava de roupas quentes. Mas, queria mais do que isso, queria seus livros. Pediu a Timóteo: “Quando você vier, traga a capa que deixei na casa de Carpo, em Trôade, e os meus livros, especialmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13). Paulo queria ler. Queria aprender mais do Cristo a quem ele devotara toda a sua vida.⁶²

Os cristãos eram executados de modo cruel, e os tipos de morte (dilaceração por animais selvagens, crucificação, morte na fogueira) indicam que muitos deles não eram cidadãos romanos.⁶³ Certos tipos de execução, como a crucificação, eram vedados a cidadãos romanos,

⁵⁴ SCHNELLE, 2010, p. 489.

⁵⁵ Nessa carta Clemente refere-se várias vezes a Paulo, tornando-se uma das fontes antigas a respeito do período intermediário entre as duas prisões que o apóstolo sofreu em Roma (CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 57).

⁵⁶ BRUCE, 2003, p. 434-435.

⁵⁷ SCHNELLE, 2010, p. 485.

⁵⁸ BRUCE, 2003, p. 436. Outros eruditos arriscam datas diferentes, como 62 ou 64 d.C. (SCHNELLE, 2010, p. 491).

⁵⁹ MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo**: vidas paralelas. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 120.

⁶⁰ MacARTHUR, John. **O livro sobre liderança**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 156.

⁶¹ MURPHY-O’CONNOR, 2008, p. 124.

⁶² LOPES, 2009, p. 148-149.

⁶³ SCHNELLE, 2010, p. 489.

exceto em situações extremas, como a alta traição.⁶⁴ Paulo era cidadão romano, e, segundo a tradição, foi decapitado num lugar chamado *Aquae Salviae* (hoje Tre Fontane), perto do terceiro marco da estrada para Óstia.⁶⁵

Foi por meio de Paulo que o evangelho chegou à Europa.⁶⁶ E foi a Paulo que Deus confiou a missão de anunciar que em Cristo havia terminado a longa espera da qual testemunhavam as Escrituras hebraicas, que aspiravam a uma renovação total do homem e do mundo por meio de uma nova criação. Foi a Paulo que coube demonstrar que em Cristo se cumpriu a esperança dos profetas.⁶⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo descreveu como o encontro com Cristo transformou radicalmente a vida de Paulo. A partir desse encontro com Cristo, toda a trajetória de Paulo contribuiu para a formação de seu conceito de viver ou estar “em Cristo”. Desse modo, ele pôde declarar: “Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Co 5.17). Paulo estava consciente de ter recebido uma nova vida em Cristo, por meio do Espírito de Deus, nova vida que resultou em um comportamento completamente transformado. De perseguidor da igreja, ele se tornou seguidor de Cristo, pregador, missionário e apóstolo. Ele descreveu sua antiga maneira de viver como algo desaparecido para sempre, morto e sepultado, utilizando, como exemplo, o batismo: “Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6.4). Ele ousou dizer: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20). Ele se referiu à nova vida como “em Cristo”, “Cristo em mim”, “no Espírito” e com o Espírito de Deus habitando nele e nos cristãos (Rm 8.9). Todas essas expressões são utilizadas para descrever o passar da vida “segundo a carne” (em Adão) para a vida “segundo o Espírito” (em Cristo). Ainda assim, ele sabia que no tempo presente a nova vida em Cristo implica mudança contínua.⁶⁸ Paulo constata, no entanto, que o ato de reconciliação de Deus com os homens, em Cristo, tem como consequência o morrer para o antigo modo de vida e a nova criação em Cristo:

Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (2 Co 5.14,15).⁶⁹

⁶⁴ STOTT, John R. W. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006, p. 22.

⁶⁵ BRUCE, 2003, p. 437.

⁶⁶ STOTT, 1994, p. 291.

⁶⁷ REY, Bernard. **Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo**. São Paulo: Academia Cristã, 2005, p. 313.

⁶⁸ WELLS, David F. **Volte-se para Deus: a conversão cristã como única, necessária e sobrenatural**. São Paulo: Shedd, 2016, p. 65-66.

⁶⁹ KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 245.

Para o apóstolo Paulo, os cristãos passaram a pertencer a um novo estado de coisas, enquanto ainda se encontram, temporariamente, presos no antigo modo de viver, do qual estão sendo libertados:

Por um lado, em virtude de sua comunhão com Cristo, os crentes pertencem à nova criação, foram redimidos da era presente e passaram para o reino de Cristo (2Co 5.17; Gl 1.4; Cl 1.13); por outro lado, ainda estão na carne e, conseqüentemente, com seu atual modo de existência pertencem ao mundo presente (Gl 2.20; 1Co 5.10). Fica claro que essa relação dupla da igreja com o mundo no qual ela vive, também deve determinar sua conduta ética.⁷⁰

Paulo baseia sua concepção de estar “em Cristo” na fé. Cristo reina no crente pelo Espírito por meio da fé, o que habilita o crente a fazer atos justos.⁷¹ A identidade cristã, portanto, é baseada na nova vida em Cristo por meio da fé. Essa identidade se manifesta no trato com o mundo (a “era presente”) mediante a liberdade que o crente desfruta em Cristo e mediante o processo contínuo de mudança que essa nova vida produz, ou seja, a santificação (tanto positiva, no sentido de dedicação cada vez maior a Deus, quanto negativa, no sentido de abandonar os velhos hábitos pecaminosos).⁷² O crente em Cristo pertence à era futura, mas ainda vive na era presente. Este é o tempo da fé. Por isso, Paulo fundamenta todas as suas exortações éticas naquilo que Deus fez em Cristo pelos crentes, recordando-lhes que foram batizados na morte de Cristo (Rm 6.3), são membros do corpo de Cristo (1 Co 12.27) e que devem fazer bom uso de sua liberdade, pois a liberdade em Cristo não insiste em seus próprios direitos, mas está sempre pronta a renunciá-los por amor às outras pessoas, especialmente aos crentes mais fracos na fé (Rm 14.1 – 15.6; 1 Co 8.1-13; 10.23-33).⁷³

Igualmente, o indivíduo em Cristo não deve ter qualquer comunhão com as obras das trevas (Ef 5.11), porque agora ele é luz no Senhor (Efésios 5.8).⁷⁴ Deve fazer morrer o que pertence à natureza terrena, pecaminosa, porque já morreu e ressuscitou com Cristo (Cl 3.1-11).

Assim, pois, o indivíduo em Cristo vive pela fé, mas essa fé encontra a sua expressão numa vida transformada, completamente diferente da antiga forma de viver sem Cristo. As atitudes, a conduta e os valores éticos dos cristãos sofreram uma mudança radical, a mesma transformação radical que o próprio Paulo experimentou, e, portanto, devem conduzir suas vidas num plano moral e ético mais elevado do que os padrões mundanos do tempo presente, vivendo à luz do evento Cristo.

REFERÊNCIAS

BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

⁷⁰ RIDDERBOS, 2013, p. 333.

⁷¹ KÜMMEL, 1983, p. 249-251.

⁷² RIDDERBOS, 2013, p. 333.

⁷³ BORNKAMM, 2009, p. 317-318.

⁷⁴ RIDDERBOS, 2013, p. 336.

- BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**. Curitiba: Esperança, 2004.
- BORNKAMM, Günther. **Paulo: vida e obra**. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.
- HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006.
- HENDRIKSEN, William. **Filipenses**. São Paulo: CEP, 1992.
- HEYER, C. J. den. **Paulo: um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2009.
- HÖRSTER, Gerhard. **Teologia do Novo Testamento**. Curitiba: Esperança, 2009.
- KRUSE, Colin G. **II Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **A supremacia e a suficiência de Cristo: a mensagem de Colossenses**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- MacARTHUR, John. **O livro sobre liderança**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- MARSHALL, I. Howard. **Atos dos apóstolos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- _____. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MARTIN, Ralph P. **Filipenses: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo: vidas paralelas**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PIPER, John. **Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã**. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2008.
- REY, Bernard. **Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo**. São Paulo: Academia Cristã, 2005.
- RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: o apóstolo da glória de Deus em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. São Paulo: ABU, 1994.

_____. **A mensagem de Efésios**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2007.

_____. **A mensagem de Gálatas: somente um caminho**. São Paulo: ABU, 2007.

_____. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006.

STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

SWINDOLL, Charles R. **Paulo: um homem de coragem e graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. São Paulo: Shedd, 2007.

WELLS, David F. **Volte-se para Deus: a conversão cristã como única, necessária e sobrenatural**. São Paulo: Shedd, 2016.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

IMPLICAÇÕES DO TEXTO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS 8.34 PARA A IGREJA HOJE

Implications of Gospel by Saint Mark 8.34 for the church today

Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é ratificar a consistência das exigências do Cristo descritas no Evangelho de São Marcos 8.34 para os Seus seguidores, ou seja, a igreja. Em um contexto de abandono exegético e particular interpretação, as palavras de Jesus perdem o sentido original. Torna-se relevante o significado de cada termo chave do texto do Evangelho segundo São Marcos que é escopo deste trabalho, na língua original, para compreensão mais ampla e aplicação correta das referidas exigências, as quais são: negar o eu, tomar a cruz e seguir o Mestre; exigências essas que não ficaram no passado, mas são para a igreja hoje. O referido texto desafia os discípulos de Cristo a uma atitude de abnegação, martírio e obediência. É uma convocação a um estilo de vida que envolve suportar a cruz e o sacrifício, condições que desarraigam a ideia de um triunfalismo privilegiado. Trata-se de um processo de desconforto que implica reorientação e abandono de valores egocêntricos em favor do cumprimento dos ensinamentos do Mestre. Em uma era marcada pelo egocentrismo, relativismo e pragmatismo a mensagem do Evangelho segundo São Marcos 8.34 é paradoxal, porém rejeição e humilhação são processos pelos quais os discípulos são provados e moldados para triunfo e glória.

Palavras-chave: Exegese. Hermenêutica. Negue-se a Si Mesmo. Siga a mim. Tome a Cruz.

ABSTRACT

The aim of this study is to ratify the consistency of the Christ exigency described in the Gospel written by Saint Mark 8.34 for His followers, that is, the Church. In a context of exegetical

¹ A autora é bacharela em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Nacional e Faculdade de Teologia Integrada.

E-mail: nediagalvao@gmail.com

abandonment and private interpretation, Jesus' words lose their original meaning. It is relevant to understand the meaning of each key term of the Gospel text according to Mark in the original language to have a broader understanding and correct application of those requirements, which are: deny self, take up the cross and follow the Master; these requirements that were not in the past but are for the church today. That text challenges the disciples of Christ to a attitude of self-denial, martyrdom and obedience. It is a call to a lifestyle that involves supporting the cross and self-sacrifice, conditions that displace the idea of a privileged triumphalism. It is a process of discomfort that implies reorientation and abandonment of self-centred values in favor of the fulfilment of the Master's teachings. In an age marked by egocentricity, relativism and pragmatism, the message of the Gospel according to St. Mark 8:34 is paradoxical, however, rejection and humiliation are processes by which the disciples are proven and shaped to a triumph and glory.

Keywords: Deny Himself. Exegesis. Follow me. Hermeneutics. Take the Cross.

INTRODUÇÃO

A passagem bíblica do texto do Evangelho segundo São Marcos que aponta para a renúncia, tomar a cruz e seguir o Cristo, são repetidas em ocasiões distintas, ainda que com algumas diferenças. Nos Evangelhos segundo São Mateus 10.38, 16.24 e São Lucas 9.23, 14.27, Jesus intima seus seguidores a não simplesmente abrir mão dos bens materiais (Lc 14.33), mas de algo além: a própria vontade. Também elucida a necessidade de cada discípulo levar a sua própria cruz. São Lucas enfatiza que essa é uma atitude contínua, dia a dia (Lc 9.23) e que implica conseqüentemente seguir os ensinamentos deixados por Cristo.²

Eis um desafio naqueles dias, para aqueles que se alistavam para seguir o Messias: o negar a si mesmo, estar preparado para enfrentar a humilhação e o martírio, ou seja, estar disposto a perder a própria vida e espalhar as boas-novas do Reino de Deus, tudo isso por causa do Cristo.³

Não era uma proposta convidativa, afinal seguir Jesus implicaria aparentes perdas, aparentes prejuízos. Além de frustrar as expectativas dos judeus acerca do Messias que esperavam como um libertador da opressão social e política às quais aquele povo estava subjugado. A proposta do Messias não era humanamente convincente, mas havia um teor espiritual que torneava a mensagem e proposta messiânica numa esfera superior.

A proposta e mensagem de Jesus não se tornaram obsoletas, as mesmas implicações em segui-lo aproximadamente 2.000 anos atrás são as mesmas nos dias atuais. Numa sociedade regida pelo “eu”, hedonista, periodicamente disposta a se compadecer do próximo, pseudamente altruísta, sem absolutos e relativista, a mesma mensagem de 2.000 anos atrás ecoa da mesma maneira, da mesma forma: renúncia, humilhação e atitude, são as propostas para aqueles que se dispõem a seguir Jesus o Cristo.

Essas implicações repercutem como características de fracasso, porém são as condições para alguém se tornar verdadeiro seguidor do Cristo. Não é uma mensagem que corresponde

² FILLION, L. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Josemar de Souza Pinto. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

³ SHORT, S. S. **Marcos**. In: BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário Bíblico NVI**. Tradução de Valdemar Kroker. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

às expectativas humanas, não satisfaz o ego, destrona o homem do centro, seus interesses e anseios são suprimidos.

Porém, é neste contexto de comportamentos, ideologias e filosofias que colidem com a mensagem do Evangelho de Jesus que a igreja deve resgatar a correta compreensão e interpretação de Suas palavras, quanto ao negar a si, tomar a cruz e segui-lo. As exigências de Jesus não são aceitas com simpatia ou agrado, pois a proposta da era pós-moderna é voltada para o aqui e agora, enquanto a proposta de Jesus transcende o efêmero.

Assim, o objetivo deste trabalho é ratificar a consistência das exigências do Cristo para os Seus seguidores, ou seja, a igreja. Exigências essas que devem permanecer intactas quanto aos ataques filosóficos da era pós-moderna no que se refere ao relativismo, pragmatismo e egocentrismo.

Torna-se relevante este trabalho diante de uma sociedade de cultura líquida onde as coisas se diluem, numa sociedade de impermanência onde as coisas são descartáveis, numa sociedade relativista onde cada qual tem sua interpretação e isso se torna uma verdade. Numa sociedade na qual tem se implantado a tirania do prazer, o estudo das palavras de Jesus quanto à renúncia, tomar a cruz e segui-lo é um resgate de total relevância.

O trabalho poderá servir de contribuição para a igreja como esclarecimento, estudo e motivação de praticidade no que se refere às exigências de renunciar, sofrer humilhação, sofrer martírio, obedecer e propagar as boas-novas. Também poderá contribuir para acadêmicos interessados em agregar minúcias postas de lado em meio um liberalismo teológico que tem influenciado as academias teológicas.

1. DESENVOLVIMENTO

1.1 Exegese hermenêutica

O termo exegese origina-se da palavra *exegeomai* e significa conduzir de dentro para fora. O termo “hermenêutica” significa interpretação.⁴

A hermenêutica é a ciência da interpretação e esse processo de interpretar inclui a exegese, que é a busca do sentido original do texto. A aplicação do mesmo para a atualidade consiste num conjunto de regras que permite determinar o sentido real da obra literária, sem vitimá-la à relativização e desconstrucionismo.

O objetivo exegético e hermenêutico é manter o texto intacto, íntegro, isento de interferências e modificações. A pureza do texto, a não violação do sentido original, ou seja, o que diz o autor, a sua intenção expressa no texto ante seu contexto histórico e gramatical é o escopo da exegese e da hermenêutica. Enquanto a exegese busca significado, a hermenêutica busca significância; daí a fusão das duas.

A compreensão do que ouvimos e lemos geralmente é dada de forma instantânea, sem um aprofundamento dos fatos, damos significados automáticos às coisas. Dentro das regras

⁴ BRASILEIRO, J. C. **Hermenêutica bíblica avançada**. Apostila para estudos individuais do curso bíblico para treinamento de obreiros, 2014.

da hermenêutica essa compreensão espontânea e instantânea é bloqueada dando lugar: ao significado primitivo da mensagem, distinção cultural, diferença linguística e lacuna filosófica.⁵

Vejamos algumas questões básicas, segundo Brasileiro⁶, para a compreensão de um texto quer seja bíblico ou não:

1. Quem? Quem é o autor? Quem está falando? Quem é retratado?

2. Para quem? A quem está falando? A quem se dirige? Qual o relacionamento existente entre autor (es) e destinatário(s)?

3. Quando?

4. Onde? Onde foi escrito? Onde estava o autor? Onde viviam/estavam os recipientes?

5. Como? Qual o tipo literário? Qual a linguagem utilizada?

6. Por quê? Quais eram as circunstâncias? Que situação histórica ocasionou o escrito?

Qual era o propósito do autor?

Esses passos são princípios básicos, ou seja, elementares para exegese e hermenêutica textual. A aplicação do texto sem perder a conexão do sentido original é fruto da fusão da exegese e hermenêutica. Uma obra literária não pode ser interpretada de maneira especulativa, mas genuína. Não devemos falar o que o texto não fala, ele não pode significar o que nunca significou. O texto não é material de manipulação, mas determinante e subordinado à intenção do autor original.

A hermenêutica parte de uma exegese que é a base de um estudo histórico-literário que resgata a mensagem transmitida pelo autor ao seu público alvo, aplicando esta mensagem a um contexto distinto, sem ferir a originalidade textual, antes respeitando a transição histórica.⁷

É fato que ao leitor está intrínseco o ato instantâneo de compreender e interpretar, porém cautela e bom senso são fundamentais para que experiências e ideias pessoais, a influência cultural que é própria do leitor não sejam vetores da hermenêutica. A compreensão e interpretação textual partem da intenção autoral.

O leitor e conseqüentemente intérprete do texto deve ainda ter o cuidado de não agir pretensiosamente, desejando extrair algo inédito, exclusivo, algo que ninguém jamais viu ou ouviu acerca do texto; a “escavação” do texto deve ser realizada no limite e não além do limite, a fim de trazer à tona meras especulações originais. Existem casos em que a compreensão e interpretação textual se dá próximo à superfície, sem necessidade de profundas “escavações”.⁸

A Hermenêutica pós-moderna consiste na pluralidade de interpretações, cada leitor produz seu próprio significado, os textos se tornam verdadeiros “reservatórios” de sentidos diversos, a exegese é desprezada e o texto passa a ser manipulado.

No entanto, a hermenêutica possui sentido singular, embora variadas aplicações em diferentes contextos culturais, tem como objetivo a busca da intenção autoral sem influência

⁵ VIRKLER, H. A. **Hermenêutica Avançada**. São Paulo: Vida, 2001.

⁶ BRASILEIRO, 2014, p. 16.

⁷ BRASILEIRO, 2014.

⁸ FEE, Gordon; STUART, D. **Entendes o que lê(s)?**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. Tradução de Gordon Chown e Jonas Madureira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

filosófica, mística ou científica se não houver coerência com a obra⁹, que implica proximidade do sentido original, sem distorções, sem especulações, sem invenções. Levando em conta a importância de tal tarefa, elucidaremos a seguir o contexto do objeto de estudo deste trabalho.

1.2 Contexto do estudo

1.2.1 Contexto do Evangelho segundo São Marcos

O Evangelho segundo São Marcos, à semelhança dos Evangelhos segundo São Mateus, São Lucas e São João, foi escrito de forma anônima, no entanto a autoria de João Marcos foi atestada por autores eclesiais do segundo século, como Papias, Irineu, Clemente de Alexandria, etc.¹⁰

Marcos era filho de Maria, cuja casa era lugar de reunião dos primeiros cristãos em Jerusalém (At 12.12). É possível que Marcos fora convertido por intermédio do ministério do apóstolo Pedro e tais evidências vêm do próprio Evangelho, cuja proeminência de Pedro na história, incluem alusões a ele, que só o próprio lembraria (16.7), a sua presença em várias cenas descritas (5.37; 9.2; 14.33,66-72 etc.), inclusões de minúcias no relato sugerem que a origem da descrição vem de uma testemunha ocular (1.19; 4.38; 6.39) e menções de detalhes de atos e gestos de Jesus (3.5; 7.33; 8.23; 10.16; etc.).¹¹

A evidência de uma relação próxima de Pedro com Marcos também se dá na referência que o próprio Pedro faz a Marcos, chamando-o de “meu filho” (1Pe 5.13). No ano 150 d.C., Justino Mártir refere-se ao Evangelho de São Marcos como “as memórias de Pedro”. No ano 185 d.C., Irineu refere-se a Marcos como “discípulo e intérprete de Pedro”.¹²

O Evangelho segundo São Marcos é provavelmente o mais antigo relato que temos sobre Jesus, as datas propostas vão do ano 39 a 70 de nossa era; também é razoável a ideia de que tal Evangelho foi escrito em Roma.¹³ O escrito é breve, claro e poderoso; retratando de forma objetiva, esclarecedora e satisfatória a pessoa e obra de Jesus. O versículo introdutório resume o tema do evangelho “Jesus Cristo, o Filho de Deus”.¹⁴

Há concordância geral de que esse título constitui o âmago da mensagem do Evangelho segundo São Marcos, porém, ainda que paradoxal, à medida que Jesus é apresentado como o Filho de Deus, que age com toda autoridade que emana do próprio Pai, também vemos Jesus em humilhação, fraqueza e sofrimento, retratado como “O Filho do Homem” (8.31; 9.12,31; 10.33; etc.).¹⁵ Jesus é apresentado como o “Filho de Deus”, triunfante sobre Satanás, sobre o pecado, mas que compartilhou plenamente as aflições e emoções humanas como “Filho do Homem”, ou seja, servo sofredor.

⁹ LAUTER, Gabriel G. Os desafios da hermenêutica na pós-modernidade: um estudo introdutório sobre o pós-modernismo e sua influência na interpretação bíblica. *Revista Batista Pioneira*, v. 03, nº 02, Dez/2014. p. 261-276.

¹⁰ SHORT, 2012.

¹¹ SHORT, 2012.

¹² MACARTHUR, John. *Manual bíblico MacArthur*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

¹³ MULHOLLAND, D. M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

¹⁴ TENNEY, M. C. *O Novo Testamento sua origem e análise*. São Paulo: Shedd, 2008.

¹⁵ LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

O foco do relato de São Marcos está mais nos feitos de Jesus, que nos seus ensinamentos, enfatizando sua humanidade, suas limitações e suas emoções. Suas obras são a principal fonte de interesse, e a sua morte e ressurreição constituem o ápice da narração. Os milagres realizados por Jesus, geralmente ligados a uma necessidade humana, reiteram que este Evangelho é repleto de ação.

Essa apresentação peculiar do Evangelho segundo São Marcos, do Cristo humano que ao mesmo tempo é Deus, integra teologia e praticidade, é um desafio a um discipulado radical. São Marcos ainda enfatiza a cruz de Cristo e sua humilhação como o caminho da glorificação. Jesus e seus ensinamentos são apresentados de maneira concisa, de modo a trazer o que havia de mais relevante para os leitores do Evangelho em questão.¹⁶

Portanto, o paradoxo do “Filho de Deus”, “Filho do Homem”; a dedicação aos atos de Jesus; a ênfase no sofrimento e morte de Cristo, faz do mencionado Evangelho, o Evangelho da ação, o Evangelho da vivacidade. A ausência de prólogo, as poucas citações diretas do Antigo Testamento, indicam que o propósito de tal Evangelho é evangelístico; evidencia um esforço para expor ao público a pessoa e obra de Cristo, ou seja, não havia interesse em especulações, mas em fatos.

Dentro deste escopo, discorreremos a seguir no contexto da passagem crucial e desafiadora aos que se alistam para ser discípulo do Mestre Jesus. As exigências descritas no capítulo 8, versículo 34, do Evangelho segundo São Marcos.

1.2.2 Contexto de São Marcos 8.34

O texto em questão desafia os discípulos de Cristo a uma atitude de abnegação, martírio e obediência. Veja-se o que diz o texto: “E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Evangelho de São Marcos, capítulo 8, verso 34). Ou seja, o texto provê como base do discipulado uma atitude de autonegação. É uma convocação a um estilo de vida radical. Os discípulos de Cristo precisam negar a si mesmos, precisam entender que a ênfase no sofrimento e morte do Cristo é um modelo de discipulado.

Sabe-se que “se a obra do Messias envolve rejeição e sofrimento, em vez de popularidade e triunfo, então os seguidores do Messias não devem esperar algo melhor.”¹⁷ Ser um discípulo de Cristo é necessariamente um processo de desconforto que implica reorientação e abandono de valores egocêntricos, em favor do cumprimento aos ensinamentos do Mestre. O texto que é objeto de estudo faz uma convocação, traz as condições realistas do que é necessário para ser um discípulo de Jesus: rejeição e humilhação. Processos pelos quais os discípulos são provados e moldados para um triunfo e glória.

Foram com essas condicionais que se depararam os discípulos de Jesus. Porém, é necessário um retrospecto para compreender como foi para os discípulos e os demais que seguiam a Cristo serem confrontados com tais exigências.¹⁸ Dos versículos 10-21 do capítulo

¹⁶ MULHOLAND, 2014.

¹⁷ LADD, 2003, p. 299.

¹⁸ Os comentários que seguem neste tópico, foram adaptados de: PRICE, D. E. (Org.). **Biblos – o CD da pesquisa bíblica**. Software. Desenvolvido por BP Soluções em Software. São Paulo: Vida Nova, 2002.

8, verificamos que diante do pedido insincero dos fariseus, cujo interesse era fabricar provas de que Jesus não se tratava do Messias; o Mestre ensina aos seus discípulos usando uma linguagem que lhe é peculiar, por metáfora, os quais não alcançam o significado espiritual e íntimo do ensino de Jesus.

A percepção espiritual dos discípulos ainda deixava a desejar e o relato posterior, dos versículos 22 a 26 do capítulo 8, traz o retrato deste processo de restabelecimento, de restauração da visão espiritual. Há um aspecto singular nos versículos 22 a 26; a cura do cego foi gradual. À semelhança dos discípulos, o cego da referida passagem na primeira etapa do milagre tem apenas um vislumbre de imagens, foi necessário um segundo toque para obtenção plena da cura; os discípulos eram comparáveis ao cego na primeira fase da cura, tinham apenas raios de esperança, lampejos acerca do Mestre e sua missão.

É bem provável que a inserção que o evangelista Marcos faz desta passagem nesta etapa seja proposital, para elucidar a real situação em que os discípulos se encontravam, de mero processo, de aperfeiçoamento, até a obra de Cristo se completar e eles alcançarem plena compreensão do Mestre e sua missão.

Dos versículos 27 a 33 do capítulo 8, é perceptível que a luz começa a penetrar entre o colégio apostólico, pois enquanto a visão geral era de que Jesus não passava de uma pessoa de destaque; na compreensão dos discípulos, o apóstolo Pedro como porta-voz do colegiado faz a declaração de reconhecimento do Mestre como o Messias, ainda que como o cego curado na fase inicial, com uma visão espiritual ainda imperfeita, ainda limitada, porém evidenciando um conhecimento gradativo acerca de Jesus.

Os discípulos compreendiam a verdadeira identidade de Cristo, mas não plenamente sua missão. A explicação acerca do caminho redentor foi incompreendida pelos discípulos. Os dois aspectos da vinda do Messias, do Messias triunfante (Is 11), nutria no povo judeu esperanças com implicações materiais e políticas, enquanto do Messias sofredor (Is 53) eram postos de lado. Daí essa imperfeita ou incompleta visão espiritual.

Jesus passa a ensinar-lhes a necessidade do sofrimento do Messias, o aspecto do texto de Isaías 53, o Messias sofredor, e os discípulos ficam assombrados com esta divulgação. Jesus ensina que o discípulo deve estar em absoluta harmonia e perfeita compreensão com os desígnios de Deus.

E no versículo 34 do capítulo 8, São Marcos introduz a cruz, sendo mencionada pela primeira vez neste Evangelho como exigência para os discípulos de Cristo o que implica não meramente desassossego e inconveniência, mas morte; a autonegação, a abdicação do trono ocupado pelo ego; a hostilidade ferrenha que resulta em perseguição, são exigências para seguir o Messias.

Tais exigências são um paradoxo diante da tendência humana de satisfazer o ego, buscar uma vida de tranquilidade e segurança. Porém, são essas exigências contidas no Evangelho de São Marcos: negar o eu, levar a cruz e obedecer, que elucidaremos no decorrer deste trabalho e suas implicações na sociedade contemporânea.

1.3 Características da sociedade contemporânea

A pós-modernidade é o período que ganhou força na década de 1970 do século 20 e tem influenciado a forma de pensar e interpretar a realidade. Foi uma reação ao modernismo, movimento filosófico que o antecedeu, caracterizado pela racionalidade cuja influência se deu do Renascimento e Iluminismo.¹⁹

A sociedade pós-moderna caracteriza-se pelo relativismo, pragmatismo e egocentrismo, dentre outras características. A ênfase deste tópico será restrita às características citadas, tendo em vista o escopo deste trabalho. O relativismo apresenta um cenário de ambiguidade, sem a existência de absolutos. O grande desafio é apresentar as palavras de Jesus como algo que é vigente, não em partes, mas de forma íntegra.

As implicações de negar a si mesmo, tomar a cruz e seguir incondicionalmente a Cristo, não têm interpretações variadas e/ou pessoais, mas significa o que exatamente significou para o público original de Jesus e dos primeiros leitores do Evangelho segundo São Marcos.

Ainda se destaca que “o paradigma de hoje é precisamente a rejeição de paradigmas”.²⁰ Em um contexto em que cada indivíduo cria seu padrão, sua verdade, sua interpretação, a atual geração torna-se um espectro.

É um período estigmatizado pelo novo, pelo inovador e neste contexto a interpretação bíblica é alterada ao gosto popular. Muitas são as interpretações bíblicas e a hermenêutica é feita em função do indivíduo e seu mundo. Uma sociedade que abandonou o pensamento moderno de que a verdade é objetiva, traz a ideia da existência de múltiplas verdades, e cada indivíduo tem seus próprios conceitos.²¹

Portanto, o relativismo pós-moderno é um dos grandes entraves para a compreensão e interpretação das reivindicações de Jesus quanto aos seus seguidores. E os empecilhos não param por aí, em uma sociedade também pragmática as exigências de Jesus ecoam como fracasso.

O pragmatismo rege a geração pós-moderna e os bons resultados são aferidores do sucesso. E o desafio é pregar acerca da abnegação, do martírio e sujeição a Cristo em uma era pragmática. O pragmático não está interessado na verdade, mas em resultados que lhe convêm. Muitos pregadores mudam a mensagem, dão interpretações distorcidas para atrair pessoas e satisfazê-las. O pragmático não busca a verdade, mas o que funciona; não busca o que é certo, mas o que dá certo.²²

Certamente as implicações da passagem do Evangelho em estudo não são o que o povo quer ouvir, mas é o que o povo precisa ouvir. O pragmatismo não pode ser o vetor da mensagem, mas a fiel exegese e correta hermenêutica. O pregador pragmático, que prega para um público pragmático abastece suas mensagens com humor e anedotas, termos como:

¹⁹ LAUTER, 2014.

²⁰ BAUMAN, S. A cultura é um campo de batalha e um parque de diversões. Entrevista ao jornalista Luis Antônio Giron. **Revista Época online**. Publicado em 08 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-cultura-e-um-campo-de-batalha-e-um-parque-de-diversoes.html>> Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

²¹ LAUTER, 2014.

²² LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva**. São Paulo: Hagnos, 2008.

renúncia, cruz e sujeição não fazem parte do vocabulário pragmático. O indivíduo pós-moderno também se tornou essencialmente individualista e o hedonismo sua meta de vida. “O alvo do homem moderno é agradar a si mesmo, não a Deus”.²³

É uma era marcada pelo senhorio do eu, pela indiferença em relação às necessidades alheias, pela hipocrisia que permeia a filantropia, pela ausência de relações profundas; o indivíduo pós-moderno é essencialmente individualista, seu alvo é agradar a si mesmo.

A proposta pós-moderna é massagear o ego humano, portanto a mensagem acerca de resignação, cruz e obediência que está proposta no Evangelho não satisfaz, não agrada, não corresponde às expectativas, antes frustra os anseios do indivíduo desta era.

Nada de falar acerca de pecado, nada de confronto, nada de perseguição, nada de sofrimento, nada de promessas vindouras, o indivíduo pós-moderno quer uma mensagem suave, agradável e concreta aqui e agora.

É diante deste cenário relativista, pragmático e egocêntrico que as reivindicações de Cristo ecoam de maneira desagradável, de maneira nada convincente ou atraente, sendo um grande desafio falar das questões: renúncia, sofrimento e sujeição. Trazer à tona um trabalho exegético e hermenêutico sério, a fim de elucidar o significado original de tais exigências e aplicação para nossos dias é a proposta deste trabalho, que segue com a análise do texto no próximo tópico.

2. ANÁLISE DO TEXTO E APLICAÇÃO DO TEXTO

Neste tópico serão abordadas as implicações dos termos chave do texto do Evangelho segundo São Marcos, capítulo 8 versículo 34, os quais são: negue a si mesmo (ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν), tome a cruz (ἀράτω τὸν σταυρὸν) e siga a mim (ἀκολουθεῖτω μοι).

2.1 Análise gramatical e do léxico

Esta análise teve como ponto de partida o Novo Testamento Grego interlinear grego²⁴ e o Novo Testamento Grego Analítico de Friberg e Friberg²⁵ e o Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos de Louw e Nida²⁶ e é resumida no quadro 1.

²³ LOPES, 2008, p. 100.

²⁴ NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO – PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

²⁵ FRIBERG, B.; FRIBERG, T. **O Novo Testamento grego analítico**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

²⁶ LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico Grego – Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

Quadro 1 – Resumo da análise inicial nos termos chaves.

Termo grego	Termo transliterado	Tradução	Análise Gramatical	Significado no Léxico
ἀπαρνησάσθω	aparnesásto	negue	verbo do modo imperativo, tempo aoristo, voz média deponente da terceira pessoa no singular	Recusar-se a pensar em ou mostrar preocupação por – “não levar em consideração, não dar atenção a, dizer ‘não’ a”. O significado também pode ser expresso de forma metafórica ou idiomática, como, por exemplo, “recusar-se a dar atenção ao que os próprios desejos estão dizendo” ou “recusar-se a pensar sobre aquilo que se quer só para si”. Em alguns casos, pode-se empregar outro tipo de expressão idiomática, como, por exemplo, “colocar-se no fim da fila” ou até mesmo, “dizer ao próprio coração: Fica quieto!”.
ἐαυτὸν	eaitón	a si mesmo	substantivo, pronome acusativo masculino da terceira pessoa do singular.	Uma referência reflexiva a uma pessoa ou coisa de que se fala ou sobre a qual se escreve – “si mesmo, si mesma”.
ἀράτω	Aráto	tome	verbo de modo imperativo, tempo aoristo, voz ativa da terceira pessoa do singular	αἰρω (ἀράτω) τὸν σταυρὸν: expressão idiomática significa literalmente, “tomar a cruz”, “carregar a cruz”; estar preparado a enfrentar terrível sofrimento, que pode inclusive resultar em morte – “estar preparado a sofrer até a morte, tomar a sua cruz”. A referida expressão no texto do Evangelho de São Marcos 8:34 significa: “estar preparado a passar por sofrimentos que podem resultar em morte”.
τὸν	Tón	a	artigo definido, acusativo, masculino, singular	
σταυρὸν	staurón	cruz	substantivo acusativo, masculino, singular	
ἀκολουθεῖτω	akoluteíto	siga	verbo de modo imperativo, tempo presente, voz ativa da terceira pessoa do singular	Ser um seguidor ou discípulo de alguém, no sentido de aderir aos ensinamentos ou à doutrina de um líder e promover a causa desse líder – “seguir, ser discípulo de”. “Seguir, vir após, vir ou ir atrás”. Seguir ou acompanhar alguém que toma a frente e determina a direção e a rota do deslocamento – “acompanhar como seguidor, seguir, ir junto com”; ἀκολουθέω pode significar mais do que simplesmente que se está indo atrás, pode especificar um fator de acompanhamento.
Μοι	Moi	a mim	substantivo, pronome dativo da primeira pessoa do singular	uma referência ao falante ou emissor (no caso do texto em foco, refere-se à pessoa de Jesus).

Passada as etapas do grego analítico e do léxico, cada termo-chave foi analisado e estudado no contexto geral. Foi realizado o paralelo do significado original com a aplicação para hoje, ou seja, exegese (o que já foi iniciado) e hermenêutica.

2.2 Contexto geral e aplicação

No capítulo 8, versículo 34, do Evangelho segundo São Marcos, Jesus declara as exigências para os que querem ser seus discípulos.

As exigências têm início com a abnegação “ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν” – “negue a si mesmo”, isso implica destonar o “eu” em prol da vontade de Deus, uma contínua negação a si mesmo, uma erradicação da auto idolatria. Os discípulos do Cristo, naquela ocasião, já haviam renunciado parcialmente algumas coisas, tais como a segurança, conforto do lar e empregos, porém o negar a si mesmo vai além de estereótipos, trata-se do controle total de Jesus, inclusive no coração.²⁷

O discipulado cristão exige total abnegação e não uma renúncia meramente parcial. É uma renúncia a toda confiança em si mesmo, é renunciar aos próprios desejos, é se colocar no fim da fila. O verbo “ἀπαρνησάσθω”, ou seja, “negue”, no modo imperativo é uma exigência clara do negar o “eu” e essa autonegação inclui até “o abrir mão das prerrogativas de ‘direitos humanos’”.²⁸

Dizer não a si mesmo é o ponto de partida que dá impulso ao cumprimento das demais exigências para ser um discípulo de Jesus. Champlin²⁹ destaca que as condições de seguir a Cristo são extremamente difíceis, porém a maior motivação e consolo ante tais exigências se encontra no próprio Cristo, maior exemplo de autonegação e martírio.

Portanto, o uso do termo “ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν”, “negue a si mesmo”, implica dizer não a si mesmo, recusar-se a dar atenção aos próprios desejos, recusar-se a pensar sobre aquilo que se quer só para si, colocar-se no fim da fila, dizer ao próprio coração: Fica quieto!³⁰

O indivíduo que se alista para a causa de Cristo, passa a ter uma atitude de autonegação, de abdicação do trono ocupado pelo “eu”, de renúncia das próprias vontades e ambições, a fim de que Cristo seja entronizado em sua vida.

O discípulo de Cristo o tem não apenas como Salvador, reconhecendo que é um pecador e carece da redenção e remissão do Mestre, mas o tem também como Senhor, submetendo-se inteiramente à vontade do senhorio de Jesus.

O estilo de vida egocêntrico é bastante estimado, e na era pós-moderna tem formado uma sociedade regida pelo “eu”, uma sociedade que tem como meta de vida o hedonismo, vive sob a tirania do prazer como padrão dominante do comportamento humano.

Jesus ensina a negar essa tendência egocêntrica de dar atenção aos próprios desejos e de se colocar no início da fila. O verdadeiro discípulo de Jesus não é regido, não é conduzido pelo “eu”, mas o vetor de sua vida é a Palavra de Deus. O próprio Jesus como homem abriu mão de conforto, de poder político, de grandeza e popularidade, o que seriam obstáculos no cumprimento de sua missão.³¹

²⁷ MULHOLLAND, 2014.

²⁸ MULHOLLAND, 2014, p. 137.

²⁹ CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 1.

³⁰ LOUW; NIDA, 2013.

³¹ CHAMPLIN, 1995.

Nesta era pós-moderna há uma busca desenfreada pelo prazer, há uma urgência de prazer, porém a exigência de dizer não a si mesmo ecoa exatamente da mesma maneira como nos dias de Jesus, pois é um dos aspectos do verdadeiro discípulo do Mestre. “E os que estão em Cristo crucificam a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Apóstolo Paulo, Gl 5.24).

O negar a si mesmo não pode ser relativizado como se não fosse exatamente isso que Jesus disse; o negar a si mesmo não é uma mensagem atraente de cunho pragmático no que se refere a alcançar resultados que correspondam às expectativas meramente humanas e o negar a si mesmo não corresponde à ética pós-moderna regida pelo “eu”, por se tratar do destrono do ego humano.

A segunda exigência exposta por Jesus para o discipulado cristão é “ἀπάτω τὸν σταυρόν” – “tome a cruz”. Mulholland³² destaca que a expressão “tome a sua cruz” algumas vezes têm seu significado atenuado a meramente levar um fardo pesado ou uma inconveniência inevitável ou simplesmente se abster de certos prazeres, porém a expressão “tome a sua cruz” significa uma disposição de sacrificar a própria vida por Jesus.

A expressão idiomática “levar a cruz” ou “tomar a cruz” é muitas vezes incompreendida pelo fato de a crucificação não estar em vigor como pena condenatória nos dias atuais, porém o significado da expressão é exatamente o mesmo do primeiro século, é estar preparado a passar por sofrimentos que podem resultar em morte.³³

A cruz tinha um significado claro para os primeiros cristãos, eles presenciavam homens condenados pelo Império Romano levando suas cruzes ao lugar de execução, muitos tinham perdido membros de suas famílias por esse método cruel de condenação que é a cruz, eles tinham a plena compreensão do profundo sofrimento e imenso sacrifício do que é “levar a cruz”.³⁴

Ser discípulo de Cristo é viver a caminho do patíbulo, no entanto, perder a vida por Jesus e pelo Evangelho é ir ao encontro de uma vida superior a que se perde. Mulholland cita o caso do missionário Jim Elliot, que em 1956, pouco antes de ser morto, na sublime missão de evangelizar índios Aucas, do Equador, disse: “Não é tolo aquele que dá o que não pode manter para ganhar aquilo que não pode perder”.³⁵

“Levar a cruz”, “tomar a cruz”, “carregar a cruz”, implica estar preparado para enfrentar o terrível sofrimento que pode resultar em morte. O público de Jesus estava bem familiarizado com essa expressão, quando os romanos conduziam um condenado ao lugar de execução, esse era forçado a carregar a cruz na qual morreria, além de ser uma advertência aos observadores.

Quando Jesus usou a expressão “levar a cruz” foi para levar a multidão a uma reflexão no seu entusiasmo por Ele. Jesus encoraja aqueles que eram superficiais a aprofundarem-se

³² MULHOLLAND, 2014.

³³ LOUW; NIDA, 2013.

³⁴ CHAMPLIN, 1995.

³⁵ MULHOLLAND, 2014, p. 138.

ou desistirem de segui-lo, afinal “levar a cruz” é estar preparado para enfrentar o possível martírio.

É provável que os cristãos ocidentais dos dias atuais tenham uma dificuldade maior de compreender tal exigência e implicação quanto ao discipulado cristão, mas cristãos asiáticos e africanos do século 21 entendem mais claramente o significado da exigência de Jesus, o “levar a cruz”, pois muitos são perseguidos, oprimidos, torturados e até executados por seguirem e pregarem a Cristo. Discorreremos em alguns casos reais e atuais do significado do “levar a cruz”, e apesar da pouca divulgação midiática, foram matérias de algumas revistas:

O grupo Jihadista Estado Islâmico divulgou um vídeo em 2015 exibindo a decapitação de 21 cristãos coptas sequestrados na Líbia. Os reféns estavam vestidos de macacões alaranjados; postos de joelhos, foram decapitados por terroristas mascarados. Os cristãos são denominados pelos extremistas islâmicos de “o povo da cruz”, não casualmente, nesse contexto, cristãos carregam suas “cruzes”, ou seja, compreendem e obedecem à tal exigência que implica perseguição e possível execução.³⁶

Apesar da grande perseguição com ataques e mortes a cristãos na Síria, o Cristianismo vive uma crescente na nação, informação reiterada pelo pastor Tom Doyle, vice-presidente do Oriente Médio da ONG Ministério Global. Segundo Doyle, mesmo sob fortes ameaças e iminência de morte, os cristãos na Síria se mantêm firmes e comprometidos com a fé em Jesus e continuam propagando o Evangelho.³⁷

Tem se intensificado a perseguição religiosa na África e Ásia. Milhões de cristãos do Oriente Médio fogem para campos de refugiados e se arriscam em travessias perigosas para a Europa. Segundo a Missão Portas Abertas (Open Doors), que monitora perseguição religiosa a cristãos, a intolerância aos cristãos só cresceu no último ano de acordo com a ONG, foram 7.100 assassinatos de cristãos em 2015 em todo o mundo, e 4.028 desses assassinatos ocorreram na Nigéria. A Coreia do Norte ocupa o topo no ranking entre os países que perseguem os cristãos segundo relatório da organização.³⁸

A Coreia do Norte é o país mais fechado do mundo e o que mais persegue os cristãos em todo o globo. Praticar a fé cristã ou ter uma Bíblia na Coreia do Norte é considerado um crime grave. O jornal sul-coreano Joong Ang Ilbo fez a denúncia da execução de 80 norte-coreanos por desobedecerem às leis que proíbem assistir televisão sul-coreana e ter Bíblias em casa. Segundo o jornal inglês Daily Mail, as vítimas já mortas foram amarradas a estacas com sacos cobrindo suas cabeças e os corpos foram crivados por tiros enquanto eram acusados dos “crimes” citados anteriormente. Para o pastor americano Eric Foley, há cerca de 100.000 cristãos na Coreia do Norte, sendo que 70.000 desses podem estar em campos de

³⁶ VEJA ONLINE. Estado Islâmico divulga vídeo de decapitação de cristãos egípcios. **Veja Online**. Publicado em 12 de fevereiro de 2015. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estado-islamico-divulga-video-de-decapitacao-de-20-cristaos-egipcios>>. Acesso em junho de 2016.

³⁷ GOSPEL MAIS. Mesmo sob intensa perseguição do Estado Islâmico, número de cristãos na Síria só cresce. **Gospel Mais**. Publicado em 20 de agosto de 2015. Disponível em: < <https://noticias.gospelmais.com.br/sob-perseguiacao-numero-cristaos-siria-cresce-78689.html>>. Acesso em junho de 2016.

³⁸ VEJA ONLINE. Perseguição a cristãos na África e Oriente Médio aumentou. **Veja Online**. Publicado em 17 de janeiro de 2016. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/perseguiacao-a-cristaos-na-africa-e-oriente-medio-aumentou>>. Acesso em junho de 2016.

concentração sendo submetidos a trabalhos forçados, passando fome e sendo torturados até a morte. Já para a Missão Portas Abertas, o número de cristãos naquele país pode chegar próximo a 400.000 mil cristãos. Ser um cristão na Coreia do Norte traz uma elucidação do significado atual da exigência de “levar a cruz”.³⁹

Portanto, a mensagem de Cristo quanto a “tomar a cruz”, “levar a cruz” se trata de estar disposto a sofrer tudo quanto for necessário pelo Mestre e pelo Evangelho, não há espaço para relativizar ou suavizar tal mensagem, sendo que o significado atual é tal como nos dias de Jesus, implica estar preparado a passar o mais terrível sofrimento por não negar a Cristo e as convicções da fé. Também não é uma mensagem que se encaixa nos padrões pragmáticos pós-moderno, não se trata de uma mensagem atraente, tampouco convidativa que trará resultados positivos dentro da perspectiva humana, antes erradica essa busca por resultados rasos e materialistas. O levar a cruz ainda desarraiga o egocentrismo, é a arrancada do ego para a centralidade da cruz. A condição de levar a cruz contrapõe à proposta pós-moderna que dita o hedonismo. Porém, padecer por Cristo não se trata de um sentimento masoquista, mas se trata de convicção.

E por fim, quem quiser ir após Cristo, a exigência é, ἀκολουθείτω μοι, que traduzido significa siga a mim, ou seja, ser um seguidor ou discípulo, no sentido de aderir aos ensinamentos e promover a causa de Jesus. “Seguir ou acompanhar a Jesus que é o que toma a frente e determina a direção e a rota do deslocamento” – “acompanhar como seguidor, seguir, ir junto com o Mestre”.⁴⁰

Cristo é o exemplo de pregador habilidoso, ele ensinava e pregava o Evangelho do reino; reino este que superará todos os reinos terrenos. À semelhança do Mestre, o discípulo deve ensinar e pregar esse Evangelho, assim como Jesus era um pregador infatigável, seus seguidores devem seguir seu exemplo, de levar a mensagem de reconciliação com Deus aos pecadores.⁴¹

Seguir a Cristo é seguir a sua direção, é aderir aos seus ensinamentos, ou seja, é ser um cristão “χριστιανός”, “alguém que é identificado como uma pessoa que crê em Cristo e segue a ele”.⁴²

Na passagem do livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 20, versículo 24, o apóstolo Paulo diz: “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, conquanto complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para testemunhar o Evangelho da graça de Deus”. Destaco do texto as expressões completar, carreira e ministério. A intenção do Apóstolo era desempenhar com perfeição a tarefa, a missão de seguir a Cristo, em obedecer e propagar seus ensinamentos, e isso envolvia esforço sério e contínuo. Seguir a Cristo é

³⁹ ARAGÃO, J. 80 pessoas são fuziladas pelo “crime” de possuir uma Bíblia. **Gospel Prime**. Publicado em 12 de novembro de 2013. Disponível em: < <https://noticias.gospelprime.com.br/fuziladas-crime-biblia-coreia-do-norte/> > Acesso em junho de 2016.

⁴⁰ LOUW; NIDA, 2013.

⁴¹ HENRY, M. **Comentário bíblico Novo Testamento Mateus a João**. Tradução Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

⁴² LOUW; NIDA, 2013, p. 116.

propagar e obedecer à mensagem do Evangelho, é imergir nas profundezas imensuráveis da mensagem e promessas de Cristo.

O seguir a Cristo em termos de obedecer e propagar seus ensinamentos, na era pós-moderna, implica colidir com filosofias, novos conceitos e ideologias; implica ficar à margem da sociedade e sistema que mina, que imerge princípios cristãos; implica ser estigmatizado de um indivíduo retrógrado com um estilo de vida obsoleto; implica não ter a vida por preciosa, mas almejar algo superior.

Numa era sem absolutos, a mensagem de seguir a Cristo de forma incondicional e irrestrita ecoa como algo inexorável. O que esperar de uma era de cultura líquida, assim denominada por Zygmunt Bauman, senão a diluição de convicções! Seguir a Cristo também é antagônico numa era regida pelo egocentrismo, em tempos em que o ego é determinante no que o indivíduo quer e faz. Seguir a Jesus é acompanhá-lo, pois ele determina a direção. Em termos pragmáticos essa não é uma proposta atraente, pois na mensagem do Evangelho o indivíduo não ocupa o lugar de comando, de destaque, ele simplesmente acompanha, segue.

Portanto, a implicação do discipulado cristão em todo o tempo está em total abnegação e não uma renúncia meramente parcial, é estar preparado para enfrentar o terrível sofrimento que pode resultar em morte e seguir a Jesus que é o que toma a frente e determina a direção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi ratificar a consistência das exigências do Cristo descritas no Evangelho de São Marcos 8.34 para os Seus seguidores, ou seja, a igreja. Exigências essas que devem permanecer intactas aos ataques filosóficos da era pós-moderna no que se refere principalmente ao relativismo, pragmatismo e egocentrismo; fazendo uma exegese e hermenêutica do texto para uma compreensão e interpretação mais próximas possíveis do seu significado, contextualizando as condicionais do negar a si, tomar a cruz e seguir o Cristo.

O texto em questão desafia os discípulos de Cristo a uma atitude de abnegação, martírio e obediência. Ou seja, o texto provê como base do discipulado uma atitude de autonegação. É uma convocação a um estilo de vida radical. Os discípulos de Cristo precisam negar a si mesmos, precisam entender que a ênfase no sofrimento e morte do Cristo é um modelo de discipulado.

A cruz, assim como ao Mestre, também se aplica ao discípulo. Ir após o Mestre Jesus, envolve necessariamente suportar a cruz e o auto-sacrifício, essas condições erradicam a ideia de um triunfalismo privilegiado. Ser um discípulo de Cristo é necessariamente um processo de desconforto que implica reorientação e abandono de valores egocêntricos, em favor do cumprimento aos ensinamentos do Mestre. O texto que é objeto de estudo faz uma convocação, traz as condições realistas do que é necessário para ser um discípulo de Jesus, rejeição e humilhação, processos pelos quais os discípulos são provados e moldados para um triunfo e glória.

O discipulado cristão exige total abnegação, e não uma renúncia meramente parcial. É uma renúncia a toda confiança em si mesmo, é renunciar aos próprios desejos, é se colocar no fim da fila. A cruz tinha um significado claro para os primeiros cristãos, eles presenciavam

homens condenados pelo Império Romano levando suas cruzes ao lugar de execução, eles tinham a plena compreensão do profundo sofrimento e imenso sacrifício do que é “levar a cruz”⁴³. A expressão idiomática “levar a cruz” é muitas vezes incompreendida pelo fato da crucificação não estar em vigor como pena condenatória nos dias atuais, porém o significado da expressão é exatamente o mesmo do primeiro século.⁴⁴

E por fim, quem quiser ir após Cristo implica ser um seguidor ou discípulo, no sentido de aderir aos ensinamentos e promover a causa de Jesus. Seguir ou acompanhar a Jesus que é o que toma a frente e determina a direção e a rota do deslocamento – acompanhar como seguidor, seguir, ir junto com o Mestre.⁴⁵ Seguir a Jesus implica cooperar com ele, seguir suas instruções e repreensões e isso resulta em uma qualidade de vida superior à de antes. O seguir a Cristo e promover a sua causa são exigências do discipulado naqueles dias e para hoje.

Este trabalho buscou a elucidação de cada expressão chave do texto, e assim ajudou a contextualização do que Jesus disse há 2.000 anos aproximadamente, no esforço de trazer a originalidade e contemporaneidade, sem influências periféricas. Servirá de contribuição para a igreja como esclarecimento, estudo e motivação de praticidade no que se refere às exigências de renunciar, sofrer humilhação, sofrer martírio, obedecer e propagar as boas novas, também contribuirá para acadêmicos interessados em agregar minúcias postas de lado em meio um liberalismo teológico que tem influenciado as academias teológicas.

Em uma era marcada pelo egocentrismo, relativismo e pragmatismo, a mensagem do Evangelho segundo São Marcos 8.34 é paradoxal, daí a necessidade de trabalhos exegéticos e hermenêuticos concernentes ao referido texto, para que haja uma elucidação e ratificação acerca da originalidade e verdade intrínsecas ao texto.

Portanto, as exigências do Messias no texto em questão, não são obsoletas, porém, sofrem distorções ante uma era egocêntrica, relativista e pragmática que tenta minimizar, ou até excluir o significado original, por meio de uma hermenêutica pós-moderna, que prescreve que cada indivíduo pode interpretar como lhe convém, como resultado de um abandono parcial ou total da exegese.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, J. 80 pessoas são fuziladas pelo “crime” de possuir uma Bíblia. **Gospel Prime**. Publicado em 12 de novembro de 2013. Disponível em: < <https://noticias.gospelprime.com.br/fuziladas-crime-biblia-coreia-do-norte/>> Acesso em junho de 2016.

BAUMAN, S. A cultura é um campo de batalha e um parque de diversões. Entrevista ao jornalista Luis Antônio Giron. **Revista Época online**. Publicado em 08 de fevereiro de 2014. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-cultura-e-um-campo-de-batalha-e-um-parque-de-diversoes.html>> Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

⁴³ CHAMPLIN, 1995.

⁴⁴ LOUW; NIDA, 2013.

⁴⁵ LOUW; NIDA, 2013.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1983.

BRASILEIRO, J. C. **Hermenêutica bíblica avançada**. Apostila para estudos individuais do curso bíblico para treinamento de obreiros, 2014.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 1.

FEE, Gordon; STUART, D. **Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. Tradução de Gordon Chown e Jonas Madureira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FILLION, L. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Josemar de Souza Pinto. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

FRIBERG, B.; FRIBERG, T. **O Novo Testamento grego analítico**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOSPEL MAIS. Mesmo sob intensa perseguição do Estado Islâmico, número de cristãos na Síria só cresce. **Gospel Mais**. Publicado em 20 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/sob-perseguiacao-numero-cristaos-siria-cresce-78689.html>>. Acesso em junho de 2016.

HENRY, M. **Comentário bíblico Novo Testamento Mateus a João**. Tradução Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LAUTER, Gabriel G. Os desafios da hermenêutica na pós-modernidade: um estudo introdutório sobre o pós-modernismo e sua influência na interpretação bíblica. **Revista Batista Pioneira**, v. 03, nº 02, Dez/2014. p. 261-276.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva**. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico Grego – Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACARTHUR, John. **Manual bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

MULHOLLAND, D. M. **Marcos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO – PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PRICE, D. E. (Org.). **Biblos – o CD da pesquisa bíblica**. Software. Desenvolvido por BP Soluções em Software. São Paulo: Vida Nova, 2002.

SHORT, S. S. **Marcos**. In: BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário Bíblico NVI**. Tradução de Valdemar Kroker. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

VEJA ONLINE. Estado Islâmico divulga vídeo de decapitação de cristãos egípcios. **Veja Online**. Publicado em 12 de fevereiro de 2015. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estado-islamico-divulga-video-de-decapitacao-de-20-cristaos-egipcios>>. Acesso em junho de 2016.

VEJA ONLINE. Perseguição a cristãos na África e Oriente Médio aumentou. **Veja Online**. Publicado em 17 de janeiro de 2016. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/perseguido-a-cristaos-na-africa-e-oriente-medio-aumentou>>. Acesso em junho de 2016.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica Avançada**. São Paulo: Vida, 2001.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL DO SÉCULO 21

The challenges of Christian Education in the 21st century Biblical School

Rogério Lacerda Marchiore¹

RESUMO

Pode-se observar que os desafios em sala de aula são enormes no século 21. É preciso considerar que os educadores cristãos em alguns casos não estão preparados para estes desafios. Mas poderá haver soluções para estes desafios? Este artigo se propõe a ajudar a responder algumas perguntas importantes sobre o tema. Sabe-se que uma necessidade é conhecer o público alvo para aplicar o método mais eficaz de ensino para cada contexto. Um dos objetivos deste artigo é expor ideias que ajudem os educadores cristãos a identificar qual método lhe proporcionará melhores resultados e um ensino com qualidade. Como também incentivar o uso de meios tecnológicos para tornar a aula mais atraente. Através da pesquisa bibliográfica, propõe-se expor métodos já empregados, que geraram resultados de acordo com seu contexto e sua proposta. Edgar Morin² destaca que é necessário repensar a educação para melhores resultados. Donald Griggs³ afirma que sem planejamento é impossível alcançar os resultados esperados. O Resultado desta pesquisa aponta que no processo de ensino/aprendizagem cristão é necessários educadores comprometidos com o Reino de Deus e dispostos a utilizar métodos inovadores. Convém observar que é possível resgatar a qualidade de ensino nas salas de aula dentro dos ambientes eclesiais desde que o professor se disponha a capacitar-se para atender a demanda do nosso século.

Palavras Chave: Tecnologia. Ensino. Métodos. Futuro. Cristã.

¹ Bacharel em Teologia pela FACEL/PR, Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: rogerio@smartpoint.com.br.

² MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 15.

³ GRIGGS, Donald. **Manual do professor eficaz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 47.

ABSTRACT

It can be seen that the challenges in the classroom are enormous in the 21st century. It is necessary to consider that Christian educators in some cases are not prepared for these challenges. But can there be solutions to these challenges? This article is intended to help answer some important questions about the topic. It is known that a need is to know the target audience to apply the most effective method of teaching for each context. One of the goals of this article is to present ideas that help Christian educators identify which method will give them better results and quality teaching. As well as encouraging the use of technological means to make class more attractive. Through the bibliographic research it is proposed to expose methods already employed that generated results according to their context and their proposal. Edgar Morin points out that it is necessary to rethink education for better results. Donald Griggs says that without planning it is impossible to achieve the expected results. The result of this research indicates that in the process of Christian teaching / learning it is necessary educators committed to the Kingdom of God and willing to use innovative methods. It should be noted that it is possible to redeem the quality of teaching in classrooms within ecclesiastical settings as long as the teacher is prepared to be able to meet the demands of our century.

Keywords: Technology. Teaching. Methods. Future. Christian.

INTRODUÇÃO

A educação no século 21 exige de seus educadores um empenho acentuado. Dentro das igrejas, o processo de ensino necessita ser desenvolvido com a máxima qualidade, pois exerce um papel fundamental para a fé cristã. Com isso serão apresentados pontos em que é possível melhorar, para que o ensino compartilhado nestes ambientes seja de boa qualidade.

As dificuldades encontradas no processo de ensino das Escolas Bíblicas Dominicais, vão desde a falta de investimento de valores, o preparo do espaço adequado de ensino, passando por uma divulgação simplória e o despreparo dos professores que ministram as aulas. Dentro da perspectiva deste artigo, abordar-se-á a questão do despreparo do educador e sua capacitação, pois entende-se que este é o primeiro passo para uma Escola Bíblica de qualidade. Quando o educador está consciente do seu papel na educação cristã e busca se preparar para apresentar uma aula de qualidade, compreende-se que isso levará a um efeito cadeia, de modo que as pessoas se interessem pela Escola Bíblica Dominical, que por consequência a divulgação será maior e por isso os olhos da igreja se voltaram com um olhar especial para este ambiente.

Será feito o uso de material bibliográfico para a apresentação dos temas, através da consulta dos materiais disponíveis. A proposta é escutar aqueles que já pensaram sobre o tema e quais saídas encontraram para os desafios da educação neste século, bem como trabalharam para conscientização de que os professores são os atores principais para que aconteça um ensino de qualidade nas igrejas.

Uma igreja bem ensinada não será enganada, por isso é de grande relevância este tema. É através do ensino que as pessoas solidificam sua fé em Cristo. O ensino bíblico significativo é fundamental para uma igreja solidificada na Palavra de Deus, pois por seu meio será possível descartar a informação deturpada que contraria os princípios bíblicos. Para que a educação

aconteça, serão apresentados alguns princípios que colaboram para que a mesma seja de qualidade. Dentre as quais, destaca-se o uso da tecnologia para o ensino. Vive-se em um mundo modernizado, com ferramentas excepcionais para o ensino, contudo é importante saber usar estas ferramentas e como mesclar o uso dos métodos tradicionais com os métodos modernos. Afinal, pode-se dizer que se o objetivo é alcançar excelência no ensino cristão, então se faz necessária a inovação contínua do processo ensino e aprendizagem, isso porque as comunidades cristãs passam por constantes mudanças, assim buscar a inovação do processo torna-se um desafio constante de cada educador/a envolvido com o ato educativo, principalmente no contexto das igrejas. Observa-se, contudo, que as metodologias vêm sofrendo alterações ao longo do tempo, isso ocorre porque o próprio significado de ensino e aprendizagem modifica-se no decorrer da história, sendo isso um fator a ser considerado no contexto educacional. Repensar metodologias de ensino é o primeiro passo para que se possa construir um ensino bíblico relevante, principalmente nos dias atuais em que a nova geração pode ser alcançada a partir de ferramentas midiáticas como: *Smartphones, Notebook, Tablets* e redes sociais. Ferramentas que oferecem rapidez e dinâmica no envio e recebimento de informações e têm sido pouco utilizadas por educadores cristãos, embora há de se ressaltar que até mesmo sua aplicação no ensino deve ser feita de forma planejada e direcionada, devido à quantidade de informações infundadas e distanciadas dos princípios bíblicos.

Conhecer seu público e dominar o conteúdo e a forma como o mesmo será repassado aos alunos é importantíssimo para um ensino de qualidade e por isso este também será um dos temas apresentado neste artigo. Um professor capacitado é fundamental para uma igreja próspera, e isso só será possível alcançar com empenho e dedicação, portanto é preciso ser ousado quando se trata de ensino cristão, e não apenas aguardar os incentivos externos. O professor deve buscar qualificação de maneira continuada para reproduzir isso em sala de aula.

1. CAPACITAÇÃO DO EDUCADOR CRISTÃO

Dado o aumento do acesso da população brasileira ao sistema de educação secular, houve um crescimento intelectual na população e por consequência nos frequentadores das Igrejas, bem como os frequentadores dos ambientes de ensino nestas igrejas. Na sociedade secular convém observar uma busca desenfreada para a capacitação dos profissionais que lecionam nas mais diversas instituições para suprir uma necessidade crescente de se contextualizar e otimizar o processo de ensino dos seus alunos. No ambiente cristão e principalmente dentro de algumas Escolas Bíblicas Dominicais, não há o mesmo fenômeno pela busca do conhecimento e de métodos que venham ao encontro das necessidades das pessoas frequentadoras destes espaços.

Uma boa parte dos professores escolhe os métodos a serem empregados na sala de aula pelo seu conhecimento, sem objetivar os alunos. Esta imperícia, na maioria dos casos, torna o trabalho do docente improdutivo e inoperante.¹ Desrespeitar as variantes de cada turma

¹ TULER, Marcos. **Manual do professor de Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 86.

não é mais aceitável nos ambientes de ensino eclesiástico, por isso os docentes devem proceder com respeito ao seu público alvo, capacitando-se e compreendendo quais os métodos serão mais eficazes em cada caso.

É preciso considerar que o conteúdo apresentado em sala de aula tem um valor altíssimo, principalmente quando se fala de educação cristã, que tem como objetivo criar alicerces para uma vida pautada pela Palavra de Deus. Por isso não é permitido passar este conteúdo de qualquer maneira, assim como a educação secular exige de seus docentes uma capacitação cada vez maior, dentro dos ambientes de Escolas Bíblicas Dominicais, deve proceder da mesma forma.

Lemov conceitua o ato de ensinar da seguinte maneira:

O bom ensino é uma arte. Em outras artes – pintura, escultura, literatura - grandes mestres alavancavam seu talento com ferramentas básicas para transformar o material mais cru (pedra, papel, tinta) no patrimônio mais valioso da sociedade.²

O docente tem a oportunidade de transformar um aluno em uma obra prima, porém isso dependerá de como ele vai tratar este material (bruto) aluno. Dar o devido valor e ter uma visão futurística é fundamental para o bom docente.

2. SOLIDIFICAÇÃO DE VALORES POR MEIO DA ESCOLA DOMINICAL

A sociedade como um todo está passando por um período que podemos chamar de “a crise de valores”. As verdades deixam de serem absolutas e passam a ser relativas, teorias transitórias, fragmentação ética. Contudo, dentro do ambiente da Escola Dominical, o cristão tem a oportunidade de receber base para argumentar e combater certos conceitos que são contra a fé em Cristo. Somente será possível apresentar respostas às perguntas que esta geração faz desde que o professor se empenhe em buscar subsídios e materiais sólidos para expor ao aluno. Um professor de Escola Bíblica Dominical é um instrumento de transformação na vida do cristão, tem a função de moldar esta pessoa de forma teórica (podendo ser prática) para que a mesma se torne um verdadeiro discípulo de Cristo (Mt 28.18-20). O educador cristão deve apresentar bons princípios que serão úteis para a vida. Para a educação cristã existem verdades sólidas, e estas verdades devem ser apresentadas com propriedade para não causar dúvida no ouvinte.

Através dos séculos, a Escola Bíblica Dominical tem sido importante instrumento de ensino nas igrejas cristãs, tem como responsabilidade desempenhar o processo de continuidade da cultura cristã nas gerações vindouras. É através do ensino sistemático que grandes líderes surgem, e em sua grande maioria estes líderes iniciaram sua formação na Escola Bíblica Dominical.

A Escola Bíblica Dominical é o departamento mais importante da Igreja, porque ao mesmo tempo que ensina, está evangelizando, atendendo

² LEMOV, Doug. **Aula nota 10**: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. São Paulo: Da Boa Prosa & Fundação Leman, 2011, p. 18.

plenamente as duas principais demandas da Grande Comissão (Mateus 28.19-20).³

Isso demonstra que devemos valorizar este espaço para o ensino e incentivar não apenas o professor a se preparar melhor para lecionar, mas devemos motivar todos os cristãos a participarem da Escola Bíblica Dominical, porque é através dela que temos a oportunidade de debater ideias e receber instruções para um viver com Cristo.

3. ENSINAR COM QUALIDADE

Para que o aluno possa aprender, o mesmo necessita estar motivado. E para que o aluno se sinta motivado é necessário um estímulo. A escola ou o local de ensino deve ser um ambiente que cause felicidade e realização no aluno. E a felicidade que deve ser passada nestes ambientes é o sentimento que o aluno está recebendo o saber e assimilando o mesmo na sua vida.

Para um educar com qualidade é necessário; “uma aula inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infraestrutura adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas.”⁴

E um dos desafios do educador cristão é contribuir com uma educação de qualidade, integrando todas as dimensões do ser humano. Para que isso ocorra é preciso pessoas que se interessem por seus alunos, abertas, proativas, dispostas a evoluir com aqueles que os observam e esperam de si uma saída para satisfazer o desejo pelo conhecimento. É preciso tornar a vida do aluno um processo permanente de ensino e isso só será alcançado caso o mesmo receba as instruções necessárias para ser conscientizado que o aprender jamais terá um final. O educador precisa estar antenado, seus alunos esperam que no mínimo sejam transportados para novos caminhos, novos horizontes, a partir da experiência e vivência daquele que deve ser a referência e inspiração.

A educação cristã é imprescindível à Igreja, e esta educação deve ser feita por pessoas compromissadas com o Reino de Deus, cientes de que a missão foi dada por Cristo, quando deixou o mandamento para que todos fossem ensinados. “Portanto, ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19). Enquanto a Igreja for Igreja, ela deve ser educadora e esta tarefa deve ser feita com qualidade e respeito por quem se dispõe a ajudar. Não podemos esquecer as palavras do Apóstolo Paulo: “Procura apresenta-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15).

3.1 Conhecendo seu público alvo

O Professor deve se perguntar sempre quem são as pessoas a quem ele ensina. Os alunos são diferentes, as características gerais dos alunos variam conforme seu desenvolvimento físico, mental, social e espiritual. É preciso conhecer seu público alvo para

³ ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da educação cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 35.

⁴ MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2015, p. 23.

respeitar as diferenças. O conhecimento prévio dos alunos proporciona vantagens para o preparo do formato da aula que será aplicada, bem como pensar nos desafios que devem ser superados por um caminhar sob um alicerce sólido rumo à construção do saber. “Os grandes educadores atraem não só pelas ideias, mas pelo contato pessoal”.⁵

A educação do futuro deve ser centrada no ser humano e na sua condição, lembrando que pessoas possuem individualidades, sua personalidade deve ser respeitada. O local onde o aluno está inserido deve ser levado em consideração para o processo de ensino. O aprendiz deve ser ensinado situando-se dentro do seu universo, porém não podendo ficar limitado a este, sendo continuamente estimulado a vislumbrar novos horizontes, ampliar sua visão tanto para dentro de si, como para fora.

O contato com o aluno deve ser o mais estreito possível, para facilitar a compreensão das necessidades e dificuldades de cada um. Uma educação personalizada nem sempre será possível, mas o educador cristão não pode ser indiferente com seus alunos. É preciso lembrar que o processo de ensino dentro de uma instituição religiosa é mais do que uma função, é uma vocação dada por Deus para preparar pessoas a terem uma fé racionalizada e solidificada na pessoa de Cristo.

3.2 Identificando o método apropriado

O professor deve provocar no seu aluno a sensação de intensa vontade de aprender. Mas o que deve ser feito para criar esta sensação no aluno? Como primeiro ponto, o professor deve conhecer sua classe. É fundamental ter conhecimento da realidade dos alunos para qualquer professor que tem como meta a eficácia e a produtividade do seu ensino.

Conhecer as dificuldades dos alunos fará com que o professor busque métodos que venham ao encontro desta necessidade. Buscar saber também qual é o interesse dos alunos colabora com a escolha do método a ser empregado. Saber as circunstâncias em que está inserido o aluno resultará em um preparo de aula específico para a classe e, por consequência, resultados melhores no processo de ensino. Contudo, o professor não pode classificar todos os alunos de uma classe em uma mesma categoria, desrespeitando suas individualidades, é necessário um olhar individual, saber do potencial de cada aluno para que em uma mesma classe de aula possam ser empregadas várias formas de ensino, de acordo com a necessidade da turma. “Não existe um só método que tenha dado o mesmo resultado com todos os alunos. O ensino torna-se mais eficaz quando o professor conhece a natureza das diferenças entre seus alunos”.⁶

É necessário ao professor dominar vários métodos de ensino. A aplicação de dois ou mais métodos de ensino em uma classe de aula provavelmente é a combinação ideal para alcançar os objetivos. Alguns educadores acreditam que é dever comunicar o máximo do que eles aprenderam aos seus alunos, no entanto ensinar não é somente transmitir ou transferir

⁵ MORIN, 2011, p. 26.

⁶ TULER, 2012, p. 105.

conhecimento. Ensinar é fazer o aluno pensar, criar hábitos novos é agir diferente, é usar todas as formas possíveis para que o aluno compreenda a mensagem que está sendo passada em sala de aula. Para isso, o professor precisa dominar os métodos, entre os quais pode ser citado: Exposição Oral, Perguntas e Respostas, Discussão ou Debate entre outros.

3.3 Planejamento de aula

É inaceitável que um educador cristão realize uma aula sem um planejamento prévio. A educação cristã tem como propósito levar os cristãos a maturidade, a pensarem corretamente a respeito de Deus. O conteúdo que será ministrado em sala de aula deve ser muito bem conhecido por seus professores, isto é uma condição indispensável e essencial para a ministração da aula. Na Educação Cristã nunca foi permitido atuar com displicência e sem planejamento. Pensar com antecedência sobre a aula que será apresentada demonstra respeito com os alunos e principalmente com Cristo. O planejamento é a base sólida para o sucesso em sala de aula. Banalizar a aula e tratá-la como um ritual não trará a eficácia de que o Ensino Bíblico necessita.

Os dois grandes males que debilitam o ensino e restringem seu rendimento são: a rotina, sem inspiração nem objetivo e a improvisação dispersiva, confusa e sem ordem. O melhor remédio contra esses dois grandes males é o planejamento.⁷

É necessário prever de modo inteligente todas as etapas que serão percorridas no ensino em sala de aula. Por isso é preciso investigação prévia dos recursos didáticos, do conteúdo que será aplicado e do público que estará no processo de aprendizado. Quando a missão pessoal e organizacional está bem delimitada e definida, os métodos que serão empregados se tornam mais fáceis de serem esclarecidos. Falhar no processo de planejamento não significa que os resultados não serão alcançados, mas certamente significa que levará muito mais tempo para alcançar os objetivos desejados.

3.4 O uso de tecnologia para tornar a aula produtiva

Inserir inovações nas instituições de ensino, principalmente dentro das igrejas, não é uma tarefa fácil. Contudo, é uma necessidade se quiser acompanhar a evolução global. Nesta época, palavras como *Multimídia*, *Gigabytes*, *Notebooks*, *Tablets*, *Internet* e *Smartphones* são comuns para uma pessoa de qualquer idade. Fazem parte da vida das pessoas essas tecnologias. Com o crescente acesso da população à Internet, a forma de ver mundo sofreu evolução enorme, as informações estão disponíveis nas palmas das mãos e a comunicação se tornou fácil e rápida, inclusive entre crianças e avós, grupo que não está fora desta imersão digital.

Com isso, observa-se que os professores possuem ferramentas que podem motivar seus alunos a voltarem sua atenção ao conteúdo de aula. O professor é responsável por selecionar ou planejar os recursos que são apropriados para seus alunos. Ferramentas audiovisuais

⁷ TULER, 2012, p. 131.

ajudam os alunos na compreensão da informação passada pelo professor e podem ser utilizadas com equilíbrio para a contribuição no ensino, trabalhando de forma conjunta com as palavras escritas e faladas.

Um dos grandes desafios para os educadores nesse século é, com certeza, conseguir integrar os saberes e inserir as novas tecnologias no ambiente interativo da aprendizagem, de forma que essas novas ferramentas sejam potencializadoras e promotoras de saberes interessantes para os aprendizes.⁸

A comunicação eficaz é essencial para que o aluno possa interessar-se pela aula que está sendo exposta. Tuler afirma que: “A comunicação entre o professor e a classe nunca deve ser unilateral”.⁹ Por isso os meios tecnológicos podem ser uma abertura para a comunicação entre o professor e o aluno que tem uma capacidade verbal debilitada. A comunicação não garante a compreensão, a informação deve ser bem transmitida, para que permita a inteligibilidade e por fim possa ser colocada em prática. É possível ser um excelente comunicador, mas, se não passar um ensino que possibilite ao aluno praticar, a função de professor não alcançou os objetivos primários.

Para Grings¹⁰, existem riscos nos usos de equipamentos e recursos tecnológicos, mas estes riscos valem a pena. “Sempre que você usar mídia, sempre que você planeja fazer algo além de falar existirá um risco de falha”. Contudo, o professor não pode deixar de usar estes recursos tecnológicos pelo risco de falha. Dominar o equipamento e um planejamento eficaz podem minimizar os riscos. Ainda os benefícios que estas ferramentas proporcionam no processo de ensino fazem valer a pena correr tais riscos de falhas.

Contudo, visto que ao se usar inovações tecnológicas envolvem risco de falha, é importante possuir uma segunda opção; sendo assim, são minimizados os riscos e a aula não fica prejudicada. Materiais impressos podem substituir *slides*, cartazes são úteis nestes casos. Ainda é razoável nunca armazenar um arquivo em apenas um dispositivo, não ir a uma aula na dependência de algum arquivo disponível apenas na internet, e ainda não verificar o local que estará disponível para a aula, pois pode ser que o local não tenha disponíveis equipamentos como computador, data show entre outras ferramentas propostas no planejamento da aula.

4. AVALIAR OS RESULTADOS

Enfrentar as incertezas é necessário. Ser capaz de rever teorias e ideias, torna elevada a qualidade dos métodos, pois não é permitido tratar um método absoluto e atemporal. É preciso desconfiar das ideias que estão sendo empregadas e reavaliar de forma sistemática os

⁸ COSTA, Ivanilson. **Novas tecnologias e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2014, p. 15.

⁹ TULER, 2012, p. 112.

¹⁰ GRIGGS, Donald. **Manual do professor eficaz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 130.

métodos de ensino através dos resultados conquistados. O medo de mudar não pode ser maior do que o desejo de alcançar bons resultados.

A avaliação do processo permite ao educador realinhar algo que não tenha obtido o resultado satisfatório. É através deste momento que o educador alcança maturidade. Para isso é preciso olhar para os resultados com humildade e reconhecer os pontos que precisam ser melhorados, bem como pensar em novas formas de trabalhar com situações que apresentaram dificuldades. Comparar o que foi planejado com o que foi alcançado é um princípio para a reavaliação. Saber o que foi feito e o que deixou de ser feito. Somente com uma avaliação sincera será possível direcionar as diretrizes que devem ser tomadas para uma melhoria contínua no ensino das Escolas Bíblicas Dominicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que os desafios deste século sejam vencidos é necessário empenho e dedicação dos professores e gestores que estão dispostos a oferecer um ensino de qualidade para a igreja atual. Não é permitida, ao educador cristão que deseja exercer suas funções com qualidade, a acomodação, estar sempre atento as mudanças que ocorrem no mundo é imprescindível para apresentar aos alunos, além de um conteúdo contemporâneo, um formato de ensino que proporcione a melhor maneira de aprender este conteúdo. Tratar o processo de ensino dentro das Igrejas como um mero ritual, sem o compromisso com a formação do caráter cristão no ouvinte, não deve ser aceitável. Se a igreja der prioridades à área educacional, entendendo que ela é a base para todas as outras atividades desenvolvidas na igreja, então faz-se necessário utilizar de uma metodologia de ensino, a fim de que o ensino, sendo relevante e significativo, possa resultar na aprendizagem. A busca pelo conhecimento e pela metodologia apropriada para cada grupo de aprendizes deve ser um processo contínuo e por isso é esperado que receba atenção especial do educador.

No que diz respeito tanto aos métodos que apresentaram bons resultados, como os métodos que não foram satisfatórios, dentro do processo de ensino a reavaliação dos resultados deve fazer parte da rotina do professor. Conhecer o público alvo é primordial para o ensino, principalmente por permitir usar a metodologia apropriada para este público, dominar técnicas disponíveis, contribuir para a troca de conhecimento com segurança, ter amplo conhecimento do conteúdo que será aplicado na sala de aula é o mínimo que se espera de um professor que se preocupa com a formação do seu aluno, estar aberto para modernizações contribui muito para um ensino eficaz. Como já observado, o mundo está em constante evolução e o educador cristão deve buscar apresentar um processo de ensino que seja compatível com o mundo contemporâneo, sendo que isso não significa que negociar os dogmas da igreja, mas usar meios que são comprovados como mais eficazes para este tempo.

Com isso, observa-se que para que a Educação Cristã ganhe em qualidade é preciso buscar aprimoramento. Da mesma maneira que ocorre na educação secular, planejar, avaliar professores e alunos, construir ambientes que estimulam o aprendizado, entre outros fatores, não podem ser ignorados. O medo é um desafio a ser vencido pelos educadores, pois muitos estão atrelados a tradições e por medo da mudança evitam utilizar novos métodos de ensino

nos ambientes destinados à instrução do cristão, mas diante do grande desafio que a educação cristã passa hoje, salientamos que é preciso ter coragem para ter sucesso, é possível modernizar-se sem perder a essência do ensino cristão. A tradição não pode ser superior à formação do caráter cristão no aprendiz.

Ainda assim, existem disponíveis muitas tecnologias que podem ser empregadas nas aulas, contudo para que estes meios tecnológicos sejam empregados o educador precisa conhecer e dominá-lo de forma que se torne uma ferramenta eficiente na propagação do conteúdo da aula. A falta de domínio destas ferramentas tem sido um vilão, pois julga-se que muitas tecnologias possuem complexidades para ser dominadas, porém não se está levando em conta que, uma vez dominadas estas tecnologias, elas proporcionaram enormes vantagens em sala de aula. Ainda assim, outro fator que impede o uso é o risco de falha, mas este é outro ponto importante a ressaltar, o risco existe, mas os resultados justificam o risco que se corre ao utilizar tecnologias inovadoras para o ensino.

A qualificação do ensino nas Escolas Bíblicas Dominicais não é uma tarefa fácil, mas, como observado neste artigo, não é impossível de ser feito. É necessário que gestores, professores e as pessoas que estão envolvidas acreditem nos seus chamados, valorizem este espaço criado por Deus para a formação de cristãos fortalecidos na palavra do Criador e se empenham ainda mais em uma educação continuada.

Price¹¹ apresenta Jesus como o mestre em usar técnicas de ensino. Descreve que Jesus utilizou os mais avançados métodos para o ensino. Disserta, ainda, que os métodos utilizados pelo Mestre eram naturais, e não fruto de deliberados estudos. Não obstante, os resultados alcançados foram excepcionais. Afirma ainda que Jesus é incomparável no uso dos métodos, ensinou como nenhum outro. Afinal, os métodos que hoje são muito comuns nas atividades educacionais foram usados por Jesus. Portanto, como discípulos de Cristo, é preciso fazer o melhor para que o Reino dos Céus cresça na terra, e a sua mensagem seja passado da melhor maneira. É importante ressaltar que o professor de educação cristã possui o melhor conteúdo, informações que vão além de salvar vidas neste tempo, proporcionam ensino que garante a vida eterna e, por isso, não é permitido repassar este melhor conteúdo de qualquer maneira. A melhor mensagem deve ser repassada da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da educação cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

COSTA, Ivanilson. **Novas tecnologias e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

GRIGGS, Donald. **Manual do professor eficaz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa & Fundação Leman, 2011.

¹¹ PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. Tradução de Waldemar W. Wey. 5.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p. 74.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. Tradução de Waldemar W. Wey. 5.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

TULER, Marcos. **Manual do professor de Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A ÉTICA DO PÚLPITO: UMA REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DO PÚLPITO PARA A IGREJA EVANGÉLICA NA ATUALIDADE

The ethics of the pulpit: a reflection about the pulpit meaning for evangelical
church in actuality

William Tenório Quintela¹

RESUMO

O presente artigo parte da compreensão do papel histórico do púlpito para a igreja cristã, e caminha pela investigação do significado do púlpito para as igrejas evangélicas na atualidade. Entendendo que o púlpito é envolto por um caráter ético cristão, surge a problemática: O púlpito e o que ele representa tem sido valorizado pelas igrejas evangélicas na atualidade? Seguindo com a hipótese de que o púlpito tem na atualidade sofrido uma desvalorização em seu real significado, o artigo defende a necessidade do resgate da *ética do púlpito*. A ética, que por séculos tem norteado e conferido ao púlpito o lugar central nos templos das igrejas evangélicas, precisa ser reafirmada.

Palavras-chave: Púlpito. Cúpula. Ética. Reforma. Pregador. Exposição.

ABSTRACT

The present article starts with the comprehension of the historical role of the pulpit for the Christian church, and continues investigating the meaning of the pulpit for the evangelical churches in the present time. Based on the comprehension that the pulpit is involved with a Christian ethical character, we introduce a problem: Have the evangelicals churches in the present times valued the pulpit and what it represents? The articles follows with the hypothesis that the pulpit has suffering a devaluation of its true meaning in the present time, and proposes as a solution the rescue of the pulpit ethics. The ethics,

¹ Mestrando em Teologia (FABAPAR) e Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso (FTBP). Professor do Seminário Teológico Batista do Centro do Estado de São Paulo (FATEO). Pastor da Igreja Batista do Jardim Bela Vista em Bauru/SP. E-mail: wtquintela@gmail.com

which for centuries has been the sense of direction for the pulpit and granting for it the central place in the temples of the evangelical churches, needs a reaffirmation.

Keywords: Pulpit. Dome. Ethics. Reform. Preacher. Church. Exposition.

INTRODUÇÃO

Deus alguma vez mandou o homem construir um púlpito? Há necessidade de púlpitos no culto cristão? Qual a real função do púlpito em nossas igrejas? Existem normas que norteiam seu uso? Quem está apto a subir no púlpito e “*falar em nome de Deus*”? Existe uma ética do púlpito, qual seria? São estas perguntas que o presente artigo aborda. O objetivo principal é entender o papel do púlpito na igreja evangélica e os desdobramentos éticos que o norteiam. Para tanto, é necessária a revisão histórica do uso dessa mobília nas igrejas. Uma vez definido seu significado para igreja evangélica, precisamos buscar compreendê-lo a partir da ética cristã. Desta forma entenderemos o que vem a ser a ética do púlpito, e se semelhante ética tem sido valorizada na igreja evangélica brasileira. A chamada pós-modernidade tem afetado o modo de ser e viver das últimas gerações, e conseqüentemente afetado a membresia das igrejas evangélicas. Neste contexto, o papel histórico do púlpito sofre mudanças, o que implica mudança do perfil daqueles que dele fazem uso, e mudança no impacto causado na membresia da igreja. E em alguns casos há até mesmo a substituição do púlpito como lugar principal de transmissão da mensagem cristã, por elementos diversos, tais como danças, filmes, shows, peças de teatro etc. Em outros casos o problema não é de remoção ou deslocamento do púlpito, mas com a mensagem que dele se transmite, e é propondo uma solução para esta problemática que o presente artigo caminha.

1. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O USO DO PÚLPITO

E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim.... Então, desde um lugar mais alto, Esdras abriu o livro, e todo o povo conseguia vê-lo. Assim que abriu o livro, todo o povo se pôs em pé (Livro de Neemias).

1.1 O uso do púlpito nas igrejas cristãs

Quando alguém adentra uma igreja cristã evangélica, via de regra, seu olhar desliza pelos bancos e janelas, a fim de preencher a necessidade de localização espacial. Como último ato desse reconhecimento, o olhar alcança o centro do templo e repousa sobre uma mobília central, para a qual tudo parece estar direcionado. Lá está ele, parado, incólume, quase absoluto, o “*púlpito*”. Sem dúvida, esta é uma marca distintiva da igreja evangélica, um legado deixado pelos reformadores protestantes. Ao adentrar uma igreja romana ou ortodoxa, o visitante será tomado por uma quantidade de informações, visuais, bem maior do que em uma igreja evangélica. Possivelmente perceberá haver mais de um lugar para o sacerdote ou orador se dirigir ao público, além de inúmeras outras mobílias, e objetos sacros com funções e significados diversos. Após ter percorrido com o olhar toda planta baixa do templo, terá seu olhar atraído por uma claridade vinda de cima, então olhará e contemplará uma grande e

belíssima cúpula (domo)², algo como se a terra estivesse tocando o céu. Qual a diferença entre as duas experiências e o que está por trás delas? A primeira prioriza as Escrituras Sagradas, já a segunda, a igreja como representante terrena do céu.

As cúpulas dos templos, sejam romanas ou ortodoxas (diferem no formato), foram introduzidas nos templos já na Idade Média, empréstimo dos antigos templos romanos e orientais, os quais apontavam para a grandeza dos deuses, ou imperadores. Na antiga Atenas era o lugar onde comiam os prítanes ou magistrados da cidade.³ Já na igreja medieval representavam a união da terra com o céu sendo o piso da nave a terra, e a cúpula os céus, por esta razão é que são pintadas internamente com personagens das escrituras (santos), anjos e a Santíssima Trindade. A sensação é de estar na presença do divino. Apesar de toda grandiosidade e beleza, a experiência traz consigo um elemento ilusório. Ilusório por duas razões: primeiro, pois Deus nunca ordenou que o homem usasse tal artifício para representar os céus. Segundo, porque Deus não pode ser alcançado pelos homens através desse elemento arquitetônico, mas ele os alcança onde quer que estejam, incluindo na contemplação de uma cúpula.

Paulo esclarece em sua carta aos romanos que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo (Rm 10.17). Desta forma, embora o simbolismo seja de fato rico e a arquitetura seja bela, cria uma armadilha para as almas mais simplórias. Todavia, é preciso lembrar que a cúpula é um entre tantos outros elementos dentro de um templo católico, bem como na liturgia ali realizada. Todos envolvidos em significados múltiplos que concorrem em atenção com as Escrituras Sagradas, de modo que em sua experiência o fiel não consiga perceber o papel de centralidade das Escrituras. Mas o que dizer sobre a outra experiência?

1.2 O lugar do púlpito nas igrejas evangélicas

Nas igrejas provenientes da Reforma Protestante, o templo é marcado pela simplicidade interior, contando com poucos elementos indispensáveis, e todos estes voltados para as Escrituras. Nos templos evangélicos se encontram bancos, mesa para a Ceia do Senhor, às vezes um batistério e os púlpitos. Este é um legado deixado, juntamente como muitas outras mudanças feitas, pelos reformadores. Lutando contra o desvio seguido pela igreja institucionalizada, eles propuseram um retorno à simplicidade do evangelho, seu foco era sem dúvida alguma, a restauração da centralidade das Escrituras em todas as áreas da vida da cristã. Esta reforma afetou a maneira de cultuar, de se construir templos e mobiliá-los. A centralidade do púlpito, nas igrejas originárias da Reforma, surgiu justamente da consciência de ter as Escrituras Sagradas como únicas norteadoras da fé cristã.

Diferentemente dos romanos e ortodoxos, os protestantes tomaram o nome para sua mobília central do latim – “*pulpitum*”, que significa “plataforma” ou “palco”. Já os primeiros fazem uso da palavra ambão, derivação do termo grego Ἀμβων, que significa bordo ou parede arredondada, pelo fato de a mobília ser construída circundando uma das colunas do

² Ver cúpula em: http://www.arkitekturbo.org.br/dicionario_por/busca_por.phd?letra=c%FApula

³ Vocábulo: Θόλος (Cúpula – Abóbada). In: PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego – Português / Português – Grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.

templo. Independente de qual das duas palavras se faça uso, é necessário fazer distinção de um terceiro termo – a “*tribuna*”. Este termo também refere-se a uma elevação de onde falam os oradores, autoridades etc., todavia sem ter caráter religioso.

No Antigo Testamento, não encontramos o púlpito nem no tabernáculo, nem no templo. A primeira descrição que encontramos de uma plataforma de madeira, sendo chamada de púlpito, é no capítulo oito do livro de Neemias, onde se lê: “*E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim*”.⁴ No Novo Testamento, embora não haja a ocorrência da palavra púlpito, ou de outro correspondente, sabemos que havia no centro da sinagoga uma mobília separada para a leitura e ensino da palavra de Deus. Ao avançarmos no tempo, encontramos o testemunho do uso do *ambão* e do púlpito nas igrejas na Idade Média. Hoje é um móvel quase onipresente nas igrejas cristãs, todavia seu papel tem sido redefinido em muitas igrejas.

1.3 O significado do púlpito nas igrejas evangélicas

A palavra púlpito traz consigo não somente a ideia concreta de mobília, mas também a ideia espacial do lugar a ser ocupado pelo pregador, o lugar de onde se deve expor as escrituras. Uma terceira ideia advém do uso sinônimo com as Escrituras Sagradas, pois quando se diz: “o púlpito desta igreja tem alimentado inúmeras gerações de irmãos”, subentende-se que quem está alimentando os irmãos é a Palavra de Deus que ali é pregada. O fato é que o uso para o qual esta mobília é destinada lhe confere caráter sacro, assim como aconteceu com a mobília que foi ordenada por Deus a Moisés, para ser construída para o tabernáculo. O fato é que o uso para o qual esta mobília é destinada lhe confere caráter ético e espiritual.

Quando se olha para uma tribuna não há expectativa de transcendência, não há aproximação de fé por parte do ouvinte, mas só a colheita dos assuntos da vida comum, todavia, quando se olha para um púlpito, há a firme expectativa de uma aproximação com a divindade: “*o ouvir da Palavra de Deus*”.

É interessante perceber que o caráter sagrado não segue qualquer móvel destinado à oratória como é o caso da tribuna, mas o *púlpito* ou o *ambão*, porque deles se transmite a Palavra de Deus. Se o púlpito é referenciado pela Palavra de Deus, então não é o púlpito que envolve a Bíblia Sagrada, mas a Bíblia Sagrada que deve envolver o púlpito. O posicionamento central e histórico do púlpito, na igreja evangélica, deve-se ao entendimento de que a Palavra de Deus ocupa o lugar central dentro do culto cristão.

A relação púlpito / Palavra de Deus estabelece limites ao pregador, os limites da ética bíblica, a ética cristã. Semelhante relação é descrita pelo Senhor Jesus: “*Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo que está sobre ele; e quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por quem está assentado nele*” (Mt 23.20-22). Desta forma entendendo-se que o púlpito não está na posição

⁴ Neemias 8.4-5- Algumas versões trazem a palavra púlpito de madeira, outras a expressão estrado de madeira, e algumas plataforma elevada de madeira.

central do templo por acaso, ou por preferência de alguma denominação. A existência do púlpito na igreja cristã é legitimada por seu “serviço” em apoiar a Bíblia durante a exposição das Escrituras. Dessa forma, o púlpito e aquilo que ele implica estão relacionados diretamente com a ética cristã. Os limites éticos estabelecidos pela palavra de Deus, e que norteiam o uso do púlpito, requerem do pregador uma melhor compreensão do que vem a ser a ética cristã, e é nesta direção que o presente artigo segue.

2. ÉTICA CRISTÃ

Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.... Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (Jesus de Nazaré).

2.1 O fundamento da ética cristã

Se queremos entender melhor a ética que norteia o púlpito, temos que antes entender a diferença entre a ética cristã e as demais éticas. Há uma diferença grande entre a ética secular e a ética cristã. A ética secular tem suas origens na filosofia grega, mais precisamente em Aristóteles, sofre grande mudança com os trabalhos de Emanuel Kant, a partir de onde se passa a pensar uma ética não metafísica. Esta compreensão da ética tem norteado o pensamento ocidental desde então. Albert Einstein (1879-1955) afirmou que o “procedimento ético de um homem deveria basear-se, efetivamente, na simpatia, na educação e nos laços sociais; não há necessidade de uma base religiosa para que este procedimento social e moral seja satisfatório”.⁵ A ética cristã, ao contrário da secular, é a ética pautada nas Escrituras Sagradas, afetando não somente os costumes, mas também a definição de bem e mal. Desta forma, a ética cristã não deixa espaços para o relativismo ético, o egoísmo ético, ou para utilitarismo.

A ética cristã tem como pressuposto a metafísica, pois acredita em um Deus único criador, sustentador e direcionador do universo. Por ter caráter teísta, ela se encontra no campo da *ética normativa*, que, de acordo com Moreland e Craig, “procura oferecer orientação para determinar se ações, atitudes e motivações certas ou erradas”.⁶ Para Costa, “a missão dada por Deus ao homem para ser cumprida aqui na terra é o assunto especial da ética cristã”.⁷

A ética cristã é tanto teórica quanto prática, tanto procura a compressão dos princípios bíblicos, quanto a aplicação desses princípios na vida do fiel. A missão dada não deve ser uma visão simplista do “ide a todo mundo”. O *ide* não é dissociável do *como ir*, pois quem vai, vai na qualidade de embaixador de Cristo. Conforme Paulo, o Apóstolo, explica na sua segunda

⁵ CUNHA, José Auri. **Iniciação a investigação filosófica**. São Paulo: Atual, 1992, p. 279.

⁶ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 486.

⁷ COSTA, João Arantes; et al. **O Comportamento do crente: princípios de ética bíblica**. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2016, p. 5.

carta aos Coríntios: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio. Assim, suplicamos-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20). O testemunho cristão não é somente o da pregação falada, mas também da *pregação* vivida. Esta é uma realidade para todo cristão. Não só para quem parte para terras distantes, mas também para aqueles que exercem seu ministério atrás de um púlpito, pregando a palavra para uma igreja local. Ser e crer devem estar vinculados, para que o testemunho seja eficaz e a missão dada possa ser cumprida.

2.2 Os aspectos da ética cristã

Partindo da compreensão de que a ética cristã está pautada nas Escrituras Sagradas, e que engloba tanto a teórica como prática, surge a necessidade de saber como ela se manifesta em seus diferentes aspectos.

Costa explica que a doutrina mostra nossa posição em Cristo e a ética determina nosso comportamento em Cristo. Ele apresenta a ética cristã englobando três aspectos: individual, social e teísta, ou seja, o homem em suas diferentes esferas de relacionamento.⁸ A ética cristã, portanto, vai direcionar minha consciência (minha consciência dá testemunho comigo - Rm 9.1), meu procedimento para com o outro (um bom testemunho de todos - At 22.12), e meu relacionamento com a divindade (aquele que o teme e pratica o que é justo lhe é aceitável - At 10.35).

Esta forma de compreensão da ética tem sido uma marca numa igreja saudável. Para os reformadores, por exemplo, a teologia não estava desvinculada da ética. De acordo com George, a fé reformada preocupava-se com o todo da vida, não simplesmente com o âmbito religioso ou espiritual. Isso era verdade porque o Deus soberano da Reforma estava interessado no ser humano inteiro, corpo, alma, mente, instintos, relações sociais e adesões políticas. Ele explica que Lutero conseguiu desvencilhar a ética da opressão, imposta pelo sistema de obras, promovido pela teologia medieval.⁹

A preocupação de uma teologia vinculada à ética cristã não é exclusiva dos reformadores, mas pode ser verificada ao longo de toda a história da igreja, na Patrística, nos movimentos monásticos, entre os puritanos, no movimento moderno de missões e em teólogos e pastores dos dois últimos séculos. Watchman Nee, por exemplo, falando da necessidade de adequação dos ministros da Palavra, esclarece que Deus não somente compartilha Sua Palavra com seus ministros, mas tem que tratar com eles. Ele os eleva ao nível que deseja. Assim sendo, os ministros devem prezar por uma ética pautada pela Palavra de Deus.¹⁰ Na verdade, não se trata de uma ética específica para o ministro, mas para toda a igreja, a distinção acontece quando se assume o púlpito, pois nele se encontra uma ética, que demanda da pessoa que ali se encontra que esteja em situação adequada para a missão de ter autoridade moral para falar à igreja da parte de Deus.

⁸ COSTA, 2016, p. 5-6

⁹ GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 317-320.

¹⁰ NEE, Watchman. **O ministério da Palavra**. São Paulo: Editora dos clássicos, 2011.

Baxter apela para os ministros do evangelho, dizendo que não exerçam o seu ministério descuidada e superficialmente, mas façam-no vigorosamente e com todas as suas forças, contudo antes pratiquem a disciplina cristã. Para ele, os deveres mais difíceis geralmente são os mais importantes, todavia o pastor deve ser o primeiro a dar exemplo para o rebanho.¹¹ Quando o pastor sobe ao púlpito a fim de levar a mensagem do Senhor, para que não haja disfunção cognitiva, ele deve respeitar a ética que permeia o seu relacionamento com Deus e toda a congregação. Baxter lembra que aquele que prega a renúncia e a mortificação da carne deve praticar essas coisas ante os olhos dos que o ouvem. Quem está atrás do púlpito está sujeito a toda sorte de avaliações por parte da congregação, por isto deve estar, em primeiro lugar, em paz com Deus, com sua consciência e com a comunidade que o cerca.¹²

Por envolver todas as esferas de relacionamento do fiel, a ética cristã vai definir também tudo que diz respeito também ao culto cristão e ao púlpito. Dentro deste âmbito norteia o caráter e posicionamento do pregador que sobe ao púlpito. Surge então, a possibilidade de se falar em uma ética do púlpito. Mas o que seria esta ética? Como ela afeta o pregador? Como saber se esta ética está sendo respeitada na atualidade? Diante da importância do tema estas são perguntas que precisam ser respondidas de maneira honesta, pois o testemunho da igreja cristã diante da sociedade também passa por este teste.

3. A ÉTICA DO PÚLPITO

A grande tragédia de nossos dias é que existem, no púlpito, muitos pregadores sem vida, entregando sermões sem vida, a ouvintes sem vida (Leonard Ravenhill).¹³

3.1 O deslocamento do púlpito na atualidade

A ética que é mediada pelo púlpito, afeta a ética pessoal, ética social e ética teísta. Aquele que sobe ao púlpito para pregar, sobe com a prerrogativa de estar apto para tal tarefa, deve ter uma boa consciência, a consciência de quem tem cuidado de si mesmo e da doutrina.

Não há uma ordem direta nas Escrituras que estabeleça a necessidade e o uso de púlpitos, da mesma forma não há no Novo Testamento alguma ordem para que a igreja construa templos. Por que então essa preocupação com a centralidade do púlpito nas igrejas? A resposta é simples: o púlpito em si nada é, mas quando passa a ser o lugar, a partir de onde se expõem as Sagradas Escrituras para o ensino e alimento dos fiéis, então ele se reveste de autoridade. A autoridade do púlpito não é intrínseca, mas extrínseca, ela vem da Palavra de Deus, daí a necessidade da centralidade do púlpito no templo, pois a prioridade no culto cristão é prerrogativa da Palavra de Deus.

O deslocamento do púlpito é uma realidade em muitas igrejas, conforme comenta Lloyd-Jones:

¹¹ BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado**. São Paulo: PES, 2016, p. 32,33.

¹² BAXTER, 2016, p. 105.

¹³ RAVENHILL, Leonard. **Por que tarda o pleno avivamento?** Belo Horizonte: Betânia, 1989, p. 10.

Eis aí certas mudanças gerais que têm ocorrido na própria igreja. Até este ponto, venho falando sobre pessoas que acreditam na igreja, que a frequenta. Entre essas pessoas tem havido a mudança no lugar e no papel da pregação. Às vezes, essa mudança se expressa até na forma puramente física. Tenho observado que a maioria dos novos templos erguidos em nosso país não tem mais um púlpito central; este foi empurrado para um lado. O púlpito costumava ocupar o lugar central; todavia, isso não acontece mais, e agora vemos-nos a olhar para algo que corresponde a um altar, em vez de contemplarmos o púlpito, o qual geralmente dominava o edifício inteiro. Tudo isso é extremamente significativo.¹⁴

3.2 As formas de deslocamento do púlpito

A mudança que Lloyd-Jones disse acontecer enfoca apenas a forma puramente física, todavia ela vai além de uma simples mudança física ou estética e traz consigo pelo menos duas implicações sérias: 1) em se tratando tanto do púlpito, como da Bíblia. É o caso da substituição progressiva da pregação bíblica, como momento central ao culto cristão, por elementos secundários ou periféricos, tais como shows, apresentações teatrais, filmes, danças, etc.; 2) A substituição da mensagem expositiva da Bíblia,¹⁵ por palestras e discursos diversos, pois neste caso o púlpito permanece, mas não a Palavra de Deus. Quer por falta de preparo, por conduta moral inadequada, pela oportunidade de se aproveitar dos membros da igreja, ou qualquer outra condição que não seja a de um espírito quebrantado, a pessoa que faz uso do púlpito não está respeitando a ética que o envolve. As Escrituras são claras com relação a este quesito: “prega a palavra” (2Tm 4.2); “Portanto, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17); “Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não procedendo com astúcia, nem distorcendo a palavra de Deus. Mas, pela proclamação pública da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos os homens diante de Deus” (2Co 4.2); “Tende cuidado para que ninguém vos tome por presa, por meio de filosofias e sutilezas vazias, segundo a tradição dos homens, conforme os espíritos elementares do mundo, e não de acordo com Cristo” (Cl 2.8).

Em ambos os casos, falta a profunda compreensão do verdadeiro significado do culto cristão e a primazia das Escrituras Sagradas. A palavra de Deus exalta a si própria e confere a si mesma o lugar de primazia no culto e na vida cristã, isto por ser a divinamente inspirada por Deus. Desta forma, o afastamento da exposição da palavra de Deus é o deslocamento do próprio Deus do centro do culto cristão.

Sem dúvida, o que impulsiona este deslocamento do púlpito é a mudança provocada pelo pensamento pós-moderno. A sociedade resultante do pensamento pós-moderno prima pelo prazer, pelo hedonismo, pelo imediatismo, pelo pragmatismo, não está disposta à reflexão. O púlpito passa então a disputar a atenção do ouvinte com aquilo que tem formado

¹⁴ LLOYD-JONES, Martyn. **Pregação e pregadores**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2011, p. 22-23.

¹⁵ LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 37-38.

a mentalidade e cultura do próprio ouvinte, a saber, a tecnologia com sua poderosa injeção multissensorial.¹⁶

3.3 A conscientização sobre a ética do púlpito

Para que o púlpito possa manter seu lugar central no culto cristão e a mensagem que dele é transmitida possa afetar o coração do ouvinte de maneira edificante e bíblica, algumas iniciativas devem ser levadas em consideração. Em primeiro lugar encontra-se a necessidade de formação ministerial de qualidade, tanto teológica, quanto ética e devocional. Uma segunda iniciativa é o levantar da voz profética, dentro da própria igreja, contra os falsos mestres e contra toda forma de abuso que é cometida atrás dos púlpitos, sob a égide de uma pretensa superioridade espiritual. Outra iniciativa importante é a conscientização ampla da igreja através dos mais diferentes veículos de comunicação. A mensagem que do púlpito procede deve ser a pura exposição das Escrituras, iluminada pelo Espírito Santo, apontando para a pessoa e obra de Cristo. O quadro que ora se encontra instaurado de deslocamento do púlpito e da palavra de Deus nas igrejas evangélicas brasileiras é resultado de um processo semelhante ao encontrado em outros momentos da história da igreja.

Quando a igreja passou a ser institucionalizada, perdeu aquilo que a mantinha saudável e se envolveu com inúmeras práticas estranhas e heréticas. Couto detalha como a Idade Média foi marcada por um sincretismo pagão, fruto da inserção dos povos pagãos na igreja através do batismo, feito pelos missionários católicos. Foi contra este desvio que os reformadores se levantaram, recolocando a palavra de Deus no seu devido lugar.¹⁷ Pregadores como Jonathan Edwards, Jorge Whitefield, John Owen, Charles Spurgeon, mantiveram uma postura ética com relação ao uso do púlpito. Eles não somente foram verdadeiros expositores da Bíblia, respeitando uma hermenêutica contextualizada, como também eram cheios de urgência espiritual¹⁸ e, por isso, influenciaram de maneira positiva a igreja em suas respectivas épocas.

Diante dos exemplos acima, fica evidente que muitas igrejas, na atualidade, não têm dado valor merecido ao púlpito. Sobre isso Lawson, comenta:

O sermão moderno tem sido descrito, tragicamente como sendo muito largo e pouco profundo. Outros têm dito que a pregação de nossos dias é um homem manso e bem-comportado que exorta seus ouvintes mansos e bem-comportados a continuarem sendo mansos e bem-comportados.¹⁹

A realidade de desrespeito ou falta de ética no púlpito deve ser entendida como fruto do momento em que a igreja está vivendo, um momento semelhante àquele experimentado pelos que precederam a Reforma Protestante. Onde estariam os reformadores dos nossos dias? Difícil responder, impossível perder as esperanças!

¹⁶ TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução de Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2011, p. 20-125.

¹⁷ COUTO, Vinícius. **Culto cristão**: origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 59.

¹⁸ OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples**. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 134-135.

¹⁹ LAWSON, 2013, p. 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja atual, principalmente em sua vertente neopentecostal, tem abandonado o uso histórico e bíblico do púlpito. A consequência tem sido o enfraquecimento espiritual da membresia das igrejas. Pessoas lotam templos evangélicos, não mais para apreender da palavra de Deus e poderem viver vidas agradáveis a Deus, mas para poder alcançar a vida vitoriosa que o capitalismo promete.

O púlpito tornou-se lugar para aumentar fortunas, para obter votos, fazer comércio e passar uma mensagem adocicada para massagear os ouvidos daqueles que buscam novidades que o momento tem a oferecer. O único remédio para sarar a igreja desta enfermidade é o uso do púlpito por pastores que preguem mensagens que tenham o sabor da eternidade.²⁰ Pregadores que entendam que existe um conjunto de normas, que orientam o comportamento e a vivência cristã.²¹ Há uma ética a ser respeitada. Só assim poderemos ser aprovados em meio a uma geração corrupta e perversa (Fp 2.15).

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. Versão Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado.** São Paulo: PES, 2016.

COSTA, João Arantes; et al. **O Comportamento do crente:** princípios de ética bíblica. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2016.

COUTO, Vinícius. **Culto cristão:** origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016.

CUNHA, José Auri. **Iniciação a investigação filosófica.** São Paulo: Atual, 1992.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores.** Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1988.

LLOYD-JONES, Martyn. **Pregação e pregadores.** 2.ed. São Paulo: Fiel, 2011.

LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa.** São José dos Campos: Fiel, 2013.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

NEE, Watchman. **O ministério da Palavra.** São Paulo: Editora dos clássicos, 2011.

OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples.** São José dos Campos: Fiel, 2012.

²⁰ PIPER, John. **Irmãos nós não somos profissionais:** um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009, p. 127.

²¹ PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje:** vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida. São Paulo: Shedd, 2005, p. 19.

PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje**: vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida. São Paulo: Shedd, 2005.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego – Português / Português – Grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.

PIPER, John. **Irmãos nós não somos profissionais**: um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009.

RAVENHILL, Leonard. **Por que tarda o pleno avivamento?** Belo Horizonte: Betânia, 1989.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução de Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2011.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

CRÍTICA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO: ALTERAÇÕES NO TEXTO DO NOVO TESTAMENTO NOS ESCRITOS DE BART EHRMAN: CORRUPÇÃO NOS DADOS OU NA LEITURA DOS MESMOS?

Textual Critic of the New Testament: changes in the text of the New Testament in the Bart Ehrman writings: data corruption or reading of them?

Carlos Alberto Prazeres¹

RESUMO

Bart D. Ehrman é um renomado estudioso do Novo Testamento na atualidade. Nos últimos anos, ele tem escrito livros para o público leigo em geral. Nesses ele discorre sobre as alterações ocorridas no texto do Novo Testamento ao longo dos séculos. Ele o faz, contudo, a partir de uma das escolhas de leituras possíveis dos dados à disposição. Por meio do presente artigo, o autor objetiva identificar duas colocações frequentes acerca do número de variantes textuais, presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza destas variantes; analisá-las sob a ótica de quatro autores expoentes no campo da crítica textual, sendo eles: Wallace, Metzger, Paroschi e os Aland; e demonstrar que o referido estudioso faz uma leitura parcial e tendenciosa, dos dados disponíveis acerca das alterações textuais do Novo Testamento, em seus livros destinados ao público geral.

Palavras-Chave: Interpretação. Manuscritos. Escritas.

ABSTRACT

Bart D. Ehrman is a renowned scholar of the New Testament. In the recent years he has written books to the general public. In these books he talks about the modifications of the text of the New Testament along the centuries. However, he does it from one of the several possible options for the reading of the available data. In this present article, the

¹ Graduado em Letras pela Faculdade Santa Cruz. Membro da Igreja de Cristo em Curitiba – Igrejas oriundas do Movimento de Restauração conhecidos como Stone-Campbell Restoration Movement. E-mail: ca.prazeres@icloud.com

objective of this author is to identify two frequent propositions about the number of the textual variants in the manuscripts and the nature of those variants; analyze these two propositions from the point of view of four other famous scholars, which are Wallace, Metzger, Paroschi and the Aland's; demonstrate that Ehrman does a partial reading of the available data on the modifications of the text of the New Testament in his books which are target to the general public.

Keywords: Interpretation. Manuscripts. Scribes.

INTRODUÇÃO

Bart D. Ehrman é um respeitado estudioso do Novo Testamento na atualidade. Palestrante convidado para falar em diversas universidades, presença constante em diversos programas de televisão em seu país, chefia o Departamento de Estudos Religiosos da University of North Carolina, em Chapel Hill, nos Estados Unidos. É também autor de inúmeros livros destinados aos pesquisadores e estudiosos do Novo Testamento. É coautor da quarta edição de um dos manuais mais importantes sobre o texto do Novo Testamento², juntamente com o renomado pesquisador e especialista em crítica textual Bruce M. Metzger.³

Nos últimos anos, tem publicado livros destinados ao público leigo em geral.⁴ São livros que, basicamente, discorrem acerca das alterações no texto do Novo Testamento e seus desdobramentos e implicações para a fé cristã. Contudo, tendo em vista que seu público principal nessas obras não são os especialistas e estudiosos da área, deixa o leitor desavisado com uma impressão parcial dos fatos, além de um pessimismo generalizado quanto ao texto fundamental do Cristianismo, o Novo Testamento.

O presente artigo fará a identificação de duas colocações de Ehrman, acerca do número de variantes textuais presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza dessas variantes textuais; analisará essas ideias sob a ótica de quatro autores: Wallace⁵, Metzger, Paroschi⁶ e os Aland⁷; e demonstrará que o referido estudioso apresenta uma leitura parcial e tendenciosa dos dados disponibilizados pela ciência da crítica textual.

A seguir, uma introdução sobre a disciplina Crítica Textual.

² METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: its transmission, corruption and restoration.** 4.ed. New York: Oxford, 2005.

³ Bruce M. Metzger foi professor emérito no Princeton Theological Seminary e respeitado estudioso, internacionalmente reconhecido, quanto ao texto grego do Novo Testamento, sendo um dos consultores e editores da famosa edição Nestle-Aland do texto do Novo Testamento.

⁴ ERHMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?** São Paulo: Prestígio, 2006. ERHMAN, Bart D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi? Mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

⁵ WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament: manuscript, patristic, and apocryphal evidence.** Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.

⁶ PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

⁷ ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual.** Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

1. INTRODUÇÃO À CRÍTICA TEXTUAL

A história das origens da Crítica Textual remonta aos interesses dos antigos gregos em fazer uma comparação entre os manuscritos disponíveis da *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, de forma que pudessem recuperar o texto original dessas obras.⁸

A definição clássica de crítica textual sempre foi buscar determinar o texto original de qualquer obra cujos originais já não mais existam. Quanto ao Novo Testamento, não foi diferente, tanto que Wilson Paroschi⁹ cita que Westcott e Hort¹⁰, dois pesquisadores aos quais devemos muito pelos avanços que proporcionaram ao campo de pesquisa dessa ciência, “já pensavam tê-lo conseguido”.¹¹ Os dois pesquisadores publicaram, em 1891, a obra com o ousado título *The New Testament in the Original Greek*, e estavam certos de que as dificuldades restantes quanto ao texto original eram mínimas. Paroschi também menciona que o texto grego da edição crítica NA26 (Nestle-Aland, na sua vigésima sexta edição), lançado em 1979, alegava que “o texto original havia sido alcançado”.¹²

No entanto, atualmente, muito do que foi desenvolvido ao longo do tempo, tem sido questionado.¹³ Conceitos que já se encontravam estáveis por um bom tempo começaram a ser revistos. O conceito de texto original, por exemplo, passou a ser entendido por alguns estudiosos como inalcançável, porque vários livros do Novo Testamento podem ter tido inicialmente várias formas, assim existiriam múltiplos originais. Para outros, como David Parker¹⁴, o conceito de texto original é inexistente porque um tal texto fixo e rígido, em apenas uma forma final, não pode ser mais mantido por conta das várias edições do mesmo texto. Ainda para outros, tais como Parker e também Gerd Mink¹⁵, não há mais o conceito de texto original, agora fala-se em texto inicial.¹⁶ Uma hipótese de texto do qual todas as outras formas disponíveis se originaram.

Embora essas discussões sejam temas atuais de pesquisa entre os especialistas, nada se pode afirmar conclusivamente. Não há evidência sólida que comprove a existência de

⁸ METZGER; EHRMAN, 2005, p. 198.

⁹ Wilson Paroschi é doutor em Teologia pela Andrews University (EUA), com especialização em Novo Testamento. Professor de Grego, Hermenêutica e Interpretação do Novo Testamento no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

¹⁰ Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, pesquisadores da Universidade de Cambridge, são dois importantes nomes da Crítica Textual responsáveis pela publicação de uma edição crítica do Novo Testamento Grego, obra que se tornaria referência no campo. Além disso propuseram avanços metodológicos como agrupamento de famílias textuais. Para mais informações, ver METZGER; EHRMAN, 2005, p. 174-181

¹¹ PAROSCHI, 2012, p. 239.

¹² PAROSCHI, 2012, p. 239

¹³ Muito do que segue na discussão, foi baseado em Paroschi (2012, p. 239-266).

¹⁴ David Parker é pesquisador e professor de Teologia na Universidade de Birmingham. Para mais informações, ver a sua obra: PARKER, David. **The living text of the Gospels**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

¹⁵ Gerd Mink é pesquisador e trabalha no INTF, um instituto responsável pela pesquisa da história textual do Novo Testamento. Ele idealizou um recente método de avaliação de variantes, conhecido como Método Genealógico Baseado na Coerência.

¹⁶ Para mais informações, ver PARKER, David. **An introduction to the New Testament manuscripts and their texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

múltiplos originais.¹⁷ Nem tampouco se pode afirmar categoricamente que o texto inicial não é o texto original, o autógrafo. Como menciona Paroschi, embora o conceito de texto inicial seja mais científico, as evidências disponíveis não autorizam uma ruptura definitiva entre o autógrafo e o texto inicial.¹⁸

Por essas e por outras razões, as quais não são objeto do presente trabalho, a definição clássica de crítica textual pode continuar sendo mantida. É interessante, portanto, observar como Paroschi propõe, na introdução de sua obra, *Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento*, concluída durante licença pós-doutoral na Universidade de Heidelberg, Alemanha, uma definição que contempla o sentido clássico e, ao mesmo tempo, está ciente dos limites alcançados até hoje:

É o estudo do texto neotestamentário com o propósito de assegurar que as palavras que lemos hoje correspondam da forma mais plena possível àquelas que os apóstolos e evangelistas escreveram séculos atrás.¹⁹

Além dos questionamentos levantados acerca do conceito de texto original, outro tópico da discussão atual é a alegação de que os manuscritos disponíveis são muito tardios e estão corrompidos, inclusive do ponto de vista doutrinário. Assim, algumas doutrinas fundamentais da fé cristã teriam sua origem nas corrupções feitas no texto ao longo do processo de cópias, e não em Jesus e seus apóstolos e evangelistas. Não é mera coincidência que Bart D. Ehrman, o estudioso em foco neste artigo, é o nome mais famoso na defesa dessas afirmações.

Bart D. Ehrman escreveu uma obra especializada²⁰ e técnica a respeito do assunto, em 1993. Basicamente, a tese de Ehrman é de que as alterações efetuadas nos manuscritos são propositais para defender posições cristológicas vigentes nos segundo e terceiro séculos.²¹ Essas posições, segundo Ehrman, tornaram-se dominantes e venceram.²² Ele chama os vencedores de “ortodoxos”, no entanto, esses, que deveriam guardar a tradição, modificaram-na para defender suas compreensões da fé cristã.²³ Paroschi menciona que tal argumentação produz um resultado devastador²⁴, pois ameaça a “credibilidade do texto” do Novo Testamento, a “validade da fé cristã”, já que os textos representam a posição de um grupo dominante.

É com essa visão da transmissão do texto do Novo Testamento que Ehrman se apresenta mais tarde para discutir abertamente com o público leigo as questões relacionadas ao texto do Novo Testamento. Como avalia Paroschi, “em geral, fomentando dúvidas e criando um estado desnecessário de ansiedade entre leitores com pouco ou nenhum preparo para avaliar questões dessa natureza”.²⁵

¹⁷ PAROSCHI, 2012, p. 246.

¹⁸ PAROSCHI, 2012, p. 265.

¹⁹ PAROSCHI, 2012, p. XIII.

²⁰ ERHMAN, Bart D. **The orthodox corruption of Scripture: the effect of early christological controversies on the text of the New Testament.** Oxford: Oxford University Press, 1993.

²¹ PAROSCHI, 2012, p. 266.

²² PAROSCHI, 2012, p. 266.

²³ PAROSCHI, 2012, p. 268.

²⁴ PAROSCHI, 2012, p. 268.

²⁵ PAROSCHI, 2012, p. 268.

São nessas obras, destinadas ao público leigo, em especial em “O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?”²⁶, que serão analisadas duas colocações fundamentais que Ehrman faz repetidamente acerca do número de variantes textuais presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza dessas variantes textuais. Tais colocações, porém, não apresentam a história toda.

2. O NÚMERO DE VARIANTES TEXTUAIS

O material de trabalho da crítica textual do Novo Testamento são os inúmeros manuscritos ou fragmentos de manuscritos, descobertos ao longo dos séculos. O professor Daniel Wallace²⁷, fundador do CSNTM²⁸, menciona que existem mais de 5.600 manuscritos gregos catalogados²⁹ atualmente.

A necessidade da crítica textual do Novo Testamento poderia ser questionada, caso existisse apenas um único manuscrito de cada livro do Novo Testamento sem nenhuma nota de correção marginal, pois assim não haveria qualquer diferença a ser pesquisada e estudada. Por causa da existência de muitos e muitos manuscritos com diferenças entre si, é que a crítica textual se apresenta com tal nobre e importante tarefa. É digno de nota mencionar que o Novo Testamento é o tipo de literatura mais bem documentada em toda a literatura antiga. Wallace menciona que “The NT is by far the best-attested work of Greek or Latin literature from the ancient world”.³⁰

Tecnicamente, toda e qualquer diferença entre os manuscritos é chamada de variante textual. Wallace apresenta uma pertinente definição de variante textual:

A textual variant is any place among the MSS in which there is variation in wording, including word order, omission or addition of words, even spelling differences. The most trivial changes count, and even when all the manuscripts except one say one thing, that lone MS's reading counts as a textual variant.³¹

O autor em foco neste trabalho, Ehrman, começa sua fundamentação argumentativa logo de início, em seu livro³², dizendo que “Nós não temos os originais”.³³ Ele continua, “O que temos são *cópias eivadas de erros*, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos

²⁶ ERHMAN, 2006.

²⁷ Daniel Wallace é doutor em Novo Testamento pelo Dallas Theological Seminary (EUA) e professor de Novo Testamento na mesma instituição. Fundador do Centro para Estudos dos Manuscritos do Novo Testamento CSNTM (The Center for Studies of New Testament Manuscripts). Seus trabalhos pós-doutorais são em Gramática Grega do Novo Testamento e Crítica Textual.

²⁸ Vide nota anterior.

²⁹ WALLACE, 2011, p. 27.

³⁰ WALLACE, 2011, p. 30. “De longe, o Novo Testamento é o trabalho da literatura Grega ou Latina melhor atestado do mundo antigo” (Tradução de minha autoria).

³¹ WALLACE, 2011, p. 26. “Variante textual é qualquer lugar entre os manuscritos que apresente variação de palavra, seja na ordem da mesma, omissão ou adição de palavras e até mesmo diferenças de letras na palavra. A mudança mais trivial conta, até mesmo quando todos os manuscritos, com a exceção de um deles diz outra coisa, aquela leitura irá contar como sendo uma variante textual” (Tradução de minha autoria).

³² ERHMAN, 2006.

³³ ERHMAN, 2006, p. 17.

originais e *diferentes deles, evidentemente, em milhares de modos*” (itálico meu). Mais adiante ele repete a ideia dizendo que “Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais”. Não obstante, ele continua:

Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. O que temos são as cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas *diferem umas das outras em milhares de passagens*.³⁴

Por fim, Ehrman faz a comparação de que existem mais variantes nos manuscritos do que palavras do Novo Testamento, quando diz “Talvez seja mais fácil falar comparativamente: há *mais diferenças entre os nossos manuscritos* que palavras do Novo Testamento”.³⁵

O problema com essa fundamentação argumentativa de Ehrman é que ela não apresenta toda a verdade. Por isso, este artigo sustenta que Ehrman está sendo parcial e tendencioso, não contando a história toda.

É um fato, sim, que existem muitas variantes no texto do Novo Testamento. Estima-se que existam entre 300.000 a 400.000 variantes³⁶ nos diversos manuscritos. Wallace menciona que há em torno de “140.000 palavras” no texto grego do Novo Testamento. Assim se teria uma média de “duas ou três variantes para cada palavra do Novo Testamento grego”.³⁷ Porém, como mencionado acima, o Novo Testamento é a obra mais bem documentada da Antiguidade. É a obra que possui o maior número de evidência textual disponível quando comparada com qualquer obra clássica antiga, grega ou latina.³⁸ Assim, quanto maior o número de manuscritos, maior será o número de variantes. Wallace argumentará que:

The reason we have a lot of variants is that we have a lot of manuscripts. It is simple, really. No classical Greek or Latin text has nearly as many variants, because they do not have as nearly as many manuscripts.³⁹

Wallace também comenta que “To speak about the number of variants without also speaking about the number of manuscripts is simply an appeal to sensationalism”.⁴⁰ Paroschi reforça que “Ehrman nunca deixa claro para o leitor que o elevado número de variantes está diretamente relacionado ao grande número de manuscritos disponíveis”. E adiciona: “A mera contagem das variantes, portanto, consiste numa distorção dos fatos, até porque quanto maior o número de manuscritos, maiores as possibilidades de comparação e correção do texto”.⁴¹ Paroschi também relembra o clássico livro de F.F. Bruce acerca do assunto:

³⁴ ERHMAN, 2006, p. 20 (Itálico meu).

³⁵ ERHMAN, 2006, p. 20 (Itálico meu).

³⁶ ERHMAN, 2006, p. 20.

³⁷ WALLACE, 2011, p. 26.

³⁸ WALLACE, 2011, p. 29

³⁹ WALLACE, 2011, p. 27. “A razão pela qual nós temos muitas variantes é que nós possuímos igualmente muitos manuscritos. Isso é simples, realmente. Nenhum dos textos clássicos, Grego ou Latino, possui muitas variantes assim porque não há muitos manuscritos disponíveis” (Tradução de minha autoria).

⁴⁰ WALLACE, 2011, p. 27. “Falar sobre o número de variantes sem igualmente falar sobre o número de manuscritos é simplesmente apelo ao sensacionalismo” (Tradução de minha autoria).

⁴¹ PAROSCHI, 2012, p. 273, 274.

Fortunately, if the great number of MSS increases the number of scribal errors, it increases proportionately the means of correcting such errors, so that the margin of doubt left in the process of recovering the exact original wording is not so large as might be feared; it is in truth remarkably small.⁴²

É interessante, nessa discussão sobre número de variantes textuais, recapitular a obra dos Aland⁴³ quando, falando a respeito dos estudos sobre o texto do Novo Testamento, alertam “tanto os que são feitos por amadores quantos os que são feitos por especialistas no assunto, dá-se muita pouca atenção ao todo e ênfase demasiada nas variantes”.⁴⁴ E mais abaixo ressaltam:

Os críticos de texto, e ainda mais os especialistas em Novo Testamento (para não falar dos leigos no assunto) *ficam fascinados com as diferenças que acabam esquecendo* que muitas das alterações surgiram por acaso ou se devem a tendências normais dos copistas. Esquecem que as reais diferenças não são tantas assim, *caso se levar em conta o quadro geral, que sempre de novo tende a ser esquecido, tendo em vista a ênfase aos detalhes*.⁴⁵

A citação de Wallace é bem pertinente quando afirma que “A little probing into these 400.000 variants puts these statistics in a context”.⁴⁶

Dessa forma, com base nas evidências acima, é que se pode perceber que outros grandes estudiosos e pesquisadores fazem a leitura dos mesmos dados de forma diferente. Enquanto Ehrman apresenta apenas parte da história, de forma que o leitor iniciante, leigo, não tenha acesso ao quadro todo das evidências textuais – e não obstante a parcialidade, pode-se notar, lendo outras publicações e entrevistas, que Ehrman parece assumir posições diferentes dependendo do seu público alvo – Wallace pontua que “It seems that Ehrman puts a far more skeptical spin on things when speaking in the public square than he does when speaking to professional colleagues”.⁴⁷

Ao afirmar que o texto grego do Novo Testamento tem mais alterações, aos milhares, do que palavras, o terreno estava agora preparado para o próximo passo. Assim, Ehrman plantaria a semente de que alterações teológicas intencionais foram propositalmente realizadas pelos copistas.

⁴² PAROSCHI, 2012, p. 274. Em F. F. BRUCE, **The New Testament Documents: Are they Reliable?** p. 19: “Felizmente, se o grande número de manuscritos aumenta o número de erros produzidos pelos escribas, também aumenta proporcionalmente os meios de correção de tais erros” (Tradução de minha autoria).

⁴³ ALAND; ALAND, 2013.

⁴⁴ ALAND; ALAND, 2013, p. 29 (Itálico meu).

⁴⁵ ALAND; ALAND, 2013, p. 29. (Itálico meu)

⁴⁶ WALLACE, 2011, p. 27. “Um pouco de investigação nas 400.000 variantes coloca as estatísticas em contexto” (Tradução de minha autoria).

⁴⁷ WALLACE, 2011, p. 25. “Parece que Ehrman dá um toque muito mais cético acerca das coisas quando fala para o público geral do que quando fala aos seus colegas de profissão” (Tradução de minha autoria).

3. A NATUREZA DAS VARIANTES TEXTUAIS

É interessante lembrar, como mencionado na introdução, que uma das questões que se discute no círculo dos especialistas em crítica textual do Novo Testamento – a saber, que escribas intencionalmente modificaram o texto para satisfazer suas pressuposições teológicas – tem seu representante mais conhecido na figura de Bart Ehrman e sua obra, *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament*, escrita em 1993.⁴⁸

No início da obra, o autor afirma que sua tese fundamental é “Scribes modified their manuscripts to make them more patently orthodox and less susceptible to abuse by the opponents of orthodoxy”.⁴⁹ Esse raciocínio percorre todo o livro, e na conclusão ele termina da mesma forma, dizendo que “Scribes altered their sacred texts to make them say what they were already known to mean”.⁵⁰

É com esse pressuposto que Ehrman embarca, como cita Paroschi, “para seu próximo passo, ainda mais ousado”⁵¹, em seu livro “O que Jesus disse? O que Jesus não disse?”⁵² escrito para o público leigo. O subtítulo do livro, “Quem mudou a Bíblia e por quê?”, insinua a repetição das ideias que são levantadas na obra de 1993. Por exemplo, “As passagens acima discutidas representam apenas dois dentre milhares de lugares nos quais os manuscritos do Novo Testamento foram mudados por copistas”.⁵³ Mais adiante, declara: “Embora a maioria das passagens não seja da mesma magnitude, *há muitas mudanças significativas*”.⁵⁴ No final da mesma página, encerra “*textos fundamentais* foram mudados” e completa “de um modo *altamente significativo*”.⁵⁵

Mais adiante, no referido livro, volta a repetir: “As mudanças propositais, tardias, podem ser altamente significativas”, continua: “porque podem nos mostrar algo sobre como o texto dos autores veio a ser interpretado pelos copistas que os reproduziram”.⁵⁶ Mais adiante repete o seu argumento principal: “Ou seja, os copistas ocasionalmente alteravam os textos para forçá-los a dizer o que já se supunha que deveriam dizer”.⁵⁷ (Pode-se notar a repetição quase palavra a palavra oriunda da tese de 1993⁵⁸). Na conclusão do livro, ele confirma:

Quanto mais eu estudava a tradição manuscrita do Novo Testamento, mais compreendia como o texto foi sendo *radicalmente alterado* ao longo dos

⁴⁸ Veja nota 20.

⁴⁹ EHRMAN, 1993, p. 3. “Escribas modificaram seus manuscritos para torná-los mais ortodoxos e menos suscetíveis aos abusos dos oponentes dessa ortodoxia” (Tradução de minha autoria).

⁵⁰ EHRMAN, 1993, p. 275. “Escribas alteraram os textos sagrados para fazê-los dizer a mesma coisa que já se entendia como sendo o significado” (Tradução de minha autoria).

⁵¹ PAROSCHI, 2012, p. 268.

⁵² Veja nota 26.

⁵³ EHRMAN, 2006, p. 79.

⁵⁴ EHRMAN, 2006, p. 79 (Itálico meu).

⁵⁵ EHRMAN, 2006, p. 79 (Itálico meu).

⁵⁶ EHRMAN, 2006, p. 161.

⁵⁷ EHRMAN, 2006, p. 185.

⁵⁸ Veja nota 47.

anos nas mãos dos copistas, que não estavam só conservando as escrituras, mas *mudando-as também*.⁵⁹

E para finalizar o raciocínio:

Seria um equívoco dizer – como as pessoas fazem às vezes – que as mudanças em nosso texto não têm nenhum peso real sobre aquilo que os textos significam ou sobre as conclusões teológicas que se depreendem deles.⁶⁰

Existem, de fato, muitas mudanças significativas assim? Textos fundamentais foram realmente mudados de modo altamente significativo? Radicalmente alterados, conforme afirma Ehrman?

Paroschi comenta que “no passado nem todos pareciam dispostos a admitir”⁶¹ alterações por razões dogmáticas. Ele faz uma referência, por exemplo, a Westcott e Hort, os quais declararam “não haver quaisquer sinais de falsificação deliberada do texto por razões dogmáticas”.⁶² Atualmente, no entanto, falando sobre a situação da moderna crítica textual, Paroschi complementa que:

Desde meados do século vinte, porém, praticamente ninguém mais questiona o fato de que um bom número de alterações intencionais no NT foi feito por escribas ortodoxos com o propósito de tornar o texto ainda mais ortodoxo.⁶³

O professor Wallace, um estudioso da atualidade, compartilha da mesma ideia: “A afirmação básica da tese de Ehrman que os escribas ortodoxos alteraram o texto do Novo Testamento para os seus próprios propósitos é certamente verdadeira”.⁶⁴ A grande questão, no entanto, é, como vai dizer Paroschi ao citar Kruger⁶⁵, “não é se Ehrman está tecnicamente correto acerca desse ponto, mas se as conclusões a que ele chega estão corretas”.⁶⁶

O problema de Ehrman não são as suas afirmações em si. Contudo, como apontado anteriormente, aqui se repete, a história toda não está sendo contada por ele, e suas pressuposições aparecem despercebidamente ao leitor com pouco ou nenhum conhecimento da matéria, como se fossem a única verdade existente. É importante mencionar que Ehrman deixa claro em seu livro, embora possa passar livremente ao leitor comum, as suas pressuposições. Ele menciona, por exemplo, em determinado momento, no capítulo 6 de seu livro para o público leigo, que trata das alterações teologicamente motivadas: “pretendo-me restringir a apenas um aspecto das contínuas disputas teológicas nos séculos II e III: a questão da natureza de Cristo”.⁶⁷ Em seguida, a pressuposição “houve discordâncias generalizadas, e

⁵⁹ EHRMAN, 2006, p. 217 (Itálico meu).

⁶⁰ EHRMAN, 2006, p. 217 (Itálico meu).

⁶¹ PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶² PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶³ PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶⁴ WALLACE, 2011, p. 43.

⁶⁵ Michael J. Kruger é Professor de Novo Testamento e Cristianismo primitivo no Seminário Teológico Reformado em Charlotte, EUA.

⁶⁶ PAROSCHI, 2012, p. 273.

⁶⁷ EHRMAN, 2006, p. 164.

essas *disputas afetaram os nossos textos escriturísticos*".⁶⁸ Na próxima página, mais uma pressuposição:

Minha posição é a de que os copistas cristãos que se opunham à visão adocionista⁶⁹ modificaram os textos em determinadas passagens, a fim de ressaltar a sua visão de que Jesus não era apenas humano, mas divino.⁷⁰

O que Ehrman faz na sequência é discutir algumas passagens tais como:⁷¹

- a) 1 Timóteo 3.16 – a maioria dos manuscritos diz “*Deus* tornado manifesto na carne”, enquanto que os mais antigos e renomados manuscritos trazem “aquele *que* foi manifestado na carne”. Ehrman argumenta que um revisor tardio alterou a variante “que” (Em grego, ΟΣ) para “Deus” (Em grego, ΘΣ). Note que é uma mudança muito sutil, praticamente apenas um traço no meio da letra. Esse seria, diz Ehrman, “exemplo de uma mudança antiadocionista, uma alteração textual feita em oposição à perspectiva segundo a qual Jesus era plenamente humano, mas não divino”.⁷²
- b) Lucas 2.33 – manuscritos dizem “Seu pai e sua mãe ficaram maravilhados” e outros dizem “José e sua mãe ficaram maravilhados”. O primeiro texto poderia ser usado como prova de que ele tinha um pai humano, assim teria sido alterado para evitar o uso indevido pelos adocionistas. Essa é a argumentação de Ehrman.
- c) Lucas 3.22 – Uma leitura seria “Tu és meu Filho amado, em quem me comprazo” enquanto outro manuscrito apresenta “Tu és meu Filho amado, hoje eu te gerei”. Segundo a argumentação de Ehrman, a leitura original seria a segunda, e teria sido mudada por copistas receosos das implicações adocionistas.
- d) João 1.18 – Uma leitura seria “Deus único no seio do Pai” ou outra leitura “Filho único no seio do Pai”. A primeira leitura tem apoio nos manuscritos mais antigos, associados com Alexandria, diz Ehrman.⁷³ Enquanto que a maioria dos manuscritos de outros lugares apresentam a segunda leitura, “Filho único”, que para Ehrman é a correta. Ehrman argumenta que os copistas alexandrinos, não satisfeitos com a visão exaltada de Cristo, a exaltaram ainda mais, mudando a palavra de Filho para Deus. Ele vai dizer: “parece ser uma mudança antiadocionista do texto feita por copistas proto-ortodoxos do século II”.⁷⁴

Enquanto que o propósito desse artigo não seja discutir pormenorizadamente cada um dos textos, o que se pretende mostrar é que Ehrman alega que esses textos foram alterados para defender posições contra o adocionismo. Na visão de Ehrman, esses textos poderiam ser utilizados para justificar que Jesus era apenas humano e foi adotado por Deus apenas mais

⁶⁸ EHRMAN, 2006, p. 164 (Itálico meu).

⁶⁹ Adocionista é a visão que compreende que Jesus não foi um ser divino, mas um ser humano comum que foi “adotado” por Deus em determinado momento da sua vida.

⁷⁰ EHRMAN, 2006, p. 165.

⁷¹ EHRMAN, 2006, p. 167-172.

⁷² EHRMAN, 2006, p. 167.

⁷³ EHRMAN, 2006, p. 171.

⁷⁴ EHRMAN, 2006, p. 172.

tarde, e, por conta disso, foram alterados pelo grupo mais ortodoxo, o qual era também o mais dominante.

Diante disto, cumpre-se agora traçar algumas considerações, levando-se em conta as perguntas capitais elaboradas parágrafos acima.

A primeira é que, para Ehrman, parece haver uma espécie de trama criada pelos escribas, um plano arquitetado, e para que tudo funcione, a sua pressuposição, acima mencionada, de que “disputas afetaram os nossos textos escriturísticos” precisa ser aceita previamente sem qualquer questionamento, como se fosse um fato fácil e amplamente observado na história. Wallace comenta que “Ehrman sees in the textual variants something more pernicious, more sinister, more conspirational, and therefore more controlled than I do”.⁷⁵ Paroschi faz menção de que:

A verdade é que os escribas não foram nem um pouco consistentes ou sistemáticos na introdução de alterações intencionais de natureza doutrinária. Alguns textos apenas foram alterados, ao passo que outros não.⁷⁶

Ele também cita que:

Também não se pode olvidar que, se por um lado, alguns manuscritos foram produzidos por escribas descuidados ou de pouca habilidade, por outro há aqueles que o foram por escribas que impressionam pela diligência e habilidade, como é o caso dos que produziram o Papiro 75 e o Códice Vaticano.⁷⁷

É digno de nota lembrar que a própria obra de Metzger e Ehrman, obra introdutória fundamental para qualquer biblioteca, fala acerca de alterações em manuscritos:

Lest the foregoing examples of alterations should give the impression that scribes were altogether willful and capricious in transmitting ancient copies of the New Testament, it ought to be noted that other evidence points to the careful and painstaking work on the part of many faithful copyists.⁷⁸

Uma segunda consideração é que Ehrman parece fazer mesmo sensacionalismo⁷⁹, pois como Paroschi argumenta:

As alterações doutrinárias – conscientes ou inconscientes, motivadas por boa-fé ou más intenções – que apresentam alguma plausibilidade não compreendem senão uma fatia insignificante dentre todas as alterações existentes.⁸⁰

E continua discorrendo sobre a quantidade de evidências:

⁷⁵ WALLACE, 2011, p. 22. “Ehrman enxerga algo mais pernicioso, sinistro, mais conspiratório e, portanto, mais controlado nas variantes textuais do que eu o faço” (Tradução de minha autoria).

⁷⁶ PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁷⁷ PAROSCHI, 2012, p. 270.

⁷⁸ METZGER; EHRMAN, 2005, p. 271. “Caso os exemplos anteriores de alterações transmitam a impressão de que os escribas foram completamente tendenciosos e arbitrários na transmissão das antigas cópias do Novo Testamento, deve-se notar que outras evidências apontam para um cuidado e metucioso trabalho por parte de copistas confiáveis” (Tradução de minha autoria).

⁷⁹ Ver nota 39.

⁸⁰ PAROSCHI, 2012, p. 276.

E mesmo que Ehrman esteja correto quanto à bidirecionalidade das alterações – às vezes enfatizando a divindade de Jesus, às vezes sua humanidade – resta o fato de que as alterações se limitaram a uns poucos textos e que a maioria delas é encontrada tão somente num único ou bem pouco manuscritos gregos ou versionais.⁸¹

Ehrman está mais interessado em fazer especulação do que realmente outra coisa, como propõe Paroschi:

A falta absoluta de consistência, diante do grande número de manuscritos conhecidos e o período que eles representam (cerca de quinze séculos), faz com que as alterações doutrinárias sejam muito mais objeto de curiosidade histórica que de preocupação dogmática.⁸²

Uma terceira e necessária consideração é que a quantidade de alterações intencionais e propositadas não são tantas como Ehrman gostaria. Paroschi faz a seguinte, importante consideração:

Em outras palavras, alterações que redundem em prejuízo doutrinário de forma intencional e metódica não são, nem de longe, tão comuns quanto Ehrman presume e, como regra, estão mais ligadas a figuras desconhecidas da heresiografia cristã, como Marcião, Taciano e outros.⁸³

A declaração de Wallace, ao citar a resenha de Gordon Fee⁸⁴, é apropriada na demonstração do que realmente Ehrman parece querer postular em seus livros: “Unfortunately, Ehrman too often turns mere possibility into probability, and probability into certainty, where other equally viable reasons for corruption exist”.⁸⁵

Quanto ao seu ponto mais provocante, doutrinas fundamentais da fé cristã terem sido afetadas, embora não se tenha citado todas as passagens argumentadas por ele, o que nem ele mesmo fez em seus livros, pergunta-se: de fato, as doutrinas fundamentais da fé cristã estão fundamentadas apenas naqueles versículos? “Nenhuma doutrina”, dirá Paroschi, “é baseada num texto apenas, mas em diversas linhas de evidência bíblica”.⁸⁶ Como indaga Kruger, citado por Paroschi:

Qual é o impacto sobre a teologia cristã ou a integridade do Novo Testamento do fato de Lucas 3.23 dizer “pai e a mãe” ou “José e sua mãe”? Não era José o guardião legal de Jesus? Não é o nascimento virginal claramente afirmado em outras partes do Novo Testamento, inclusive o Evangelho de Lucas (1.35)?⁸⁷

⁸¹ PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁸² PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁸³ PAROSCHI, 2012, p. 277.

⁸⁴ Gordon Fee é professor emérito do Novo Testamento no Regent College (EUA) e igualmente respeitado estudioso do Novo Testamento.

⁸⁵ WALLACE, 2011, p. 49. “Infelizmente, Ehrman frequentemente transforma mera possibilidade em probabilidade, e probabilidade em certeza, onde outras igualmente viáveis razões para as alterações existem” (Tradução de minha autoria).

⁸⁶ PAROSCHI, 2012, p. 278.

⁸⁷ PAROSCHI, 2012, p. 276.

A divindade de Jesus não depende exclusivamente do texto de 1 Timóteo 3.16. O Evangelho de João 1.1 e 20.28, por exemplo, para citar apenas dois textos, deixam claro o que os primeiros seguidores acreditavam, conforme observado pela pesquisa textual feita por Brian J. Wright⁸⁸ na obra de Wallace.⁸⁹

Por conta disso tudo é que, novamente, se pode repetir que Ehrman é parcial e tendencioso ao público leigo em geral. De forma repetida, ele termina por não contar a história toda, nem ao mínimo se dá ao trabalho de sugerir que se trata apenas de uma possibilidade dentre outras igualmente fortes. Do início ao fim, parece que a sua leitura e interpretação é que estão corrompidas e não os dados disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Metzger sugere que a crítica textual é uma ciência que trabalha com as questões de produção e transmissão dos manuscritos antigos, mas também é uma arte que diz respeito ao como aplicar esta ciência na escolha dentre as leituras variantes existentes através de considerações razoáveis.⁹⁰

Diante dessa definição, nota-se que falar das alterações textuais do Novo Testamento implica fazer escolhas dentre diferentes leituras possíveis. É justamente isso que se encontra nos livros escritos por Ehrman para o público em geral. Ele utilizou-se dos dados existentes produzidos pela ciência da crítica textual ao longo do tempo e emitiu os seus próprios juízos, ou seja, fez a sua escolha dentre as possíveis leituras.

Foi observado, por exemplo, que enquanto Ehrman repetidamente enfatiza as, quase como que sem fim, inúmeras variantes textuais, não faz questão nenhuma de mencionar o igual número de testemunhos textuais disponíveis do Novo Testamento, incomparavelmente maior do que qualquer obra literária da Antiguidade clássica. Portanto, dizer que existem mais variantes textuais, sem mencionar que existem igualmente muitos manuscritos, é ser parcial.

Também foi apresentado que, apesar dos esforços de Ehrman em afirmar que a natureza das variantes textuais compromete doutrinas fundamentais da fé cristã, tal afirmação se baseia em poucas evidências testemunhais. Além do fraco e disperso apoio documental, a fé cristã não se baseia em apenas um ou outro texto, e sim, em repetidos textos que apresentam a mesma ideia aqui e ali.

Portanto, para concluir, há de se considerar que outros renomados estudiosos da mesma área, utilizando-se dos mesmos dados disponíveis, chegaram a conclusões diferentes daquelas de Ehrman. Infelizmente, em seus livros para o público leigo, o referido autor enfatiza apenas a sua própria versão, como se fosse a única.

⁸⁸ Brian J. Wright é coautor com Daniel Wallace do capítulo 6, “Jesus como Deus, uma investigação textual”. In: WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament: manuscript, patristic and apocryphal evidence**. Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.

⁸⁹ WALLACE, 2011, p. 266.

⁹⁰ METZGER, 1964, p. 15.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento**: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BRUCE, F. F. **The New Testament documents**. 6.ed. Leicester: Eerdemans e InterVarsity, 1981.

ERHMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?** São Paulo: Prestígio, 2006.

ERHMAN, Bart D. **O problema com Deus**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

ERHMAN, Bart D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi? Mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

ERHMAN, Bart D. **Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

ERHMAN, Bart D. **The orthodox corruption of Scripture**: the effect of early christological controversies on the text of the New Testament. Oxford: Oxford University Press, 1993.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament**: its transmission, corruption and restoration. 4.ed. New York: Oxford, 2005.

PARKER, David. **The living text of the Gospels**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PARKER, David. **An introduction to the New Testament manuscripts and their texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament**: manuscript, patristic, and apocryphal evidence. Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ENFRENTAMENTO DO CÂNCER: APOIO A PACIENTES EM TRATAMENTO Cancer Coping: support for patients in treatment

Clarissa Peres Sanchez¹

RESUMO

Decorrente da grande incidência do câncer no Brasil e da desestruturação que esse diagnóstico e tratamento acarretam na vida dos pacientes, é fundamental a atuação de um ministério de apoio para dar suporte aos mesmos e a seus familiares. Vários estudos referentes ao câncer comprovam que pacientes que participam de um grupo de apoio possuem um melhor ajustamento à doença, redução dos distúrbios emocionais (como ansiedade e depressão), melhor adesão ao tratamento e diminuição dos sintomas adversos associados ao câncer e aos tratamentos, podendo até obter um aumento no tempo de sobrevivência. Por isso, este artigo tem como objetivo refletir sobre convicções bíblicas que determinam e controlam a abordagem para o apoio a pacientes com câncer. Para isso, fez-se necessário um estudo sobre os doentes no Antigo Testamento com sua relativa problemática, abordando os principais tipos de doenças que acometiam as pessoas (lepra, cegueira, surdez, paralisia e esterilidade); a relação entre doença e pecado; maldição; a prevenção da doença e o modo de ver o doente; e no Novo Testamento, como os doentes eram tratados e como devem ser servidos; o poder da fé e a força da oração para a cura; a questão da possessão ou obsessão demoníaca; o sofrimento e o sacrifício; a esperança na angústia; a consolação no luto e na morte, da espiritualidade de quem se defronta com a doença e de quem se coloca a serviço dos doentes; e a partir disso tudo, uma reflexão teológico-pastoral. Também será apresentada uma resenha histórica mostrando a milenar presença da Igreja no mundo da saúde.

Palavras-chave: Câncer. Pacientes. Apoio.

¹ A autora é graduada com Licenciatura Plena em Educação Física, Bacharel em Turismo e Bacharel em Teologia. Tem especialização em Fisiologia do Exercício pela Universidade Norte do Paraná (2009) e especialização em Aconselhamento e Cuidado Pastoral pela Faculdade Teológica Sul Americana (2015). Atualmente é professora-tutora - EAD da Faculdade Teológica Sul Americana.

ABSTRACT

Due to the great incidence of cancer in Brazil and the disruption that this diagnosis and treatment entail in the life of the patients, it is essential that a support ministry act to support them and their families. Several cancer studies have shown that patients participating in a support group have a better adjustment to the disease, reduced emotional disturbances (such as anxiety and depression), improved adherence to treatment, and decreased adverse symptoms associated with cancer and treatments. And sometimes also an increase in the survival time. Therefore, this article aims to reflect on biblical convictions that determine and control the approach to support cancer patients. For this, a study of the patients in the Old Testament with their relative problematic was necessary, addressing the main types of diseases that affected people (leprosy, blindness, deafness, paralysis and sterility); The relationship between sickness and sin; curse; The prevention of disease and the way of seeing the patient; And in the New Testament, how the sick were treated and how they should be served; The power of faith and the power of prayer for healing; The question of demonic possession or obsession; Suffering and sacrifice; Hope in anguish; Consolation in mourning and death, of the spirituality of those who are faced with illness and of those who put themselves at the service of the sick; And from all this, a theological-pastoral reflection. A historical review will also be presented showing the Church's presence in the area of health.

Keywords: Cancer. Patients. Support.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma experiência pessoal com uma enfermidade, o câncer de mama. E a partir daí surgiu a necessidade de um estudo sério da Palavra de Deus a respeito da cura dos doentes. Creio em milagres. Creio que Deus cura hoje em resposta às orações de seu povo. Contudo, apesar de todas as orações, pedidos e súplicas que os crentes fazem a Deus quando ficam doentes, é fato inegável que muitos continuam doentes e eventualmente chegam a morrer acometidos de doenças e males terminais.

Segundo Lopes, uma breve consulta feita à Capelania Hospitalar de grandes hospitais de algumas capitais do nosso país revela que há números elevados de evangélicos hospitalizados por todos os tipos de doenças que acometem as pessoas em geral. A proporção de evangélicos nos hospitais acompanha a proporção de evangélicos no país. As doenças não fazem distinção religiosa. Não fazem acepção de pessoas. Para muitos evangélicos, os crentes só adoecem e não são curados porque lhes falta fé em Deus. Todavia, apesar do ensino popular de que a fé nos cura de todas as enfermidades, os hospitais e clínicas especializadas estão cheias de evangélicos de todas as denominações – tradicionais, pentecostais e neopentecostais – sofrendo dos mais diversos tipos de males. Será que poderemos dizer que todos eles, sem exceção, estão ali porque pecaram contra Deus, ficaram vulneráveis aos demônios e não têm fé suficiente para conseguir a cura?²

É nesse ponto que muitos evangélicos que adoeceram, ou que têm parentes e amigos evangélicos que adoeceram, entram numa crise de fé. Muitos, decepcionados com a sua falta

² LOPES, A. N. **Crente fica doente?** Disponível em: <<http://www.estudosnovotempo.com.br/tag/augustonicodemus-lopes>>. Acesso em: 20/02/2013.

de melhora ou com a morte de outros crentes fiéis, passam a não crer mais em nada e abandonam as suas igrejas e o próprio Evangelho. Outros permanecem, mas marcados pela dúvida e incerteza.

Se a Bíblia é indispensável para uma verdadeira evangelização em todos os setores da vida e da atividade da Igreja e da sociedade, ela o é de modo todo particular no mundo da saúde. Com efeito, na Bíblia encontra-se tudo o que é mais precioso e mais preocupa o ser humano: a vida, a saúde, a doença e a morte. Essas realidades fundamentais sempre foram, e ainda são, objeto de reflexão e pesquisa.

Essa monografia visa destacar que cristãos verdadeiros, pessoas de fé, eventualmente adoeceram e morreram de enfermidades, conforme a Bíblia e a história claramente demonstram. O significado disso é múltiplo, desde o conceito de que as doenças nem sempre representam falta de fé até o fato de que Deus se reserva o direito soberano de curar quem ele quiser.

O principal objetivo é ajudar quem sofre a penetrar o sentido profundo da mensagem da Bíblia relativa ao sofrimento e oferecer aos leitores um sólido conhecimento bíblico, à luz da exegese e hermenêutica de hoje, para que sua dedicação à pessoa humana, no momento em que ela mais necessita de ajuda, se traduza em serviço amoroso e competente.

1. OS DOENTES NA BÍBLIA

Todos nós temos algumas crenças essenciais que constituem o núcleo de nossa fé. Essas crenças são fundamentais para nossa vida cristã. Os itens relacionados abaixo vão contribuir para essa fundamentação.

1.1. Os doentes no Antigo Testamento

1.1.1 Doentes mencionados no Antigo Testamento

Segundo Rocchetta, o número de doentes que aparecem no AT é pequeno em comparação ao do NT; mas é muito significativo da triste realidade vivida por todo um povo. Geralmente eles não aparecem com o nome “doentes”, mas como pessoas afetadas por diversas enfermidades, expressas em termos genéricos, que indicam fraqueza, mal-estar, úlceras, feridas; ou com nomes específicos de doenças, a partir dos quais é difícil entender precisamente de que patologia se trata. Às vezes, porém, são descritas algumas manifestações, das quais se pode deduzir a natureza do mal e talvez chegar a designá-las por seu nome científico (Lv 13 e 14; Êx 9.8-12; Jó 2.7-8; Dt 28.22-23,27-29,35; 1 Sm 28.20; 1 Sm 4.14-18).³

Uma das causas da imprecisão da linguagem é a falta de conhecimento da anatomia e fisiologia humanas por parte dos hebreus, desconhecimento devido ao respeito sagrado pelo sangue e seu receio de invadir um campo reservado exclusivamente a Deus, único senhor da vida e da morte, a quem pertence o poder de ferir e sarar (Gn 2.7; Dt 32.39; cf. 1 Sm 2.6; Jr 10.10).

³ ROCHETTA, C.; LOCCI, E.; et. al. **Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde**. São Paulo: Paulus, 1999.

A intenção dos hagiógrafos, ao referir casos de doentes e ao prescrever medidas profiláticas, é essencialmente religiosa. O diagnóstico não interessava muito, dado que o povo sabia donde vinha a doença (castigo do pecado) e qual era o único caminho para recuperar a saúde (o perdão).

As situações de sofrimento descritas nos salmos, especialmente nos de lamentação individual, mesmo sendo realísticas, são bastante genéricas e podem exprimir os sentimentos de doentes acometidos dos mais diversos tipos de doença (Sl 6.3-4,7-8; 22.15-16,18; 32.3-4; 28.11,18; 88.4-10,16-18; 102.4-6). Por isso, os esforços de alguns exegetas e médicos em identificar exatamente o distúrbio ou enfermidade de cada paciente de que se fala na Bíblia merecem louvor, mas são pouco concludentes.

Os doentes mais frequentemente citados na Bíblia são os acometidos de afecções cutâneas, cegueira, surdez, paralisia e esterilidade – doenças aptas a simbolizar males maiores, de ordem espiritual.

A primeira enfermidade a ser reportada, e que se encontra mais frequentemente citada na Bíblia, é a esterilidade (Gn 11.30: Sarai; 25.21: Rebeca; 29.31: Raquel...). Ao Senhor da vida e da morte competia tornar a mulher fecunda ou estéril. Por vezes acentua-se o caráter de castigo da esterilidade, como em Gn 20.17-18: “Abraão intercedeu junto de Deus e Deus curou Abimelec, sua mulher e seus servos, a fim de que pudessem ter filhos. Pois Javé tornara estéril o seio de todas as mulheres na casa de Abimelec, por causa de Sara, a mulher de Abraão”. Até os tempos do NT, a esterilidade era motivo de vergonha para a mulher (Lc 1.25: Isabel; cf. Gn 30.23: Raquel).

Em razão da enormidade do sofrimento, do abandono e do significado religioso da doença, vêm em primeiro lugar os leprosos. Na visão do povo da Bíblia, a lepra era castigo de Deus por antonomásia, comparável à morte.

Segundo Pfeiffer, o próprio termo sara` (= leproso) significava golpeado, ferido (por Deus). Os dois casos típicos de lepra-punição são os de Miriam, irmã de Moisés, e do rei Ozias.⁴

O caso de Miriam é narrado em Nm 12.1-15: “Quando Miriam – e também Aarão – criticou Moisés por causa da mulher kushita que ele havia tomado por esposa; pois ele havia desposado uma kushita. Eles disseram: “Porventura o Senhor falou somente a Moisés? Não falou também a nós?” e o Senhor os ouviu. O Senhor se inflamou de cólera contra eles e se retirou. A nuvem retirou-se de cima da tenda, e eis que Miriam tinha ficado com lepra: estava branca como a neve. Aarão voltou-se para ela e viu que estava com lepra” (Nm 12.1-2,9-10).

O caso do rei Ozias é lembrado brevemente em 2 Rs 15.5 (“O Senhor feriu o rei e ele virou leproso até o dia de sua morte. Por isso viu-se obrigado a residir em uma casa afastada, e Iotâm, filho do rei e chefe do palácio, governou o povo da terra”) e narrado com maiores detalhes em 2 Cr 26.26-23: “Por causa de seu poder, seu coração se encheu de orgulho a ponto de causar perda... Mas, em meio a sua cólera contra os sacerdotes, apareceu a lepra em sua frente, na presença dos sacerdotes, na Casa do Senhor, perto do altar dos perfumes. O sacerdote Azariáhu e todos os sacerdotes observaram-no e viram a lepra em sua frente!

⁴ PFEIFFER, C. F.; et. al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Expulsaram-no imediatamente, e ele mesmo se apressou em sair, porque o Senhor o castigara” (2 Cr 26. 19-20).

Um caso que ficou famoso na Bíblia é o do leproso Naamã, chefe do exército do rei de Aram, curado graças ao ministério do profeta Eliseu – lembrado também por Jesus quando lastimou a falta de fé dos seus conterrâneos (Lc 4.27). Também Giezi, servo de Eliseu, a quem o profeta censurou por ter recebido propina do agraciado, foi punido com lepra: “A lepra de Naamã vai se apegar a ti e à tua descendência para sempre”. E Giezi saiu de sua presença branco como a neve por causa da lepra (2 Rs 5.1-14; 27).

Segundo McKenzie, que fossem numerosos os doentes de lepra e de outras semelhantes formas de afecções cutâneas podemos deduzir do grande espaço que a Bíblia reserva às vítimas desse mal. O Levítico dedica dois capítulos inteiros (13 e 14) ao diagnóstico, às medidas de prevenção e purificação nos casos de doenças de pele; o livro de Jó escolhe um doente de lepra como protagonista de seu poema didático; o Dêutero-Isaías, para descrever a tremenda situação do Servo de Javé, o apresenta como “ferido por Deus”, expressão que a Vulgata traduz por “leproso”.⁵

Além dos numerosos doentes de lepra e das inumeráveis vítimas das epidemias que frequentemente dizimavam o povo, a Bíblia recorda alguns outros em particular que causaram profundo impacto e ficaram na memória do povo, como:

- Nabal: Quando Nabal acordou da bebedeira... sentiu o coração parar em seu peito, e ficou como pedra. Dez dias se passaram, e então Javé feriu a Nabal, e ele morreu (1 Sm 25.37-39);
- O rei Jorão a quem, segundo a profecia de Elias, depois de muitas impiedades e crimes, Deus feriu nas entranhas com um mal incurável; o mal se foi agravando dia após dia e, pelo fim do segundo ano, saíram-lhe as entranhas e ele morreu em cruéis tormentos (2 Cr 21.18-19);
- O rei Saul, com suas crises de loucura (1 Sm 16.14-23; 18.6-12; 9.1);
- O rei Nabucodonossor (Dn 4.25-34), doente mental;
- O rei Ezequias (Is 38.1-39; 2 Rs 20; 2 Cr 32.24-31);
- Meribaal, filho de Jônatas, aleijado de ambos os pés (2 Sm 4.4).

1.1.2 Reflexão teológico-pastoral

Segundo Smith, o que mais caracterizava o povo da Bíblia e o distingue de todos os outros povos por sua visão do mundo – que abrange os diversos campos da vida familiar, social, cultural, ético, religioso e político – é sua fé no Deus único, vivo e verdadeiro, infinitamente bom e justo, criador de tudo o que existe. Ele é a fonte da vida. Sua voz onipotente chamou à existência todas as coisas, e todas são boas e cantam sua glória. Com amor todo particular ele plasmou o ser humano, inspirando-lhe o sopro da vida, que só ele pode dar e retirar: “Escondes tua face e eles se apavoram, retiras deles a respiração, e

⁵ MCKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

expiram, voltando a seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104. 29-30).⁶

Afastar-se de Deus é afastar-se da vida, é ir ao encontro da morte. Mais que uma punição, a morte é uma consequência lógica, interna, do pecado. Isso quis dizer o javista (Gn 1.4b-3.24) num modo figurado, simples, dinâmico e profundo. Quem se afasta de Deus, fonte da vida, torna-se um agente de morte, como Caim que matou seu irmão (Gn 4.7-8) e como Lamec, homem violento, de vingança fácil e selvagem (Gn 4.23-24). Diz o salmista: “Os ímpios empunharam e retesaram o arco para abater o humilde e o pobre, para degolar aquele que anda na retidão” (Sl 37.14).

A Bíblia se move dentro desse quadro de conceitos fundamentais que serão desenvolvidos ao longo de sua história milenária. Se esses eram válidos para todos os povos, eram-no sobretudo para o povo com o qual Deus tinha selado um pacto especial de aliança e de recíproca fidelidade.

Não obstante os limites e o atraso de Israel na medicina – se comparado com seus vizinhos egípcios, gregos e mesopotâmios –, devemos reconhecer a esse povo a enorme superioridade em termos de visão religiosa e humana, a partir do seu conceito central do Deus único que criou todas as coisas segundo um desígnio de sabedoria, de amor e bondade e fez o ser humano à sua imagem e semelhança. Enquanto os pagãos tentavam resolver o problema do sofrimento, atribuindo grosseiramente a culpa do mal a algum deus maldoso e vingativo ou a alguma subdivindade incompetente, desresponsabilizando o ser humano, a Bíblia declara de forma inequívoca que tudo o que Deus criou é bom, e que, se existe o mal, a responsabilidade deve ser procurada no ser humano que desde o início comprometeu o equilíbrio maravilhoso da natureza: “Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom” (Gn 1.31).

As primeiras páginas da Bíblia – exaradas em seu estado atual num momento histórico particularmente difícil e fecundo, quando, em torno do século sexto, pela primeira vez o mundo hebraico se abria ao diálogo com as outras culturas – apresentam um quadro de referência rico, estimulante e aberto, que não cessa de falar ainda hoje com autoridade sobre as interrogações fundamentais do ser humano, anunciando o projeto original do Criador sobre a humanidade de todos os tempos.

Segundo Kaiser Jr., praticamente desde a entrada do povo na terra prometida até o exílio (do século XI ao século VI a.C.), a relação com Deus era regulada pela cláusula da aliança bilateral assinada no Sinai: a bênção de Deus, que fazia viver e prosperar, estava condicionada à fidelidade do povo; a maldição, que levava à miséria, doença e morte, era consequência da infidelidade. Essa concepção da bênção e maldição em termos de povo podia levar a conclusões errôneas se aplicada no âmbito pessoal: se quem se afasta de Deus, fonte da vida, vai ao encontro da morte, então a doença e a morte prematura ou repentina deviam ser sinais da presença do pecado, do mesmo modo que a saúde e a prosperidade eram sinais da aprovação de Deus, recompensa da fidelidade do ser humano.⁷

⁶ SMITH, R. L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁷ KAISER Jr, W. C. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

Foi a partir do exílio que despertou a consciência da responsabilidade pessoal, quando os profetas Jeremias e Ezequiel deram uma resposta ao mal-estar que se alastrava entre o povo e que se exprimia no famoso provérbio reportado por ambos os profetas: “Naquele tempo já não se dirá: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados! Não! Cada um morrerá por seu próprio pecado, e se alguém comer uva verde, seus próprios dentes é que ficarão embotados” (Jr 31. 29-30).

A nova consciência, que surgia, punha em crise o regime do Sinai, fundado sobre a lei que, além de não ser observada e de dever concluir com as maldições em lugar das bênçãos, era também mal interpretada, dando assim lugar a contradições e dramas de consciência verbalizados, sobretudo por Jó. De fato, a experiência demonstrava que pessoas boas e piedosas adoeciam e morriam precocemente, enquanto outras manifestamente ímpias e pecadoras prosperavam. Como harmonizar com a bondade de Deus o sofrimento do inocente e a felicidade do malvado?

Segundo Laplantine, o grave problema de como harmonizar a bondade inquestionável de Deus com o sofrimento do inocente ainda esperava uma resposta no seio da comunidade de fé. Resolvido o problema da teodiceia (justiça de Deus), punha-se agora com toda a sua dramaticidade o da antropodiceia (justiça do homem).⁸

A atitude acrítica – que transferia ingenuamente à esfera pessoal a doutrina da retribuição coletiva – acabava acreditando que, nos casos de doença e calamidades, o sofrimento era sempre pessoalmente culpado de sua infelicidade. Se Deus justo estava castigando alguém, com toda certeza esse alguém tinha cometido algum pecado.

Pode-se imaginar então quais eram os sentimentos dos doentes em face dessa atitude de Deus e condenação da sociedade. Mas o próprio hagiógrafo o dá a entender e os doentes o exprimem, especialmente nos livros sapienciais, de modo todo particular nos Salmos, mesmo se suas orações – compostas para serem recitadas e meditadas no culto da comunidade – não exprimam necessariamente sua experiência pessoal. O sentimento mais comum é o do ser humano punido por seu Criador, onipotente e justo, que tem sempre razão, mesmo quando a vítima não sabe de ter pecado. Os doentes se sentem abandonados por Deus e por todos, em estado de angústia e impotência. Daí o pedido comum de perdão dos possíveis pecados e a súplica de cura, na qual eles expõem com confiança sua situação desesperada ao seu Senhor e se esforçam em convencê-lo a curá-los, por vezes lembrando-lhe que sua cura é uma vantagem também para ele, pois com a morte do doente o Criador perderia um que canta seu louvor.

Ao julgar os sentimentos dos doentes do AT, é preciso levar em conta também o fato de que somente nos tempos mais recentes, pelo século II a.C., a fé numa vida no além abriu novos horizontes de esperança – também se o desejo e a certeza de estar sempre com Deus já se encontra em alguns salmos.

Segundo Von Rad, os sentimentos do Servo de Javé, expressos no Dêutero-Isaías, não parecem ser comuns no AT, nem mesmo nos tempos mais próximos ao NT; somente com a

⁸ LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

vinda do Messias, a quem tais sentimentos foram aplicados pelos evangelistas, se manifesta o valor salvífico do amor que chega a ponto de dar a vida pelas pessoas amadas. A doutrina da expiação vicária, por meio de sofrimento, morte e, sobretudo, martírio, era comumente aceita no mundo judaico ainda muito tempo antes de Cristo.⁹

O caso do rei Ezequias, mais vezes reportado e proposto à reflexão no AT, parece contradizer a convicção comum a respeito da relação entre pecado e doença, pois não se diz que ele tenha pecado para merecer aquela doença tão grave que o levava à morte, nem que ele se tenha reconhecido culpado. Aliás, a cura não veio pela oração ou pela palavra do profeta, mas pela aplicação de um emplastro de figos (Is 38.21). Neste caso se reconhece que tudo vem de Deus, bom e justo, que tem suas razões para permitir o mal e depois o curar, quer diretamente, quer pelos meios que ele mesmo criou e ensina como usar, para recuperar a saúde.

Segundo César, o livro de Jó marca um passo muito importante na reflexão sobre as causas das doenças. O prólogo, os discursos dos amigos e o epílogo testemunham a forte presença da mentalidade tradicional baseada na lei da retribuição, contra a qual Jó reage com todas as forças. O raciocínio superficial e abstrato, de quem pretende defender a Deus condenando o ser humano, revolta-o e o faz blasfemar. Na defesa apaixonada da sua inocência e na sua exasperação em face de uma doutrina que não corresponde à sua experiência vital, Jó arremete contra a imagem tradicional de um Deus que não respeita os sentimentos mais profundos do ser humano, acusando-o de prepotência e injustiça e desafiando-o para um diálogo de igual para igual, com o mesmo direito de interpelar e replicar.¹⁰

O pensamento do autor do livro desvela-se na intervenção do próprio Deus que, por sua vez, faz uma série de perguntas que deixam Jó sem palavra; ele se dá conta de sua arrogância e de ter-se excedido na linguagem, caindo na mesma lógica sem saída de seus amigos, como se fosse necessário dar a culpa a Deus para defender o ser humano, do mesmo modo que eles culpavam o ser humano para defender a Deus.

Às perguntas irrespondíveis de Deus: Cinge os teus rins como um valente. Vou te interrogar e tu me instruirás. Pretendes mesmo anular meu julgamento, condenar-me, para te justificar? (Jó 40.7-8), Jó, acuado, se confessa e confessa a bondade infinita de Deus: “Reconheço que tudo podes e que nenhum de teus desígnios fica frustrado. Reconheço que denegri teus desígnios, com palavras sem sentido. Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam... Eu te conhecia só por ouvir dizer, mas agora te vi com meus próprios olhos: por isso, retrato-me e faço penitência no pó e na cinza” (Jó 42.2-6).

Essa confissão de Jó constitui o vértice do poema. Conhecido pela experiência direta, favorecida pelo sofrimento e pela busca ansiosa, Deus é bem diferente da imagem que lhe emprestava a doutrina tradicional com suas certezas, transmitidas por fórmulas repetitivas, sem a coragem de buscar novas respostas para problemas novos. Com a experiência de Jó

⁹ VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

¹⁰ CÉSAR, E. M. L. **Para melhor enfrentar o sofrimento – a resistência de Jó em meio à dor**. Viçosa: Ultimato, 2008.

chega-se ao vértice também da reflexão sapiencial sobre o mistério de Deus que ilumina o ministério do sofrimento, na época anterior à fé na ressurreição.

Deus dá razão a esse contestador da doutrina tradicional demasiado segura do seu conceito de um Deus que se rege segundo os cânones da justiça humana, de uma doutrina de quem não sabe que não sabe, satisfeito com uma teologia de pequena cabotagem que deita as âncoras no sagrado sem chegar ao divino, gerando uma religiosidade popular de tipo comercial do “toma lá, dá cá”. Descoberta a transcendência de Deus e a verdadeira natureza do pecado – não aquele que os inexperientes agentes de pastoral lhe atribuíam, mas o de sua hybris, inconcebível em quem conhece verdadeiramente a Deus –, Jó não sente mais necessidade de pedir contas a Deus e aceita agradecido a sua situação esclarecida pelo novo conhecimento do seu Senhor. Ele está feliz com este relacionamento pessoal com o Onipotente que lhe oferece sua presença, que se digna lhe falar, que o acolhe na sua bondade misericordiosa. Jó se descobre precioso aos olhos do seu Criador, e ele se abandona e não pede mais nada.

O livro da Sabedoria, escrito no limiar da era cristã (pelos anos 50-20 a.C.), atinge o vértice da revelação do AT sobre o desígnio de Deus que faz justiça ao justo perseguido. A linguagem sofre o influxo da cultura grega: fala de imortalidade e incorruptibilidade da alma em vez de ressurreição dos corpos; mas o fato decisivo está na certeza do além, em que os justos são premiados por Deus, ao passo que os ímpios estão desde já praticamente mortos, consumidos por sua maldade. Assim o povo se preparava para receber a mensagem de Jesus e crer no mistério pascal que nos abre ao mistério de Deus, ilumina de uma luz nova o mistério da dor e faz renascer a esperança.

1.1.3 A cura dos doentes

Quanto à cura dos doentes, existe um contraste evidente entre o Antigo e o Novo Testamento. Enquanto nos Evangelhos e nos Atos os doentes ocupam um lugar privilegiado, a ponto de sua cura constituir a atividade habitual de Jesus e dos apóstolos, no AT pouco se fala deles e sua cura parece não merecer maior cuidado.

A pouca atenção dada aos doentes no AT dependia muito da ideia que Israel tinha da doença e do sofrimento em geral. Devendo a sanção moral ter lugar unicamente neste mundo, a lei da retribuição, que previa a bênção de Deus (ligada à prosperidade, riqueza, saúde, longevidade, descendência numerosa) para os que praticavam o bem, e a maldição com sua sequência de males (miséria, doença, morte prematura, escravidão, esterilidade) para os que praticavam o mal, era lógico que todos os punidos por Deus com esses males deviam ser evitados pelos amigos de Deus. A solidariedade com eles podia até significar deslealdade para com quem os estava punindo. Eles deviam arranjar-se com Deus: arrepender-se, pedir perdão, mudar de vida. Eles mesmos eram responsáveis por sua sorte; portanto, que aprendessem a lição!

No AT há até o pedido a Deus para que castigue os pecadores com doenças apropriadas, como nos salmos imprecatórios (Sl 69.23-25; cf. Sl 109). O doente sente-se esquecido por Deus e abandonado pelo próximo. Cria-se uma área deserta em torno dele: os amigos ficam

estarecidos e o evitam, os curiosos vão vê-lo e espalham na rua, os inimigos se alegram e pressagiam o pior. Será que mudou? Ou ainda vemos essas atitudes nos dias hoje?

Por vezes, o sofrimento é tão insuportável que o doente prefere a morte. Esperam uma morte que não chega, buscam-na com mais ânsia que um tesouro.¹¹

Nos livros mais antigos da Bíblia, de acordo com essa visão da doença e da atitude que se devia adotar em face dos doentes, o recurso ao médico era visto com desconfiança. O homem de fé recorre a Deus, fonte da vida, passando pela conversão. Por não ter feito isso, o rei Asá é censurado: “Asá ficou doente no ano trigésimo nono do seu reinado; tinha uma doença muito grave nas pernas. E mesmo em sua doença não recorreu ao Senhor, mas aos curandeiros” (2 Cr 16.12). Se a doença é castigo do pecado, a cura só é possível tirando sua causa.

Em diversos salmos de agradecimento resulta que o doente teria obtido a cura pela oração. Porém, é preciso considerar o gênero literário desses salmos, que serviam mais como modelos de oração do que como registros de fatos ocorridos. As curas individuais lembradas no AT são realmente poucas. As mais famosas são as do leproso Naaman (2 Rs 5.1-27) e do rei Ezequias. Outros relatos dizem respeito à cura de Miriam, irmã de Moisés (Nm 12.11-15), de Jeroboão (1 Rs 13.4-6), de Nabucodonossor (Dn 4.1-34). O livro de Números refere as curas dos mordidos de serpentes venenosas: “Quando uma serpente mordida um homem, este olhava a serpente de bronze e tinha a sua vida salva” (Nm 21.9). Do período dos patriarcas são lembradas as curas de Abimelec, de sua mulher e das servas (Gn 20.17-18). São reportadas também as ressuscitações do filho da viúva de Sarepta, por meio de Elias (1 Rs 17.17-24), do filho da Sunamita, por meio de Eliseu (2 Rs 13.21).

A partir do exílio de Babilônia, ao lado da cura direta de Deus, a cura médica e a medicina alternativa começaram a ser praticadas e recomendadas, sempre, porém, em dependência do poder absoluto de Deus.

Percebe-se no AT a preocupação de prevenir as doenças, em primeiro lugar evitando a causa do desequilíbrio do ser humano, que é o pecado, e em seguida evitando tudo o que, de acordo com seus conhecimentos empíricos da época, pudesse ser causa de transmissão. Daí as minuciosas normas sobre o puro e o impuro – que, embora inspiradas pela visão religiosa, mais mereceriam ser denominadas medidas de higiene – e o isolamento dos portadores da lepra.¹²

Quem mais combateu as causas das doenças foram os profetas: eles iam à raiz dos males, denunciando o pecado social com todo o cortejo de suas desastrosas consequências e pregando a justiça e a solidariedade para com os que sofrem. A injustiça provoca a miséria, a fome, a opressão e a ignorância, de onde se originam quase todas as doenças.

No livro do profeta Ezequiel há um discurso violento contra os guias do povo de Israel que não tomaram a peito sua missão de confortar os fracos, de curar os enfermos, de reconduzir as ovelhas dispersas (Ez 34.4). Deus em pessoa virá tomar conta da ovelha ferida e curará a doente. Ezequiel abre-se a uma visão messiânica, quando o verdadeiro pastor será o

¹¹ ROCCHETTA, 1999.

¹² VON RAD, 2006.

enviado de Deus, descrito por Isaías como aquele que abre os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos, faz pular o coxo feito um cabrito e gritar de alegria a língua do mudo (Cf. Is 35.5-6; 42.7; 29.18).

Nesta e noutras passagens dos profetas que falam de chagas, doenças e curas, o sentido é sempre abrangente. Não se trata apenas de doença física, mas de tudo o que ela simboliza. Os cuidados para com o doente devem tender a uma cura global, holística, da pessoa (Cf. Os 6.1-2; 7.1; Jr 30.17; 33.6-8; Is 57.17-21).

A abordagem tradicional que chamava o doente ao arrependimento dos pecados podia tranquilizar as pessoas de uma religiosidade pouco exigente, mas não era suficiente para tirar da angústia as pessoas em busca, que interrogavam a própria experiência, desejavam mais luz para um encontro mais profundo com Deus, procurando entender melhor o ministério do sofrimento que não poupa o inocente.¹³

Um exemplo de abordagem moralizante de pessoas cheias de zelo e de certezas, fortes nos princípios, mas curtas de visão e com insuficiente capacidade de escuta, nos é oferecido pelos três petulantes visitantes de Jó. Mas também o jovem teólogo Eliú, que exordiou com humildes salamaleques, acabou irritando a todos (Jó 33-36).

Jó não respondeu aos arrazoados acadêmicos do jovem doutor, mas também não cessou sua irritação já expressa com ironia quando não pôde aguentar o papo furado dos primeiros três repetidores de doutrinas destacadas da vida: “Quantos bons conselhos você acaba de dar ao ignorante! Com que abundância você manifestou sabedoria!... Realmente vocês são a voz do povo e com a morte de vocês a sabedoria vai desaparecer! Mas... eu também conheço essas coisas, e não menos que vocês. Quem não as conhece? (12.2-3). Já estou cansado de ouvir tudo isso! Vocês são uns consoladores maçantes. Quando terão fim essas palavras ocas? O que os leva a falar desse jeito? Eu também seria capaz de falar assim como vocês, se vocês estivessem no meu lugar: eu os afogaria de palavras e ficaria meneando a cabeça diante de vocês (Jó 16.2-4). Até quando vocês continuarão atormentando-me e afligindo-me com seu palavrório? Já por dez vezes me insultaram e não se envergonham de zombar de mim? (19.2-3) Oxalá houvesse ao menos um capaz de escutar (31.35). Prestem atenção ao que eu digo, seja pelo menos este o consolo que me dão” (21.2).

A reação de Jó nos diz muito bem como deve ser a abordagem pastoral. O livro de Jó é um magnífico *role playing* das necessidades profundas de quem sofre e das abordagens desastrosas de quem pretende defender a Deus em vez de escutar com empatia o irmão em dificuldade, aprender de sua experiência e manifestar solidariedade: “A pessoa desesperada tem direito à solidariedade do amigo, mesmo que ela tivesse abandonado o temor do Todo-Poderoso” (Jó 6.14).

O discurso acadêmico dos direitos de Deus, baseado em doutrinas abstratas que levam o doente ao desespero, não agrada a Deus: “Javé terminou de falar com Jó e se dirigiu a Elifaz e Temã, dizendo: Estou irritado contra você e seus dois companheiros, porque vocês não falaram corretamente de mim como falou meu servo Jó” (42.7).

¹³ SMITH, 2009.

O que Jó não pôde encontrar em seus amigos e o que pôde apenas vislumbrar em sua experiência do Deus vivo tornou-se possível nos tempos novos graças à revelação do Cristo e graças aos agentes de pastoral da saúde que se deixam guiar por seu espírito.¹⁴

1.2 Os doentes no Novo Testamento

Com a vinda de Cristo houve mudança profunda no conceito de Deus e do ser humano e do mútuo relacionamento entre eles. O que no AT era apenas intuição dos místicos e profetas e se apresentava mais como uma utopia, tornou-se estupenda realidade. Em Cristo, Deus se manifesta não somente como Criador e Soberano Senhor, mas, sobretudo, como Pai misericordioso, cheio de amor e ternura; o homem não só é chamado filho de Deus, mas o é realmente, participando da natureza divina (cf. 2 Pd 1.4): “Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus, e nós de fato o somos!” (1 Jo 3.1).

Como filhos e filhas, somos chamados a viver em comunhão com ele e entre nós, no amor e na solidariedade: “Nisto conhecemos o amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar a vida pelos irmãos... Nisto reconheceremos que somos da verdade e diante dele tranquilizaremos nosso coração, se nosso coração nos acusa, porque Deus é maior que nosso coração e conhece todas as coisas” (1 Jo 3.16; 19-20).

Partindo desses conceitos fundamentais, pouco a pouco vai mudando a visão dos doentes da parte dos que creem. No Evangelho ainda encontramos resquícios da mentalidade do AT, à qual o Cristo adapta sua linguagem, introduzindo, porém, os conceitos novos com suas atitudes e com suas palavras. De pecador, causa de seus males, o doente passa a ser considerado vítima e, como tal, merecedor de compaixão que se exprime em amoroso serviço.

Por isso não é de se estranhar que os doentes ocupem lugar privilegiado nos Evangelhos e nos atos dos apóstolos. Cerca de uma quinta parte dos Evangelhos é dedicada à atividade de Jesus em favor deles e às discussões que se originaram a partir das curas que ele realizava. “Dos 3.779 versículos dos quatro Evangelhos, 727 referem-se especificamente à cura de doenças físicas ou mentais e à ressurreição dos mortos. Além disso, há 165 versículos que tratam em geral sobre a vida eterna e 31 referências gerais a milagres que incluem curas”.¹⁵

É tão relevante a parte dos Evangelhos que trata da cura dos doentes, que sem ela o texto não se sustentaria. De fato, os ensinamentos de Jesus estão intimamente ligados aos relatos de curas, constituindo com estes uma unidade. Mas muitas vezes eles servem de ponto de partida e de confirmação daquilo que Jesus ensina.

A sequência e o entrelaçamento de curas e ensinamentos são constantes, sobretudo nos primeiros capítulos dos Evangelhos, particularmente de Marcos e nos Atos.

As duas doenças mais frequentemente lembradas na Bíblia, a ponto de merecerem o nome de doenças bíblicas, são a lepra e a cegueira que, além do sentido próprio de males físicos, têm conotação religiosa e simbólica: a lepra era considerada o castigo de Deus por excelência, e a cegueira significava, muitas vezes, a incapacidade de perceber as maravilhas

¹⁴ CÉSAR, 2008.

¹⁵ KELSEY, M. **Healing and Christianity**. Fortress Press, 1995, p. 54.

de Deus. É precisamente em favor dos leprosos e dos cegos que Jesus realiza o maior número de curas. Ocupam um lugar à parte nos sinóticos (At e Jo não mencionam) os atormentados por distúrbios mentais, tão temidos e evitados pela população (cf. Mt 8.28) que acreditava serem eles possuídos pelo inimigo de Deus. A esses Jesus se aproxima com infinito amor, liberta-os de seus temores e os devolve à vida social.¹⁶

Uma atenção particular merecem as curas coletivas, e os assim chamados sumários ou quadros que resumem a atividade de Jesus e dos apóstolos. Essas visões de conjunto muito frequentes; como lampejos de luz intensa, elas iluminam todo um vasto, constante e extenuante engajamento, sobretudo de Jesus, em favor dos doentes. Parece que Jesus não tinha outra atividade senão a de pregar e curar. Dessas sínteses resulta que acudiam multidões de toda sorte de doentes, vindos de toda parte, mesmo de localidades distantes:

- Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios (Mc 1.32-34; cf. Mt 8.16; Lc 4.40).

- Jesus retirou-se com seus discípulos a caminho do mar, e uma grande multidão vinda da Galileia o seguiu. E da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, da Transjordânia, dos arredores de Tiro e de Sidônia, uma grande multidão, ao saber de tudo o que fazia, foi até ele. E ele disse aos seus discípulos que deixassem um pequeno barco à sua disposição, para que o povo não o apertasse. Pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele para tocá-lo. E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam Tu és o Filho de Deus! (Mc 3.7-11; cf. Mt 4.25; Lc 6.17-18).

- E toda multidão procurava tocá-lo, porque dele saía uma força que a todos curava (Lc 6.19; cf. 6.53-56).

Jesus era reconhecido também pelos doutores da lei como alguém que realizava milagres que ninguém podia fazer (Jo 3.2). A imagem que ele deixou de si era a de alguém que “Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder... que passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele” (At 10.38).

A intensa atividade de Jesus e dos apóstolos, em favor dos doentes, não era determinada por uma escolha ou opção entre tantas outras possíveis, mas pelo empenho preciso de Jesus de levar avante a missão de Deus Pai “rico em misericórdia” que, em seu desígnio de salvação, privilegia seus filhos mais necessitados de ajuda.

A atenção preferencial de Deus pelos sofredores era já ressaltada no AT como uma característica do futuro Messias. Nos livros mais recentes, ao lado da visão negativa comum da época – que considerava a doença como punição e o doente como pecador – encontra-se uma importante corrente profética que inclui os doentes na categoria daqueles pelos quais Deus tem cuidado todo particular. Essa categoria, constituída de sofredores e marginalizados de toda espécie – pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros -, é muitas vezes lembrada na Bíblia como tendo direito a uma atenção toda particular também por parte dos pastores, encarregados do povo.

¹⁶ PFEIFFER, 2010.

Em Ezequiel, Deus repreende severamente os pastores por não terem cuidado dos que sofrem: “Não restauraste o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida; antes, dominais sobre elas com dureza e violência” (Ez 34.4). Como consequência, ele mesmo assumirá o cuidado do rebanho, enfaixará a ovelha ferida e curará a doente. O verdadeiro pastor será o Messias, o enviado de Deus, descrito por Isaías como aquele que abre os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos, faz saltar o coxo como um cervo e gritar de alegria a língua do mudo (Is 35.5-6; cf. 42.7; 29.18). Antes ele mesmo se apresentará como homem das dores, que bem conhece o sofrer, como o servo do Senhor que tomou sobre si nossos sofrimentos e carregou nossas dores (Is 53.3-4).

O NT captou em cheio esse filão mais puro do messianismo do AT - que apresenta o Salvador humilde, sofredor e misericordioso – e o viu realizado em Jesus, expressão da humanidade e da ternura de Deus (Tt 3.4). Para Jesus, o doente não é mais pecador que os outros, mas vítima do mal que se introduz pelo pecado de todos, que rompe a harmonia do universo. Jesus é o bom pastor que vem em socorro da ovelha necessitada e perdida, pois “não são os sadios, mas os doentes que têm necessidade do médico” (Mt 9.12).

A cura dos doentes é um aspecto tão característico da bondade e da misericórdia que constitui um ponto seguro de referência para reconhecer e caracterizar o verdadeiro Messias. Jesus situa-se na linha da bondade e da misericórdia, em contraste com a linha de justiça acentuada pelo precursor João Batista, e se coloca a serviço de todos indistintamente. O que move Jesus a cuidar pessoalmente dos sofredores e a chamar colaboradores, que multipliquem sua ação e a prolonguem no tempo é a compaixão, o amor misericordioso.

Jesus recusa o milagre pelo milagre; sua intenção é sempre o bem global da pessoa; ele entra em diálogo pessoal com o doente e estabelece com ele um novo relacionamento de salvação.

Em seu amor misericordioso para com os doentes, Jesus teve uma atenção toda particular para com aqueles que, seja pelo tipo da doença, seja por sua condição social, eram os mais abandonados, excluídos do convívio social e da participação no culto.

Jesus veio trazer vida plena, salvando o ser humano e libertando-o do mal e de todas as suas consequências, instaurando assim o Reino de Deus. Os doentes eram e são entre as vítimas mais necessitadas de ajuda. A eles, como vimos, Jesus dedicou a maior parte de sua atividade: praticamente passou a vida pregando o Evangelho e curando os doentes – era o reino de Deus em ação.

A cura não significa apenas sarar de uma enfermidade física ou psíquica, mas um abrir-se da pessoa a Deus e aos outros, um recomeçar a viver em uma nova dimensão, com um coração novo e renovado entusiasmo.

A cura de Jesus significa sempre uma transformação profunda da pessoa, uma verdadeira conversão. O doente não recebe só a saúde, mas também a salvação.¹⁷

¹⁷ BAUTISTA, M. **O que é pastoral da saúde?** 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Segundo Moltmann, Jesus não curou todos enfermos. Em sua cidade natal de Nazaré, ele não pode fazer nenhum milagre (Mc 6.5).¹⁸

A cura, portanto, ocorre na interação entre Jesus e a esperança, a fé e a vontade das pessoas. Isto significa que essas curas são contingentes. Elas não são “feitas”, elas ocorrem onde e quando Deus quer. Para tais curas não existe nenhum método, pois elas não são repetíveis, e o poder ser repetido é a condição de todo método. É pedida a cura do enfermo. Para a cura pedida, impõem-se as mãos sobre o enfermo. Quando se trata de enfermidades psicossomáticas, a confissão da culpa e o perdão da culpa auxiliam na cura da alma oprimida e do corpo. Mas então ocorre também um trabalho como o corpo, a fim de curar a alma. Lembranças que torturam e oprimem também são curadas pela distensão do corpo. Sempre que as enfermidades atingem o homem integralmente, importa curar o homem todo. Onde quer que as doenças sejam sofridas nas relações perturbadas entre as pessoas, trata-se de curar as relações nas quais e das quais a pessoa vive. Por isso, também existe uma cura através do carinho, através da confiança e através da nova comunidade.

Jesus cura através de quê? Em que consiste a força de cura do seu espírito? Em Mt 8.17 está a resposta: “...ele curou todos os que sofriam de algum mal, para que se cumprisse o anúncio do profeta Isaías com as palavras: Ele tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças”. A força da cura de Jesus não está em seu poderio sobre as doenças, mas na força de seu sofrimento. Ele cura carregando nossas enfermidades. Seu sofrer e seu entregar-se no Gólgota são o segredo de suas curas.

Jesus cura os enfermos restaurando sua comunhão com Deus. Ele restaura a comunhão dos enfermos com Deus através de sua solidariedade com eles, e assumindo vicariamente as suas dores. Em Cristo, Deus tornou-se homem e assumiu o ser-homem limitado e mortal, tornando-o parte de seu eterno ser-Deus. Assumiu a fim de curar. Na paixão de Jesus Cristo assumiu a vida humana enferma, fraca, desamparada e mutilada, e fez dela parte de sua vida eterna. Deus cura as enfermidades e a aflição, fazendo das enfermidades e da aflição sua enfermidade e sua aflição. Por sua paixão, Jesus leva Deus aos enfermos abandonados e ao desespero da morte. O Deus crucificado abraça toda vida enferma e faz dela sua própria vida, a fim de transmitir-lhe sua vida eterna. Por isso, o crucificado é tanto a fonte da cura quanto o consolo no sofrimento.

2. OS DOENTES NA HISTÓRIA

Segundo Rocchetta, desde a primeira comunidade de Jerusalém até hoje, a Igreja teceu uma esplêndida coroa de amor para com todos os fracos, para com todos os pobres, especialmente para com os doentes. É consciente de sua missão que inclui, por mandato de seu fundador Jesus, a preocupação do serviço (diaconia) para com as pessoas que sofrem.¹⁹

Durante os três primeiros séculos de nossa era, marcados por uma situação de perseguição contínua e de ilegalidade, os cristãos não podiam ter instituições públicas para

¹⁸ MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida – uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁹ ROCCHETTA, 1999.

dar assistência aos doentes, as quais também não existiam na sociedade imperial. O Império Romano não organizou estabelecimentos hospitalares, a não ser para os soldados feridos ou doentes. Essa atividade assistencial era considerada desprezível, própria de escravos.

Em oposição à filosofia que desprezava o corpo (“corpo, prisão da alma”, Platão), a fé cristã afirmará com Tertuliano (160-220): “o corpo é o suporte da salvação”.

Apesar das perseguições, os cristãos organizaram um modo eficiente de assistência individualizada para os pobres e doentes em domicílio. Os bispos eram os primeiros responsáveis pela assistência aos pobres e doentes na comunidade. Graças a eles e aos diáconos e diaconisas, e, mais tarde, às virgens consagradas, surge, pela primeira vez na história, uma atividade caritativa totalmente desinteressada a serviço dos pobres e doentes.

Nas primeiras comunidades não faltaram médicos cristãos. O evangelista Lucas era médico (Cl 4.14). Alexandre da Frígia e Zenóbio foram médicos que morreram mártires. Cosme e Damião também foram médicos e mártires, chamados “anárgiros”, isto é, sem dinheiro, porque nada cobravam pelos serviços prestados. Teodoro de Laodiceia foi bispo e médico, segundo afirma Eusébio de Cesareia.

Essa solicitude cristã para com os pobres e doentes chegou a provocar a admiração dos pagãos. Excepcional foi a ação dos cristãos na peste de Corinto, no ano de 250. O próprio imperador Juliano, o apóstata (331-363), incentivava os sacerdotes pagãos a rivalizar com os “ímpios galileus” na assistência aos pobres e doentes. Paládio, historiador dos monges do Egito, conta que os anacoretas partilhavam seus bens com os pobres e doentes.

Após o Édito de Milão, promulgado pelos imperadores Constantino e Maxêncio (313), a Igreja pôde criar instituições especializadas. Com o surgimento dos mosteiros urbanos apareceram as primeiras casas de caridade para a assistência aos doentes e pobres: os nosocômios para os doentes; gerontocômios para os idosos; xenodóquios, para os peregrinos; orfanatos para os órfãos.

Foi a mãe do imperador Constantino, Helena, que construiu os primeiros hospitais de caráter cristão. Efrém (337) fundou em Edessa um hospital para acometidos de peste. João Crisóstomo (407) dá notícias de outro hospital para leprosos nos arredores de Constantinopla. Em Roma, no início do séc. V, foram fundados vários hospitais administrados por pessoas que estavam sob orientação espiritual de Jerônimo.

Orientavam-se pela medicina de seu tempo, a medicina grega, valorizando muito os escritos de Hipócrates (460-437), por enfatizar a responsabilidade ética e humana da assistência. No ano 325, o Concílio de Niceia recomenda aos bispos a criação de um hospital em cada cidade. Desde Justiniano (530), os imperadores bizantinos favoreceram essa iniciativa. O primeiro hospital para peregrinos de que se tem conhecimento foi construído pelo bispo Eustácio de Sebaste (365). Nele acolhiam-se também os leprosos.

Em 374, confiou-se aos monges a responsabilidade por um hospital, junto ao mosteiro de Cesareia da Capadócia. Nos mosteiros foram cultivados jardins botânicos, dedicando ainda grande esmero à farmacopeia.

No entanto, pouco a pouco, foi tomando corpo uma doutrina que associava, como no AT, doença, pecado e castigo, iniciada em Basílio, e que exercerá grande influência na atividade assistencial da Igreja.

O Concílio de Órleans (511) determinou que os bispos deviam reservar um quarto da renda para ajudar os pobres, peregrinos e doentes.

Os hospitais eram lugares sagrados. O edifício era imponente, comparável a um templo. A assistência aos doentes, um culto a Deus (cf. Mt 25.40).

Segundo Bautista, durante a alta Idade Média não faltaram médicos leigos, como acontecia nas instituições do Império Romano. Mas logo a assistência médica passou às mãos dos sacerdotes, tanto do clero regular (monges), como do clero secular (séc. VI-VII). Cassiodoro foi o primeiro monge médico da Idade Média, o qual insistia: “Aprendam a conhecer as ervas medicinais. Leiam Hipócrates. Estudem Galeno”. Na baixa Idade Média desapareceu lentamente a figura do sacerdote médico, em razão da fundação das faculdades de medicina nas universidades que acabavam de nascer (Bolonha, Paris, Oxford, Salamanca...). A arte médica firmou então definitivamente seu caráter secular.²⁰

O crescimento das peregrinações deu ainda maior impulso à hospitalidade. Também contribuiu o aparecimento das epidemias, o crescimento das cidades (burgos), a incipiente organização da indústria e do comércio, as Cruzadas, que conheceram a organização hospitalar bizantina e a redescoberta da Bíblia e de Cristo pobre e doente.

A partir do séc. XI surgiram as ordens hospitalares medievais. Todas as primeiras ordens militares tiveram sua origem na fundação de um hospital para dar assistência aos peregrinos na Terra Santa.

Também a partir do séc. XII multiplicaram-se em toda a Europa as confrarias hospitalares, comunidades leigas mistas, que acabaram por se transformar em verdadeiras congregações de caráter hospitalar. Chegou um tempo em que os bens materiais dos hospitais atraíram a cobiça de leigos e eclesiásticos. O Concílio de Viena (1311-1313) teve de intervir drasticamente. Às vésperas do Concílio de Trento (1545-1563), a situação dos hospitais apresentava-se caótica.

O primeiro hospital psiquiátrico propriamente dito foi criado em Valência (Espanha), em 1409, pelo frei João Gilbert Joffré, que eliminou o tratamento de tortura e desenvolveu a terapia ocupacional.

No séc. XVI, o estado começou a se preocupar com a assistência à saúde, mas o motivo chama a atenção: “A assistência pública, ao secularizar a virtude da caridade cristã, reduzindo-a à categoria de assistência civil, leva a pensar que os ricos e os pobres constituem duas classes opostas e irreconciliáveis entre si, gerando, dessa forma, uma séria desconfiança diante dos pobres que, ao invés de serem considerados expressão privilegiada do rosto de Cristo, passam a ser vistos como um autêntico perigo social”.

²⁰ BAUTISTA, 2007.

A novidade da Renascença foram os hospitais régios, municipais e de agremiações, estes de origem medieval, e os criados por senhores nobres e pelas associações de fiéis leigos, como as “Companhias do Divino Amor”, que construíram muitos hospitais para doentes incuráveis.

O campo da saúde estava tão unido à ação da Igreja que, durante séculos, esta o considerou próprio, de forma que, quando o estado começou a instituir hospitais, a Igreja considerou o fato como uma grave intromissão em suas funções, diretamente decorrentes do mandato evangélico de curar os doentes. Essa polêmica do séc. XVI esteve presente inclusive nas decisões do Concílio de Trento, no qual já não se usam os nomes tradicionais “Hôtel-Dieu” ou “Maison-Dieu”, mas “hospital”.

A Igreja, através de novas ordens hospitalares, orientou-se para os setores que não eram assistidos pelo poder público, como os doentes mentais, os incuráveis e os acometidos de peste.

Segundo Pessini, São Camilo, que escolheu como distintivo a cruz vermelha (1586), humanizou, com sua ordem religiosa, a assistência hospitalar pública, gravemente decaída, agindo de modo exemplar em tempos de peste. Escreveu algumas regras para melhor servir os doentes, promoveu a formação de assistentes, criou um voluntariado leigo (1591), incrementou a assistência em domicílio e nos campos de batalha. Tinha uma mística de assistência aos doentes (“Os doentes são a menina dos olhos e o coração de Deus”) e promoveu a assistência corporal e espiritual completa, com especial atenção aos moribundos, numa época que se prestava para uma teologia maniqueísta e do sofrimento. Eliminou a norma que obrigava os doentes a se confessar antes de receber qualquer atendimento de saúde. Mais de 130 religiosos camilianos morreram atendendo doentes acometidos de peste; são verdadeiros mártires da caridade. Chegaram à América em 1666.²¹

A assistência hospitalar expandiu-se pelas Américas, chegando ao México em 1523 e ao Peru em 1549. No séc. XVII surge uma figura profética: Vicente de Paulo (1581-1660). Ele introduziu o conceito de justiça social, destacando as causas estruturais da pobreza e da doença, despertando a consciência social adormecida.

No clima do Iluminismo, a Assembleia Constituinte francesa redigiu e aprovou a Declaração dos Direitos do Homem (1789), na qual, pela primeira vez, foi reconhecido o direito que toda pessoa tem de ser assistida em caso de doença. Os governos iluministas consideravam humilhantes para o homem as “obras de misericórdia”. Por isso, privaram a Igreja e as ordens religiosas dos bens com que atendiam os pobres e os doentes. Começaram a projetar e a executar a política da saúde, mas não foram capazes de resolver nem o problema da pobreza nem da doença. Os pobres tornaram-se mais numerosos e os doentes, menos assistidos.

É o ponto alto do laicismo no campo da saúde, que vinha sendo preparado desde a Renascença através de ideias como: afirmação da razão como autoridade máxima, negação da revelação divina, concentração nas realidades terrestres, progresso sem limites, novo ideal de humanidade, tolerância civil e religiosa, nova concepção de Estado...

²¹ PESSINI, L. **Pastoral da saúde, ministério junto aos enfermos**. São Paulo: Santuário, 1987.

O séc. XIX é o século da questão social. Iniciou-se o deslocamento da Igreja para o campo da justiça e do desenvolvimento social, a promoção da igualdade de justiça, a libertação dos pobres... que envolveu centenas de congregações religiosas e leigos comprometidos com os mais desassistidos: idosos doentes, mulheres trabalhadoras, doentes crônicos... Neste século foram fundadas mais congregações que em toda a história da Igreja, especialmente femininas. Graças a isso, pode-se falar de feminização da assistência aos doentes, uma vez que a mulher leiga vai se engajar nas atividades de saúde.

Surgirá a socialização da assistência à saúde numa sociedade pluralista, urbana, capitalista, secularizada e tecnificada. Em seguida, surgirão tendências neoliberais que vão exigir uma reversão do modelo de saúde com a supressão ou diminuição da presença do estado em benefício de companhias privadas de saúde.

A nova presença da Igreja na saúde acontece no campo institucional (criação, direção de centros de assistência próprios), ministerial (serviço religiosos em instituições hospitalares), eclesial e no campo profissional. Os leigos já são maioria absoluta no campo da saúde. Surge um verdadeiro ministério assistencial e pastoral cristão e leigo.

A defesa dos direitos dos doentes, a saúde para todos, a luta em prol da vida, a assistência aos moribundos, a atuação em bioética e na humanização, a preocupação com os novos marginalizados e a aceitação do direito religioso do doente constituem o desafio atual para a Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesse estudo fica bastante evidente que a doença não é necessariamente um sinal de pecado ou manifestação de falta de fé. A Bíblia não apoia os cristãos que afirmam que os doentes estão fora da vontade de Deus ou lhes falta fé. Deus jamais prometeu curar todas as nossas moléstias nesta vida e é tanto incorreto como cruel ensinar que a saúde instantânea sempre virá para aqueles cuja fé é forte. Esse erro deve ser evitado.

A defesa dos direitos dos doentes, a saúde para todos, a luta em prol da vida, a assistência aos moribundos, a atuação em bioética e na humanização, a preocupação com os novos marginalizados e a aceitação do direito religioso do doente constituem o desafio atual para a Igreja.

As culturas do Médio Oriente Antigo, do Egito e da Grécia, culturas que tiveram grande influxo na história e literatura hebraicas, são ricas em símbolos e lendas que testemunham o esforço de investigação da humanidade sobre o sentido da vida e, por consequência, sobre o mistério do sofrimento e da morte – realidades que parecem contradizer a profunda aspiração do ser humano à felicidade e imortalidade. Daí o grande espaço que a Bíblia reserva aos doentes, com uma visão que foi se alargando na sucessão dos escritos e releituras ao longo dos séculos, até a mudança radical de mentalidade provocada por Cristo.

A Bíblia vem responder aos interrogativos mais urgentes do ser humano, ligados ao sentido de sua própria existência, mas não se deve esquecer que ela é também testemunha e guia de uma longa caminhada da humanidade em busca de solução a esses porquês. Aí encontramos respostas provisórias, interpretações as mais diversas, gritos de desespero,

orações de confiança e de abandono. Numerosos são os salmos que traduzem tudo isso, que ainda hoje são recitados com fé pelos doentes, em busca de conforto nas horas de angústia. Entretanto aí se encontram também fatos e conceitos que podem até perturbar o leitor de hoje, e necessitam de uma interpretação que só um conhecimento mais profundo desses textos antigos e de seu contexto pode oferecer.

Esse estudo foi conduzido diretamente sobre os textos bíblicos. Alguns textos mais significativos foram escolhidos para um comentário pormenorizado, que possa servir para entender e interpretar os similares, como os livros de Salmos, Jó, Isaías, Jeremias, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUTISTA, M. **O que é pastoral da saúde?** 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CÉSAR, E. M. L. **Para melhor enfrentar o sofrimento – a resistência de Jó em meio à dor.** Viçosa: Ultimato, 2008.

KAISER Jr, W. C. **Teologia do Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KELSEY, M. **Healing and Christianity.** Fortress Press, 1995.

LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOPES, A. N. **Crete fica doente?** Disponível em:
<<http://www.estudosnovotempo.com.br/tag/augusto-nicodemus-lopes>>. Acesso em:
20/02/2013.

McKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico.** 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MOLTMANN, J. **O Caminho de Jesus Cristo – cristologia em dimensões messiânicas.** São Paulo: Academia Cristã, 2009.

MOLTMANN, J. **O Espírito da Vida – uma pneumatologia integral.** Petrópolis: Vozes, 1999.

PESSINI, L. **Pastoral da saúde, ministério junto aos enfermos.** São Paulo: Santuário, 1987.

PFEIFFER, C. F.; et. al. **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ROCHETTA, C.; LOCCI, E.; et. al. **Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde.** São Paulo: Paulus, 1999.

SMITH, R. L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ÉTICA CRISTÃ NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA Christian Ethics in exercise of teaching

Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti¹

RESUMO

A presente pesquisa científica tem a intenção de trabalhar acerca da importância da ética cristã no exercício da docência. Visualiza-se que em determinadas práticas de docência existem falhas e até mesmo ausência em usos de certos princípios éticos, gerando sérios problemas sociais a partir dos novos cidadãos preparados para vivência social. A ética a ser explorada e tida como base nesta pesquisa é a ética cristã, fundamentada nos ensinamentos de Jesus Cristo, presente nas Escrituras Sagradas. A aplicabilidade dos valores e princípios éticos a todas as áreas da vida é de fundamental importância para vivência em sociedade de forma saudável e equilibrada. Serão utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa obras na área de vida cristã, docência e ética para corroborar com os objetivos propostos na temática. Os princípios éticos cristãos da honestidade, responsabilidade e amor ao próximo serão delimitados nesta pesquisa e aprofundados. A intenção deste trabalho é mostrar a importância da aplicabilidade dos valores éticos a partir da área de formação e ensino para a vida em sociedade. Uma vez trabalhadas as bases, norteadas por princípios divinos, fica mais fácil o aprofundamento da busca do conhecimento e a praticidade a partir da imitação. Desta feita, identifica-se na pessoa do docente que vivencia profissão (ministério) na área de ensino, como uma pessoa fundamental no processo de preparação de vidas que vivenciem em tudo as características de Jesus Cristo em todos os lugares em que estiverem da sociedade, trazendo equilíbrio e vida mais justa, coerente e cooperativa.

Palavras Chave: Ética cristã. Docência. Princípios. Prática. Sociedade.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2007); Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade CEUMA (2009); Pós-graduada em Docência no Ensino Religioso na Faculdade Batista do Paraná (2016); Pós-Graduada em Educação Inclusiva pela UNISEB; Pós-Graduada em Gestão da Educação pelo Instituto Universitário Atlântico. E-mail: jucineuzalencar@hotmail.com

ABSTRACT

This scientific research is intended to work on the importance of Christian ethics in the teaching profession. It is noticed that in certain teaching practices there are failures and even the absence of certain ethical principles, causing serious social problems. The ethic that will be examined and taken as the basis of this research is the Christian ethic, based on the teachings of Jesus Christ, present in the Holy Scriptures. The applicability of the values and ethical principles in all areas of life have fundamental importance for the living in society in a healthy and balanced way. Papers in the area of Christian life, teachings and ethics will be used for the development of this research. Christian ethical principles of honesty, responsibility and love are defined in this study. The intention of this work is to show the importance of the applicability of ethical values from the area of training and education for life in society. Once worked on the bases, guided by divine principles, it becomes easier the deepening of the search for knowledge and the practicality by the imitation. It is identified in the teachings of the person who experiences profession (ministry) in teaching, as a key person in the process of preparation of lives that experience in all the features of Jesus Christ everywhere in the society, bringing balance and fairer life, coherent and cooperative.

Keywords: Christian Ethics. Teaching. Principles. Practice. Society.

INTRODUÇÃO

O exercício da docência com ênfase cristã é de fundamental importância para a disseminação dos valores e princípios éticos contidos nas Escrituras Sagradas tanto no meio secular público e privado, na academia teológica com ênfase ortodoxa e também 'neo-ortodoxa', como também no meio eclesial em suas escolas de estudo da Bíblia e capacitação cristã.

O manual de regra de fé do Cristianismo com valores éticos a serem aplicados tanto pedagogicamente, como andragogicamente, têm fundamentos consistentes por existirem e influenciar sociedades há cerca de mais de dois mil anos, com base em solidez absoluta e princípios aplicáveis a qualquer época da história, trazendo equilíbrio aos cidadãos e vida mais justa ao habitat social.

A perspectiva cristã de uma ética coerente para todas as épocas, parte do pressuposto divino, advindos do caráter imutável e valores absolutos presentes no criador de todas as coisas. Nesta relação, aquilo que foi revelado à humanidade quanto a orientações específicas para o bem viver, a partir do decálogo veterotestamentário, consolidado na pessoa e obra de Jesus Cristo, exemplificado no Sermão da Montanha (Mt 5-7), no seu ministério e sacrifício de amor pela humanidade, serve de base sólida para vivência social comunitária.

Bem coloca a esse respeito Josemar Valdir Modes, em seu artigo sobre "Práticas sociais: incentivo à educação e outras práticas como estímulo à relevância social", quanto à retidão, advinda dos preceitos divinos, trazendo moralidade à nação. "Conhecer os preceitos de Deus

e segui-los é fundamental para que se experimente uma transformação em todos os níveis do governo e da população em geral”.²

Este trabalho científico tem por objetivo destacar princípios éticos, com ênfase cristã, que devem reger a práxis da docência com a finalidade de transmissão de valores para o bem viver em sociedade para todos aqueles envolvidos no processo de formação continuada.

Os valores da honestidade, da responsabilidade e do amor ao próximo aplicados à vida comunitária, serão explorados no decorrer desta pesquisa, com a finalidade de mostrar a importância destes aspectos internalizados na vida dos docentes, no intuito de impactar aqueles que serão alvos da transmissão do conhecimento e do saber para vivência social.

Espera-se que o alcance dos objetivos aqui propostos possam contribuir para a transformação social pautada numa ética sólida e consolidadora. Stanley J. Grenz destaca em sua obra que a aplicabilidade e regência da ética em sociedades globalizadas, tem como fundamento princípios universais.³ São eles que irão corroborar com o equilíbrio, bem-estar e pacificação social.

Identifica-se na pessoa do docente que vivencia profissão (ministério) na área de ensino, seja cristã ou mesmo secular, como uma pessoa fundamental no processo de preparação de vidas que vivenciem em tudo as características de Jesus Cristo em todos os lugares da sociedade, reproduzindo sua vivência pautada na ética cristã noutras vidas, com fins de transformação social. Modes reforça que a mensagem cristã contribui na configuração de ações e transformações de realidades diversas da vida, em especial no contexto educacional, local este, onde as pessoas são formadas para viver.⁴

A partir da teologia deve existir o diálogo entre a ética cristã e as ações pedagógicas desenvolvidas no processo de formação do cidadão para vivência social. Nessa perspectiva, os valores espirituais, que são característicos da ética cristã, serão capazes de promover uma reflexão sobre o conceito de vida, no intuito de transformar velhos hábitos e trazer transformação. A pesquisadora Monica Pinz Alves apresenta, em sua proposta de estudo, a necessidade da conexão entre a teologia e a pedagogia. Ela afirma que “os pensamentos teológicos e pedagógicos precisavam estar conectados, ou seja, o Ensino Religioso só pode ser motivado e justificado pedagógica e teologicamente”.⁵

Com esta sustentabilidade, visualiza-se a importância de trabalhos específicos voltados para a preparação e formação do caráter do docente, com aplicabilidade na ética cristã, visto que os mesmos funcionarão como mediadores e facilitadores educacionais, com fins de prevenção e preparação equilibrada de muitos novos cidadãos de bem para a sociedade mundial.

² MENEZES, Ederson Malheiros; MODES, Josemar Valdir. Práticas sociais: incentivo à educação e outras práticas como estímulo à relevância social. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 271.

³ GRENZ, Stanley J. **A busca da moral**: fundamentos da ética cristã. São Paulo: Vida, 2006, p. 9.

⁴ MENEZES; MODES, 2015, p. 268.

⁵ ALVES, Monica Pinz. Elementarisierung: uma sugestão para as aulas de ensino religioso. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 285.

No decorrer deste artigo científico será apresentada na primeira sessão, a conceituação geral da ética e o significado particular da mesma de caráter cristão. A base da ética cristã presente no decálogo veterotestamentário se mostrará com sustentabilidade sólida para sua aplicabilidade em sociedade. Ainda no primeiro capítulo será abordada a práxis da moralidade e dos princípios éticos inseridos na educação. Na sessão seguinte, serão apresentados princípios éticos cristãos para uso na docência com fins transformacionais. Por fim, no último capítulo, serão apresentadas perspectivas da ética cristã na docência e o impacto esperado na sociedade em constante transformação.

1. CONCEITUAÇÃO E BASE CRISTÃ PARA OS PRINCÍPIOS ÉTICOS

Para facilitar a compreensão das questões consideradas éticas em sua práxis dentro da perspectiva de um grupo social, faz-se necessário primeiramente entender a conceituação do termo “ética” numa abordagem teórica inicial. Em seguida, como complementação do termo, é cabível exposição exemplificada na prática para um entendimento em profundidade do conceito e postura ética aplicável à sociedade.

Mesmo sendo apresentada uma conceituação geral da ética, o foco desta pesquisa tem por base a ética de característica cristã, visto que funciona como normativa de sustentação fixada em valores absolutos e não descritivos com ênfase relativista. Reifler destaca em sua obra esta característica da ética cristã, ao enfatizar que em sua essência ela é normativa, por partir da suprema revelação divina para definir valores e princípios para vivência humana.⁶

Será explorada nesta sessão também a normativa presente no decálogo veterotestamentário, funcionando como alicerce para a ética cristã, com vistas a firmar a importância da existência de valores absolutos na sociedade, com o intuito de trazer equilíbrio ao meio habitacional humano. A esse respeito, Roy H. May relata que “na Bíblia, os dez mandamentos responde ao tipo deontológico de raciocínio. A ética cristã está cheia de manuais que especificam as regras que um cristão ou cristã devem seguir”.⁷

Ainda será visualizada neste escopo a diferenciação entre moralidade e princípios, bem como a presença de ambos no meio educacional, funcionando com parâmetros éticos de natureza cristã, para bem servir à formação de cidadãos comprometidos com verdades firmes e coerentes para a vida. May enfatiza em sua obra a apresentação de elementos úteis para a análise moral com a finalidade de proporcionar uma ética prática e coerente para a vida cristã.⁸

1.1 Conceituação geral e particular cristã da ética

O ambiente onde ocorre a prática da docência é o lugar mais propício para que os valores e princípios éticos sejam disseminados para atingir um grupo maior de pessoas e

⁶ REIFLER, Hans Ulrich. **A ética dos dez mandamentos**: um modelo de ética para os nossos dias. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 18.

⁷ MAY, Roy H. **Discernimento moral**: uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 60.

⁸ MAY, 2008, p. 12-13.

corroborar com a transformação e equilíbrio na vivência social. Neste sentido, a conceituação da palavra “ética” facilitará o desenvolvimento mais harmonioso dos relacionamentos sociais.

Alan Pallister conceitua em sua obra o termo, ao relatar que “a ética pode ser definida como um conjunto de normas que orientam o comportamento e vivência em sociedade”.⁹ É um vocábulo que vem do grego, *ethos*, com significados de costume, disposição, hábito. Da língua latina, o termo ética vem de *mos (mores)*, que tem o sentido de vontade, costume, uso, regra.¹⁰ Grenz corrobora ao citar a origem grega derivada de *etheos*, com significância relacionada ao caráter de uma pessoa.¹¹

A convivência humana em sociedade é ampliada a partir da troca de experiências entre as pessoas. Estas relações são fortalecidas a partir da presença da soma de valores éticos presentes em cada indivíduo. De acordo com May, as potencialidades de cada pessoa são ampliadas a partir da convivência responsável pautada em condutas éticas que contribuem para a construção de relações humanas saudáveis em sociedade.¹²

Mesmo em sua conceituação geral, a ética de contexto planetário visa à prevalência da verdade e do bem, com fins de vida pacífica, harmoniosa e saudável. Mesmo com a presença de normas norteadoras para o ser humano, o estudo da ética “parte do princípio de que o homem é livre e responsável” para fazer suas escolhas acerca do que é “bem ou mal, certo ou errado”.¹³ Já o doutor José Neivaldo de Souza, em seu artigo acerca da ética planetária, vai mostrar a origem do termo “ética” em sua terminologia grega, que quer dizer “habitat”, ou seja, o ambiente que oferece condições para o desenvolvimento das espécies, possibilitando um viver feliz.¹⁴

Nesta perspectiva geral da conceituação do termo “ética”, visualiza-se que a seriedade da aplicabilidade das normas que têm o objetivo de contribuir para benefício social, a partir da docência, mesmo que de perspectiva secular, já tem a contribuir com as relações comunitárias presentes no habitat social.

Considerar a ética em sua praticidade vai possibilitar uma vivência mais justa e equilibrada na sociedade. Ao mencionar a sustentação para a práxis da ética com ênfase de fins espirituais, Pallister vai destacar a importância das bases para a ética advindas de uma infraestrutura teológica com maior entendimento do que o corrente no meio social que a maioria das pessoas têm.¹⁵ Ele ainda avalia a importância de uma ética fundamentada nos

⁹ PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje: vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida**. São Paulo: Shedd, 2005, p. 19.

¹⁰ LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética cristã: confrontando questões morais do nosso tempo**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 7.

¹¹ GRENZ, 2006, p. 26.

¹² MAY, 2008, p. 17.

¹³ **Introdução à ética cristã**. São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1985, p. 1.

¹⁴ SOUZA, José Neivaldo de. Da ética humanitária a uma ética planetária. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST**. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/nepp>. São Leopoldo, RS, v. 26, Set-Dez. 2011, p. 97.

¹⁵ PALLISTER, 2005, p. 11-12.

valores cristãos da Lei divina e ensinamentos de Jesus Cristo como melhor opção do que uma ética advinda de valores filosóficos e iluministas.¹⁶

Nesta perspectiva, e com um poder mais amplo de transformação social, a ética cristã pode ser conceituada como “o estudo dos deveres humanos, de acordo com a vida e os ensino de Jesus”.¹⁷ Jesus Cristo, através do seu modo de vida e exemplo, é a autoridade suprema da ética cristã.¹⁸ De acordo com Geisler, a ética cristã considera o que é moralmente certo ou errado para os cristãos, ou seja, de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.¹⁹ Estes ensinamentos devem ser ensinados e vividos. Logo, o docente que tem esta base internalizada em sua vida, tem muito a contribuir com a transformação social, a partir de postura coerente com a própria prática de vida.

A base da ética cristã e o que dá consistência a mesma é a Bíblia Sagrada, de padrão infalível, imutável e inerrante.²⁰ São os valores absolutos, provenientes do ser divino, criador de todas as coisas, presentes nas Escrituras, que dão solidez e atemporalidade aos princípios cristãos éticos que podem e devem ser aplicados a qualquer época da história da humanidade. De acordo com Reifler, a ética cristã “tem a ver com o bem e o mal revelados nas Sagradas Escrituras, e isso em termos absolutos”.²¹ Ele ainda coloca que a ética cristã é visualizada na práxis cotidiana, onde contextualiza-se a revelação divina com fins transformacionais para a sociedade.²²

Com esta fundamentação, pode-se colocar que a ética cristã estuda de forma sistemática a vivência prática moral do homem, baseado em seus valores cristãos revelados na Bíblia Sagrada.²³ Neste ínterim, observa-se que a nascente da ética cristã não está voltada para o próprio eu, muito menos para a realidade a sua volta, mas para a realidade divina com base em sua revelação presente nas Escrituras e com ápice na pessoa e obra de Jesus Cristo.²⁴ A ética, em sua conjectura geral, tem viés antropocêntrico, ou seja, o ser humano é base, já a ética de caráter cristão é de perspectiva teocêntrica, tendo Deus na origem.

Por fim, entende-se a importância da ética em sua conjectura de caráter geral para benefício da sociedade, porém, visualiza-se em termos de importância e profundidade, a ética cristã como melhor estruturada, organizada, coerente e com a presença de valores permanentes para contribuir com a transformação social de maneira mais contundente. Ao fazer a diferenciação dos tipos éticos, Bonhoeffer diferencia ambas de maneira mais drástica ao relatar que a ética cristã é “divina, santa, sobrenatural”; enquanto que a ética geral é “mundana, profana, natural, não cristã”.²⁵ Já Stanley Grenz apresenta a ética cristã como

¹⁶ PALLISTER, 2005, p. 14.

¹⁷ **Introdução à ética cristã**, 1985, p. 2.

¹⁸ **Introdução à ética cristã**, 1985, p. 15.

¹⁹ GEISLER, Norman L. **Ética cristã: opções e questões contemporâneas**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 15.

²⁰ LIMA, 2006, p. 8.

²¹ REIFLER, 2007, p. 16.

²² REIFLER, 2007, p. 32.

²³ REIFLER, 2007, p. 17.

²⁴ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 10.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 122.

²⁵ BONHOEFFER, 2009, p. 125.

marco evolutivo e transformacional para a ética natural. “A ética cristã marca a redenção da ética natural; melhor dizendo, sua transformação”.²⁶

1.2 O decálogo judaico como base para a ética cristã

Pensar a revelação presente nas Escrituras Sagradas de Deus ao seu povo desde os primórdios, de maneira dinâmica e crescente, facilitará o entendimento da construção do alicerce ético cristão para aplicabilidade na sociedade. Uma revelação progressiva permite a visualização do lançamento de bases sólidas de valores e princípios para o bem viver.

Neste entendimento, compreende-se que o fundamento da ética cristã encontra-se presente no Antigo Testamento,²⁷ ou seja, onde o processo de imitação de valores permanentes e imutáveis presentes no ser divino, como santidade, responsabilidade, amor, fé, honestidade, são disseminados entre o povo modelo de Israel, com o intuito de alcançar outras nações, e com isso trazer transformação a nível globalizado.

Logo, as normas para vivência comunitária transmitidas aos israelitas por intermédio do profeta Moisés, presentes no decálogo veterotestamentário, vão funcionar de base durante o período antecedente à vinda de Jesus Cristo. As prescrições presentes nos dez mandamentos tinham o propósito de regular as relações “com Deus e com o próximo”,²⁸ numa perspectiva de vivência e disseminação de valores absolutos e coerentes para construção de relações saudáveis e verdadeiras. Lima reforça esta condição do decálogo como alicerce para a ética cristã ao enfatizar que “a ética dos dez mandamentos dá suporte à ética cristã”.²⁹ Nesta perspectiva, pode-se destacar então que o decálogo é o modelo a ser trabalhado e ampliado na ética cristã. Funcionando como molde para construção da vida moral em sociedade.³⁰

A questão espiritual e moral presentes no decálogo veterotestamentário vão ser ampliadas e consolidadas em Jesus Cristo, com base no amor e na graça de Deus. O Sermão da Montanha proferido por Jesus no Evangelho de Mateus, capítulos de cinco a sete, vai expor em profundidade a aplicabilidade e o cumprimento da Lei de Deus fundamentada no amor. Modes destaca que a ética do Sermão do Monte funciona como renovação dos Dez Mandamentos, e é base para as lutas pelos direitos humanos na atualidade.³¹

Nesta dimensão, visualiza-se que a ética cristã, norteadada pela Bíblia, tendo por base o decálogo e sua ampliação no Sermão do Monte, apresenta normas de condutas da parte de Deus para serem vividas e disseminadas na sociedade. Prescrições estas que devem ser seguidas, funcionando como requisitos transformacionais ao habitat social. Geisler coloca que

²⁶ GRENZ, 2006, p. 257.

²⁷ GRENZ, 2006, p. 69.

²⁸ REIFLER, 2007, p. 39.

²⁹ LIMA, 2006, p. 32.

³⁰ REIFLER, 2007, p. 241.

³¹ MENEZES; MODES, 2015, p. 270.

o formato da ética cristã é o mandamento divino, ressaltando que o dever ético é algo que deve ser posto em prática, pois se apresenta como uma prescrição divina.³²

Somado a este dever normativo, compreende-se conforme Bonhoeffer, que só será possível a práxis ética cristã a partir do mandamento divino, com a presença simultânea do conteúdo positivo (decalogo consolidado pelo Sermão da Montanha em Jesus Cristo), acompanhado da liberdade do ser humano,³³ que lhe permite optar pelo que é correto, justo e bom para as relações sociais, sob direção espiritual divina.

1.3 Moralidade e princípios éticos cristãos na educação

Mesmo com aplicabilidades bem próximas, a ética cristã e a moral se diferenciam a partir da visão, mutabilidade e temporalidade de sua ação nas sociedades onde se desenvolvem as relações interpessoais. A ética cristã, como já visto, segue princípios normativos com ótica atemporal e imutável, fundamentada no absoluto divino. Já as questões morais tem uma tendência mais descritiva, situacional, com possibilidades mutáveis de adequação. Reifler faz esta distinção em sua obra, ao descrever que a ética cristã é mandamento, diretriz e norma, enquanto que os costumes (moralidade) tem viés de variáveis, flexíveis, descritivas e dependente da situação.³⁴

Em sua obra “A busca da moral: fundamentos da ética cristã”, Stanley Grenz, numa tentativa inicial de aproximação entre a ética e a moral, coloca que, numa visão mais genérica, a ética tem definição ligada à filosofia moral, ou seja, uma reflexão sobre “moralidade, problemas e juízos morais”.³⁵ Neste embasamento, a ética é analisada de um ponto de vista mais geral. Segundo ele, os dois termos tinham significância sinonímica até um tempo atrás, ou seja, com significâncias similares. Grenz conceitua o termo moral como “costumes de determinada sociedade”. Já a terminologia ética como “princípios mais universais que regem as sociedades cada vez mais globalizadas”.³⁶ Em ações práticas, Reifler destaca que a moral observa o que o homem faz; já a ética cristã vai mais além, questionando por que e para que ele faz.³⁷

Em pleno século XXI, visualiza-se um quadro de crise de moralidade exacerbado, fruto de valores pós-modernos relativistas, individualistas e materialistas presentes na sociedade. Grenz coloca que a sociedade contemporânea parece ter abandonado os princípios éticos.³⁸ De acordo com ele, os pontos fixos de referências para a sociedade foram abandonados, gerando desequilíbrio e trazendo instabilidade às relações sociais, visto que, nos momentos de tomar decisões morais, os valores absolutos foram desprezados e deixados de lado. Geisler

³² GEISLER, 2010, p. 15.

³³ BONHOEFFER, 2009, p. 179.

³⁴ REIFLER, 2007, p. 16.

³⁵ GRENZ, 2006, p. 68.

³⁶ GRENZ, 2006, p. 9.

³⁷ REIFLER, 2007, p.17.

³⁸ GRENZ, 2006, p. 18-19.

reforça a questão ao enfatizar a decadência moral presente dentro e fora da igreja, conclamando a sociedade a uma maior compreensão e aplicação dos bons princípios éticos.³⁹

Diante de situação tão complicada e incoerente, a temática desta pesquisa surge como uma perspectiva de esperança e contribuição para mudanças deste quadro em que se encontra a sociedade. Transmitir aos instruídos padrões de moralidade (“santidade, moralidade, piedade, fidelidade e amor”⁴⁰) pautados em princípios coerentes e absolutos, vai possibilitar aos docentes cumprirem seus papéis éticos com fins transformacionais à sociedade.

Pallister defende, em sua obra, a consideração dos princípios e agir ético cristão para todos, independente de suas crenças.⁴¹ Na obra “Graça e ética”, coletânea de pesquisas na área da ética cristã, visualiza-se uma resposta bíblica à degradação ética e moral do ser humano moderno. Nesta resposta, o texto da epístola de primeiro Coríntios, capítulo treze é apresentado como base para mudanças por mostrar a grandeza do amor divino com fins de transformação.⁴²

A aprendizagem de valores e princípios consolidados cristãos para aplicabilidade na sociedade se dá no contexto social da vida em comunidade, ou seja, no local onde a educação é trabalhada e sistematizada. Para May, é na comunidade, na vivência social, “que se aprende a moralidade ou a ética”.⁴³ Ele ainda tenta, em sua obra, fazer uma conexão mais segura entre a ética e a moralidade, ao destacar que “a dimensão teológica da ética explora as imagens de Deus adequadas para a moralidade contemporânea”.⁴⁴

2. PARÂMETROS ÉTICOS COM ÊNFASE CRISTÃ PARA DOCÊNCIA

Pensar numa docência sem valores e padrões éticos, significa ter em mente uma possibilidade nula de educação em relação à multiplicação de valores na sociedade. A ênfase cristã permitirá no exercício da docência, a transmissão do ensino-aprendizagem de forma mais satisfatória e crescente, visto que os valores cristãos seguirão num processo de continuidade e formação prática para a vida. A doutora Gleyds Silva Domingues defende em sua pesquisa a importância de uma proposta ética que vise a desenvolver princípios que considerem a vida e moralidade em comunidade, com fins de impacto transformacionais a partir das atitudes das pessoas na vivência social.⁴⁵ Destaca que são os princípios que nortearão a forma como as pessoas se mobilizam, produzem, exercem e assumem comprometimento na dinâmica interpessoal.⁴⁶

³⁹ GEISLER, 2010, p. 11.

⁴⁰ MANSON, T. W. *Ética e o Evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 18.

⁴¹ PALLISTER, 2005, p. 15.

⁴² **Graça e ética**: o desafio da ética às nossas eclesiologias. Organizado por Ofélia Ortega. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2007, p. 116.

⁴³ MAY, 2008, p. 40.

⁴⁴ MAY, 2008, p. 91.

⁴⁵ DOMINGUES, Gleyds Silva. A inserção da comunidade batista no processo mobilizador contra a corrupção. *Revista Batista Pioneira*. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 431.

⁴⁶ DOMINGUES, 2015, p. 429.

Partindo desses embasamentos, serão apresentados nesta sessão princípios que podem contribuir para o bom exercício da docência com finalidade de transmissão de valores éticos para a vida dos cidadãos, numa ideia de construção de legado multiplicador de princípios éticos para o bem viver.

Assim, mesmo com uma dimensão mais ampla de virtudes teológicas aplicáveis à vida, serão delimitados neste escopo os princípios da honestidade, responsabilidade e do amor ao próximo, por entender, funcionar como base para a vivência social com fins de vida mais justa, pacífica, saudável e equilibrada. O teólogo Isaltino Gomes Coelho Filho (*in memoriam*) já destacava, no fim do século XX, quanto ao clamor no mundo pela ética, enfatizando a premente necessidade da mesma no Brasil e conclamando a que se levante uma voz profética que clame por ética no evangelho, ou seja, ética cristã.⁴⁷

2.1 Princípio ético cristão da honestidade

Diante da crise de honestidade existente na sociedade contemporânea em várias áreas do conhecimento e de atuação profissional, o presente princípio vem a calhar como alerta e chamado à revalorização de postura íntegra e ilibada nas relações sociais. A ausência deste princípio na vida de políticos, médicos, advogados, professores, comerciantes, dentre outros líderes de variadas áreas de atuação, leva-nos a refletir acerca da problemática e consequências na sociedade. Desta feita, descobrir o nascedouro do problema vai facilitar a aplicação de medidas educacionais preventivas e corretivas na busca de dias melhores e mais justos para todas as pessoas inseridas no habitat social.

Os termos honestidade e integridade estão correlacionados sinonimicamente numa ideia de vida coerente e justa, com a presença de valores internalizados e transformacionais. O conceito de integridade na enciclopédia de Champlin diz respeito à higidez moral, presente naqueles que possuem caráter moral autêntico, diferente daqueles que possuem natureza cheia de engodo, astúcia e malícia.⁴⁸ O caráter íntegro de uma pessoa tem grande potencial de impacto na vida daqueles que estão a sua volta. Da mesma maneira, a ausência de postura íntegra na vida pode acarretar consequências desastrosas aos envolvidos na convivência mais próxima da trama social.

O conselho do apóstolo Paulo ao seu aprendiz, o jovem pastor Tito, na epístola enviada ao mesmo, no capítulo dois, versos sete e oito, ressalta a importância do padrão íntegro (honesto) na vida dos líderes cristãos: “Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. **No ensino, mostra integridade**, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito”.⁴⁹ De acordo com o texto bíblico, a presença de postura ética honesta no ensino vai trazer repercussão positiva à vida, não tendo os adversários do que falar. Grenz defende postura

⁴⁷ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Descubra agora: a ética dos profetas para hoje**. São Paulo: Exodus, 1997, p. 9.

⁴⁸ CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9.ed. São Paulo: Candeia, 2008, p. 347.

⁴⁹ BÍBLIA SAGRADA, 2007, p. 1213.

exemplar de vida moral cristã, tornando-se o mesmo modelo a ser seguido por outros. Ele classifica a vida ética como vida de integridade, coerência interna de conduta e ação.⁵⁰

Infelizmente a presença de “caminhos mais curtos” para adquirir e resolver as coisas na sociedade é fruto da ausência do princípio da honestidade na vida de várias pessoas. Posturas desonestas trazem grandes malefícios para a sociedade. Reifler conceitua a ideia de “jeitinho popular brasileiro”, que tem origem na busca de oportunidade mais fáceis e desonestas, como “um meio de conseguir, subornar, executar ou resolver alguma coisa passando por cima de terceiros, leis, ordens, princípios, tempo e moral”.⁵¹

Na obra *A ética dos profetas para hoje*, Coelho Filho enaltece a importância de postura íntegra de ações honestas por parte dos profetas no passado e também dos profetas contemporâneos, para ter credencial e credibilidade a sua missão.⁵² Da mesma feita, pode-se aplicar tal postura honesta de princípio ético, como algo imprescindível ao professor envolvido na docência, no intuito de transmitir ensinamentos e preparar cidadãos para a vida. Estes docentes devem em seu proceder ilibado transmitir valor permanente à vida dos seus alunos, corroborando com sua formação e construindo legado.

2.2 Princípio ético cristão da responsabilidade

Outro princípio ético cristão consolidado na história a ser aplicado à vida dos docentes, por conseguinte com viés multiplicador também nos discentes, é o da responsabilidade diante das escolhas, atitudes e ações na vivência social. Os atos praticados por cada cidadão inserido no habitat social causam com naturalidade impacto com consequências boas ou desagradáveis aos participantes das relações interpessoais na sociedade. “A responsabilidade sempre é relacional, pois a conduta de uma pessoa afeta a vida de outra”.⁵³

A ausência deste valor ético da responsabilidade numa cultura onde se desenvolvem relacionamentos humanos trará problemas bastante desagradáveis ao ambiente, gerando desequilíbrio e prejudicando o crescimento dos envolvidos no processo social. May conceitua a responsabilidade como obrigação de decidir e agir face à realidade histórica, levando em conta o significado de nossas ações e decisões, assumindo compromissos concretos e coerentes com a própria conduta.⁵⁴

Acredita-se que responsabilidade tem a ver com cumprimento do dever, ou seja, em ações práticas demonstra-se que uma pessoa é responsável quando cumpre com fidelidade seus deveres. Pensar em deveres morais absolutos, possibilita a visualização da obrigatoriedade do dever ético das pessoas em todas épocas e lugares.⁵⁵ A perspectiva deontológica da ética cristã permite-nos visualizar a ênfase na obediência e responsabilidade diante das regras já pré-estabelecidas e consolidadas na história.

⁵⁰ GRENZ, 2006, p. 135, 269.

⁵¹ REIFLER, 2007, p. 226.

⁵² COELHO FILHO, 1997, p. 66.

⁵³ MAY, 2008, p. 117.

⁵⁴ MAY, 2008, p. 117.

⁵⁵ *Introdução à ética cristã*, 1985, p. 16.

Deveres de responsabilização para com a família, a sociedade, o estado e a igreja têm sua origem na ética de natureza cristã, por apresentar valores absolutos em Deus. Mesmo que mudem os costumes, os princípios básicos presentes nas Escrituras permanecem, por não haver variação.⁵⁶ Reifler coloca quanto à questão da educação a partir do seio familiar e com embasamento bíblico que “a responsabilidade dos pais é criar e educar os filhos no caminho e no temor do Senhor (Mt 18.2-4,6; Lc 1.17; Ef 6.4; 1 Tm 5.8; Hb 12.9; Pv. 22.6)”.⁵⁷

As relações sociais devem fluir com aplicabilidade do princípio ético da responsabilização, visto que devemos atuar como administradores responsáveis na interação relacional em sociedade. A presença do ser humano numa comunidade local e até mesmo planetária, envolve responsabilidade, trabalhando um com o outro na promoção das estruturas sociais que honrem o Deus da Bíblia de acordo com a ética de perspectiva cristã.⁵⁸ A ética cristã não preza pelo individualismo, pois foca pela cooperação mútua, através de ações responsáveis e comunitárias do indivíduo na sociedade.⁵⁹

Domingues frisa, em sua pesquisa de mobilização social, que a aliança entre a ética e a justiça com práticas responsáveis de cuidado mútuo entre as pessoas, gera convivência saudável, por estar alicerçada em princípios que fundamentam as relações sociais.⁶⁰ Já o doutor Fischer, na sua pesquisa sobre o diálogo da teologia com as novas ciências do cérebro, frisa que a ausência de uma estrutura neural e mental equilibrada, prejudica a praticidade de vivência da liberdade e da responsabilidade social na atualidade.⁶¹

Dietrich Bonhoeffer, em sua obra sobre ética, destaca a partir do padrão bíblico, que conformismo com a realidade presente, que tem muito a ser melhorada e qualificada, seria o inverso da responsabilidade, ou seja, proceder irresponsável e de comodismo.⁶² Entender a realidade a nossa volta como carente de Deus e de princípios éticos de procedência cristã, permite pensarmos em ações de responsabilidade social em vistas a contribuir com a transformação da sociedade a nossa volta.

Investir em docentes que desenvolvam em sua prática de ensino-aprendizagem postura ética responsável, corrobora com o impacto na vida dos instruídos, trazendo contribuição para o quadro social presente. Alunos que se tornem cidadãos mais responsáveis com suas famílias, com as desigualdades sociais, com a prática profissional honesta e coerente, com o combate à corrupção e politicagem desonesta, que prezem pela educação dos que necessitam e reeducação daqueles que têm em suas formações desvios, contribuirão muito para vida mais justa, equilibrada e pacífica na terra.

⁵⁶ **Introdução à ética cristã**, 1985, p. 17.

⁵⁷ REIFLER, 2007, p. 99-100.

⁵⁸ GRENZ, 2006, p. 302.

⁵⁹ GRENZ, 2006, p. 304.

⁶⁰ DOMINGUES, 2015, p. 431.

⁶¹ FISCHER, Gerson Joni. Pessoa: alma vivente – teologia em diálogo com as novas ciências do cérebro. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 395.

⁶² BONHOEFFER, 2009, p. 146.

2.3 Princípio ético cristão do amor ao próximo

O amor divino é descrito na epístola de primeiro Coríntios capítulo treze, como dom por excelência, ou seja, o maior dos dons, o essencial, o fundamento, visto, sem ele, nada valerá, conforme o apóstolo Paulo. Este princípio ético da práxis do amor voltado ao próximo é de caráter imprescindível para uma sociedade mais justa, pacífica e equilibrada. A presença dele na vida dos envolvidos na docência na esfera social educacional, com naturalidade proporcionará impacto e transformação na vida dos atores sociais em formação de suas identidades e conceitos para o bem viver. Ao abordar esta questão prática dos princípios, a doutora Gleyds Silva Domingues detalha que os mesmos devem ser aplicados nas situações cotidianas, manifestados no agir, no pensar e no sentir, causando influência aos envolvidos.⁶³

A descrição deste princípio feita pelo doutor David B. Riker, em seu artigo sobre a relação entre a trindade divina e os seres humanos, ajuda no entendimento e importância do que seja este valor ético. Ele diz que: “o amor pode ser definido como um relacionamento que envolve sentimentos e que é constituído por compromisso ou atos que são recíprocos”.⁶⁴ Nesta relação de afetividade, empatia, compreensão e entrega, Riker ainda complementa, ao frisar que “o amor cria singularidade e particularidade porque, ao amar você, me identifico com você, seus problemas e preocupações tornam-se meus”.⁶⁵

O ensino de Jesus sobre o amor é fantástico e desafiador, visto que o mesmo apresentava um amor de ênfase altruísta, ou seja, que se entrega sem esperar algo em troca. Que decide amar, independente do retorno que terá do alvo do amor dispensado. Na pesquisa sobre a partilha das vestes de Jesus, Pedrosa ressalta que a lei do amor “implica vencer sem guerrear, ganhar sem espoliar o outro; dar, mais do que receber e dividir, mais do que multiplicar”.⁶⁶

A necessidade na humanidade deste princípio do amor desde o seio familiar, avançando para esferas educacionais e impactando a sociedade, é de fundamental importância para a transformação social e vida mais equilibrada e pacífica para todos. Os valores éticos devem ser base para as sociedades, sejam elas de procedência cristã ou até mesmo não cristãs. A cosmovisão cristã tem o poder de modificar realidades sociais sempre para melhor. “Valores como justiça, **amor**, misericórdia, generosidade, liberdade, bem-estar e honestidade são compartilhados por muitos, cristãos ou não”.⁶⁷

De acordo com Grenz, o nascedouro da vida ética para Jesus Cristo é a resposta dada pelo ser humano à sua demonstração de amor, graça e favor.⁶⁸ Uma resposta consistente com o propósito de buscar a justiça divina para os envolvidos na trama social. Nisto, percebe-se

⁶³ DOMINGUES, 2015, p. 434.

⁶⁴ RIKER, David B. Uma analogia entre a trindade e a humanidade como seres relacionais. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 368.

⁶⁵ RIKER, 2015, p. 369.

⁶⁶ PEDROSA, Edmar dos Santos. O direito sagrado ao espólio na partilha das vestes de Jesus. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 491.

⁶⁷ MAY, 2008, p. 85.

⁶⁸ GRENZ, 2006, p. 125.

que o valor ético do amor, presente na vida dos docentes, brota nos instruendos com impacto multiplicador.

3. PERSPECTIVA ÉTICA CRISTÃ NA DOCÊNCIA E IMPACTO SOCIAL

Os frutos colhidos na vivência social advindos de um ensino com base ético cristã fundamentado em valores absolutos, imutáveis e atemporais, acontecerão naturalmente com o passar do tempo, trazendo benefícios e equilíbrio à sociedade. Para May, a ética cristã tem por foco o fazer ético que traga construção social para o tempo presente,⁶⁹ por mais que o lançar das bases pode trazer frutos a médio e longo prazo também.

Infelizmente o que tem se visto no meio social, em várias áreas de atuação nos dias de hoje, é a ausência da aplicabilidade dos princípios éticos cristãos por parte de vários dos personagens envolvidos na trama social. De acordo com a pesquisadora Domingues, os atos de corrupção na sociedade brasileira minam os princípios éticos e de justiça social, por priorizarem ganhos apenas pessoais obscuros, em detrimento do investimento coletivo na nação.⁷⁰

Acredita-se que ocorreram falhas no processo de ensino-aprendizagem no passado relacionadas à transmissão de valores éticos cristãos a muitas dessas pessoas, trazendo com naturalidade consequências terríveis ao habitat social. Stanley J. Grenz faz uma leitura fria, mas objetiva e clara em relação à condição social em que vive a sociedade.

O objetivo moderno já não apresenta um ponto de referência fixo. Questões éticas assaltam-nos em ritmo estonteante numa época em que as pessoas perderam a noção de princípios e de estabilidade: não possuem mais uma plataforma na qual possam apoiar-se na hora de tomar decisões morais.⁷¹

A geração do século XX em que viveu Dietrich Bonhoeffer já se apresentava, segundo o teólogo, como desinteressada em relação à matéria de ética com teoria levada para pragmática no meio social.⁷² Bonhoeffer via a proclamação dos princípios éticos funcionando como parceria entre igreja e Estado, onde a igreja tinha a responsabilidade de proclamar os princípios de ordem social e o Estado de providenciar a consolidação pela aplicação correta dos meios técnicos.⁷³ Entende-se que o teólogo via a importância de um ensino de parceria para apresentação do cidadão com valores éticos cristãos.

Já pensando em tempos pós-modernos no século XXI, observa-se que mais do que nunca a visão pluralista, relativista e materialista do tempo presente tem atacado os valores tradicionais que foram firmados em pilares éticos no passado. Estes padrões tem sido questionados, segundo Reifler, pela aceleração do desenvolvimento urbano, unificação do pensamento, massificação de ideias e princípios e corrupção crescente em todas as camadas sociais.⁷⁴

⁶⁹ MAY, 2008, p. 92.

⁷⁰ DOMINGUES, 2015, p. 427.

⁷¹ GRENZ, 2006, p. 19.

⁷² BONHOEFFER, 2009, p. 45.

⁷³ BONHOEFFER, 2009, p. 69.

⁷⁴ REIFLER, 2007, p. 11.

Nesta perspectiva, entende-se a importância da figura do docente que atua não somente nos seminários cristãos, mas principalmente no meio acadêmico ligado ao Estado na preparação de vidas com valores éticos cristãos e princípios para o bem viver em sociedade. Partindo das bases educacionais, os valores podem ser internalizados na vida de novos cidadãos preparados para agir e contribuir com mudanças sociais. Também a própria ideia de educação de adultos que existe com perspectiva de alfabetização, poderia funcionar como reeducação de valores éticos cristãos para adultos envolvidos na esfera social com valores deturpados e incoerentes.

A preparação das bases educacionais precisa ser acompanhada de propostas concretas que funcionem como sugestão para práxis social. Modes vai propor a partir da ação poimênica (aconselhamento) individual e em grupo, num ambiente preparado especialmente para tal finalidade, “sem vinculação religiosa direta, usando apenas princípios ético-cristãos, oferecendo vias de soluções às dificuldades de relacionamentos interpessoal e pessoal de alunos, mestres e pais”.⁷⁵ Ele ainda sugere que nestes momentos possa ser levado uma instrução bíblica baseada em princípios e valores cristãos.⁷⁶

Em sua pesquisa contra a corrupção vigente no país, Domingues defende a intensificação na sociedade de proposta ética que vise a desenvolver princípios que considerem a vida e a moralidade comunitária, levando os envolvidos nos processos interpessoais a refletirem sobre a vida e função transformacional a ser produzida na sociedade por todos.⁷⁷ Ela ainda defende “um retorno a moralidade e à responsabilidade de cada cidadão nos rumos a serem perseguidos pela sociedade brasileira”.⁷⁸

Para uma ação mais ampla de perspectiva ética cristã a partir da docência e impacto social, cabe àqueles envolvidos nos setores educacionais colocarem como prioridade investimentos na formação de docentes, prezando sempre por valores absolutos éticos aplicados ao exercício do ensino-aprendizagem, em vistas à preparação de cidadãos de bem para somar na construção de uma sociedade mais solidária, honesta, responsável e amorosa. Reifler destaca, em sua obra, que os princípios eternos e transculturais precisam ser aplicados à realidade contextual do momento, possibilitando a implantação e consolidação dos princípios éticos cristãos no habitat social.⁷⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo científico propôs-se a apresentar a importância da figura do docente envolvido na formação educacional, em transmitir valores éticos cristãos para seus discentes, numa perspectiva de transmissão de princípios que o mesmo já vive. A ideia visualizada dentro desta prospecção científica, intenta ressaltar o impacto trazido a sociedade com transformação social a partir da disseminação de ensinamentos éticos para o bem viver na

⁷⁵ MENEZES; MODES, 2015, p. 274.

⁷⁶ MENEZES; MODES, 2015, p. 275.

⁷⁷ DOMINGUES, 2015, p. 431.

⁷⁸ DOMINGUES, 2015, p. 435.

⁷⁹ REIFLER, 2007, p. 51.

prática da docência, resultando em novos cidadãos com identidade cristã que contribuam para vivência mais justa, equilibrada, responsável, coerente e amorosa na sociedade.

Entende-se que a pessoa do docente, envolvido na prática do ensino-aprendizagem, tanto no meio público (municipal e estadual) e privado, como na academia teológica ministerial e ainda na área eclesial das igrejas (Escolas bíblicas, treinamentos, capacitações), é figura preponderante na formação cidadã e transmissão dos valores éticos cristãos para os instruídos. A pesquisadora Domingues ressalta a importância do ambiente voltado para formação, enfatizando que “neste espaço de exercício cidadão estão todos aqueles que de uma forma direta ou indireta acreditam na possibilidade de uma sociedade pautada pelos princípios éticos voltados para o bem comum, oriundos de diversos setores, inclusive o eclesial”.⁸⁰

Vale ressaltar a importância da figura do docente cristão envolvido no meio secular na disseminação dos valores éticos aqui apresentados não apenas voltada para o corpo discente, mas também para funcionários envolvidos na esfera administrativa das instituições de ensino, assim como também para outros docentes que têm deixado a desejar os princípios éticos cristãos na sua prática educacional. Estes docentes com falhas na questão da transmissão com suas próprias vidas de valores e princípios éticos cristãos, carecem passar por processo de reeducação e reavaliação de valores, visto que os mesmos não apresentam em suas condutas vivência coerente com os padrões bíblicos enfatizados aqui nesta pesquisa científica.

Percebe-se que muitas das práticas desonestas no país, assim como distúrbios mentais e ainda desvios de condutas, seriam evitadas se medidas preventivas desde a fase da formação educacional fossem adotadas e implementadas, trazendo benefícios importantes ao habitat social a médio e longo prazo. O quadro atual em que se encontra a sociedade brasileira carece de cuidados mais atenciosos voltados para esta área tão importante da formação do cidadão para a vida. O aumento da criminalidade, da desonestidade em várias esferas da sociedade e de uma vivência individualista e materialista, leva-nos a refletir em que ponto e com que bases a sociedade pode receber ação transformacional, com vistas a uma vivência mais solidária e harmoniosa.

Os autores pesquisados durante este trabalho vêm corroborar com a hipótese proposta no início da pesquisa, de que as bases éticas cristãs da honestidade, da responsabilidade e do amor ao próximo, oriundas das Escrituras Sagradas, sendo trabalhadas pela pessoa do docente, trarão benefícios e melhorias para a sociedade em que vivem os personagens presentes na trama social. Assim como também proporcionarão a longo prazo transformação social e equilíbrio para melhor a sociedade brasileira, tão carente de ações humanitárias de pacificação e justiça social.

Por fim, espera-se seguir adiante na pesquisa aqui proposta, visto ser este um assunto de grande relevância, assim como de amplitude profunda para a vivência sociológica. O trabalho desenvolvido apenas aponta a necessidade da preservação de valores a partir de uma

⁸⁰ DOMINGUES, 2015, p. 436.

prática preventiva, cabendo assim, aprofundamentos futuros na questão tão necessária à vivência em sociedade.

São os valores delimitados apresentados aqui, assim como outros de procedência divina, que trarão no tempo apropriado mudanças e melhorias para todos. Valores que tem sido disseminados ao longo da história, e com certeza, perdurarão, pois seguirão sendo transmitidos de geração a geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Monica Pinz. Elementarisierung: uma sugestão para as aulas de ensino religioso. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 281-297.

Bíblia Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 10.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9.ed. São Paulo: Candeia, 2008.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Descubra agora**: a ética dos profetas para hoje. São Paulo: Exodus, 1997.

DOMINGUES, Gleyds Silva. A inserção da comunidade batista no processo mobilizador contra a corrupção. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 425-437.

FISCHER, Gerson Joni. Pessoa: alma vivente – teologia em diálogo com as novas ciências do cérebro. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 379-398.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: opções e questões contemporâneas. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

Graça e ética: o desafio da ética às nossas eclesiologias. Organizado por Ofélia Ortega. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2007.

GRENZ, Stanley J. **A busca da moral**: fundamentos da ética cristã. São Paulo: Vida, 2006.

Introdução à ética cristã. São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1985.

LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética cristã**: confrontando questões morais do nosso tempo. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MANSON, T. W. **Ética e o Evangelho**. São Paulo: Novo Século, 2000.

MAY, Roy H. **Discernimento moral**: uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

MENEZES, Ederson Malheiros; MODES, Josemar Valdir. Práticas sociais: incentivo à educação e outras práticas como estímulo à relevância social. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 263-279.

PALLISTER, Alan. **Ética cristã hoje**: vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida. São Paulo: Shedd, 2005.

PEDROSA, Edmar dos Santos. O direito sagrado ao espólio na partilha das vestes de Jesus. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 473-494.

REIFLER, Hans Ulrich. **A ética dos dez mandamentos**: um modelo de ética para os nossos dias. São Paulo: Vida Nova, 2007.

RIKER, David B. Uma analogia entre a trindade e a humanidade como seres relacionais. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 04, n. 02, dez. 2015, p. 349-378.

SOUZA, José Neivaldo de. Da ética humanitária a uma ética planetária. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST**. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/nepp>. São Leopoldo, RS, v. 26, Set-Dez. 2011, p. 96-102.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

MAIS QUE UMA NOVA TRADUÇÃO DE ANSELMO

ANSELMO DE CANTUÁRIA, Santo. **Proslógio**.
Tradução de Sérgio de Carvalho Pachá.
Porto Alegre: Concreta, 2016. 122 p.
(Coleção Escolástica).

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

Sendo considerado por muitos como o fundador da Escolástica, poder-se-ia dizer que Anselmo dispensa apresentações. No entanto, boas apresentações e também (pelo menos para quem, como eu, não tem um latim tão apurado) boas traduções, são, na verdade, indispensáveis. É justamente por isso que esta nova edição de seu *Proslógio* se faz tão importante, suprimindo um campo carente no mercado editorial brasileiro, trazendo não somente uma tradução fidelíssima ao latim, empreendida por Sérgio de Carvalho Pachá², que foi Lexicógrafo-Chefe da Academia Brasileira de Letras por muitos anos, como ainda uma notável apresentação escrita por Sidney Silveira, intitulada “Santo Anselmo: o inteligível como busca incessante”³.

A disponibilidade do *Proslógio* em português não é uma novidade: este texto já estava presente entre as obras de Anselmo escolhidas para a coleção *Os Pensadores*, tendo sido

¹ Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História pela UFPR e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Bolsista CNPq. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

² Sérgio de Carvalho Pachá, que possui Bacharelado em Literatura Portuguesa e Licenciaturas em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e em Língua Latina e Literatura Latina, todos pela PUC-RJ, é ainda Mestre em Língua Portuguesa pela UFF e Doutor em Língua e Literatura Hispânica pela Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Além de gramático, lexicógrafo e tradutor, é professor no Instituto Angelicum.

³ SILVEIRA, Sidney. “Apresentação – Santo Anselmo: o inteligível como busca incessante”, In: ANSELMO DE CANTUÁRIA, Santo. **Proslógio**. Tradução de Sérgio de Carvalho Pachá. Porto Alegre: Concreta, 2016, p. 17-35.

publicada juntamente com o *Monólogo* (além de *A verdade* e *O gramático*, junto com textos de Abelardo)⁴, sendo ambas obras traduzidas por Ângelo Ricci. Mesmo assim, porém, esta nova edição se apresenta como um renovo importante. A edição da coleção *Os Pensadores* também conta com uma breve introdução, que trata sobre a vida e obra do monge beneditino de modo geral, porém a apresentação desta nova edição tem suas vantagens: apesar de ambas terem seu valor, a apresentação de Sidney Silveira se apresenta como um verdadeiro artigo introdutório⁵, discorrendo não somente sobre Anselmo, mas ainda sobre seu contexto cultural, histórico, religioso e filosófico. Também, esta apresentação apresenta o argumento central do *Proslógio*, posteriormente conhecido como “argumento ontológico”, não somente clarificando-o para o leitor, como ainda trazendo à pauta os grandes “adversários e seguidores” que o argumento angariou na história da filosofia, de modo bastante esclarecedor e instrutivo.

A tradução de Sérgio de Carvalho Pachá também tem um valor importante, não somente pela já mencionada fidelidade ao latim, mas ainda pela sua qualidade, servindo como uma verdadeira aula de português, não tanto pela complexidade – não são tantas as palavras que se faz necessário o dicionário, pode-se dizer⁶ –, mas antes pela sua beleza e construção. De fato, quem conhece o *Proslógio* sabe que, apesar da usual imagem das obras de filosofia como carrancudas e insossas, esta, assim como outras obras importantes, carregam consigo uma beleza não somente filosófica, mas também literária, como se pode ver em declarações como: “Ó misericórdia, com que abundante doçura e com que doce abundância fluis até nós!” (p. 55). E ainda: “Suplico-te, Senhor, que eu não desespere suspirando, mas respire esperando” (p. 43). Uma crítica possível é a permanência da tradução de *aliquid* como “ser”, tal como na tradução de Ângelo Ricci, questionável filosoficamente pela necessária diferenciação entre “ser” (*esse*) e “coisa”/“algo” (*aliquid*), uma vez que esta diferença não é somente importante dentro do próprio argumento principal do texto, como ainda para a filosofia em geral. Especificamente, esta diferenciação na tradução tende a ser um dos pontos da discussão se de fato o argumento de Anselmo pode ser definido como “ontológico”, tendo, hoje, diversos contestadores desta posição⁷.

⁴ ANSELMO, Santo. **Monólogo; Proslógio; A verdade; O gramático**. PEDRO ABELARDO. **Lógica para principiantes; A história das minhas calamidades**. Traduções de Ângelo Ricci e Ruy Afonso da Costa Nunes. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

⁵ As várias notas de rodapé na apresentação de Sidney Silveira não são somente marca de academicismo ou demonstrações de erudição, mas são verdadeiras referências de estudo e marcas que revelam a consciência do autor sobre o período e o personagem.

⁶ Muitas palavras são utilizadas para preservar a fidelidade ao latim, e acabam por servir para ampliar o vocabulário de leigos como eu, a exemplo de “edulcorar”, do verbo latino *indulco*.

⁷ Pode-se colocar G. E. M. Ascombe como um dos grandes contestadores da designação do argumento anselmiano como “ontológico”. Críticas subsequentes foram empreendidas por outros autores como Jean-Luc Marion, que buscou demonstrar como o argumento está fora da ontologia, por não tratar de metafísica. Cf. MARION, Jean-Luc. “Es el argumento ontológico realmente ontológico? El argumento sobre la existencia de Dios según san Anselmo y su interpretación metafísica en Kant”, **Tópicos**, Vol. 32, 2007, p. 179-205. Ao mesmo tempo, alguns especialistas se levantam para reafirmar o aspecto ontológico do argumento, a exemplo de Maria Leonor L. O. Xavier. Cf. XAVIER, M. L. L. O. “O Argumento Anselmiano: um argumento ontológico?”, **Ágora Filosófica**, Ano 1, No. 2, jul./dez. 2001, p. 66-81.

O “argumento ontológico” apresentado como elemento central no *Proslógio*, deve ser entendido a partir de seu ponto de partida: “Cremos, com efeito, que acima de ti [Deus] nada pode ser concebido pelo pensamento” (p. 45). Trata-se, aqui, de uma definição clássica de Deus como aquilo do qual não se pode pensar nada maior. Que Deus seria justamente isto – *aquilo do qual não se pode pensar nada maior* –, é, segundo Anselmo, algo que crentes e descrentes concordam. A descrença não contesta o conceito de Deus, mas que este de fato exista: “Trata-se, pois, de saber se tal ser existe, porque *o insensato disse em seu coração: Não há Deus*” (p. 45). A existência divina é o elemento questionado pelo “insensato” (descrente), portanto, e não o conceito de Deus, ou mesmo sua compreensão, pois “ele entende o que ouve; o pensamento está em sua inteligência, ainda que não creia que existe o objeto desse pensamento” (p. 47). Se o insensato entende, a sua ideia de Deus existe, mas no intelecto. Se existe no intelecto, porém, deve existir na realidade, pois se não existir na realidade, não é de fato *aquilo do qual não se pode pensar nada maior*, pois poderíamos pensar na mesma coisa acrescida pela existência real, fora do pensamento, de modo que já haveria algo maior a ser pensado. Deste modo, “existe, por conseguinte, sem sombra de dúvida, um ser acima do qual não se pode pensar o que quer que seja, nem no pensamento nem na realidade” (p. 47).

Trata-se de um argumento *lógico*, no qual Anselmo vale-se da contradição para indicar a existência divina como única possibilidade de escape. Como bem indicado no texto já mencionado de Sidney Silveira, assim como por outros autores⁸, o argumento angariou diversos continuadores importantes⁹, assim como críticos importantes¹⁰, de modo que uma crítica ou apologia do argumento em uma breve resenha se faz mais do que inconveniente. Limito-me a destacar que o argumento parte de uma premissa, que, apesar de Anselmo creditar tanto a crentes como descrentes, está no campo da fé¹¹.

Assim como a antiga edição da coleção *Os Pensadores*, esta edição da Editora Concreta traz, após o texto do *Proslógio*, tanto a famosa resposta do monge Gaunilo contra o argumento de Anselmo¹², como ainda a contra-resposta de Anselmo a Gaunilo¹³. A grande

⁸ Recomendo, a quem quiser aprofundar o estudo, a leitura do seguinte texto: XAVIER, M. L. L. O. “O argumento anselmiano entre continuadores e críticos”, In: XAVIER, M. L. L. O. (Coord.). **A Questão de Deus na História da Filosofia**. Volume I. Sintra: Zéfiro, 2008, p. 269-326.

⁹ São Boaventura, Alexandre de Hales e Duns Scot são exemplos da continuidade do argumento a um primeiro momento. Mesmo assim, porém, o argumento permanece sendo reutilizado e reapropriado. Alvin Plantinga, professor emérito da Universidade de Notre Dame, por exemplo, é indicado como continuador deste argumento, tendo estabelecido sua própria argumentação ontológica. Sobre o assunto, cf. GOMES, Nelson Gonçalves. “O argumento ontológico de Plantinga”, **Veritas**, Porto Alegre, Vol. 56, No. 2, maio/ago. 2011, p. 47-63.

¹⁰ Após a crítica do monge Gaunilo, contemporâneo de Anselmo, surgiram outros importantes contestadores, dentre os quais se destacaram Tomás de Aquino e Immanuel Kant. Cf. SILVEIRA, 2016, p. 32-34.

¹¹ O termo “cremos” (p. 45), tradução de *credimus* (p. 44) já indica que tratasse de uma lógica estabelecida a partir da fé. Isto vem em concordância com a afirmação de Santo Anselmo antes da apresentação do argumento: “Pois não busco entender para crer, mas creio para entender. Creio, com efeito, pois, *se não crer, não entenderei*” (p. 45). Posteriormente, São Boaventura (*Quaestiones de mysterio trinitatis*, 1) também ressaltará que o argumento está no âmbito da fé. Cf. SILVEIRA, 2016, p. 31.

¹² “Livro escrito a favor de um insensato: contra o argumento contínuo no *Proslógio* de Santo Anselmo, por Gaunilo, monge de Marmoutier” (p. 83-93).

¹³ “Apologia de Santo Anselmo contra Gaunilo” (p. 95-117).

novidade, porém, é que esta edição apresenta os três textos (*Proslógio*, resposta de Gaunilo, e defesa de Anselmo) em edição bilíngue. Esta característica, que tem marcado tanto a Coleção Escolástica, organizada por Sidney Silveira e da qual este livro faz parte, como ainda a própria Editora Concreta, tem sido um detalhe que tem conquistado um bom número de leitores e colaboradores por parte desta editora tão recente¹⁴. A vantagem do texto bilíngue tem atraído desde estudantes de latim e de filosofia, aos especialistas em filosofia escolástica e filosofia medieval, pois permite que o leitor recorra ao original, evitando más interpretações e leituras equivocadas que muitas vezes decorrem da tradução, mesmo que de qualidade. Assim, a própria publicação desta obra, demandada e custeada por financiamento coletivo, indica não somente uma consciência crescente da importância da filosofia medieval no contexto brasileiro, como ainda, em sentido inverso, uma carência ainda presente, uma sede ainda por ser saciada, de bons estudos e boas edições de filósofos e mesmo teólogos medievais no mercado editorial brasileiro. Este livro, mais do que uma nova tradução de Anselmo, é um símbolo de um renovo cultural que tem surgido a partir de editoras emergentes como a Editora Concreta, a Livraria Danúbio Editora¹⁵, e ainda outras que, mesmo bastante distantes da academia, se destacam por um trabalho belo, profundo e talentoso. Anselmo, com certeza, é apenas o começo.

¹⁴ A Editora Concreta, que vem atuando no mercado editorial desde 2014, foi criada por Renan Martins dos Santos, e surgiu mediante o financiamento coletivo (*crowdfunding*) de obras clássicas e, posteriormente, de obras inéditas. Assim, obras de Tomás de Aquino como seu *Compêndio de Teologia* e seu *Comentário aos Tessalonicenses* figuram entre as publicações de caráter teológico desta editora. Site: <http://livrariaconcreta.com.br/>

¹⁵ Site da editora: <http://livrariadanubioeditora.com.br/>

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

SOMBRAS DE UMA ALMA EM AGONIA

SOMERVILLE, Robert B. **Se sou cristão, porque estou deprimido? A jornada de um cristão pelo vale da sombra da morte.** Tradução de Samuel Fernandes do Nascimento. Eusébio: Peregrino, 2016.

Camila Ferreira Assumpção¹

A Editora Peregrino traz à luz a obra de Robert B. Somerville, *Se sou cristão por que estou deprimido? A jornada de um cristão pelo vale da sombra da morte*. Somerville serve como pastor mestre na Evangelical Free Church e como professor de aconselhamento bíblico no The Master's College. É graduado pelo King's College, mestre em Divindade pelo Trinity Evangelical Divinity Schoole e doutor em aconselhamento bíblico pelo Westminster Theological Seminary. A obra é dividida em dez capítulos, que relatam a experiência do autor em dias que ele parecia estar mergulhado na escuridão da alma. O início de cada capítulo possui uma oração do livro Vale da Visão, as quais, segundo o autor, foram encorajadoras. Já o final de cada capítulo possui a história, ou seja, testemunho de terceiros que passaram pela depressão. O final da obra traz quatro apêndices com questões práticas para aqueles que lutam contra a depressão.

Inicialmente o autor relata a história da sua depressão. Para Somerville, foi inconcebível que, após trabalhar por trinta e cinco anos ajudando pessoas que estavam sem esperança, agora ele pudesse estar na mesma situação. Diante de tamanho sofrimento, a alegria da salvação parece ser um mero mito. Pensamentos que colocam em dúvida o "ser salvo" se aprofundam de tal forma na mente que se tornam verdades para o sofredor. Ele simplesmente

¹ A autora possui graduação em Teologia e pós-graduação em Docência do Ensino Religioso pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: fcamila80@yahoo.com.br

não consegue acreditar que, possuindo tantos pensamentos suicidas, possa, ainda assim, ser um filho de Deus. Um pequeno problema se torna gigante, pensamentos positivos são completamente sufocados, e a sensação de abandono é envolvente. A depressão afeta ricos e pobres, crentes e descrentes, fortes e fracos, simplesmente porque o homem é vulnerável.

No capítulo seguinte, Somerville aborda sobre “onde está a esperança?”. Não se trata sobre o que o homem pode fazer para obter esperança, mas em quem ele pode confiar. No passado, presente e futuro a esperança sempre estará na pessoa de Cristo. O cristão que possui a palavra de Deus, possui o que pode restaurar sua alma quebrada e solidificar sua fé. Nenhum isolamento traz conforto, por isso é fundamental que se mantenha um relacionamento com outros crentes e pessoas que igualmente já estiveram no chamado “inverno da alma”. Segundo o autor, todo cristão que está enfrentando a depressão precisa de um propósito, e o propósito deve ser amar a Deus em primeiro lugar. Mesmo em meio à dor, a glória pertence e deve ser dada ao Senhor.

Sequencialmente são relatadas as “lições da vida de Elias”. Elias era profeta, mas também um homem como qualquer outro. Logo após uma vitória contra 450 profetas de Baal, ele foge desesperadamente, com medo de uma rainha. Nesse frenético desespero, ele vê a morte como a única solução e pede que o próprio Deus atenda a este pedido. Isso significa que, mesmo após um sucesso, qualquer pessoa está sujeita a mergulhar na depressão. O medo é apenas mais um escorregador para a depressão. Mesmo estando sem qualquer resquício de esperança, Deus deu uma tarefa para Elias; desta forma, ao se levantar e enquanto cumpria sua tarefa, ele foi curado. De igual modo é com o cristão: não se deve esperar ter forças, no caminho Deus dará as forças necessárias e a cura.

No quarto capítulo, o autor aborda sobre o próprio título da obra “Se sou cristão, por que estou deprimido?”. As causas da depressão são muito abrangentes, mas elas podem ser classificadas como: pressões, enfermidades e o pecado. Seja qual for o motivo, o cristão precisa ter em mente que Deus continua trabalhando e que Deus ensina no sofrimento. Muitos personagens bíblicos, homens e mulheres tementes ao Senhor, passaram pelo vale sombrio da depressão, contudo eles recorreram à oração, ao Deus que ouve e perseveraram. Nenhum pecado é maior que a cruz e Deus é mestre em usar a depressão para o bem.

Em seguida, Somerville trata sobre “Como lidar com a culpa”. Toda culpa possui um propósito e Deus também a usa para trazer de volta o perdido. Porém, às vezes, o cristão se encontra na depressão devido ao que o autor chama de culpa inapropriada. Culpa inapropriada é quando a pessoa confessa seu pecado, mas não confia no poder de Jesus, que o redimiou e justificou. A culpa não pode resistir à confissão, ao arrependimento e, conseqüentemente, à majestosa graça de Deus. A salvação não depende do desempenho do cristão, ela já foi consumada por Cristo.

“O que está acontecendo com meu corpo e minha mente?”, o autor fala sobre os cuidados que devemos ter com ambos. O crente tem a obrigação de ser um exímio mordomo do seu corpo, não por vaidade, mas por compreender que ele possui apenas um corpo com o qual pode servir e obedecer a Deus. A medicação no período da depressão é importante, mas

não deve se tornar o principal recurso, alimentações equilibradas e exercícios são fundamentais. As necessidades espirituais também precisam ser visadas.

Lidar com os medos, preocupações e ansiedades, está intimamente relacionado com o processo de cura da depressão. Ter convicção da soberania de Deus em meio às avalanches de dificuldades é uma porta para a alegria no Senhor. Já tentar resolver todos os problemas do mundo é pedir para entrar em um colapso nervoso. Somerville é enfático ao dizer que o cristão precisa saber descansar em oração e descansar a mente no que vai ajudá-lo a vencer a batalha, ou seja, as coisas do alto.

No oitavo capítulo, o autor aborda “Como posso expressar a Deus minha profunda tristeza?”. É possível louvar a Deus diante das bênçãos e das lágrimas, no manancial e no deserto. Saber expressar a Deus a tristeza, requer intensidade no relacionamento com ele. Louvar a Deus nas adversidades da vida, não é algo que flui do coração do homem, isso só é possível devido à graça e misericórdia do Senhor. Reconhecer que se está no fundo do poço é o primeiro degrau para se sair dele. Às vezes, Deus, em seu maravilhoso senso de humor, tira tudo do crente, para que, então, só ele seja visto e somente nele seja depositada toda expressão de confiança.

Somerville relata que, apesar do sofrimento dos apóstolos, eles possuíam uma alegria focada em Cristo. Em um mundo que jaz em densas trevas, o cristão deve focar sua mente no Senhor. A vontade de Deus é perfeita em qualquer circunstância. Ela é igualmente perfeita no sofrimento e, por isso, a alegria nunca está fora de questão.

Enfim, o último capítulo é escrito por Mary Somerville, esposa do autor. Este capítulo fala sobre “Como cuidar dos que cuidam? Conforto para o cuidador”. Quando o cristão é cheio do conforto de Deus, ele transborda, atinge outros e isso traz libertação. O cuidador não precisa ser forte, ele só precisa ser dependente do Rei, sua força, coragem e esperança virão dele. Os fardos não precisam ser carregados sozinhos, ter pessoas dispostas a orar e dar conselhos de suas experiências acalenta a alma. Estar ao lado e permanecer amando aqueles que estão sem luz, alimentando-os com as verdades eternas, também é crer que o conforto virá. O sofrimento produz perseverança.

Somerville consegue através de sua obra revelar de forma graciosa o agir de Deus diante das adversidades da vida. O cristão sofre, mas este sofrimento não precisa se solidificar no desespero, ineficácia ou vergonha, Cristo é a esperança, salvação e glória. Obviamente ninguém gosta de andar pelo vale da sombra da morte, contudo este vale, às vezes, é necessário. A pergunta inicial não deve ficar no “por que estou deprimido?”, ela deve ir para “o que Deus tem para me ensinar diante de tamanho sofrimento?”. A sensação de abandono sempre borbulha na alma de quem sofre com a depressão, mas ele deve ser lembrado de que Deus está perto. As únicas objeções em relação à obra são referentes aos erros excessivos de grafia e de gênero presentes principalmente nas partes em que são relatados os testemunhos de terceiros. No mais, a obra é recomendável a pessoas que sofrem com a depressão, seus cuidadores, pessoas que exercem ministério pastoral, ministério de aconselhamento bíblico e curiosos como eu.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

LIÇÕES DE SABEDORIA

DOUGLAS, Willian e LAGO, Davi. **Formigas: lições da sociedade mais bem-sucedida da terra.** São Paulo: Mundo Cristão, 2016. 128p.

Vanessa de Oliveira Rodrigues¹

A Editora Mundo Cristão publicou a obra intitulada “*Formigas: lições da sociedade mais bem sucedida da terra*”, escrita pelo juiz federal e mestre em direito Willian Douglas e também pelo pastor Batista e mestre em Filosofia do Direito, Davi Lago. Diante de uma reflexão no texto de Provérbios 6.6-9, além de uma observação de como as formigas vivem, surgiram 10 lições preciosas para o cotidiano, que estão distribuídas cada qual em um capítulo. O livro tem como intenção proporcionar crescimento e mudança de hábitos aos leitores.

Os autores começam destacando a primeira lição que é “*formigas não fogem do trabalho*”. Está presente em todo o capítulo o incentivo com relação ao entusiasmo no trabalho: assim como a formiga é definida pelo impulso de encarar suas responsabilidades com excelência, o leitor é desafiado a aprender com ela. Na sequência, aborda-se “*formigas trabalham com um propósito*”, apontando para mais uma lição ensinada por meio das formigas, que é entender que o trabalho é uma benção dada por Deus, no qual pode-se glorificar a Deus através dele, com o propósito de trazer sustento a família, abençoar outras vidas e cumprir a vontade de Deus na vida de cada um.

No capítulo três, apresenta-se uma característica predominante das formigas que é a organização. O homem que se utiliza dessa aptidão, define objetivos e traça estratégias para alcançar esses alvos, sempre sob a orientação de Deus. Através desse costume favorecerá o

¹ A autora é graduada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduanda em Docência de Ensino Religioso pela mesma instituição. E-mail: vanessaoliveirar@hotmail.com

amadurecimento do mesmo. Seguindo, *“formigas têm iniciativa”*; diante desse hábito, é possível considerar que a proatividade deve ser buscada por cada um. Existem algumas mudanças e manias que não devem ser adiadas, por isso é preciso preocupar-se em tornar-se alguém conhecido pela sua prontidão.

O quinto e sexto capítulos trazem destaque para uma área muitas vezes negligenciada que é a vida financeira. Aqui as formigas ensinam lições valiosas de como administrar com sabedoria os recursos atribuídos a cada um. Afinal é por meio desse recurso que se sustenta a família e se contribui com os que precisam.

A sétima lição é saber trabalhar em equipe. Quando se olha para harmonia e colaboração no convívio das formigas, é possível aprender a necessidade de tornar-se pessoas solidárias e que cooperam umas com as outras. Encerra-se o capítulo com conselhos práticos para que se chegue ao resultado almejado. Outra característica desse inseto é a forma com que administra o tempo com inteligência. Willian Douglas e Davi Lago destacam, no oitavo capítulo, o cuidado que se deve dar a um dos recursos mais valiosos: o tempo. É apresentado o que a Bíblia trata com relação a esse tema e, ainda, algumas ações práticas para a administração desse recurso.

O capítulo nove é intitulado *“Formigas concluem suas atividades em vez de adiá-las”*. Nele expõe-se sobre a importância de se manter o foco e criar rotinas afim de atingir as metas. Por fim, na décima lição, destaca-se a necessidade de saber a hora de descansar e desfrutar dos resultados alcançados. Formigueiros tem lições preciosas a ensinar à sociedade de hoje: a Bíblia já afirmava isso. Na conclusão do livro, apresenta-se o desafio ao leitor de pôr em prática cada lição ensinada por esses tão pequenos seres: as formigas.

Os autores, de uma maneira clara e direta, relatam a sabedoria existente no formigueiro, trazendo vários desafios ao leitor. De forma condensada, uniram verdades bíblicas com a realidade do cotidiano das formigas. Um bom livro, que possui uma linguagem simples e objetiva. A obra é indicada a estudantes, leigos e a todos aqueles que buscam um crescimento espiritual e uma forma mais sábia de lidar com aspectos simples da vida como trabalho, disciplina e tempo.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.